



FACULTAD DE TEOLOGÍA
DEPARTAMENTO DE TEOLOGÍA MORAL Y PRAXIS
DE LA VIDA CRISTIANA

TESINA DE LICENCIATURA

AS MIGRAÇÕES NO CORAÇÃO
E NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO

DE LAMPEDUSA À LESBOS

Presentada por:

P. AGNALDO PEREIRA DE OLIVEIRA JÚNIOR, SJ

Dirigida por:

PROF. DR. D. JOSÉ MANUEL APARICIO MALO

MADRID 2016



FACULTAD DE TEOLOGÍA
DEPARTAMENTO DE TEOLOGÍA MORAL Y PRAXIS
DE LA VIDA CRISTIANA

AS MIGRAÇÕES NO CORAÇÃO
E NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO
DE LAMPEDUSA À LESBOS

Visto Bueno del Director

Profº. Drº. D. José Manuel Aparicio Malo

Fdo

Madrid

Mayo 2016

A minha avó Judite (in memoriam),
pela transmissão da fé
e por ajudar-me encontrar a Deus
nas coisas simples e nos simples.
A minha Comunidade SJ em Madri,
autêntica comunidade fraterna.
Aos migrantes centro-americanos
pela sofrida travessia em México
no sonho de chegar aos EUA.

ÍNDICE

ÍNDICE	i
SIGLAS E ABREVIATURAS	iii
INTRODUÇÃO	1
Justificação do tema	1
Estrutura	4
Motivação	5
CAPÍTULO 1 – O PAPA MIGRANTE	8
1.1 Quadro biográfico: vida e contexto histórico de Jorge Mario Bergoglio	8
1.2 Raízes da família Bergoglio – de Turim-Itália à Córdoba-Argentina	10
1.3 Um padre pós-conciliar como pontífice	16
1.3.1 Centralidade do Evangelho	19
1.3.2 A opção pelos pobres	20
1.3.3 Igreja “Povo de Deus”	22
1.4 Cultura e <i>Teología del Pueblo</i>	24
1.5 Pensamento social – Ruptura ou continuidade?	28
1.6 Balanço do capítulo.....	34
CAPÍTULO 2 – IDEIAS CENTRAIS SOBRE AS MIGRAÇÕES	35
2.1 “Sinais dos tempos”	36
2.2 Defesa da dignidade humana	40
2.3 Novas formas de pobreza e fragilidade	44
2.4 Periferia	48
2.5 Migrantes e refugiados – “carne de Cristo”	54
2.6 Cultura da indiferença	59
2.7 Cultura do descarte	64
2.8 Cultura do encontro	66
2.9 Globalização da solidariedade	68
2.10 Cooperação internacional	72
2.11 Balanço do capítulo.....	76

CAPÍTULO 3 – PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS	77
3.1 Diálogo	78
3.1.1 Diálogo com os Estados	80
3.1.2 Diálogo com a sociedade – cultura e ciências	81
3.1.3 Diálogo com diferentes profissões de fé	82
3.2 Paz	85
3.3 Unidade	89
3.4 Misericórdia	91
4.4.1 Misericórdia em Lucas	94
3.5 Balanço do capítulo.....	97
CONCLUSÃO	98
Perspectiva pessoal	103
Construir uma Igreja samaritana e misericordiosa	105
BIBLIOGRAFIA	109
Anexo 1: Programa do curso de Teologia Pastoral de Bergoglio	120
Anexo 2: Quadro com as mensagens do Papa Francisco sobre as migrações	124

SIGLAS E ABREVIATURAS

DOCUMENTOS

AAS – Acta Apostolicae Sedis

AT – Antigo Testamento

CELAM – Conferência Episcopal Latino-americana

Concílio – Concílio Vaticano II

EG – *Evangelii Gaudium*

GS – *Gaudium et Spes*

LS – *Laudato Si*

NT – Novo Testamento

OTRAS

Cf. – Conferir

ed. – Editor/Editores

Ibid. – Ibidem

Id. – idem

op. cit. – Obra citada

t – Tomo

INTRODUÇÃO

*“Los migrantes me plantean un desafío particular
Por ser pastor de una Iglesia que se siente madre de todos”¹.*

Justificação do tema

Apesar de ser um fenômeno antigo, as migrações assumem faces bem concretas em cada momento da história. Ao analisar o momento atual, há praticamente um consenso de que nos últimos dez anos o fenômeno migratório vem assumindo proporções gigantescas, chegando a ser caracterizado como a maior crise humanitária desde a II Guerra Mundial. Movido por uma série de fatores, não deixa de estar por detrás desse fenômeno a atual fase da globalização, com suas consequências positivas e negativas, embora profundamente marcado pela crescente desigualdade social e os conflitos em várias partes do mundo, de todos os tipos: étnico, político, econômico, religioso, etc. Todos esses aspectos transformam e dão forma a realidade:

“As migrações hodiernas constituem o maior movimento de pessoas de todos os tempos. Nestas últimas décadas este fenômeno, que envolve atualmente cerca de duzentos milhões de seres humanos, se transformou em realidade estrutural da sociedade contemporânea, e constitui um problema cada vez mais complexo do ponto de vista social, cultural, político, religioso, econômico e pastoral”².

Ao passo que este fenômeno foi tomando proporções cada vez mais maiores e acarretando diversas dificuldades para os cristãos que se viam forçados a migrarem, a Igreja foi pouco a pouco abrindo os olhos a essa realidade e procurando formas de fazer chegar a essas pessoas sua presença solidária e acompanhá-las em seu peregrinar pelo mundo. Três são os documentos mais importantes, significativos e orientadores do agir da Igreja em relação as migrações e sobre o serviço pastoral que ela deseja oferecer aos migrantes e imigrantes: 1 - A Constituição Apostólica *"Exsul Familia"* (sobre la cura

¹ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 210. As citações das encíclicas, exortações e relatos da biografia de Francisco estarão em espanhol. Já as citas dos seus discursos e mensagens sobre as migrações estarão em português e poderão ser encontradas como apêndice no final da tesina. Os discursos e mensagens que foram encontrados na AAS estarão identificados, as demais, pela data poderão ser encontradas na publicação Editrice Vaticana em <www.vatican.va>.

² Início da apresentação de Stephen Fumio Cardeal Hamao ao documento *Erga migrantes caritas Christi* (A caridade de Cristo para com os migrantes), do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes, em 3 de maio de 2004. O texto da apresentação e o documento podem ser encontrados em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20040514_erga-migrantes-caritas-christi_po.html (consultado 04.04.2016).

espiritual de los emigrantes y desplazados)³ " de 1 de agosto de 1952 pelo Papa Pio XII; 2 - A Carta Apostólica de Papa Paulo VI em forma de "*Motu Próprio, Pastoralis Migratorum Cura*" (*sobre la Asistencia Espiritual de los Migrantes*)⁴ de 16 de agosto de 1969, cuja Sagrada Congregação para os Bispos assinou em 22 de agosto de 1969; 3 - A Instrução do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Imigrantes e Itinerantes "*Erga Migrantes Caritas Christi*" (*la caridad de cristo hacia los emigrantes*)⁵ de 1 de maio de 2004.

São documentos que não iremos desenvolver em nosso trabalho, mas que convém mencioná-los para testemunhar o interesse do magistério da Igreja em acompanhar de perto os migrantes, itinerantes e atualmente também os refugiados⁶, cujo coletivo está constantemente associado ao fluxo migratório. Centraremos nosso trabalho sobre o olhar de Papa Francisco sobre o fenômeno atual das migrações para ver que tipo de análise cultural ele elabora em seu pontificado e se há alguma sintonia com a análise feita por filósofos e sociólogos atuais:

“La posición actual de la Iglesia ante la emigración lleva a recordar la actitud de la Iglesia ante el mundo obrero hasta hace unos años. El motivo de preocuparse por los emigrantes es el mismo que impulsó a León XIII a iniciar las encíclicas sociales: defensa de la dignidad de la persona humana. Ayer eran los obreros industriales, hoy son los emigrantes la parte más débil de la sociedad”⁷.

As migrações no coração e no pontificado do Papa Francisco. De Lampedusa à Lesbos. Relacionamos em nosso tema sobre as migrações, o coração e o pontificado de Papa Francisco, perguntando-nos: Em que se apoia seu interesse por esse aspecto da mobilidade humana? Que relação há com sua experiência pessoal? Estamos ante um tema

³ Cf. http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_constitutions/documents/hf_pxii_apc_19520801_exsul-familia.html (consultado 04.04.2016). O texto encontra-se em latim, mas a tradução ao espanhol pode ser encontrado em: <http://www.clerus.org/clerus/dati/2004-05/15-15/01081952> (consultado 04.04.2016).

⁴ Cf. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19690815_pastoralis-migratorum-cura.html (consultado 04.04.2016). O texto encontra-se em italiano, mas a tradução ao espanhol pode ser encontrado em: <http://www.movilidadhumana.com/pastoralis-migratorum-cura-cuidado-pastoral-a-migrantes/> (consultado 04.04.2016).

⁵ Cf. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20_040514_erga-migrantes-caritas-christi_po.html (consultado 04.04.2016).

⁶ Durante o trabalho faremos referências as migrações em geral, sem especificar os conceitos de migrante, imigrante e refugiado.

⁷ DEPARTAMENTO DE PENSAMIENTO SOCIAL CRISTIANO, *Una nueva voz para nuestra época*, Madrid 2006, 193-194.

novo para ele ou já lhe preocupava antes de ser papa? Que equilíbrio há entre seu coração (afeto, sentimento) e seu pontificado (estrutura, razão, pensamento)?

Nos referimos ao *coração* em seu sentido mais amplo, herdado da tradição hebraica como o elemento mais interior de uma pessoa, onde reside seus sentimentos, lembranças, pensamentos e projetos⁸. Quanto ao *pontificado*, num primeiro momento pensamos em nos referir ao seu magistério, encontrar nele o pensamento de Francisco sobre o fenômeno que analisamos. Mas logo nos demos conta de que reduzir-se aos documentos que são considerados “magistério papal” (encíclicas, exortações apostólicas, bulas, motu próprio), ficaríamos de certa maneira confinados a uma dimensão teórica do seu magistério, já que por outro lado encontramos o central do seu pensamento expressado nos documentos magisteriais, em uma infinidade de mensagens, discursos, entrevistas, cartas, coletiva de prensa em suas viagens apostólicas, publicações nas redes sociais, improvisações de discursos em determinados encontros, orações do *Ângelus* e *Urbi et Orbi*. Além de que perderíamos também a preciosidade dos gestos simbólicos que ele tem realizado ao longo de seu pontificado. Optamos então por nos referirmos ao pontificado de Francisco considerando tudo o que ele disse e tem realizado através de sua pessoa e da sua missão de pontífice, ou seja, um magistério entendido de forma ampla e que nos convida a usar todos os sentidos para captar a mensagem central que ele deseja transmitir ao mundo e a cada um.

Devido estarmos investigando um papa que ainda vive, tivemos que limitar o período a ser investigado do seu pontificado. Abarcaremos os três primeiros anos de seu pontificado. Mas para dar força a essa delimitação, escolhemos dois gestos profundamente simbólicos que ele realizou ante a atual crise do fenômeno migratório, o primeiro em Lampedusa e o mais recente em Lesbos, e que tiveram repercussão mundial.

Uma série de dificuldades se impõem a uma tarefa como essa. Os documentos que temos acesso são muito recentes e carecem da devida distância histórica que nos permita repousar melhor os conteúdos e relacioná-los com outros âmbitos do saber e da práxis. Além do mais, é um campo vasto a literatura que o chamado “efeito Francisco” produziu já nos primeiros meses do seu pontificado⁹, embora boa parte dessa literatura tratam os

⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulário de teologia bíblica*, Barcelona 1965, 159.

⁹ Uma série de biografias foram amplamente divulgadas e vendidas para saciar a curiosidade de muita gente interessada em saber algo mais sobre a vida do novo papa. Mas também literaturas de tipo coletânea de seus discursos contado em dias, como a que realizou A. HIDALGO (ed), *Francisco, papa. 100 dias. Todo lo*

mesmos temas e repetem as mesmas histórias, oferecendo pouca ou nenhuma novidade aos leitores. As publicações mais recentes são as que conseguem analisar melhor as contribuições que seu pontificado está oferecendo a Igreja e ao mundo. Tudo isso acontece porque um dos carismas mais notáveis em Francisco é exatamente a sua facilidade para a comunicação, assim como sua liberdade para a inovação, como fez ao entronizar a presença papal nas redes sociais como o twitter e instagram, onde conta com milhões de “seguidores”, sendo uma das personalidades mais “seguida”, ou mesmo gravar pequenos vídeos mensagens destinados a grupos e públicos específicos.

Estrutura

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo abordaremos a base familiar e cultural em que nasce Jorge Mario Bergoglio-Papa Francisco. Através de um condensado quadro biográfico apresentaremos os dados mais importantes de sua história, que são bastante conhecidos e podem ser encontrados em qualquer biografia básica sobre ele. Em seguida conheceremos um pouco das raízes familiares de Bergoglio, tentando compreender a relação que sua família estabelece entre Itália e Argentina, os motivos que levaram a emigrar a um novo continente e como os aspectos culturais de sua família o marcaram em sua forma de ser e pensar. Destacaremos o momento e a forma como o Concílio Vaticano II surge em sua vida, marca sua experiência de fé, estrutura seu pensamento social e que, como pontífice, dará força a implementação conciliar.

No segundo capítulo, faremos uma síntese de suas mensagens, discursos e gestos simbólicos ante o fenômeno migratório, através de dez palavras-expressões que funcionam como chave de leitura para entender sua postura frente a realidade dos migrantes e refugiados, que por sua vez quer sinalizar a postura da Igreja como um todo. Algumas são mais conceptuais como “sinais dos tempos”, “defesa da dignidade humana”, “novas formas de pobreza e fragilidade”; outras são termos que estão muito presentes em seu pensamento as quais usa com frequência em vários contextos, como “periferia”, “cultura da indiferença”, “cultura do descarte”, “cultura do encontro”, “globalização da solidariedade”; uma que une profundamente a antropologia e a teologia, quando se refere aos migrantes e refugiados como “carne de Cristo”; e por fim, uma palavra-expressão que

que há dicho, Roma 2013. São sinais da importância e a força que suas palavras foram ganhando dia após dia.

aponta a dimensão política na busca de respostas a crise migratória, que é a “cooperação internacional”, sem deixar de mencionar a gratidão por todos os seguimentos da Igreja e da sociedade que contribuem para ajudar os migrantes e refugiados em suas necessidades.

No terceiro capítulo, entrelaçaremos quatro princípios teológicos que configuram o horizonte de sentido de Francisco e sua forma de atuar ante o fenômeno migratório, sempre movido desde uma arraigada espiritualidade inaciana. São princípios que os separamos de forma metodológica, mas que na verdade estão entrelaçados e são basicamente os quatros campos por onde se move seu pontificado: diálogo, paz, unidade e misericórdia. Embora seja o princípio misericórdia o fio condutor de sua vida e do seu atuar como pontífice, como ele mesmo disse em uma publicação em seu twitter: “Lo que decimos y cómo lo decimos, cada palabra y cada gesto debería expresar la compasión, la ternura y el perdón de Dios”¹⁰.

Motivação

A decisão de escrever este trabalho de licenciatura em Teologia Moral e Pastoral sobre as migrações no pontificado de Papa Francisco, já havia tomado antes mesmo de iniciar o curso. Era o tema que me interessava investigar, embora centrando mais o interesse em como o tema das migrações está presente em Francisco, do que aprofundar o fenômeno migratório em si mesmo. O interesse por Francisco está em considerá-lo uma autoridade de elevada referência moral, política e espiritual. Alguém que une em sua vida e missão a paixão por Deus e seu Reino revelado na criação. Embora tenho outros elementos mais pessoais que me fazem identificar muito com ele: ser filho de um mesmo continente em que a fé está viva, pulsa fortemente nos corações latinos e se expressa de diversas formas, sobretudo através da devoção popular; sua centralidade na misericórdia como o princípio teológico transversal de seu pontificado, que me faz recordar o interesse de elaborar o trabalho final da graduação em teologia sobre a misericórdia em Lucas, centrando na parábola do *bom samaritano* o modelo de Igreja samaritana que o espírito do Concílio pretende implementar; dar atenção a dimensão social da evangelização aproximando-me dos mais pobres e frágeis da sociedade; descobrir a chama da vocação em uma experiência de reconciliação sacramental e encontrar na Companhia de Jesus o

¹⁰ FRANCISCO, *Mensagem no twitter*, (11.05.2016).

caminho de seguimento a Cristo; assim como a eterna gratidão a fé transmitida pela figura da avó e o amor profundo a Cristo e a Igreja.

Mais outros dois elementos se juntam a esse interesse por Francisco e as migrações. Em minha passagem pelo México em 2013 para a *Terceira Provação*¹¹ tive a oportunidade de fazer duas experiências apostólicas (cada uma durante trinta dias) que me levaram a ter um contato com o fenômeno migratório em seus dois extremos, entre os que partem e os que ficam. Na primeira experiência estive numa região do Golfo do México, na paróquia de Tatahuicapan, um pequeno município de cerca de 15.000 habitantes no estado de Vera Cruz, uma região indígena cuja língua predominante é “náhuatl” e a maioria da população vive na zona rural. O elemento que mais me impressionou durante as visitas e celebrações, além do contato com a cultura indígena, foi perceber que praticamente em todas as famílias desse município havia uma história para contar, triste ou feliz, de algum familiar que emigrou para os Estados Unidos. Algumas famílias tem notícias dos que conseguiram passar a fronteira, e a ajuda que recebem é fundamental para permanecerem em suas casas e viverem. Enquanto outras famílias vivem angustiadas com a notícia de que algum parente foi assassinado, sequestrado ou apenas desaparecido, de maneira que não se teve mais nenhuma notícia de sua vida. Na segunda experiência, fui destinado ao outro extremo do México, a *Casa del migrante* na cidade de Saltillo, capital do estado de Coahuila, cerca de 400 km da fronteira com Texas nos Estados Unidos. Um trabalho de escuta, apoio e serviço a centenas de migrantes, em sua maioria centro-americanos (hondurenhos, guatemaltecas, salvadorenhos, nicaraguenses), em sua dura passagem pelo México rumo a realização do sonho de cruzar a fronteira e entrar nos EUA. Em sua maioria não são católicos e são profundamente agradecidos as casas de acolhidas aos migrantes que a Igreja mantém em cidades estratégicas onde há um grande fluxo migratório.

O segundo elemento tem a ver com a missão que me tocará desenvolver ao retornar para o Brasil: coordenar o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (JRS)¹². Um

¹¹ Nome que é dado a última etapa de formação na Companhia de Jesus, que consiste em um período, mais ou menos de seis meses, para elaborar uma síntese da vida e da formação recebida, cuja repetição dos Exercícios Espirituais de trinta dias, a realização de algumas experiências apostólicas e breves cursos diversos, constituem sua estrutura básica.

¹² Sigla em inglês (Jesuit Refugee Service) de uma organização internacional que foi fundada em 1980 por padre Pedro Arrupe - em seu momento superior geral da Companhia de Jesus - para acompanhar, servir e defender os direitos dos refugiados e dos migrantes. Para conhecer mais sobre a espiritualidade que move esse serviço indicamos a leitura de *SERVICIO JESUITA A REFUGIADOS, El Dios de los refugiados. Hacia una espiritualidade compartida*, Santander 2006.

serviço que ainda estamos implementando e estruturando, depois do país passar a contar com a presença de milhares de haitianos que sobreviveram ao terrível terremoto em 2010 e escolheram o Brasil como país de destino para onde emigrar. Na América Latina é também o país com maior número de refugiados sírios (2.298 refugiados reconhecidos), seguidos de outros países como Angola, Colômbia, República Democrática do Congo, Palestina, Líbano, Iraque, Libéria, Paquistão, Serra Leoa e outros¹³. O reflexo do fenômeno migratório no Brasil tem forçado as autoridades políticas a atualizarem as legislações e estatutos sobre migrantes e refugiados.

Identifico como ponto de partida dessa minha preocupação e relação com o fenômeno migratório, a leitura de *Evangelii gaudium* – EG que no número 210, passagem com a qual iniciamos essa introdução, Francisco deixa sair de seu coração de pastor a preocupação com as migrações. Nessa preocupação de Francisco, se joga o critério de humanidade e a essência do Evangelho no seguimento a Cristo.

Sem mais demora, passamos ao trabalho, não sem antes tomar em consideração as primeiras palavras de Francisco sobre as migrações, dirigidas aos participantes na seção plenária do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes que se encontravam reunidos em Roma no dia 24 de maio de 2013:

“A Igreja é mãe e a sua atenção materna manifesta-se com ternura e proximidade especiais em relação a quantos são obrigados a fugir do próprio país e vivem entre a erradicação e a integração. Esta tensão destrói as pessoas. A compaixão cristã — este «padecer com», com-paixão — manifesta-se antes de tudo no compromisso de conhecer os acontecimentos que impelem a deixar forçosamente a própria Pátria e, quando for necessário, em dar voz a quantos não conseguem fazer ouvir o grito da dor e da opressão. Nisto vós desempenhais uma tarefa importante também sensibilizando as Comunidades cristãs em relação a tantos irmãos marcados por feridas que atingem a sua existência: violências, abusos, distância dos afetos familiares, acontecimentos traumáticos, fuga de casa e incerteza sobre o futuro nos campos de refugiados. Todos estes elementos são desumanizadores e devem levar cada cristão e a Comunidade inteira a prestar uma atenção concreta”¹⁴.

¹³Cf. Dados do site da ACNUR sobre refúgios no Brasil: <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/> (consultado 06.04.2016).

¹⁴ FRANCISCO, *Discurso à plenária do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Refugiados*, (24.05.2013): AAS 105 (2013), 470.

CAPÍTULO 1 – O PAPA MIGRANTE

1.1. Quadro biográfico: vida e contexto histórico de Jorge Mario Bergoglio

17 de dezembro de 1936	Nascimento na cidade de Buenos Aires-Argentina. Pais imigrantes: o italiano Mario José Bergoglio (contabilista) e a argentina Regina Sivori (dona de casa) filha de imigrantes italianos. Filho mais velho dos irmãos: Óscar Adrián, Marta Regina, Alberto Horácio e María Elena. Formado em Técnico Químico.
1956	Entrada no Seminário Metropolitano de Buenos Aires situado em Villa Devoto, com apenas 19 anos.
11 de março de 1958	Entrada no Noviciado da Companhia de Jesus em Córdoba-Argentina. Após um tempo de discernimento e enfrentar a cirurgia na qual foi retirado uma parte superior do pulmão direito. Concluído o Noviciado fez o Juniorado (estudo de humanidades) no Chile.
1963	Licenciado em Filosofia no Colégio Máximo São José em San Miguel.
1964-1966	Professor de literatura e psicologia no Colégio da Imaculada de Santa Fé e no Colégio do Salvador de Buenos Aires.
1967-1970	Estudos de teologia e licenciou-se no Colégio Máximo São José. Em 13 de dezembro de 1969 ordenação sacerdotal pelo arcebispo Dom Ramón José Castellano. Em 1971 Terceira Provação (última etapa de formação dos jesuítas) em Alcalá de Henares-Espanha.
1972-1973	Assume diferentes responsabilidades: <i>Mestre de noviços</i> na Villa Barilari, San Miguel; Professor da Faculdade de Teologia; Consultor da província e Reitor do Colégio Máximo. Em 22 de abril de 1973 professa os últimos votos e em 31 de julho de 1973 foi nomeado provincial dos jesuítas de Argentina.
1980-1986	Reitor do Colégio Máximo e das Faculdades de Filosofia e Teologia de San Miguel, além de pároco da Paróquia do Patriarca São José, na

	Diocese de San Miguel. Em 1986 parte para Alemanha a fim de escrever uma tese de doutorado sobre o teólogo Romano Guardini , que por fim não concluiu. Regressa a Buenos Aires e se instala no Colégio do Salvador onde dava aulas de Teologia Pastoral. Em junho de 1990 deixa as classes sendo enviado a ser confessor em Córdoba.
20 de maio de 1992	Papa João Paulo II o nomeia bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires . Em 27 de junho de 1992 ordenação episcopal pelo cardeal Antônio Quarracino, o núncio apostólico Ubaldo Calabresi e o bispo de Mercedes-Luján, Emilio Ogñénovich, na catedral de Buenos Aires. Escolheu o lema: <i>“Miserando atque elegendo”</i> (<i>“Olhou-o com misericórdia e o escolheu”</i>).
3 de junho de 1997	Promovido a arcebispo coadjutor de Buenos Aires . Em 28 de fevereiro de 1998, após o falecimento do cardeal Antônio Quarracino torna-se arcebispo primaz da Argentina .
21 de fevereiro de 2001	Papa João Paulo II, nomeia cardeal , atribuindo-lhe o título de São Roberto Belarmino. Relator geral da 10ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.
Novembro de 2005 a novembro de 2011	Presidente da Conferência Episcopal Argentina. Presidente da comissão de redação do documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (CELAM) em 2007 no Santuário de Aparecida-São Paulo.
	Foi membro de vários dicastérios da Cúria Romana: Congregação para o Clero; Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos; Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica; Pontifício Comissão para a América Latina; Pontifício Conselho para a Família.
13 de março 2013	Eleito como o 266º Pontífice da Igreja Católica , escolhe o nome de Francisco . Início do pontificado em 19 de março de 2013.

1.2 Raízes da família Bergoglio – De Turim-Itália a Córdoba-Argentina.

Para chegar ao coração e pontificado de Papa Francisco vamos percorrer um itinerário começando por algo que o precede e que será o responsável por configurar seu universo cultural, que são as raízes familiares. Uma família que está marcada pelo fenômeno migratório.

Dado que o ser humano é um ser cultural e que só podemos compreendê-lo dentro de seus marcos culturais, veremos a cultura na qual ele está inserido para que seja possível entender quem é Jorge Bergoglio dentro desse contexto, e demonstrar o quanto desse fenômeno passou a fazer parte da vida dele, que como pontífice tornou-se um dos temas que constantemente está presente em suas mensagens, discursos e gestos simbólicos.

Através da árvore genealógica de Jorge Mario Bergoglio é possível entrever o itinerário que os Bergoglios percorreram desde os finais do século XIX rumo a outras terras, distantes do norte da Itália, da região do Piemonte italiano:

“El apellido Bergoglio y la provincia de Córdoba (Argentina) tienen vínculos históricos que el propio Papa reconoce y recuerda. Los Bergoglios Tosco, que tienen un grado de parentesco con el pontífice y que han dado a esta provincia algunos vecinos destacados, se instalaron en Córdoba en 1884. Venían del norte de Italia, más precisamente desde la localidad de Santena (*Santia*, en piemontés), una comuna de la provincia de Turín, región del Piamonte, que en la actualidad tiene poco más de 13 mil habitantes”¹.

Migraram em uma época cujas migrações foram forçadas sobretudo depois da queda de Napoleão Bonaparte em 1815 e através das sucessivas guerras civis pela unidade do território italiano. Pressionada também, mais tarde pela I Guerra Mundial (1914-1918), a crise da bolsa em 1929 e a II Guerra Mundial (1939-1945), que continuaram a forçar a migração, levando muitos Italianos a migrarem para o continente americano, mais especificamente a Argentina, Brasil e Estados Unidos. Sendo o Brasil e a Argentina os dois países onde foram parar a maior parte dos imigrantes italianos desse período.

Mas foi na primeira metade do século XX que os avós paternos, juntamente com Mario José Bergoglio, pai de Jorge Bergoglio, chegaram a Buenos Aires:

¹ J. CÁMARA – S. PFAFFEN, *Darlo todo, darse todo. Retrato biográfico del Papa Francisco*, Madrid 2015, 18. As notas referentes a biografia de papa Francisco serão mantidas em espanhol, enquanto as notas referentes as mensagens e discursos de seu pontificado estarão traduzidas ao português e devidamente identificadas seu lugar de origem.

“El 25 de enero de 1929, en una sofocante mañana del verano porteño, desembarcó en el puerto de Buenos Aires una elegante señora con un abrigo con cuello de piel de zorro. Era un atuendo inadecuado para la temperatura ambiente, pero la mujer prefería desmayarse de calor antes que poner en riesgo lo que el abrigo escondía en el forro: todos los ahorros de la familia. El dinero que llevaba Rosa era fruto del esfuerzo de varios años en el Piamonte italiano y, también, la esperanza de una nueva vida en Argentina. Los Bergoglio habían vendido todo lo que tenían en Turín, inclusive una coqueta confitería de la que vivían”².

Eles não se dirigiram a um hotel de imigrantes, como era o costume dos imigrantes daquela época que chegavam sem nenhum contato. Foram se instalar em Paraná, que era a capital da província de Entre Ríos, onde já os aguardavam alguns familiares. Um detalhe que esclarece a razão pela qual resolveram emigrar, que consistiu mais na reagrupação familiar do que fugir da pobreza, já que não estavam mal na Itália, embora temiam o continuar das guerras. No livro entrevista “*El jesuíta: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj*”, os jornalistas Sergio Rubin e Francesca Ambrogetti, dão a oportunidade ao então cardeal Bergoglio contar essa parte da chegada de sua família às terras argentinas³.

“—¿Por qué su familia emigró a la Argentina?

—Tres hermanos de mi abuelo estaban acá desde el año 1922 y habían creado una empresa de pavimentos en Paraná. Allí levantaron el palacio Bergoglio, de cuatro pisos, que fue la primera casa de la ciudad que contó con ascensor. Tenía una cúpula muy linda, parecida a la de la confitería El Molino de Buenos Aires, que después fue sacada del edificio. En cada piso vivía un hermano. Con la crisis de 1932 se quedaron sin nada y tuvieron que vender hasta la bóveda de la familia. Uno de mis tíos abuelos, el presidente de la firma, ya había muerto de cáncer, otro empezó de nuevo y le fue muy bien, el menor se fue a Brasil y mi abuelo pidió prestados 2.000 pesos y compró un almacén. Papá, que era contador y que en la pavimentadora trabajaba en la administración, lo ayudaba haciendo el reparto de la mercadería con una canasta, hasta que consiguió un puesto en otra empresa. Empezaron de nuevo con la misma naturalidad con que habían venido. Creo que eso demuestra la fuerza de la raza”⁴.

Seu pai, Mario Bergoglio, tinha apenas 24 anos quando empreendeu a viagem que o levou de Turim a Buenos Aires, juntamente com seus pais Rosa Margarita Vasallo e

² *Ibid.*, 26. Cf. também, S. GAETA, *Papa Francisco. Su vida y sus desafíos*, Madrid 2013, 20; S. RUBIN – F. AMBROGETTI, *El jesuíta: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj*, Buenos Aires 2010, 27.

³ Um livro, cujo prólogo foi feito pelo Rabino Abraham Skorka com o qual o cardeal Jorge Bergoglio mantém amizade. Nesse prólogo o rabino menciona as lembranças vivida com o seu pai também imigrante nascido em Polónia. Entre outros elementos que une esses dois pastores, como o diálogo inter-religioso, o fenómeno da migração é um elemento em comum. Juntos publicaram o livro *Sobre el cielo y la tierra* em 2010 em que discutem vários temas. J. BERGOGLIO – A. SKORKA, *Sobre el cielo y la tierra*, Buenos Aires 2013.

⁴ S. RUBIN – F. AMBROGETTI, *op. cit.*, 28.

Giovanni Bergoglio. Chegaram no navio italiano *Giulio César*, um substituto do navio anterior em que poderiam ter viajado e que acabou naufragando nas costas da Bahia-Brasil. Jorge Bergoglio sempre recordará agradecido esse fato, pois nele sente que Deus tinha um projeto para sua vida: “*Usted no se imagina cuántas veces agradecí a la Divina Providencia por eso*”⁵.

Uma família onde a fé estava muito presente e que sentia que a providência divina os guiava. Em Turim viviam próximo a uma Igreja assistida pelos salesianos, com os quais a família sempre manteve uma forte relação e chegando em Argentina continuaram sendo acompanhado espiritualmente também por esses religiosos. Berço onde Jorge Bergoglio irá receber a fé, sobretudo de sua avó Rosa, que foi a mulher que mais o marcou na vida, como ele mesmo assegura:

“Tive a graça de crescer numa família onde se vivia a fé de forma simples e concreta; mas foi sobretudo a minha avó, mãe do meu pai, que marcou o meu caminho de fé. Era uma mulher que nos explicava, falava de Jesus, ensinava o Catecismo. Lembro-me sempre que, na Sexta-Feira Santa, ela nos levava à noite à procissão de velas; no final desta procissão, passava o «Cristo jacente», e a avó fazia-nos – a nós crianças – ajoelhar e dizia-nos: «Olhai! Morreu, mas amanhã ressuscita». Recebi o primeiro anúncio cristão precisamente desta mulher, da minha avó! Tudo isto é muito belo! O primeiro anúncio em casa, com a família! Isto faz-me pensar no carinho que põem tantas mães e tantas avós na transmissão da fé. São elas que transmitem a fé”⁶.

“Fue ella que me enseñó a rezar, me marcó mucho en la fe, me contaba historia de santos”⁷.

Outro aspecto importante sobre essas raízes migrantes da família Bergoglio refere-se ao mundo do trabalho. Assim como seu pai havia começado a trabalhar desde cedo, da mesma forma educa seus filhos, sobretudo o primeiro que é Jorge Bergoglio.

“Cuando terminó la escuela primaria, su padre lo llamó y le dijo: `Mirá, como vas a empezar el secundario, conviene que también comiences a trabajar; en las vacaciones te voy a conseguir algo´. Jorge, con apenas 13 años, lo miró un tanto desconcertado. En su casa vivían bien con el sueldo de su papá, que era contador. `No nos sobra nada, no teníamos auto ni nos íbamos a veranear, pero no pasábamos necesidades´, aclara. De todas formas, aceptó obediente”⁸.

⁵ J. CÁMARA – S. PFAFFEN, *op. cit.*, 26.

⁶ FRANCISCO, *Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (18.05.2013).

⁷ J. CÁMARA – S. PFAFFEN, *op. cit.*, 32.

⁸ SERGIO RUBIN – FRANCESCA AMBROGETTI, *op. cit.*, 35.

Iniciou com trabalhos de limpeza, passando por outros tipos de trabalhos mais administrativos, e por fim o trabalho num laboratório, mais relacionado com sua formação de químico e no qual permanecerá mais tempo.

Um aspecto da educação recebida do seu pai, embora não houvesse necessidade material para tal, que certamente contribuiu para ensinar a Jorge Bergoglio a importância do trabalho na vida humana, suas consequências para a família e demais valores que o trabalho inculca na vida do trabalhador. Cumprir horários, aprender um ofício, assumir responsabilidades, obedecer ordens, exercitar habilidades, sentir-se útil, são elementos que possuem uma relação direta com a estima e a dignidade do ser humano. Experiências vividas que Jorge Bergoglio reconhece agradecido: “Le agradezco tanto a mi padre que me haya mandado a trabajar. El trabajo fue una de las cosas que mejor me hizo en la vida y, particularmente, en el laboratorio aprendí lo bueno y lo malo de toda tarea humana”⁹.

Ter vivido e percebido desde cedo a importância do trabalho será fundamental para compreender sua preocupação de pastor por aqueles que se encontram desempregados, sem poder garantir o sustento de suas famílias. Sobretudo quando o seu país passa por momentos de crises econômicas e afeta a muitos jovens e pais de famílias, em que muitos terminam migrando para a cidade e os grandes centros, separando-se de suas famílias, em busca de trabalho e melhores condições de vida para os seus. Javier Cámara e Sebastián Pfaffen na biografia que escreveram sobre Francisco, contam vários testemunhos de pessoas que foram ajudadas por ele quando se encontravam desempregadas, facilitando a que elas pudessem ter suas próprias casas, ou mesmo conseguindo um trabalho.

Em algumas ocasiões, já como papa, tem feito referências explícitas sobre a condição migrante de sua família, como em seu primeiro *Ângelus* na Praça de São Pedro: “*Escolhi o nome do Padroeiro da Itália, São Francisco de Assis, e isto reforça a minha ligação espiritual com esta terra, onde – como sabeis – tem origem a minha família*”¹⁰.

A herança biográfica recebida das terras italianas, Francisco une a herança espiritual, encontrando em São Francisco de Assis um elemento que dê unidade a esses traços. Mais do que uma escolha aleatória de nome para dar identidade ao seu pontificado,

⁹ *Ibid.*, 36.

¹⁰ FRANCISCO, *Ângelus*, (17.03.2013); Cf. *Discurso em Assis no encontro com os jovens da região de Úmbria*, (04.10.2013): AAS 105 (2013), 921; *Discurso na cerimônia de boas-vindas na Casa Branca em Washington-Estados Unidos*, (23.09.2015) e *Discurso no Congresso dos EUA*, (24.09.2015).

a escolha do nome Francisco traz junto todo um programa de governo para a Igreja que ele deseja desenvolver.

Mantem contatos com familiares que ainda vivem na região de onde emigraram seus pais, como em sua ida a Roma para o conclave de 2005 teve ocasião de visitá-los. “Me sentí como en casa hablando piamontés. Conocí a un hermano de mi abuelo, a mis tíos, a mis primos. La mayor de mis primas tiene 78 años y cuando voy a visitarla me parece como si siempre hubiera vivido allí. La ayudo en las tareas hogareñas, pongo la mesa...”¹¹

Valorizar a família, cuidá-la, promovê-la, defende-la dos descréditos hodiernos é central na vida de Bergoglio. Desde a própria experiência de família tenta ajudar aos jovens a descobrirem onde reside a força para seguir apostando pela família, apesar das diferenças e dificuldades:

“Pensemos nos nossos pais, nos nossos avós ou bisavós: eles casaram em condições muito mais pobres do que as nossas, alguns em tempos de guerra, ou do pós-guerra; outros emigraram, como os meus pais. Onde encontravam a força? Encontravam-na na certeza de que o Senhor estava com eles, que a família é abençoada por Deus mediante o Sacramento do matrimónio, e que é abençoada a missão de ter filhos e de os educar. Com estas certezas eles superaram até as provações mais árduas. Eram certezas simples, mas verdadeiras; formavam colunas que sustentavam o seu amor. A sua vida não foi fácil; havia problemas, muitos problemas! Mas estas certezas simples ajudavam-nos a ir em frente. E assim conseguiram formar uma bonita família, dar vida e criar os próprios filhos”¹².

Em sua visita apostólica aos Estados Unidos, sentindo-se em casa, no continente em que nasceu e recebeu sua formação e cultura, une sua condição de migrante a de tantos outros migrantes que construíram e seguem construindo aquele país. Tanto em suas primeiras palavras ao chegar ao território norte americano, quando em seu discurso ao Congresso, manifesta com tranquilidade e como um valor a condição migrante. Assim como faz um apelo a superar os medos e preconceitos que a convivência com os estrangeiros possa apresentar:

“Senhor Presidente. Obrigado pela saudação de boas-vindas que me dirigiu em nome de todos os americanos. Como filho duma família de emigrantes, sinto-me feliz por ser hóspede nesta nação, que foi construída em grande parte por famílias

¹¹ SAVERIO GAETA, *op. cit.*, 23.

¹² FRANCISCO, *Discurso em Assis no encontro com os jovens da região de Úmbria*, (04.10.2013): AAS 105 (2013), 921.

semelhantes. Olho com alegria para estes dias de encontro e diálogo, em que espero perscrutar e compartilhar muitos dos sonhos e esperanças do povo americano”¹³.

“Nos últimos séculos, milhões de pessoas chegaram a esta terra perseguindo o sonho de construir um futuro em liberdade. Nós, pessoas deste continente, não temos medo dos estrangeiros, porque outrora muitos de nós éramos estrangeiros. Digo-vos isto como filho de imigrantes, sabendo que também muitos de vós sois descendentes de imigrantes”¹⁴.

Em sua viagem a Equador, em julho de 2015, no Santuário da Virgem de Quinche, exortou a todos não perderem a memória das raízes familiares, da origem de cada um. Um chamado de atenção a não envergonhar-se de sua história, da cultura e sensibilidades que marcam a vida pessoal e familiar.

Infelizmente não se dispõe de muitos dados sobre a árvore genealógica materna de Bergoglio, de sobrenome Sívori, embora atualmente seja um sobrenome com presença em maior número em Argentina e Itália. Sua história familiar, por parte de mãe, não aparece com tantos detalhes nas biografias como a família de seu pai, embora se sabe que era filha de uma piemontesa e de um argentino descendente de genoveses¹⁵. Seus pais, Mario José Bergoglio e María Regina Sívori, se conheceram em uma Igreja em Turim e se casaram em 12 de dezembro de 1935.

Uma última referência a essas raízes migrantes na história de Bergoglio, sobre uma dimensão muito presente na vida dos imigrantes que é o desenraizamento, a saudade, a nostalgia do seu lugar de origem familiar. Jorge Bergoglio explica a origem semântica dessa “nostalgia” e como ela está presente na maneira do imigrante sentir o mundo e as relações:

“Hay quienes dicen que Buenos Aires no mira hacia el río porque como fue construida, en buena medida, por inmigrantes que sufrieron el desarraigo de la partida y el desarraigo, ellos preferían orientarla hacia la pampa, que significaba el futuro. El origen de la palabra nostalgia —del griego *nostos algos*— tiene que ver con el ansia por volver al lugar; de esto habla la Odisea. Esa es una dimensión humana. Lo que hace Homero a través de la historia de Ulises es marcar el camino de regreso al seno de la tierra, al seno materno de la tierra que nos dio la luz. Considero que hemos perdido la nostalgia como dimensión antropológica. Pero también la perdimos a la hora de educar, por ejemplo, en la nostalgia del hogar. Cuando guardamos a los mayores en los geriátricos con tres bolitas de naftalina en el bolsillo, como si fueran

¹³ FRANCISCO, *Discurso na cerimônia de boas-vindas na Casa Branca em Washington-Estados Unidos*, (23.09.2015).

¹⁴ *Id.*, *Discurso no Congresso dos EUA*, (24.09.2015).

¹⁵ S. RUBIN – F. AMBROGETTI, *op. cit.*, 31.

un tapado o un sobretodo, de alguna manera tenemos enferma la dimensión nostálgica porque, encontrarse con los abuelos, es asumir un reencuentro con nuestro pasado”¹⁶.

Recorrendo a literatura ajuda a explicar a presença dessa dimensão nostálgica em todo ser humano e como atualmente o descuido dessa dimensão afeta a relação do ser humano com o seu passado, com suas raízes e com sua história. De certa maneira, o carinho que ele possui pelas pessoas mais idosas está marcado tanto pela experiência vivida com sua avó Rosa, quanto pelo o que os idosos significam para a história da família, por sua sabedoria acumulada, por serem as raízes de onde brotaram os ramos mais novos. Será sempre um defensor de que essas pessoas não devem ser descartadas do convívio familiar, assim como devem ser fonte de aprendizado.

Um imigrante, por mais que já tenha chegado ao seu destino, será sempre alguém em caminho. Traz dentro de si um espaço que não será ocupado por nada que está ao seu redor. Algo de sua origem o acompanhará aonde ele for.

1.3 Um padre pós-conciliar no pontificado

Estava a Igreja vivendo os primeiros anos após o divisor de águas que significou para ela o acontecimento do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), quando Jorge Bergoglio inicia os estudos de teologia (1967-1970). Embora as mudanças propostas pelo concílio foram sendo colocadas em práticas pouco a pouco, não se pode esquecer dos movimentos de renovação anteriores ao concílio, sobretudo bíblico e litúrgico, que prepararam terreno para as mudanças de paradigmas que os documentos conciliares representam.

O cardeal Walter Kasper situa a inauguração do atual pontificado como uma nova etapa do concílio: “Así, en el pontificado de Francisco vuelve a cobrar vida de modo nuevo y flamante el espíritu del Vaticano II. Francisco es el primero pontífice que no participó en el concilio; con su pontificado hemos entrado en una nueva fase del posconcilio y de la recepción conciliar”¹⁷. Não apenas participou do Concílio, como toda a sua formação teológica e ordenação se dão em contexto de pós Concílio. Trata-se de

¹⁶ *Ibid.*, 30.

¹⁷ W. KASPER, *El papa Francisco. Revolución de la ternura y el amor, Raíces teológicas y perspectivas pastorales*, Santander 2015, 38.

um aspecto que o diferencia de seus antecessores e que não tem sido suficientemente percebido e explorado, além de ser o primeiro latino-americano e jesuíta.

Estudar teologia e preparar-se para o exercício do ministério ordenado num contexto em que a Igreja e o mundo estão mudando radicalmente suas relações, não poderia deixar de afetar a experiência de fé e a forma de desempenhar a pastoral e a evangelização do padre Jorge Bergoglio. Sem dúvidas foram tempos de desconstrução, purificação e busca de novas formas para dizer e viver a fé.

Convém recordar três breves aspectos que o Concílio apresentava nada mais começar suas sessões: os milhares de bispos presentes, técnicos e observadores presentes na assembleia conciliar; o primeiro concílio pastoral e não dogmático; assim como o primeiro concílio propriamente ecumênico. Algo novo estava sendo colocado em marcha na Igreja. Dos seus documentos, vários foram bastante aprofundados e difundidos (*Lumen gentium*, *Gaudium et spes*, *Dei verbum*), embora queremos destacar um documento menos conhecido do Concílio, *Christus dominus* - sobre o ministério pastoral dos bispos¹⁸ - que teve consequências muito práticas na missão eclesial local, que foi o surgimento das Conferências Episcopais. Um aspecto da corresponsabilidade na missão da Igreja, cuja colegialidade Francisco tem muito presente.

Importante ressaltar também as primeiras décadas do pós Concílio, cujos acontecimentos e documentos produzidos, sobretudo como fruto das assembleias gerais dos bispos. Destacamos o sínodo dos bispos em 1971 sobre os temas “O sacerdócio ministerial” e a “A justiça no mundo”, em que a Igreja seguia percebendo os “sinais dos tempos” e constatava a crise de solidariedade universal no contexto de então, assim como o direito ao desenvolvimento, a necessidade de diálogo, as injustiças sem voz, alguns dos aspectos aprofundados na missão da Igreja, em seu anúncio do Reino, cujo objetivo na verdade consistia em aproximar Evangelho e justiça¹⁹. Também a terceira assembleia geral dos bispos de 1974 sobre “A evangelização do mundo contemporâneo”, cujas reflexões Papa Paulo VI recolheu em sua exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* em 1975. No mesmo ano, também sucedeu a Congregação Geral 32ª da Companhia de Jesus, convocada por Pe. Pedro Arrupe em 1974, da qual participou Bergoglio, em que foi

¹⁸ Cf. VATICANO II, *Christus dominus*, 36-43.

¹⁹ Cf. SEGUNDA ASSEMBLEIA GERAL DOS BISPOS, *A justiça no mundo*, Roma 1971.

atualizada a identidade e a missão da Companhia de Jesus. Que respondendo a pergunta de quem era o jesuíta, o Decreto 1 – Jesuítas hoje - formulou a resposta:

“Ser jesuíta significa reconhecer que uno es pecador y, sin embargo, llamado a ser compañero de Jesús, como lo fue San Ignacio. Comprometerse bajo el estandarte de la cruz en la lucha crucial de nuestro tempo: la lucha por la fe y la lucha por la justicia que la misma fe exige”²⁰.

Tal Congregação Geral, com seus 16 documentos, significou para a Companhia de Jesus a necessária atualização – *aggionamento* – ao mundo moderno. Um compromisso social com a justiça motivado desde a fé, uma inserção no mundo em solidariedade com os pobres, inculturando o Evangelho nas diferentes culturas, que terminou por promover uma renovação das prioridades apostólicas, o que custou a muitos jesuítas perseguições, e a alguns a vida (como Rutilio Grande, assinado em 12 de março de 1977 e os seis jesuítas – Ignacio Ellacuría, Segundo Montes, Ignacio Martin-Baró, Amando López, Juan Ramon Moreno e Joaquin Lopez - além de uma colaboradora, Julia Elba, e sua filha Celina Ramos, assassinados em 16 de novembro de 1989, ambos em El Salvador).

São elementos do desenrolar da missão evangelizadora da Igreja, sobretudo no contexto latino-americano, que estão muito presentes na vida de Francisco e que de alguma maneira podemos constatar também em seu pontificado. Seria um trabalho interessante analisar seu pontificado a luz dos documentos das Conferencia Latino-americanas (Rio de Janeiro em 1955 – sobre As necessidades da América Latina, Medellín em 1968 – sobre A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio, Puebla em 1979 – sobre A evangelização no presente e no futuro da Igreja, Santo Domingo em 1992 – sobre Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã, Aparecida em 2007 – sobre Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos tenham vida nele).

Muitos aspectos poderiam ser destacados sobre a relação do Papa Francisco com o Concílio Vaticano II e seus desdobramentos²¹, embora queremos mencionar apenas três

²⁰ CONGREGACIÓN GENERAL 32ª da Companhia de Jesus, dec. 2,§1-2

²¹ O historiador italiano Massimo Faggioli concedeu três entrevistas ao Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS – sobre a relação entre Papa Francisco e o Concílio Vaticano II. Cf. “Papa Francisco, o Sínodo e a herança do Vaticano II”: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536012-papa-francisco-o-sinodo-e-a-heranca-do-vaticano-ii-artigo-de-massimo-faggioli> (consultado 10.02.2016); “Francisco: o primeiro Papa totalmente pós-Concílio”: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/542430-francisco-o-primeiro-papa-totalmente-pos-concilio->

temas que tem relação com o assunto que nos ocupa e que são para ele essenciais na recepção do concílio: a centralidade do Evangelho, a opção pelo pobres e a caminhada conjunta entre bispo e povo.

1.3.1 Centralidade do Evangelho

Na entrevista a Spadaro para a revista *Civiltà Cattolica*²², Papa Francisco acentua a volta as Escrituras, a raiz do Evangelho (Boa notícia), como uma das grandes conquistas do concílio:

“El Vaticano II supuso una relectura del Evangelio a la luz de la cultura contemporánea. Produjo un movimiento de renovación que viene sencillamente del mismo Evangelio. Los frutos son enormes. Basta recordar la liturgia. El trabajo de reforma litúrgica hizo un servicio al pueblo, releyendo el Evangelio a partir de una situación histórica concreta. Sí, hay líneas de hermenéutica de continuidad y de discontinuidad, pero una cosa es clara: la dinámica de lectura del Evangelio actualizada para hoy, propia del Concilio, es absolutamente irreversible”.

Para Francisco é fundamental relacionar o Evangelho com a cultura atual, voltar a pessoa de Jesus como o referencial para a vida cristã e não se perder na especulação teológica, dogmática, doutrinal, como se fosse o centro da fé cristã.

Um dos sinais em que podemos perceber vivo o espírito do concílio em Francisco está em suas referências constantes a uma volta ao Evangelho, a uma vivência da fé que transforme a vida e a cultura da pessoa. Através da exortação pastoral *Evangelii gaudium* o que deseja é recuperar o gozo e a alegria de comunicar essa “boa notícia” revelada em Jesus, de maneira que atinja todas as dimensões da vida pessoal e social daquele que acolhe esse anúncio.

Documento onde basicamente desenvolve seu programa de pontificado dentro do grande marco da missão evangelizadora da Igreja, Papa Francisco deseja a partir da riqueza e da alegria do encontro com a pessoa de Jesus, recuperar a dimensão missionária da Igreja, dando-lhe um novo vigor e entusiasmo. Ao tratar de diversos temas relacionados com essa nova etapa da evangelização, não poderia deixar de refletir sobre a dimensão social dela. Dos 288 números que compõem a exortação, 81 fazem parte do

[entrevista-especial-com-massimo-faggioli](http://www.ihu.unisinos.br/noticias/550867-qo-papa-francisco-fala-muito-pouco-do-vaticano-ii-mas-o-aplica-constantementeq-entrevista-com-massimo-faggioli) (consultado 10.02.2016) e “O Papa Francisco fala muito pouco do Concílio, mas o aplica constantemente”: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/550867-qo-papa-francisco-fala-muito-pouco-do-vaticano-ii-mas-o-aplica-constantementeq-entrevista-com-massimo-faggioli> (consultado 10.02.2016).

²² Cf. A. SPADARO, *Civiltà cattolica* 164 (2013), 453-457.

capítulo IV onde trata da dimensão social da evangelização (EG 176-258). Praticamente um terço da exortação está voltado para essa dimensão e aborda aspectos diversos da realidade social.

1.3.2 A opção pelo pobres

A relação com pobres está diretamente unida ao Evangelho, ao modo como Jesus os tinham presente em sua missão. Está em sintonia com todo o desenrolar da reflexão teológica na América Latina, um contexto marcado pela pobreza, pela desigualdade social e injustiças. Trata-se de um aspecto que encontra eco no mais profundo da vida de Francisco e o relaciona com o pensar da Igreja, como afirma Juan Carlos Scannone, que foi seu professor e reflete sobre a relação que há entre evangelização, cultura e teologia, que são os aspectos centrais da *Teología del Pueblo*:

“El tema de los pobres es un punto de convergencia entre el magisterio del Papa Francisco, la doctrina social de la Iglesia y la Teología del pueblo. No se trata de pura teoría sino de su encarnación en prácticas existenciales y sociales que hacen realidad ‘la encarnación del Evangelio’ y la ‘revolución de la ternura’ (EG 88)”²³.

Na primeira conferência latino-americana pós Concílio, em Medellín (1968), destacou-se a opção preferencial pelos pobres, uma opção cuja raiz encontra-se no Evangelho e não em ideologias políticas, como muitas vezes se acusa aqueles que são mais sensíveis ao sofrimento dos pobres. Sobre essa opção afirmada pelos bispos latino-americanos, Francisco comenta em uma de suas entrevistas:

“La opción preferencial por los pobres es un mensaje fuerte del post concilio. No es que no haya sido proclamado antes, pero el post concilio lo enfatizó. La mayor preocupación por los pobres que irrumpió en el catolicismo en los años sesenta constituía un caldo de cultivo para que se metiera cualquier ideología. Esto podría llevar a que se desvirtuara algo que la Iglesia pidió en el Concilio Vaticano II y viene repitiendo desde entonces: abrazar el camino justo para responder a una exigencia evangélica absolutamente insoslayable, central, como la preocupación por los pobres, lo que a mi juicio aparece maduro en la conferencia de obispos de Aparecida”²⁴.

Uma expressão que foi ganhando cada vez mais força, sobretudo no contexto da teologia latino-americana, muitas vezes olhada com suspeita pelo magistério, com alguns dos seus teólogos sendo perseguidos e censurados, sobretudo quando o cardeal Joseph Ratzinger dirigia a Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) etc. Postura que foi

²³ J. C. SCANNONE, “El papa Francisco y la teología del pueblo”, *Civiltà Cattolica* 165 (2014) 571-590.

²⁴ S. RUBIN – F. AMBROGETTI, *op. cit.*, 83.

relativamente superada, como recorda Julio Martinez destacando que apesar de que Bento XVI não use a expressão “opção preferencial pelos pobres” em sua encíclica *Deus carita est*, podemos encontrar em seu pontificado pelo menos três ocasiões em que ele fala dessa opção: a) No discurso aos bispos do CELAM reunidos em Aparecida, quando disse: “...a opción preferencial por los pobres está implícita en la fe cristologica en aquel Dios que se ha hecho pobre por nosotros para enriquecernos con su pobreza (2Co 8,9)”; b) Na alocução aos jesuítas reunidos na 35ª Congregação Geram em Roma, retomou a mesma ideia de Aparecida e acrescentou: “Nuestra opción por los pobres no es ideológica, sino que nace del Evangelio. Innumerables y dramáticas situaciones de injusticia y pobreza en el mundo actual, y si es menester comprometerse a comprender y combatir sus causas estructurales, es preciso también bajar hasta el propio corazón del hombre para luchar en él contra las raíces profundas del mal, contra el pecado que lo separa de Dios, sin olvidar por ello responder a las necesidades más apremiantes en el espíritu de la caridad de Cristo”²⁵; c) Mais recentemente na mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2009, na qual recordou entre os principios da DSI “...el amor preferencial por los pobres, a la luz del primado de la caridad, atestiguado por toda la tradición cristiana, comenzando por la de la Iglesia primitiva”²⁶.

O cardeal Walter Kasper, em nota no seu livro *El papa Francisco*, comenta que a crítica do magistério eclesiástico através da instrução *Libertatis nuntius* (1984) afeta a aspectos concretos da Teologia da Libertação, não a ela em seu conjunto.²⁷ Contra as acusações dos elementos *marxistas* nesse tipo de produção teológica, Gustavo Gutiérrez explica que dificilmente é possível analisar a sociedade latino-americana sem analisar também seus conflitos e ver como encontrar as autênticas formas de superá-los. Na verdade, trata-se de tomar as ciências sociais para conhecer a realidade social, cuja teologia deve ter uma palavra a dizer²⁸.

O modo como vive Francisco a dinâmica da opção preferencial pelos pobres, analisando aqui essa opção desde a ótica dos migrantes e refugiados como uma das facetas que revela atualmente a pobreza, o aproxima da semelhante defesa da dignidade dos índios feita por Bartolomé de las Casas, no final do século XV e início do XVI, ao

²⁵ BENTO XVI, *Alocução durante a audiência concedida aos membros da Congregação Geral 35ª da Companhia de Jesus*, (21.02.2008).

²⁶ J. MARTÍNEZ, *Moral social y espiritualidade. Una co(i)nspiración necesaria*, Santander 2011, 126-127.

²⁷ Cf. W. KASPER, *op. cit.*, 33.

²⁸ Cf. G. GUTIÉRREZ, *Evangelización y opción por los pobres*, Buenos Aires 1987, 70-71.

identificar neles a presença de Cristo. Como nos conta Gustavo Guitérrez em seu livro *En busca de los pobres de Jesucristo*: “El pobre es amado por Dios con amor de predilección porque ‘del más chiquitito y del más olvidado tiene Dios la memoria muy reciente y muy viva’ – Carta de Las Casas al Consejo, 11531, V, 44b). Esta preferencia debe ser por lo tanto una norma de vida para el cristiano”²⁹.

É possível constatar muito dessa aproximação da fé e da prática cristã ao mundo dos pobres. De maneira especial superando dicotomias, antagonismos, para descobrir no coração mesmo do Evangelho o envio a viver evangelicamente junto aos pobres, aos que mais sofrem.

Mais ou menos cinquenta anos se passaram desde que se foi reforçando na reflexão teológica um acercar-se a realidade concreta dos pobres, promovendo uma série de mudanças de paradigmas. Apesar de que constata-se também que ainda hoje muitas dessas mudanças não foram recebidas de maneira significativa em todas as Igrejas locais. Daí a importância de ressaltar esses dois aspectos presentes no pontificado do Papa Francisco, que com seu carisma e esforço busca continuar implementando o espírito e a letra do Concílio para o contexto contemporâneo.

1.3.3 Igreja “Povo de Deus”

Há aspectos dos câmbios paradigmáticos produzidos pelo Concílio que para Papa Francisco são irrenunciáveis. Como, por exemplo, a compreensão da Igreja como a plenitude do povo de Deus, já não mais identificada apenas com a hierarquia³⁰. A partir desse aspecto é que compreendemos sua crítica ao clericalismo, ao carreirismo na Igreja. Ele sempre enfatiza a importância do batismo, no qual todos participamos do sacerdócio de Cristo – sacerdócio comum dos fiéis³¹. Além também de situar o poder na ótica de Jesus que não tem outro sentido senão para o serviço.

²⁹ *Id.*, *En busca de los pobres de Jesucristo*, Salamanca 1993, 101.

³⁰ Cf. VATICANO II, *Lumen gentium*, 4, 9-17; JOÃO PAULO II, *Pastores dabo vobis e Ecclesia in america*.

³¹ Cf. Numa carta ao cardeal Marc Quillet, presidente da Pontifícia Comissão para América Latina, em 19 de março de 2016, papa Francisco ataca o clericalismo como um modo errado de viver a eclesiologia proposta pelo Vaticano II. Designa a religiosidade popular como a chave hermenêutica para compreender a ação que se gera quando o Santo Povo fiel de Deus reza e age. Destaca a importância da enculturação e do acompanhamento dos leigos em seus processos. Faz um apelo a conservar a dupla memória: de Jesus Cristo e dos antepassados. Por fim, sublinha que a missão do pastor é servir ao Santo Povo fiel de Deus e não servir-se deles.

Desde sua primeira saudação, no balcão central da Basílica de São Pedro, Papa Francisco insiste muito nessas duas categorias (bispo e povo). Refere-se ao dever do conclave de dar um bispo a Roma e se apresentam enquanto tal. Reza e pede orações pelo bispo emérito Bento XVI. Aqui podemos entrever uma primeira chave de leitura para compreender a eclesiologia dominante no pontificado de Francisco: “E agora iniciamos este caminho, bispo e povo...”³² Conduzido pelo bispo diocesano, em comunhão com todas as outras Igrejas e presidida na caridade por Roma, o povo de Deus não se encontra sozinho em sua caminhada de fé e de construção do Reino.

A frente do seu povo, junto a ele, ou mesmo atrás, o bispo deve ser a presença do Cristo amigo que não abandona nunca a seu povo, que não rompe a relação de aliança que Deus estabelece nele uma vez para sempre. Sua fidelidade é grande e apesar das limitações humanas do pastor, sua missão é buscar ser sinal dessa presença constante de Deus junto a seu povo, independente do momento histórico que lhe toca viver e pastorear. De maneira que o povo possa sentir que Deus há enviado a eles pastores segundo seu coração, conforme anunciava o profeta Jeremias: “*E vos darei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com ciência e com inteligência.*” (Jr 3,15). Os bispos, os pastores, são chamados a não ter o coração distante das alegrias e tristezas do seu povo, para saber onde os conduzir, mantendo acesa a chama da fé e da esperança³³.

Papa Francisco tem procurado transmitir um testemunho que evidencie essas qualidades e tarefas que lhe compete como bispo de Roma. Igualmente tem animado e exortado aos bispos a exercerem o episcopado dentro dessa eclesiologia, superando o que ele no discurso à Cúria Romana em dezembro de 2014, em que refletiu sobre a *Cúria Romana e o Corpo de Cristo*³⁴, chamou de doenças e tentações que enfraquecem o serviço ao Senhor. Enfermidades que não são restritas apenas aos que fazem parte da cúria, mas que estão presentes também na vida de todos os pastores e na vida de cada cristão em particular. Ele não tem medo de empreender uma autocrítica e esse discurso talvez tenha sido, até o momento, um dos mais duros dirigidos aos seus colaboradores mais próximos. Não se trata de acusações, mas sim de elementos para um sincero exame de consciência e motivação para dar passos rumo a uma conversão pessoal e pastoral.

³² FRANCISCO, *Bênção apostólica Urbi et Orbe, primeira saudação do Papa Francisco*, (13.03.2013): AAS 105 (2013), 363.

³³ *Id*, *Homilia na Santa Missa crismal*, (28.03.2013).

³⁴ *Id*, *Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal*, (22.12.2014): AAS 107 (2015), 44.

O povo de Deus tem entrado em sintonia com sua forma de exercer o pastoreio na Igreja. Sente sua autenticidade, proximidade, sinceridade, sua atenção e preocupação desde um sensível coração de pastor. Seu testemunho tem alcançado espaços muito além das comunidades e instituições eclesiais. Tem se tornado dentro e fora da Igreja um líder espiritual e moral consideravelmente respeitado e reverenciado.

Ao núcleo do pontificado de Francisco, como essa continuação de ar fresco que recebeu a Igreja desde a convocação do concílio pelo Papa João XXIII (1958-1963) e dado continuidade com Papa Paulo VI (1963-1978), soma-se o tema da misericórdia, aos outros três temas anteriores – Evangelho, os pobres e o povo de Deus. Embora sobre a misericórdia comentaremos mais adiante como um dos princípios teológicos que vertebram o pontificado atual.

1.4 Cultura e *Teología del Pueblo*

Há um tema na vida de Jorge Bergoglio que perpassa toda a sua existência, até os dias de hoje, que é sua relação com a cultura. Nasce em Buenos Aires, herda muito da cultura italiana e além de aprender espanhol aprende a falar também “piemontês” com os avós³⁵. A formação na Companhia de Jesus amplia ainda mais seu contato com outras culturas, desenvolve um grande interesse pela literatura, de maneira que se torna um homem de cultura universal. São elementos que formam sua identidade, seu horizonte de sentido, assim como sua forma de relacionar-se com o mundo.

Dado que a vida é curta para que uma pessoa possa aprofundar muitos temas que lhe interessam, geralmente são agrupados em torno de um tema geral que passa a ocupar o centro de investigação e aprofundamento dele. Em Francisco pode-se detectar que é na relação Evangelho-Cultura onde está unificado os demais temas que são explicitados em suas palavras, gestos e silêncios.

Sendo a relação Evangelho-Cultura um tema que também esteve muito presente no pontificado de Paulo VI, com o qual Francisco possui muitas semelhanças, sobretudo na forma de compreender a relação Igreja-Mundo e a dimensão missionária da Igreja. O conceito de cultura que aparece na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, dá o ponto de partida de como aprofundar essa relação:

³⁵ S. RUBIN – F. AMBROGETTI, *op. cit.*, 29.

“... para la Iglesia no se trata solamente de predicar el Evangelio en zonas geográficas cada vez más vastas o poblaciones cada vez más numerosas, sino de alcanzar y transformar con la fuerza del Evangelio los criterios de juicio, los valores determinantes, los puntos de interés, las líneas de pensamiento, las fuentes inspiradoras y los modelos de vida de la humanidad, que están en contraste con la palabra de Dios y con el designio de salvación”³⁶.

Aqui entra um aspecto da sua identidade de jesuíta, em que ele sabe o peso e a importância que esse tema tem na espiritualidade e cosmovisão inaciana. Desde as origens da Companhia de Jesus, os primeiros companheiros sempre estiveram muito atentos a essa relação entre cultura e Evangelho. Basta mencionar alguns exemplos como o trabalho evangelizador de Francisco Xavier na Índia e Japão, José de Anchieta no Brasil, Matteo Ricci na China, as experiências das *Reduções* na tríplice fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil etc, são testemunhos que comprovam o valor que eles davam aos valores culturais na missão evangelizadora da Igreja.

Quando esteve como reitor do Colégio Máximo e das Faculdades de Filosofia e Teologia em San Miguel, organizou o primeiro Congresso Internacional de Teologia (de 2 a 6 de setembro de 1985) sobre o tema “*Evangelización de la Cultura e Inculturación del Evangelio*”³⁷. Com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre a relação entre Evangelho e Culturas e também para comemorar várias datas significativas, como os quatrocentos anos da chegada dos jesuítas a Argentina (1585-1985), os vinte anos do encerramento do Concílio Vaticano II (1965-1985) e os dez anos da exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI (1975-1985). Contou com teólogos e personalidades de todos os continentes, além do apoio do Pontifício Conselho para a Cultura, CELAM e outras instituições eclesiais.

O segundo elemento que explicita a presença do tema da cultura na vida de Bergoglio, se trata da sua proximidade ao pensamento do filósofo-teólogo Romano Guardini (1885-1968)³⁸, sobre o qual deu início a uma tese de doutorado e o qual cita em

³⁶ Pablo VI, *Evangelii nuntiandi*, 19.

³⁷ Cf. AA.VV, *Evangelización de la cultura e inculturación del evangelio*, (*Materiales publicados en base al Congreso Internacional de Teología en la revista Stromata*, LXI Julio – Diciembre de 1985 y LXII Junio 1986). Bergoglio foi o organizador e constam nessa coletânea seus dois discursos, inicial e final.

³⁸ Algumas de suas obras mais relevantes sobre esse tema: R. GUARDINI, *El movimiento litúrgico*, Madrid 1960; *El espíritu de la liturgia*, Barcelona 1933; *El testamento del Señor: preparación para la Santa Misa*, Barcelona 1955; *El Señor*, Madrid 1956; *La esencia del cristianismo*, Madrid 1959; *Ética para nuestro tempo: reflexiones sobre formas de vida cristiana*, Madrid 1974.

alguns dos documentos do seu magistério e na homilia de posse como bispo de Roma³⁹. Romano Guardini é considerado um dos fundadores das correntes filosóficas do personalismo e teve muita importância nos movimentos de renovação que desembocaram no Concílio, sobretudo o movimento litúrgico. Seu pensamento está marcado pelo tema da cultura, pela importância que a pessoa ocupa na criação, na relação com os outros e com Deus. Desenvolveu uma teologia divulgativa, que facilmente chegava as pessoas, ajudando-as a viverem sua fé cristã de forma vinculante com a vida e com a ética dos valores evangélicos. Como um dos grandes teólogos do século XX, também papa Bento XVI nutria grande interesse nele⁴⁰.

Esse tema da cultura está diretamente relacionado com o tema das migrações, visto que o primeiro impacto que causa a mobilidade humana é o câmbio cultural. A análise cultural que Francisco apresenta está presente também em vários outros pensadores, que aqui queremos destacar apenas sua proximidade com a atual análise cultural desenvolvida pelo sociólogo Zigmunt Bauman (1925)⁴¹, cuja leitura da realidade possui elementos comuns com o pensamento de Francisco. Em muitas de suas mensagens e discursos o papa critica explicitamente uma série de elementos da cultura atual, como a indiferença, o medo do diferente, o descarte das relações e de seres humanos... para propor o fortalecimento de outro tipo de valores e cultura, como por exemplo a cultura do encontro, da acolhida, da solidariedade, da compaixão, da fraternidade etc. Enquanto na análise cultural de Bauman predomina um pessimismo antropológico, em Francisco está sempre presente um horizonte de esperança, de aposta na capacidade humana iluminada por Deus de transformar as realidades antropológicas limitadas.

Tendo por base essa reflexão sobre a cultura, vamos situá-lo um pouco dentro das correntes filosóficas e teológicas que repercutem em seu pensamento, perguntando-se através de que lentes ele vê a realidade, com quais critérios elabora seu juízo de valores e aonde deseja direcionar as pessoas a partir da sua reflexão.

³⁹ Cf. FRANCISCO, *Lumen fidei*, 22; *Evangelii gaudium*, 224; *Laudato si*, 105,108,115,203,219; *Homilia na Basílica São João de Latrão, capela papal, para a tomada de posse da cátedra do bispo de Roma*, (07.04.2013): AAS 105 (2013), 423.

⁴⁰ Cf. BENTO XVI, *Discurso aos participantes em um congresso da Fundação Romano Guardini de Berlim*, (29.10.2010).

⁴¹ Algumas de suas obras mais relevante sobre esse tema: Z. BAUMAN, *Modernidad líquida*, Buenos Aires 1999; *La sociedad individualizada*, Madrid 2001; *Amor líquido: Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*, México 2005; *Mundo consumo*, Barcelona 2010 e *Ceguera moral: La pérdida de sensibilidad en la modernidad líquida*, Barcelona 2015.

Como ponto de partida é coerente dizer que não é uma tarefa fácil enquadrá-lo dentro de uma única corrente filosófica ou teológica. Bergoglio possui uma formação que lhe permite transitar por vários grupos, que vai da escolástica aos contemporâneos. Possui forte relação com a literatura, com a música clássica etc.

Em um artigo do jornal argentino *La Nación*, o jornalista José M. Poirier Lalanne, escreveu sobre as influências filosóficas, culturais e teológicas que estão na base do pensamento de Francisco, trazendo afirmações do renomado teólogo Bruno Forte, que situa a bagagem filosófica de Francisco dentro de um tomismo que ele chama de existencial, em atenção à pessoa em sua realidade concreta. Enquanto o rabino Abraham Skorka o situa mais próximo aos existencialistas religiosos, como Soren Kierkegaard, Martin Buber, Karl Barth⁴². Sem esquecer a influência filosófica e teológica de Romano Guardini, sobretudo em seus aspectos personalista e comunitário.

Seu transfundo teológico podemos situá-lo como herdeiro dos documentos produzidos pelos bispos latino-americanos, de modo especial o Documento de Aparecida onde está presente basicamente o núcleo do que comunica em sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Nesse arcabouço ocupa um lugar especial a teologia produzida pós concílio, sobretudo a Teologia Latino-americana, a Teologia da Libertação (TdL) e a “*Teología del Pueblo*”, como uma das correntes da TdL própria da Argentina.

O cardinal Kasper menciona essa relação de Francisco com aqueles que fundaram essa corrente teológica: “Su principal maestro teológico fue Lucio Gera (1924-2012). Hasta qué punto lo valoraba el arzobispo Bergoglio se echa de ver ya solo en el hecho de que, a su fallecimiento, dispuso que fuera enterrado en la cripta episcopal de la catedral de Buenos Aires, para así honrarlo como padre de la teología argentina”⁴³. A grande diferença entre a TdL e a Teologia del Pueblo ou Teologia da Cultura como também é conhecida e mencionada por Scannone, encontra-se que parte de análises das ciências histórico-culturais, e tomam distância das análises sócio estruturais do método marxista⁴⁴. Trata-se de uma teologia que dá maior relevância a Igreja através da categoria “Povo de Deus”, a qual Francisco sempre se refere como “povo fiel”. Valoriza a religiosidade

⁴² Cf. Artigo de José María Poirier Lalanne no jornal argentino *La Nación*: La filosofía de Francisco. <http://www.lanacion.com.ar/1584505-la-filosofia-de-francisco> (consultado 03.05.2016).

⁴³ W. KASPER, *op. cit.*, 32.

⁴⁴ Cf. J. C. SCANNONE, “El papa Francisco y la teología del pueblo”, *Civiltà Cattolica* 165 (2014) 571-590. Esta diferença encontra-se na p. 131 da edição espanhola de I. ELLACURIA e J. SOBRINO (eds.), *Misterium liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*, 2 vols., Madrid 1990.

popular, as expressões culturais da fé, impulsiona a inculturação, e refere-se aos pobres como um lugar teológico.

Conforme Boff, o mais importante não é enquadrá-lo dentro de uma dessas correntes, mas sim que notar que sua atuação e suas palavras buscam libertar os oprimidos, os pobres, as vítimas de injustiças. Para ele, Francisco se apresenta abertamente como um pastor, e não como um doutor e teólogo. Colocando o Evangelho no centro do seu pensamento, ele se põe em sintonia com o mundo globalizado de hoje, desde sua inteligência prática, emocional, e de seu coração aberto e sensível⁴⁵.

1.5 Pensamento social – ruptura ou continuidade?

Difícilmente poderá ser encontrada alguma biografia de Bergoglio que não destaque e faça referência ao seu pensamento social, ao modo como analisava a realidade do seu país e do mundo, e revele sua firme posição em apontar os limites da situação atual da sociedade. Costuma-se dizer que os jesuítas rezam com a Bíblia em uma mão e os jornais na outra, uma forma de dizer que dirigem o olhar a Deus a partir da realidade concreta, e nessa mesma realidade encontram a Deus.

A medida que Bergoglio foi ocupando postos de maior relevância e responsabilidades diversas (sacerdote, provincial, bispo, arcebispo, cardeal, papa) foi se tornando mais visível seus gestos e o pensamento que está por detrás deles. Uma liderança compreendida em chave de serviço, como afirma Chris Lowney em seu livro *Francisco, líder e papa*⁴⁶: “No puedes dirigir a otros si no eres capaz de dirigirte a ti mismo. Pero no puedes dirigir a otros si usas tu poder principalmente para servirte a ti mismo y a tu ego. El liderazgo no tiene que ver contigo, sino con el resto de nosotros: tu familia, tu comunidad, tus compañeros, tus clientes”. Um convite a esquecer de si mesmo para colocar a atenção e importância no outro, a quem a liderança deve estar sempre a serviço.

Os dois anos vividos em Córdoba (1990-1992), retirado em silêncio, sem grandes responsabilidades depois de ter assumido como provincial dos jesuítas de Argentina, será fundamental para esse trabalho pessoal, que Javier Cámara e Sebastián Pfaffen na biografia já citada, descreve como um tempo de sombras e de purificação interior. Igualmente Elisabetta Piqué na biografia que escreveu sobre ele, *Francisco, vida y*

⁴⁵ L. BOFF, *Francisco de Roma y Francisco de Asís. ¿Una primavera en la Iglesia?*, Madrid 2013, 65-68.

⁴⁶ CH. LOWNEY, *Francisco, líder y papa*, Santander 2014, 67.

revolución, registra testemunhos de pessoas que viveram com Bergoglio nesse período dizendo que: “Córdoba fue algo injusto humanamente, pero él lo convirtió en un período de gestación. Fue un tempo de soledad, pero a los hombres grandes, como él, el exilio les hace crecer los corazones. El que quiso exiliarlo le terminó haciendo un poderoso favor”⁴⁷. Período que aproveitou para escrever alguns livros, sanar feridas, acompanhar pessoas, enfrentar o próprio sofrimento, de maneira que sua vida ganha outra dimensão quando recebe a nomeação de bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires, através do amigo cardeal Quarracino, que reconhecia seu potencial de líder. Volta assim ao exercício de liderança, com o coração de pastor purificado e com o olhar mais amplo para o mundo. O sofrimento pode ser enfrentado de diferentes maneiras, sendo sem dúvidas a pior forma dele aquele imposto injustamente, ao qual diz Gustavo Gutierrez que mesmo nele é possível encontrar um sentido: “...si desde esa situación límite un creyente es capaz de vivir su fe con desinterés y encontrar el lenguaje adecuado para hablar de Dios, entonces el Dios de la Biblia puede ser reconocido auténticamente por el ser humano”⁴⁸. Uma forma de mostrar que mesmo no sofrimento é possível encontrar a Deus, fazer uma experiência dele.

No período em que esteve como arcebispo de Buenos Aires, seu cuidado pastoral sempre esteve voltado para o cuidado dos mais pobres, dos que mais sofrem. Seja através de sua proximidade e visita às *villas misérias* de Buenos Aires, ou de suas proféticas palavras a cada ano na celebração do *Te Deum* no dia da pátria (25 de maio), ou mesmo através dos documentos e das declarações da Conferência Episcopal Argentina, da qual foi presidente durante dois períodos, quando procurava fazer chegar a todos o pensamento central da Doutrina Social da Igreja, que numa frase pode ser resumido como “defesa da dignidade de cada ser humano”⁴⁹.

Ele procura seguir a lógica do exercício do poder como aprendeu na contemplação do Mestre Jesus. “... en el centro del pensamiento social del cardenal, está el poder del

⁴⁷ E. PIQUÉ, *Francisco, vida y revolución*, Madrid 2014, 120.

⁴⁸ G. GUTIÉRREZ, *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente: Una reflexión sobre el libro de Job*, Salamanca 2006^o, 52.

⁴⁹ Princípio fundamental em que se apoiam os demais princípios da Doutrina Social da Igreja: princípio do bem comum, princípio do destino universal dos bens, princípio da subsidiariedade, princípio da participação, princípio da solidariedade, os valores fundamentais da vida social: a verdade, a liberdade e a justiça, o princípio da caridade.

amor como servicio”⁵⁰. Um serviço que o impele também a denunciar a grande crise pela qual passava naquele momento Argentina, que consistia numa dívida social. Não teme em dar nomes as injustiças que estão presentes na sociedade argentina, desmascarando-as e fazendo a sua parte para que haja mais respeito ao ser humano. Em setembro de 2011, na Praça da Constituição pronunciou uma homilia com forte denúncia social:

“En el colegio nos enseñaron que la esclavitud estaba abolida pero ¿saben qué es eso? ¡Un cuento chino! Porque en esta ciudad de Buenos Aires la esclavitud no está abolida; en esta ciudad la esclavitud está a la orden del día bajo diversas formas; en esta ciudad se explota a trabajadores en talleres clandestinos y si son inmigrantes se les priva de la posibilidad de irse; ¡en esta ciudad hay chicos en situación de calle desde años! [...]. En esta ciudad se rapta a mujeres y chicas y se les somete al uso y abuso de su cuerpo, se las destruye en su dignidad. ¡En esta ciudad hay hombres que lucran y se ceban con la carne del hermano, la carne de todos esos esclavos y esclavas; la carne que asumió Jesús y por cual murió vale menos que la carne de una mascota y esto pasa en esta ciudad!”⁵¹.

Sem meias palavras e com um olhar amplo abrange uma série de violências contra a dignidade humana. Mas suas denúncias não ficam apenas e discursos. Promove gestos concretos e apoia a grupos e instituições que estão em defesa dos direitos humanos.

Daí que se pode entender seu compromisso de erradicação da pobreza, da crise moral, da hipocrisia, da corrupção (política e religiosa), para que seja possível construir juntos um projeto comum de nação, um desenvolvimento nacional humano que tenha em conta os mais pobres, os que sofrem, os excluídos⁵².

No Te Deum de 2010, por ocasião da celebração do Bicentenário de Argentina (1810-2010), leu a declaração da Conferência Episcopal para aquela ocasião, cujo título foi “*La Patria es un don, la Nación una tarea*”. Tratava-se de convocar toda a nação a construir juntos uma sociedade em que os mais pobres, os mais indefesos não fossem desrespeitados em sua dignidade. “Si toda la Nación sufre, más sufren los pobres. Este es un reclamo del cual nos volvemos a hacer eco, porque se trata de una deuda que sigue vigente, y que se lee en los rostros de miles de hermanos que no llegan a vivir conforme

⁵⁰ A. M. CÁCERES, “J. M. Bergoglio: Claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice”, *Moralia Revista de ciencias morales* 36 (2013) 130. Cf. J. M. BERGOGLIO, *El verdadero poder es el servicio*, Buenos Aires 2007, título que Bergoglio deu ao seu último livro quando ainda era cardeal.

⁵¹ E. PIQUÉ, *op. cit.*, 190.

⁵² Cf. A. M. CÁCERES, “J. M. Bergoglio: Claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice”, *Moralia Revista de ciencias morales* 36 (2013) 117-135; “Cardenal Jorge Mario Bergoglio. Aproximación a su moral social”, *Moralia Revista de ciencias morales* 32 (2009) 443-478; “El papa Francisco, viento sin ruido”, *Razón y Fe*, 2013, t. 267, n° 1374, 283-290.

a su dignidad de hijos de Dios”⁵³. É dentro desse pensamento social de Bergoglio, em que estão presentes os mais pobres, os que sofrem, os que são excluídos e marginalizados, que se insere sua preocupação com a vida e o sofrimento dos migrantes e refugiados.

Seu esforço também consistia em chamar a atenção sobre a necessidade de que mais líderes, políticos ou religiosos, compartilhassem uma ética comum e valores que contribuem para o bem de todos. Fossem autênticos líderes, cuja melhor descrição está registrada no documento da 96ª Assembleia da Conferência Episcopal Argentina:

“Necesitamos de líderes que tengan los siguientes valores: la integridad moral, la amplitud de miras, el compromiso concreto con el bien de todos, la capacidad de diálogo y escucha, el respeto a la ley, el discernimiento atento de los nuevos signos de los tiempos y la coherencia de vida”⁵⁴.

No fundo, compreende Bergoglio que faltam líderes verdadeiramente humanos que sejam capazes de pensar em todos, não deixar para trás nenhum ser humano excluído da participação da vida social. Um tipo de liderança, política e religiosa, que se encontra em crise e cuja crise se percebe facilmente na sociedade. Um exemplo claro dessa crise se detecta na pouca ou quase nenhuma credibilidade que gozam os líderes políticos.

Ante essa crise de líderes que padece nosso mundo, em que faltam pessoas com uma história e trajetória de vida virtuosa, alicerçada em valores irrenunciáveis, carismáticas e com uma capacidade de liderança reconhecida, Papa Francisco representa um sopro de esperança.

Nada mais iniciar sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*, explicita a tensão existente entre os “valores” atuais, presentes na sociedade contemporânea, e o projeto de Deus para o ser humano:

“El gran riesgo del mundo actual, con su múltiple y abrumadora oferta de consumo, es una tristeza individualista que brota del corazón cómodo y avaro, de la búsqueda enfermiza de placeres superficiales, de la conciencia aislada. Cuando la vida interior se clausura en los propios intereses, ya no hay espacio para los demás, ya no entran los pobres, ya no se escucha la voz de Dios, ya no se goza de la dulce alegría de su amor, ya no palpita el entusiasmo por hacer el bien. (...) Ésa no es la opción de una

⁵³ *Id.*, “J. M. Bergoglio: Claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice”, *Moralía Revista de ciencias morales* 36 (2013) 125.

⁵⁴ *Id.*, “Cardenal Jorge Mario Bergoglio. Aproximación a su moral social”, *Moralía Revista de ciencias Morales* 32 (2009) 476. Cf. FRANCISCO, *Hacia un bicentenario en justicia y solidaridad*, n.2, (CONFERENCIA EPISCOPAL ARGENTINA, Pilar, 14 de noviembre de 2008).

vida digna y plena, ése no es el deseo de Dios para nosotros, ésa no es la vida en el Espíritu que brota del corazón de Cristo resucitado”⁵⁵.

Não deixa de ser um diagnóstico bastante preciso dos limites de um antropocentrismo desviado, desordenado, como o apresenta na encíclica *Laudato si*⁵⁶. Que para corrigir esse desvio se faz necessário uma melhor teologia da criação, uma coerente e atualizada interpretação das Escrituras, não permitir que a técnica sobreponha a ética e por fim, reconhecer o lugar que Deus, em sua transcendência, ocupa na criação.

Seu pensamento social está também marcado pela tradição do apostolado social da Companhia de Jesus desde as suas origens, quando Inácio de Loyola e os primeiros companheiros se colocavam a serviços dos pobres de sua época: pessoas sem casa, prostitutas, enfermos, índios, pescadores, escravos africanos etc.

“Los pobres, los que sufren, los excluidos y las víctimas de la injusticia a los que Dios nos envía, están presentes en los orígenes del apostolado social, a lo largo de su evolución, en cada una de sus formas y trabajos y en su objetivo final. Quiera el Señor, que escucha su clamor, aceptar también este esfuerzo nuestro «por profesar un compromiso por la justicia hacia los pobres de manera eficaz y profundamente jesuita en la mejor comprensión posible de la sociedad y de la cultura contemporánea»”⁵⁷.

Na sensibilidade de Francisco com os pobres, com os que sofrem, está presente a mesma sensibilidade de Inácio e os primeiros companheiros, que da mão de Inácio contemplaram os mistérios da vida de Cristo pobre e humilhado presente nos Exercícios Espirituais. Cujo mistério do nascimento do Verbo, Inácio convida a considerar como “o Senhor venha nascer em suma pobreza e, ao cabo de tantos trabalhos de fome, de sede, de calor e de frio, de injúrias e afrontas, para morrer na cruz; e tudo isto por mim; depois, refletindo, tirar algum proveito espiritual”⁵⁸. Ou mesmo quando escreve Inácio aos jesuítas de Pádua sobre a amizade com os pobres: “Nuestro compromiso de seguir a un Señor pobre nos hace de manera del todo natural amigo de los pobres”⁵⁹. Direta relação entre espiritualidade, moral e prática pastoral.

John W. O’Malley descreve em seu livro *Los primeros jesuitas* sobre os ministérios dos primeiros companheiros, cujo programa consistia em três dimensões:

⁵⁵ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 2.

⁵⁶ Cf. *Id.*, *Laudato si*, 69, 115, 116, 118, 119, 122.

⁵⁷ P.-H., KOLVENBACH, em *Características del apostolado social de la Compañía de Jesús*, Roma 1998.

⁵⁸ Cf. IGNACIO DE LOYOLA, *Ejercicios Espirituales*, Santander 1991, n.116.

⁵⁹ “Carta de Ignacio a los jesuitas de Pádua”, *Obras de San Ignacio de Loyola*, Madrid 1991.

ministérios da palavra, dos sacramentos e das obras de misericórdia⁶⁰. Cujas obras de misericórdia, ou “obras de caridade” como aparece na Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus de 1540⁶¹, abrem um variado leque de possibilidades de serviços. Desde serem ‘pacificadores’, favorecendo a reconciliação entre as partes em conflitos; socorrer os presos nos presídios e os enfermos nos hospitais; assistir os moribundos e os que se encontravam abandonados, condenados a morte; até mesmo acompanhar as prostitutas, os órfãos etc⁶². Obras de misericórdia e realidades sociais que Francisco tem procurado, dentro do Jubileu da Misericórdia, atualizar sua prática e sentido. Com frequência ele faz referências a elas, seja explicando em algumas audiências ou mesmo realizando uma visita surpresa a centros e instituições que atendem aos mais necessitados.

Aos participantes na plenária da Congregação para a Doutrina da Fé tratou sobre essas obras de misericórdia:

“Esta atenção às obras de misericórdia é importante: não são uma devoção. É o aspecto concreto de como os cristãos devem levar em frente o espírito de misericórdia. Uma vez, ao longo destes anos, recebi um movimento importante e a Sala Paulo VI estava cheia. E abordei o tema das obras de misericórdia. Parei e fiz a pergunta: «Quem de vós recorda bem quais são as obras de misericórdia espiritual e corporal? Quem se recorda delas levante a mão». Não foram mais de 20 numa sala com 7 mil pessoas. Devemos voltar a ensinar isto aos fiéis, porque é tão importante”⁶³.

Francisco, como jesuíta, é herdeiro de toda essa tradição jesuítica, de uma fé encarnada na realidade concreta do mundo dos mais pobres e sofredores. Em sua própria experiência de viver e transmitir essa fé, sem dúvidas estão presentes os frutos dos exercícios espirituais, tantas vezes meditado e contemplado, assim como oferecidos também a outros em retiros de várias modalidades⁶⁴.

⁶⁰ Cf. J. W. O'MALLEY, *Los primeros jesuitas*, Santander 1993, 113.

⁶¹ Cf. CONSTITUCIONES DE LA COMPAÑIA DE JESÚS, Santander 1996, 28.

⁶² Cf. J. W. O'MALLEY, *op. cit.*, 205-248.

⁶³ FRANCISCO, *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Doutrina da Fé*, (29.01.2016).

⁶⁴ Destaque para dois livros: J. M. BERGOGLIO, *En él la esperanza. Ejercicios espirituales a los obispos españoles (15 al 22 de enero de 2006)*, Madrid 2013 e *Meditaciones para religiosos*, Bilbao 2014.

1.6 Balanço do capítulo

Em nosso recorrido pela história de Bergoglio como o Papa migrante, vimos como seu DNA está marcado pelo fenômeno migratório, contribuindo assim para uma sensibilidade ao mundo dos mais pobres em sintonia com o Evangelho. Se sua dimensão humana está selada essa experiência migrante, sua fé está marcada por uma filosofia e teologia que assenta suas bases no contexto cultural concreto da América Latina. Que se deve ao frescor do Concílio e o horizonte apontado por ele, o que motivou-o em seu interesse pelo diálogo com a cultura do mundo moderno. A uma estrutura tripartida de sua eclesiologia: Evangelho, pobres e comunidade – Igreja povo de Deus, Francisco direciona seu olhar universal para a única família humana. Por fim, a formação, espiritual e intelectual, recebida na Companhia de Jesus define sua espiritualidade encarnada, que o direciona as realidades de sofrimento e exclusão, contribuindo assim na sua forma de ver e analisar o mundo.

CAPÍTULO 2 – IDEIAS CENTRAIS SOBRE AS MIGRAÇÕES

Através de uma leitura mais atenta dessas mensagens do Papa Francisco sobre as migrações e analisando-as em seu conjunto, é possível identificar algumas ideias centrais-convicções que estão por detrás delas como pano de fundo. Por meio dessas ideias ele lança luz sobre os motivos que levam as pessoas a migrarem, explicita os riscos a que elas estão expostas, expõe o projeto de Deus para a humanidade e, de maneira humilde e firme, sugere algumas pistas para a solução da crise, através das quais ele próprio se sente comprometido e convoca a Igreja a seguir os mesmos passos.

Um dos carismas de Francisco consiste exatamente em conseguir aterrissar a mensagem da Igreja, o conteúdo do magistério dos papas referente a doutrina social, às realidades concretas do acompanhamento pastoral. Com seu estilo narrativo e o frequente uso de imagens, de gestos, consegue aproximar a Igreja dessas realidades sociais, de maneira que as pessoas conseguem entender sua mensagem e sentir bem de perto seu cuidado pastoral.

Como não será possível recolher aqui todas as referências que ele fez a respeito da migrações e comentar todas elas, o que vamos desenvolver nesse segundo capítulo será uma síntese em dez palavras-expressões, do pensamento do Papa Francisco, nesses três anos de pontificado, sobre as migrações.

Através de uma linguagem simples e acessível, ele tem inovado bastante na forma como um papa expressa seu pensamento. Consegue assim tratar com facilidade vários assuntos em momentos diversos, como as rodas de prensa no avião, indo ou voltando de suas viagens; nas várias entrevistas concedidas pessoalmente e outras por telefone; ou mesmo expressando-se espontaneamente quando decide renunciar a leitura dos discursos preparados para determinadas ocasiões e opta por falar livremente, respondendo a perguntas e improvisando respostas; de maneira que não há como reunir todas essas referências em um só lugar. Além de fazer surgir também na mídia, textos de duvidosa autenticidade ou mesmo distorcendo o sentido original de suas palavras. Seria o mesmo que tentar recolher uma infinidade de plumas lançadas desde o alto aos quatro cantos do mundo.

Coletando as leituras sobre o tema que nos ocupa, nas diversas mensagens de Francisco, terminamos por montar um quadro bastante preciso de tudo o que ele disse nos

seus três primeiros anos de pontificado sobre as migrações¹. Sendo assim, torna-se mais fácil dirigir-se diretamente a posição do seu pontificado sobre os migrantes e refugiados. Um pontificado com postura firme, que continuará a despertar consciências e trazer esperança a todos aqueles que se encontram afetados por esse fenômeno tão antigo, mas que na atualidade tem tomado proporções inimagináveis. A crise continua e não dá sinais de que esteja perto do seu fim.

Apresentamos portanto a síntese dessas dez palavras-expressões, que nos permitem compreender como chave de leitura bíblica, teológica, filosófica, sociológica, antropológica, do pontificado de Francisco em relação aos migrantes e refugiados: “sinais dos tempos”, “defesa da dignidade humana”, “novas formas de pobreza e fragilidade”, “periferia”, “migrantes e refugiados – carne de Cristo”, “cultura da indiferença”, “cultura do descarte”, “cultura do encontro”, “globalização da solidariedade” e “cooperação internacional”.

2.1 “Sinais dos tempos”

Uma das características de Papa Francisco é ser um homem de discernimento, alguém que está conectado com a realidade e cujos sentidos captam o que está sucedendo com o mundo. Um mundo que está mudando rapidamente e que se faz necessário entender a lógica que está por detrás dessas mudanças e para onde elas se apontam.

Trata-se de uma expressão que aparece de certa forma nos evangelhos sinóticos (Mt. 16,1-4; Mc. 8,12; 13,1-37; Lc. 12,54-56) com diferentes hermenêuticas. Luis Gonzalez-Carvajal em seu livro “*Los signos de los tiempos. El Reino de Dios está entre nosotros...*”, descreve algumas formas de compreender essa expressão e reivindica o sentido original dessas passagens, no sentido de situá-las como aqueles fenômenos que são manifestações do Reino de Deus, que são sinais dos *últimos tempos*².

“*Sinal dos tempos*” aparece também como expressão própria do Concílio³, embora João XXIII tenha usado antes na encíclica *Pacem in terris* como subtítulos, apesar de que

¹ O quadro com os trechos mais importantes das mensagens de Francisco sobre as migrações encontra-se no final do trabalho. As mensagens obedece em sua apresentação a ordem cronológica, e identificado pelo seu gênero – discurso, mensagem, homília, entrevista, oração, etc.

² Cf. L. GONZALEZ-CARVAJAL, *Los signos de los tiempos. El Reino de Dios está entre nosotros*, Santander 1987, 231.

³ VATICANO II, *Gaudium et spes*, 4a; cf. também 11a e 44b; *Presbyterorum ordinis*, 9b; *Unitatis redintegratio*, 4a; *Apostolicam actuositatem*, 14c e PABLO VI, *Ecclesia suam*, 46.

seu sentido se vê refletido no texto. Na nova relação que a Igreja estabelece com o mundo, com a modernidade, a leitura dos “*sinais dos tempos*” é crucial para que ela possa cumprir fielmente sua missão. No número 4 da constituição pastoral *Gaudium et spes* encontra-se a expressão que também estará presente em outros documentos do magistério da Igreja.

“Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático”⁴.

Conhecer o mundo, a realidade, e manter continuamente um espírito de discernimento, de investigação, de reflexão, para captar a comunicação de Deus, do Reino, que está por detrás dos fenômenos.

Numa meditação matinal sobre o evangelho de Lucas 12,54-59, que refere-se sobre a interpretação dos sinais dos tempos, Francisco em sua reflexão convidou a uma atitude de discernimento e a questionar-se sobre que mensagem Deus está querendo comunicar hoje por meios dos seus sinais. Para esse discernimento ele indicou as atitudes de silêncio, reflexão e oração⁵.

Mas foi em sua primeira mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2014, com o tema “*Migrantes e refugiados: rumo a um mundo melhor*”, celebrando os 100 anos dessas jornadas anuais, que usou a expressão de Papa Bento XVI para sua primeira jornada em 2006, onde reafirma e reconhece o fenômeno da mobilidade humana como um “sinal dos tempos”. “Entre os resultados das mudanças modernas, o fenômeno crescente da mobilidade humana emerge como um “sinal dos tempos”⁶. Em seu discurso aos bispos da Conferência Episcopal de Eslováquia usa também a mesma expressão: “Uma ocasião, que se tornou um sinal dos tempos, é o fenômeno das migrações, que deve ser entendido e enfrentado com sensibilidade e sentido de justiça.”⁷.

⁴ Id., *Gaudium et Spes*, 4a.

⁵ FRANCISCO, *Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da Domus Sanctae Marthae*, (23.10.2015); Publicado no L’Osservatore Romano, ed. em português, n. 45 de 5 de novembro de 2015.

⁶ Id., *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do refugiado (2014)*, (05.08.2013): AAS 105 (2013), 926.

⁷ Id., *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita “ad limina apostolorum”*, (12.11.2015).

Mais de cem anos celebrando essas jornadas, a Igreja sinaliza que desde muito tempo está atenta as migrações como um dos “sinais dos tempos” que segue interpelando a ação dela, que por sua vez tem procurado responder dentro de suas possibilidades. Mesmo sabendo que sozinha não pode resolver uma crise dessa magnitude, não deixa de dar sua contribuição, fazendo o que está ao seu alcance, seja atuando emergencialmente, acompanhando pastoralmente essas pessoas, ou mesmo cobrando uma atuação mais enérgica e política da comunidade internacional.

Julio Martínez destaca que as migrações devem ser vistas como um elemento sistêmico da era global em que vivemos: “Si bien los fenómenos migratorios pueden verse como una constante de larga historia con un carácter que varía en el contexto de los cambios económicos y sociales, así como de los que se refieren a la evolución de la tecnología y la cultura, hoy no se puede entender la migración sin la globalización”⁸. Um fenómeno complexo que veio para ficar e que está desafiando a atual configuração dos Estados na resolução da crise.

A pesar de que as migrações sejam um fenómeno natural, universal, que está circunscrito no direito de ir e vir das pessoas, assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos⁹, não resta dúvidas de que o problema encontra-se quando esses deslocamentos são forçados pelos grandes desequilíbrios mundiais, como as guerras, as catástrofes naturais, situações de extrema pobreza, perseguição étnica, política, religiosa, etc¹⁰. Tem muitos rostos e causas diversas que levam as pessoas a empreenderem caminho sem muitas certezas do que irão encontrar. O que buscam é assegurar que o valor mais sagrado que possuem, suas vidas, dignidade e familiares, encontre um lugar viável e seguro.

É sobre esse aspecto forçoso, desumano, cruel, das migrações forçadas, que Papa Francisco busca alertar a humanidade e sobretudo os líderes políticos a darem uma resposta adequada e proporcional a atual crise, como o fez em seu discurso ao Congresso

⁸ J. L. MARTÍNEZ, *Ciudadanía, migraciones y religión*, Madrid 2007, 62.

⁹ Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo 13º. 1. *Toda pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado.* 2. *Toda pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.* Artigo que se encontra presente nas Constituições dos países democráticos. L. GONZÁLEZ-CARVAJAL, *En defensa de los humillados y oprimidos: los derechos humanos ante la fe cristiana*, Santander 2005. Nesta obra de González-Carvajal encontra-se um interessante quadro comparativo entre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o reconhecimento da maioria desses direitos pelo Papa João XXIII em sua encíclica *Pacem in terris*.

¹⁰ Cf. *Una nueva voz para nuestra época (Populorum Progressio 47)*, op. cit., Madrid 32006, 179-194.

dos EUA na sua visita apostólica: “O nosso mundo está a enfrentar uma crise de refugiados de tais proporções que não se via desde os tempos da II Guerra Mundial. Esta realidade coloca-nos diante de grandes desafios e decisões difíceis”¹¹.

Há praticamente um consenso de que estamos ante uma crise humanitária sem precedentes na história e que lamentavelmente não despontam sinais de que ela esteja chegando ao fim. Seguem os conflitos nos países de Oriente Médio. As fronteiras sangrentas ao redor do mundo seguem fechadas ao clamor das pessoas que buscam refúgio (Sul de Europa - Norte de África, Israel - Palestina, México -Estados Unidos, República Dominicana - Haiti). A burocracia, a lentidão e a falta de vontade política da comunidade internacional que não consegue dar uma resposta ética, humana e satisfatória a situação... fazem com que a crise se prolongue, que milhões de pessoas sigam esperando confinadas nos gigantescos acampamentos de refugiados em várias partes do mundo, pois não há espaço de integração para eles nas sociedades desenvolvidas, muito menos real interesse em ajudar a resolver os conflitos e desenvolver os países mais pobres onde se dá migrações em massa.

Uma crise humanitária que já cobrou a vida de milhares de pessoas nessas fronteiras ou mesmo no Mar Mediterrâneo, que tem comovido o mundo através de transmissões e imagens chocantes, e segue sem encontrar uma saída. São alarmantes os números apresentados por instituições sérias como o Parlamento Europeu, em que analisam os dados da crise em Síria e Iraque.

“Considerando que a atual crise de violência na Síria, em consequência da violência exercida pelo regime de Assad e pelos grupos terroristas, tem desencadeado uma catástrofe humanitária que atingiu uma escala sem precedentes na História, com mais de 200.000 mortos, na maior parte civis, mais de 7,6 milhões de pessoas deslocadas internamente e mais de 12,2 milhões de refugiados sírios que necessitam desesperadamente de assistência em território sírio; que 211 500 pessoas continuam a estar sitiadas - 185 000 das quais por forças governamentais e 26 500 por forças da oposição; que mais de 3,8 milhões de sírios fugiram do país, sobretudo para o Líbano (1.160.468 refugiados), Turquia (1.623.839 refugiados), Jordânia (621.773 refugiados), e Egito/Norte de África (160.772 refugiados).

Considerando que a situação humanitária no Iraque causada pelo atual conflito e pela violência e repressão exercidas pela organização terrorista ISIL/Daesh continua a agravar-se, e que mais de 5,2 milhões de pessoas necessitam urgentemente de ajuda humanitária, e mais de 2,1 milhões de iraquianos estão deslocados internamente; que 3,6 milhões de pessoas vivem em áreas controladas pelo ISIL/Daesh, 2,2 milhões

¹¹ FRANCISCO, *Discurso no Congresso dos EUA*, (24.09.2015).

das quais necessitam de ajuda de emergência, e que estas pessoas se encontram em zonas de difícil acesso; considerando que o Iraque também alberga mais de 233 000 refugiados sírios”¹².

Essa situação de Síria e Iraque, trata-se apenas de um triste rosto da crise humanitária atual. Sua dimensão global é muito maior. Mais do que ficar impressionados com esses números apresentado por analistas, por suas estatísticas, Papa Francisco chama a atenção para dar-se conta de que atrás de cada número desse, estão pessoas concretas a quem eles se referem. Seres humanos com nome, rosto, história, família, sonhos etc. Essas foram suas palavras dirigidas aos membros do “*Jesuit Refugee Service - JRS*” (Serviço Jesuíta aos Refugiados):

“O fenômeno das migrações forçadas hoje aumentou dramaticamente. Multidões de refugiados partem de diversos países do Médio Oriente, da África e da Ásia, procurando refúgio na Europa. O Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas avaliou que existem, em todo o mundo, quase 60 milhões de refugiados, o número mais elevado depois da segunda Guerra Mundial. Por detrás destas estatísticas há pessoas, cada uma com um nome, um rosto, uma história, e a sua inalienável dignidade de filhos de Deus”¹³.

Uma vez captado o sinal do Reino que Deus está manifestando na realidade, tal sinal desafia a Igreja fazer sua interpretação e ao mesmo tempo a compromete a tomar atitudes, as vezes difícil, como sair sempre em defesa da dignidade humana dos pobres, dos migrantes e refugiados, dos sofredores. Trata-se para Francisco um princípio irrenunciável.

2.2 Defesa da dignidade humana

Estamos diante de um conceito que é nuclear para a Antropologia Teológica e a Doutrina Social da Igreja, assim como para toda a missão evangelizadora da Igreja¹⁴. Toda e qualquer compreensão sobre o ser humano só encontra o seu sentido verdadeiro se está relacionado com o ato criador de Deus que o fez a sua “imagem e semelhança”.

Diferente de todos os demais seres criados, o ser humano não possui valor, como as coisas, mas dignidade. Não deve ser jamais usado como meio, mas ser reconhecido como fim, em seu valor absoluto. São noções de fundamento racional, universais, que o

¹² Site do Parlamento Europeu. Link sobre a proposta de resolução comum ante a crise humanitária na Síria e no Iraque devido ao particular contexto do Estado Islâmico. <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+MOTION+P8-RC-2015-0136+0+DOC+XML+V0//PT> (consultado 05.05.2016).

¹³ FRANCISCO, *Discurso aos membros do “Jesuit Refugee Service”*, (14.11.2015).

¹⁴ O capítulo I da constituição pastoral *Gaudium et spes* trata de forma ampla sobre a dignidade humana.

filósofo moderno Immanuel Kant (1724-1804) elaborou para assentar a base do seu sistema filosófico e moral. Com esse tipo de raciocínio não se permite pois que o ser humano seja coisificado, instrumentalizado, como um produto, uma mercadoria qualquer. Há que ser respeitada a dignidade que confere identidade ao ser humano. A formulação clássica para fundamentar esse conceito, consiste no imperativo categórico do filósofo, de agir de tal maneira que se tome a humanidade, tanto em tua pessoa, quanto na pessoa de qualquer outro, sempre ao mesmo tempo como fim, nunca meramente como meio. Uma negação absoluta de qualquer tentativa de instrumentalização do ser humano.

Tudo o que toca a dimensão humana da vida se reveste de uma importância capital para a Igreja. Ela, como “experta em humanidade”, está sempre comprometida com o desenvolvimento integral do ser humano, com o combate das realidades que ameaçam seu desejo de plenitude e de encontrar sua identidade e sentido na relação com o transcendente¹⁵. Sua voz reivindica uma compreensão do ser humano como vocacionado a uma relação de diálogo com o seu Criador.

A postura de Papa Francisco encontra-se em consonância com a milenar tradição da Igreja de defesa da dignidade humana em qualquer situação em que ela se encontre, sobretudo em situações de sofrimento. Há que reconhecer que na base dessa saída em defesa da dignidade está toda uma série de violências que atentam contra ela causando sofrimento nas pessoas. Em defesa do valor absoluto do ser humano e na proteção de qualquer tipo de violência que ameace a dignidade humana é que a Igreja sempre manifestará sua postura, o que não poderia ser diferente.

Papa Leão XIII, pai da Doutrina Social da Igreja, em sua encíclica *Rerum Novarum* chama a atenção para a importância de que as pessoas encontrem em seu países as condições necessárias para viver em paz junto aos seus: “...ninguém, com efeito, quererá trocar por uma região estrangeira a sua pátria e a sua terra natal, se nesta encontrasse os meios de levar uma vida mais tolerável¹⁶.” Mas quando essas condições não são asseguradas e pior, as pessoas são vítimas de perseguição política, religiosa, ideológica, não resta outra opção se não deixar sua terra e ir em busca de melhores condições de vida ou mesmo sobrevivência em outra pátria.

¹⁵ Cf. PABLO VI, *Populorum progressio*, 13.

¹⁶ LEÓN XIII, *Rerum novarum*, 28.

A Doutrina Social da Igreja não desconhece ou nega o direito que as pessoas tenham de emigrarem, de deixarem sua terra natal para irem em busca de um outro lugar para viverem. Direito que está relacionado não só com o direito de ir e vir, mas também com o direito a tomar parte do destino universal dos bens. O que sim a Igreja é consciente, é que essa necessidade de imigrar comporta uma série de riscos a vida e a dignidade das pessoas migrantes. Sobretudo atualmente quando há um crime organizado que lucra com a vida dessas pessoas.

As dificuldades com as quais os imigrantes se enfrentam ao saírem de seus países são muitas e atingem praticamente todas as áreas da vida. Colocam suas vidas em contextos que ameaçam a própria dignidade e a de seus familiares, como a desintegração social e familiar; a intolerância, o preconceito, violências; dificuldades de reivindicação social; insegurança e risco de cair na delinquência, no crime organizado; a dureza da solidão, do abandono e angústia; as carências religiosas e expressões da própria fé; terminarem como vítimas do tráfico humano e trabalho escravo...

Não há como separar a defesa da dignidade humana da afirmação dos direitos humanos. Tocamos em um elemento em que a Igreja e a Comunidade Internacional remam na mesma direção, em comum acordo do ser humano ser portador de direitos e deveres que precisam ser respeitados universalmente.

Certamente o discurso que Papa Francisco pronunciou no Parlamento Europeu tenha sido um dos mais profundos em defesa da dignidade humana nesse contexto, frente a uma instância de líderes políticos que se encontrava naquele momento com o desafio da chegada em massa de migrante e refugiados a suas fronteiras, e que poderiam juntos dar uma resposta à altura da crise. Com palavras fortes e imagens duras Francisco tenta alertá-los da falta de humanidade em ajudar a essas pessoas:

"É necessário enfrentar juntos a questão migratória. Não se pode tolerar que o Mar Mediterrâneo se torne um grande cemitério! Nos barcos que chegam diariamente às costas europeias, há homens e mulheres que precisam de acolhimento e ajuda. A falta de um apoio mútuo no seio da União Europeia arrisca-se a incentivar soluções particularistas para o problema, que não têm em conta a dignidade humana dos migrantes, promovendo o trabalho servil e contínuas tensões sociais. A Europa será capaz de enfrentar as problemáticas relacionadas com a imigração, se souber propor com clareza a sua identidade cultural e implementar legislações adequadas capazes de tutelar os direitos dos cidadãos europeus e, ao mesmo tempo, garantir o acolhimento dos imigrantes; se souber adoptar políticas justas, corajosas e concretas que ajudem os seus países de origem no desenvolvimento sociopolítico e na

superação dos conflitos internos – a principal causa deste fenómeno – em vez das políticas interesseiras que aumentam e nutrem tais conflitos. É necessário agir sobre as causas e não apenas sobre os efeitos”¹⁷.

Um discurso amplo, em que também desenvolve um pensamento sobre a estreita relação entre “dignidade” e “transcendente”, para juntá-la em uma expressão “dignidade transcendente” do homem, que possui direitos inalienáveis e cuja dignidade não pode estar privada do arbítrio de ninguém, nem sujeita a benefícios de interesses econômicos. Recorda aos deputados que na vocação de parlamentares eles estão chamados a cuidarem da fragilidade, dos povos e pessoas mais frágeis, mais vulneráveis. E termina com seu apelo a que sejam capazes de construir uma Europa aberta, em saída, que não gire apenas em torno da economia, mas da sacralidade da pessoa humana.

No trecho que reproduzimos aqui está contido o núcleo do que não podia faltar em sua fala numa oportunidade como essa. Seja pela conjuntura do momento em que se encontrava o mundo, ou mesmo pela esperança de que sua palavra em defesa da dignidade humana fosse capaz de tocar o coração e a vontade política deles.

No núcleo dessa mensagem, ele primeiramente menciona que se trata de um trabalho conjunto, de equipe, em que ninguém pode ou deve esquivar-se porque essa problemática não lhe diz respeito. Todos devem sentir-se implicados na busca de uma solução para essa crise migratória. A cada um compete fazer a sua parte. Um segundo aspecto está na imagem que usa para denunciar os milhares de mortos no Mediterrâneo, comparando-o com um cemitério, para dizer que não é essa sua função, que não é possível que as coisas sigam assim e que medidas urgentes devem ser tomadas para que essas tragédias não sigam sucedendo. Terceiro aspecto, se não atuam de forma conjunta, pensando e atuando de forma global, superando os particularismos, corre-se o risco de encontrarem respostas que não apenas não resolvem a crise, como fere a dignidade humana. Quarto, Europa deve resgatar sua identidade cultural, forjada por valores cristãos, de maneira que enfrente a imigração sendo capaz de pensar em si e nos demais, garantindo legislações que protejam e assegurem a todos, europeus e os migrantes. Quinto, é preciso cortar o mal pela raiz, pois medidas paliativas não irão estancar o fluxo migratório. Parte dessa solução passa pelo combate a pobreza, em produzir desenvolvimento socioeconômico nos países mais pobres, em promover oportunidades

¹⁷ FRANCISCO, *Discurso ao parlamento europeu em Estrasburgo*, (25.11.2014): AAS 106 (2014), 995.

de trabalho local, em investir na educação dos jovens e crianças, na superação das diferenças e conflitos pelas via do diálogo, e não da guerra.

No fundo, o que Francisco deseja expressar em seus discursos e gestos, defendendo a dignidade humana, é que o respeito a ela deveria ser de tal grandeza que jamais houvesse muros e fronteiras que a impedisse de desenvolver-se livre e integralmente. Que nenhum ser humano fosse considerado ilegal e sofresse qualquer tipo de violência que o atingisse em seu recinto mais sagrado, em sua inviolável dignidade.

2.3. “Novas formas de pobreza e fragilidade”

Ao celebrar os 100 anos da encíclica *Rerum novarum*, Papa João Paulo II em na encíclica *Centesimus annus* atualiza as palavras do seu antecessor e menciona as novas formas de pobreza produzidas pelo atual sistema global, ao qual apela a solidariedade dos Estados e da Comunidade Internacional¹⁸. No centro de sua ética social encontra-se o conceito de dignidade humana, que não aceita instrumentalizar o ser humano devido suas fragilidades, cuja pobreza muitas vezes é imposta pelo sistema econômico¹⁹. Uma de suas constantes críticas em relação à pobreza consiste em denunciar as desigualdades entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Pobreza, subdesenvolvimento, miséria, falta de oportunidades de trabalho e perspectiva de vida, estão relacionados diretamente com a mobilidade humana, sobretudo com os deslocamentos forçados²⁰. Seja em um processo de itinerância dentro do próprio país, migrando internamente para as regiões mais desenvolvidas e que ofereçam melhores condições de vida, ou mesmo tendo que migrar para uma terra estrangeira, uma vez que em seu próprio país não encontram essas condições:

“El punto de partida para migrar es, sin duda, la profunda desigualdad en la distribución de los recursos, resorte fundamental que impulsa buena parte del movimiento de las personas en el mundo. Armadas de angustia, desesperación, coraje, curiosidad, valor y esperanza, anualmente millones de personas emprenden el camino hacia nuevos horizontes, la mayoría de las veces inconscientes del propio derecho a la movilidad humana, cargando los resabios de miedos impuestos, que los convencen de *ser ilegales* en un planeta donde, por principio, nadie es ilegal”²¹.

¹⁸ Cf. JUAN PABLO II, *Centesimus annus*, 10 e *Sollicitudo rei socialis*, 15.

¹⁹ Cf. A. M. CÁCERES, op. cit., 82.

²⁰ Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Iglesia, servidora de los pobres*, Madrid 2015.

²¹ R. R. ARRIOLA, *El círculo. Apuntes de una migración*, México 2013, 80.

Diferentemente das migrações no final do século XIX e início do século XX, que em sua maioria consistiu num movimento de migrantes europeus para outros continentes e países que se encontravam em vias de desenvolvimento, as migrações do final do século XX e início do século XXI fazem agora exatamente o movimento contrário. Os novos migrantes e refugiados, cujos países se encontram falidos ou em conflitos, migram aos países que se encontram economicamente melhores. Atualmente é o fenômeno que está sucedendo com os refugiados sírios, que em sua maioria planejam ir a Alemanha e não se contentam apenas em livrar-se do que deu origem ao deslocamento.

É verdade que os pobres que emigram a um outro país, devido a situação econômica local precária, necessitam de certos recursos para poderem colocar-se em marcha. O que significa que muitas vezes não são os mais pobres entre os pobres aqueles que migram. Esses, por falta desses mínimos recursos, não podem recorrer a essa possibilidade e são obrigados a ir aguentando as duras condições de vida quanto é possível. Vão sobrevivendo a cada dia sem muitas esperanças de futuro.

Francisco, com muita insistência, combate uma economia que mata, que não põe em prioridade a vida humana, que não busca diminuir a desigualdade social, que não respeita a dignidade das pessoas, que considera o ser humano como mercadoria, que gira em torno do consumo e descarta aqueles que não entram nessa lógica. Sua postura firme está sempre na defesa da dignidade que jamais uma pessoa deve perder, por mais pobre que ela seja. Junto a essa economia, revela o escândalo que em pleno século XXI, com todo o avanço técnico-científico, a humanidade ainda não tenha conseguido superar o drama da fome, mesmo tendo colocado prazos para atingir tal objetivo. Uma contradição que a humanidade insiste em não resolver simplesmente por falta de vontade política para tal, visto que há condições efetivas para isto²².

Dentro dessa relação entre pobreza e migrações, fica evidente que enquanto não houver uma superação da pobreza, uma diminuição da desigualdade social, as pessoas não deixarão de migrar em busca de um lugar seguro e com condições melhores para viver. Os que vivem comodamente e não estão dispostos a ampliar uma sociedade de bem

²² Cf. FRANCISCO, *Discurso as organizações caritativas católicas que atuam na Síria*, (30.05.2014); *Discurso aos participantes na plenária do Pontifício Conselho Justiça e Paz*, (02.10.2014): AAS 106 (2014), 782; *Mensagem para a celebração do XLVIII Dia mundial da paz (1 de janeiro)*, (08.12.2014): AAS 107 (2015), 66; *Ângelus* (06.09.2015); *Discurso no encontro com os bispos dos Estados Unidos*, (23.09.2015) e *Discurso aos participantes no encontro promovido pela “Fundação Banco Alimentar”*, (03.10.2015).

estar a muito outros, continuarão a serem incomodados com a busca dessas pessoas pelo básico direito de garantir o sustento de sua vida e dos seus familiares. É visível nas grandes cidades o crescimento do desenvolvimento de arquiteturas contra os menos favorecidos, para mantê-los afastados e não perturbar a “paz social” em que se encontram os mais favorecidos. Enquanto não for implantada no mundo a justiça social, garantindo a todos os seres humanos, direitos fundamentais e bens básicos para que a vida seja possível, dificilmente as classes mais favorecidas poderão disfrutar comodamente seus benefícios sem serem incomodados.

Constantemente Francisco aponta que a solução de parte das causas que levam as pessoas migrarem encontra-se em empreender medidas de desenvolvimento e ajuda nos países mais pobres, de onde partem os migrantes, procurando combater na origem tais problemas e não apenas seus efeitos. Pois encontrando as condições em sua própria terra para viver em paz e dignamente, não terão necessidade de colocar em risco a própria vida e dignidade trilhando caminhos que os levarão muitas vezes ao tráfico humano, ao crime organizado, ao trabalho escravo, a prostituição, a todas essas condições desumanas e até mesmo a morte. É a essa violência da pobreza que estão dirigidas a maioria das mensagens de Francisco quando aprofunda sobre o vínculo existente entre pobreza e migrações²³.

Não compete a Igreja, muito menos em sua doutrina social, desenvolver e apresentar um modelo econômico e político para a sociedade, pois a parte que lhe toca consiste em dar princípios orientadores, critérios, lançar sua luz sobre a realidade humana. Seguem sendo inspiradores e norteadores os princípios da DSI²⁴: o respeito à dignidade transcendente do ser humano que o coloca em igualdade com todos os outros; o princípio do bem comum que explicita o respeito as condições do conjunto da vida social e que todos possam alcançar sua realização; o princípio da destinação universal dos bens que defende que a ninguém deve faltar os bens necessários para viver, visto que a criação é de todos; o princípio da subsidiariedade que cuida para que as sociedades e instâncias superiores assumam posturas de apoio, promoção e desenvolvimento das sociedades

²³ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para a 100ª Jornada Mundial do imigrante e do refugiado*, (05.08.2013): AAS 105 (2013), 926; *Discurso aos novos embaixadores junto a Santa Sé por ocasião da apresentação das credenciais*, (12.12.2013); *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude (Domingo de Ramos – 13 de abril de 2014)*, (21.01.2014): AAS 106 (2014), 348; *Discurso ao parlamento europeu*, (25.11.2014): AAS 106 (2014), 995 e *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé*, (11.01.2016).

²⁴ Cf. COMPENDIO DE LA DOCTRINA SOCIAL DE LA IGLESIA, Madrid 2009, 81-104.

menores; o princípio da participação que está na base da democracia e que assegura que todos devem participar da vida pública; o princípio da solidariedade como concretização da dimensão social do ser humano e como virtude moral; por fim, os valores fundamentais da vida social que não podem faltar: verdade, liberdade, justiça e amor.

O Documento de Aparecida, considerando o contexto atual da globalização e lançando o desafio de uma renovada pastoral social que seja capaz de promover um desenvolvimento humano integral, enumera uma lista dos novos rostos de pobres aos quais a Igreja está chamada a estar atenta:

“A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos de pobre. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas”²⁵.

Uma classificação bastante abrangente do conceito de pobre, que supera ao reducionismo da condição econômico-financeira, como aqueles que vivem com base numa quantidade “x” de dólar por dia. Os novos rostos contemplam pessoas vulneráveis, marginalizadas, excluídas, por diferentes razões. Em Aparecida, os migrantes abrem a lista desses novos pobres. Enquanto em *Evangelii gaudium* serão eles um desafio ao seu coração de pastor universal.

Dentre as novas formas de pobreza e fragilidade, onde os cristãos são chamados a reconhecerem o Senhor, Francisco retoma vários rostos que aparecem em Aparecida e faz emergir os migrantes, como uma nova forma de pobreza frente à crise humanitária atual:

“Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem abrigo, os toxicod dependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim,

²⁵ V CONFERENCIA GENERAL DEL EPISCOPADO LATINA-AMERICANO Y DEL CARIBE, Aparecida, 402.

por ser Pastor numa Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais²⁶.

Preocupa seu coração de pastor a existências de muros, de fronteiras que separam a família humana e não permitem que o ser humano seja livre para entrar e sair, ser atendido e socorrido em suas necessidades. Um apelo a abertura desses obstáculos, a deixar fluir a vida do centro para a periferia e da periferia para o centro.

2.4 Periferia

Toda teologia se constitui a partir de dois lugares, como afirma Boff, o lugar da fé e o lugar da realidade social dentro da qual se vive a fé. O que ele especifica através da metáfora dos dois olhos da teologia, usada pela patrística, como “*teologia ante et retro oculata*”. De maneira que com o olho posterior olha-se a manifestação salvadora de Deus no passado, as Escrituras, os concílios, a tradição do povo de Deus, o testemunho dos santos e dos doutores etc, enquanto que com o olho da frente se olha-se o presente, detecta-se os desafios que a realidade sócio histórica apresenta a fé, articulando-os com a vida²⁷. É reconhecer que a periferia tem uma palavra a dizer a fé. Que ela se converte para Francisco em um lugar teológico.

Nas discussões que antecederam o conclave, o cardeal cubano Jaime Ortega teve a iniciativa de pedir por escrito a intervenção de Bergoglio, cujo conceito de periferia aparecia nessa intervenção. Basicamente a nota conservada consiste sobre quatro pontos da missão evangelizadora da Igreja, motivada por um pensamento de Papa Paulo VI na encíclica *Evangelii nuntiandi* (80): ‘sobre a doce e confortadora alegria de evangelizar’. Os quatro pontos versam sobre a) A necessidade da Igreja de sair de si mesma e ir as periferias não apenas geográficas, mas também existenciais: as do mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância religiosa, do pensamento, de toda miséria; b) Que uma Igreja autocentrada adoece, prende Jesus e não o deixa sair; c) Que quando a Igreja deixa de ser mistério ela padece a ‘mundanidade espiritual’ – uma Igreja que vive em si, de si e para si; d) Que o novo papa deveria ser uma pessoa que desde a contemplação e a adoração de Jesus Cristo ajude a Igreja a sair de si para as periferias existenciais, que

²⁶ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 210.

²⁷ L. BOFF, *La fe en la periferia del mundo. El caminar de la Iglesia con los oprimidos*, Santander 1980, 9-11.

ajude-a ser a mãe fecunda que vive “da doce e confortadora alegria de evangelizar”²⁸. Com esses elementos entendemos melhor sua insistência em uma Igreja em saída, missionária e evangelizadora presente em EG.

“*O caminho de Jesus começou na periferia, vai dos pobres e com os pobres para todos*”²⁹. Fundado na própria experiência de Jesus, periferia é um conceito muito usado por Francisco. Tem aspectos positivos e negativos, mas que juntos ajudam a entender melhor a realidade. Em sua primeira visita a uma paróquia de sua diocese, escolheu justamente uma das paróquias da periferia da Diocese de Roma, onde fez questão de explicitar que aí se encontrava o bispo deles, com a presença de secretários do Papa que está no Vaticano. Dirigindo aos presentes umas palavras antes da missa, explicou que “*se entende melhor a realidade não a partir do centro, mas da periferia*”³⁰. Por isso, é preciso sair, deslocar-se, pôr-se em movimento.

A sua maneira de pensar a relação entre centro e periferia é basicamente o que dá sustentação ao seu esforço de promover uma Igreja em saída, descentrada, saindo de sua auto-referencialidade, para ir ao encontro das periferias geográficas e existenciais, como explicou na vigília e missa de Pentecostes com os movimentos eclesiais:

“Isto é um perigo: fecharmo-nos na paróquia, com os amigos, no movimento, com aqueles que pensam as mesmas coisas que eu... Sabeis o que sucede? Quando a Igreja se fecha, adocece, fica doente. Imaginai um quarto fechado durante um ano; quando lá entrais, cheira a mofo e há muitas coisas que não estão bem. A uma Igreja fechada sucede o mesmo: é uma Igreja doente. A Igreja deve sair de si mesma. Para onde? Para as periferias existenciais, sejam elas quais forem..., mas sair. Jesus diz-nos: «Ide pelo mundo inteiro! Ide! Pregai! Dai testemunho do Evangelho!» (cf. Mc 16, 15). Entretanto que acontece quando alguém sai de si mesmo? Pode suceder aquilo a que estão sujeitos quantos saem de casa e vão pela estrada: um acidente. Mas eu digo-vos: Prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, caída num acidente, que uma Igreja doente por fechamento! Ide para fora, saí!”³¹.

“O Espírito Santo ergue o nosso olhar para o horizonte e impele-nos para as periferias da existência a fim de anunciar a vida de Jesus Cristo. Perguntemo-nos, se tendemos a fechar-nos em nós mesmos, no nosso grupo, ou se deixamos que o Espírito Santo nos abra à missão”³².

²⁸ Relato encontrado em várias partes, que aqui reproduzimos a versão disponibilizada por Zenit: <https://es.zenit.org/articles/discurso-decisivo-del-cardenal-bergoglio-sobre-la-dulce-y-confortadora-alegria-de-evangelizar/> (consultado 25.02.2016).

²⁹ FRANCISCO, *Discurso em uma visita ao bairro pobre de Kangemi, em Nairobi – Quênia*, (27.11.2015).

³⁰ FRANCISCO, *Homilia na visita a Paróquia romana dos santos Isabel e Zacarias, Solenidade da Santíssima Trindade*, (26.05.2013).

³¹ *Id.*, *Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (18.05.2013).

³² *Id.*, *Homilia na missa de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (19.05.2013): AAS 105 (2013), 450.

Deixar-se guiar pelo Espírito que governa e conduz a Igreja. Uma Igreja em saída de si mesma para ir as periferias geográficas e existenciais faz parte da conversão pastoral e da nova etapa da evangelização que promove em *Evangelii gaudium*, cujo número 45 sintetiza bem o que busca Francisco com esse conceito, embora em muitos outros momentos da exortação também se refira a ele:

“La Iglesia «en salida» es una Iglesia con las puertas abiertas. Salir hacia los demás para llegar a las periferias humanas no implica correr hacia el mundo sin rumbo y sin sentido. Muchas veces es más bien detener el paso, dejar de lado la ansiedad para mirar a los ojos y escuchar, o renunciar a las urgencias para acompañar al que se quedó al costado del camino. A veces es como el padre del hijo pródigo, que se queda con las puertas abiertas para que, cuando regrese, pueda entrar sin dificultad”³³.

Sair ou ficar implica uma mudança, e nessa mudança de mentalidade é onde deve ir dando os passos de uma nova relação com a cultura, com o levar o Evangelho ao mundo, com o estar em seguimento de Cristo e ser testemunha dele seja lá onde estiver alguém movido pelo seu exemplo.

Centro e periferia são diferentes, mas não se auto excluem, mas bem podem estabelecer relações de diálogo e de complementariedade. Está presente aí um apelo a superar a separação, igualmente geográfica ou existencial. Na eclesiologia de Francisco não deve haver separação nas comunidades eclesiais entre clero e povo, ricos e pobres, sábios e ignorantes, idosos e crianças, ‘superiores’ e súditos, norte e sul, nações desenvolvidas e subdesenvolvidas... todos são chamados em Cristo a superar as divisões e viver a fraternidade, como nos diz São Paulo na carta aos Efésios 2,14-15:

“Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade – a Lei dos mandamentos expressa em preceitos – a fim de criar em si mesmo um só Homem novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só Corpo, por meio da cruz, na qual ele matou a inimizade”.

Mas periferia também está na ótica de Francisco como lugar geográfico onde se concentram os pobres, marginalizados e excluídos do convívio social dos centros das grandes cidades. Nelas vivem muitos imigrantes e refugiados. A essas periferias concretas, com rostos e endereços bem claros da segregação social, é onde ele deseja fazer chegar também a presença da Igreja. De maneira que as lideranças na Igreja estabeleçam relações de proximidade com o povo fiel de Deus a quem estão a serviço. Um Igreja

³³ *Id.*, *Evangelii gaudium*, 46. Cf. *id.*, 20, 30, 53, 59, 63, 191, 197, 288.

marcada por sua identidade de ‘povo’ e que traz em si o ‘cheiro de suas ovelhas’, como se referiu aos sacerdotes na homilia da missa crismal em que refletiu sobre o sacerdote como ‘ungido’ do Senhor:

“O óleo precioso, que unge a cabeça de Aarão, não se limita a perfumá-lo a ele, mas espalha-se e atinge «as periferias». O Senhor dirá claramente que a sua unção é para os pobres, os presos, os doentes e quantos estão tristes e abandonados. A unção, amados irmãos, não é para nos perfumar a nós mesmos, e menos ainda para que a conservemos num frasco, pois o óleo tornar-se-ia rançoso... e o coração amargo. (...) É preciso chegar a experimentar assim a nossa unção, com o seu poder e a sua eficácia redentora: nas «periferias» onde não falta sofrimento, há sangue derramado, há cegueira que quer ver, há prisioneiros de tantos patrões maus”³⁴.

Ministros enviados as periferias e fronteiras culturais onde se misturam as dimensões geográficas e existenciais dos novos pobres, como os destinatários do anúncio da *Boa Nova* que traz o Evangelho para suas vidas. Sobretudo para levar-lhes uma palavra de esperança, dizer-lhes que não estão sozinhos, que não foram abandonados por Deus, que sua vida é o dom precioso para Ele. Como bem reformulou Dom Oscar Romero a afirmação de Santo Irineu sobre a glória de Deus: ‘*Gloria Dei, vivens homo*’ – a glória de Deus é o homem vivo, para ‘*Gloria Dei, vivens pauper*’ – a glória de Deus é que o pobre viva³⁵.

Dom Oscar Romero, a quem papa Francisco declarou ‘beato’ no dia 23 de maio de 2015, encarnou no contexto latino-americano o modelo de pastor com ‘cheiro de ovelhas’, atento e enviado as periferias atuais, que hoje o papa deseja apresentar como referência de líder cristão. Não se trata de promover uma dinâmica de enfatizar apenas os aspectos duros, sofridos, humilhantes da pobreza, em que a Igreja deve marcar sua presença, mas também está chamada a participar das alegrias, vitórias e conquistas que os pobres alcançam em suas vidas:

“El papa Francisco insta infatigablemente a su clero y a los católicos en general a comprometerse en las fronteras culturales del mundo, a salir en busca de todos cuantos necesitan ayuda, a desafiar los poderosos del mundo en el nombre de los necesitados, a defender el derecho de todos los seres humanos a un trabajo digno y a sumergirse tan a fondo en las alegrías y los sufrimientos de aquellos a quien sirven que se impregnen del ‘olor de las ovejas’”³⁶.

³⁴ *Id.*, *Homilia na santa missa crismal*, (28.03.2013).

³⁵ Parte do texto considerado o testamento de Dom Oscar Romero, proferido por ele em 2 de fevereiro de 1980 no recebimento de uma homenagem pela Universidade de Lovaina, exatamente a 50 dias antes do seu assassinato em El Salvador no dia 24 de março de 1980.

³⁶ CH. LOWEY, *op. cit.*, 214.

Os migrantes e refugiados também estão relacionados diretamente com as mensagens e discursos de papa Francisco sobre as periferias em diferentes ocasiões:

“O mundo globalizado no qual vivemos exige de nós um testemunho comum da dignidade conferida por Deus a cada ser humano. Em fidelidade ao Evangelho e em resposta às necessidades urgentes do presente, somos chamados a ir ao encontro daqueles que se encontram nas periferias existenciais das nossas sociedades e a manifestar uma solidariedade especial para com os nossos irmãos e irmãs mais vulneráveis: os pobres, os portadores de deficiência, os nascituros, os enfermos, os migrantes, os refugiados, os idosos e os jovens desempregados”³⁷.

“Nos países mais pobres, mas também nas periferias dos países mais ricos encontram-se muitas pessoas cansadas e abatidas, sob o peso insuportável do abandono e da indiferença. Numerosas pessoas são obrigadas a emigrar da sua Pátria, pondo em perigo a própria vida. Um número muito maior delas suportam todos os dias o fardo de um sistema económico que explora o homem e impõe um «jugo» insuportável, que os poucos privilegiados não querem carregar”³⁸.

“O colonialismo, novo e velho, que reduz os países pobres a meros fornecedores de matérias-primas e mão de obra barata, gera violência, miséria, emigrações forçadas e todos os males que vêm juntos... precisamente porque, ao pôr a periferia em função do centro, nega-lhes o direito a um desenvolvimento integral. E isto, irmãos, é desigualdade, e a desigualdade gera violência que nenhum recurso policial, militar ou dos serviços secretos será capaz de deter”³⁹.

Através desses breves extratos de algumas de suas mensagens, percebe-se a relação que ele estabelece entre migrações, pobreza, defesa da dignidade, contextualizadas a partir do conceito de periferia.

Na escolha dos países para realizar suas visitas apostólicas transparece também o critério de ir ao encontro dos países mais pobres, mais periféricos. Nos gestos realizados em Lampedusa, Ciudad Juarez e Lesbos, estão presentes sua intenção de chamar a atenção para essas periferias e comunicar desde elas ao ‘centro’, a outras partes do mundo, aos líderes das grandes potências econômicas, denunciando as consequências de seguir com uma lógica social, política e econômica que cria exclusão, marginalização, pobreza e desumanização e mortes na maior parte do mundo.

Sem dúvidas a experiência de ter tocado concretamente e existencialmente as *Villas misérias* em Argentina, como conhecer de perto as favelas, os *campamentos* das

³⁷ FRANCISCO, *Mensagem ao cardeal Kurt Koch por ocasião da 10ª Assembleia Geral do Conselho Ecuménico das Igrejas*, (04.10.2013).

³⁸ *Id.*, *Ângelus*, (06.07.2014).

³⁹ *Id.*, *Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra – Bolívia*, (09.07.2014).

grandes cidades latino-americanas onde se aglutinam milhares de pobres que não tem condições de viver dignamente, será o que tem deixado essa marca em seu coração de pastor sensível a essas pessoas e atentos a essas realidades. Ele sabe que há nesses lugares uma mensagem que Deus está querendo comunicar ao mundo. Sabe que muitas dessas condições fere a dignidade humana e ofende ao projeto do criador.

Quando formador insistia bastante na importância do contato com os jovens que iniciavam a formação na Vida Religiosa, com o mundo dos pobres, com as periferias, onde os enviava a dar catequese, escutar as famílias, inteirar-se dos problemas reais dessa gente. Igualmente quando arcebispo em Buenos Aires sempre manteve uma proximidade e cuidado com os padres que acompanhavam mais de perto os bairros pobres, as *Villas*, de maneira que demonstra acreditar nesse tipo de relação e aprendizagem na hora de viver a fé e transmitir os valores do Evangelho:

“... se não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogarem com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegrações, o que poderemos esperar para o caminho presente e futuro? Não é verdade que Deus se tenha obscurecido nelas. Aprendamos a olhar mais profundamente: falta quem lhes aqueça o coração, como sucedeu com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,32)”⁴⁰.

A esse mundo da periferia onde estão confinados milhares de migrantes e refugiados, uma presença humana, cristã, que reconhece no rosto dos pobres a face do Cristo que sofre, faz toda a diferença na vida dessas pessoas. Alimenta nelas o sentido da vida, desperta as esperanças adormecidas, ajuda a não desistir do sonho de dias melhores. Nada mais é do que a consciência de que cada ato realizado ou deixado de realizar em prol do ser humano, está direcionado a Deus. “*Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meu irmãos mais pequeninos, a mim o fizeste*” (Mt 25,40).

Seu interesse em relacionar centro e periferia, de modo que haja um fluir de sabedoria e troca de experiências, de ajuda-mútua, está bem descrito na encíclica *Laudato si* onde descreve a necessidade de produzir uma reflexão e pensamento que na hora da ação contemplem a dura realidade dos pobres, da periferia, e não se distanciem dela. Muito menos o pensar teológico:

“Quisiera advertir que no suele haber conciencia clara de los problemas que afectan particularmente a los excluidos. Ellos son la mayor parte del planeta, miles de

⁴⁰ *Id.*, *Discurso ao episcopado brasileiro em Rio de Janeiro*, (27.07.2013): AAS 105 (2013), 685.

millones de personas. Hoy están presentes en los debates políticos y económicos internacionales, pero frecuentemente parece que sus problemas se plantean como un apéndice, como una cuestión que se añade casi por obligación o de manera periférica, si es que no se los considera un mero daño colateral. De hecho, a la hora de la actuación concreta, quedan frecuentemente en el último lugar. Ello se debe en parte a que muchos profesionales, formadores de opinión, medios de comunicación y centros de poder están ubicados lejos de ellos, en áreas urbanas aisladas, sin tomar contacto directo con sus problemas. Viven y reflexionan desde la comodidad de un desarrollo y de una calidad de vida que no están al alcance de la mayoría de la población mundial. Esta falta de contacto físico y de encuentro, a veces favorecida por la desintegración de nuestras ciudades, ayuda a cauterizar la conciencia y a ignorar parte de la realidad en análisis sesgados. Esto a veces convive con un discurso «verde». Pero hoy no podemos dejar de reconocer que un verdadero planteo ecológico se convierte siempre en un planteo social, que debe integrar la justicia en las discusiones sobre el ambiente, para escuchar tanto el clamor de la tierra como el clamor de los pobres”⁴¹.

Uma advertência a não separar realidades que devem ser pensadas unidas. A preocupação ecológica não pode estar desvinculada da preocupação social, do mundo dos pobres, que são justamente os primeiros a sofrerem as consequências desse desequilíbrio.

2.5 Migrantes e refugiados: “carne de Cristo”

Com essa expressão, Francisco aprofunda o evento da encarnação de Deus, que em Jesus assume a plenitude da Revelação⁴² e recupera, de certa forma, a antropologia e teologia de Santo Irineu sobre a “carne de Deus”, cuja encarnação do Verbo está relacionada com o ser humano e sua salvação, por ser ‘imagem e semelhança de Deus’. Deus e o homem estão unidos, como nos explica González Faus:

“Pero Ireneo, cuya visión de las cosas se empeña en ser confiadamente, obstinadamente armónica, sabe que ese carácter salvífico no es más que expresión de la realidad última de las cosas; y, por eso, lo que Cristo sea para él, dependerá radical y absolutamente de lo que sea en sí, y la salvación que Cristo trae está vinculada a lo que Cristo es. Por eso buena parte de la lucha de Ireneo contra los agnósticos va a salvar la realidad (humano-divina) de Cristo”⁴³.

Em maio de 2013, durante um discurso aos membros do Pontifício Conselho dos Imigrantes e Refugiados, foi quando se deu praticamente a primeira aproximação de papa Francisco diante da realidade do fenômeno das migrações de forma mais direta e concreta.

⁴¹ *Id.*, *Laudato si*, 49.

⁴² Cf. VATICANO II, *Dei verbum*, 2-4.

⁴³ J. I. GONZÁLEZ FAUS, *Carne de Dios. Significado salvador de la Encarnación en la teología de san Ireneo*, Barcelona 1969, 13-14.

Mesmo sabendo que se trata de uma realidade humana muito presente anteriormente em suas orações e em seu coração de pastor.

Muitos se referem a sua visita a ilha de Lampedusa, em sua primeira viagem dentro da Itália, como seu primeiro contato com essa realidade de dor e sofrimento que vivem milhares de pessoas migrantes e refugiadas em várias partes do mundo. Acreditamos que esse discurso aos membros do Pontifício Conselho dos Imigrantes e Refugiados, que precede sua ida a Lampedusa, o prepara e dá profundidade. Além de ser uma realidade que já a carrega dentro, sabe que frente a essa tragédia humana a Igreja não pode se omitir e deixar de manifestar um gesto profético que dê visibilidade sobre qual seja a postura da mensagem cristã a esse respeito.

Ele quer chamar a atenção ao respeito a cada pessoa e seus direitos fundamentais. Recorda um trecho da homilia do Papa Paulo VI no encerramento do Concílio Vaticano II em que dizia: *“Para a Igreja católica, ninguém é estrangeiro, ninguém é excluído, ninguém está distante”*⁴⁴. Cada ser humano é importante, ninguém sobra na grande família dos filhos de Deus e muito menos no coração da Igreja.

Sua sensibilidade social com os que mais sofrem, o faz reconhecer neles a *“carne de Cristo”* presente nesses sofredores. Assim como consegue também despertar em outros as forças morais e espirituais que os tiram do comodismo e imobilismo para fazer algo, somar sua contribuição para diminuir a dor no mundo. De maneira que em seus gestos reside seu poder de atração e de convencimento de que o caminho trilhado por ele deve ser o caminho dos que seguem a Cristo. Reconhecer na pessoa dos migrantes e refugiados a *“carne de Cristo”* a quem estão chamados a cuidar.

Apresentamos quatro de suas mensagens de seu pontificado, em que relaciona os pobres, migrantes e refugiados, identificando-os com a *“carne de Cristo”*, frente a dificuldade de compreender a dimensão religiosa que o pobre representa. O que não deixa de estar por detrás também, seu interesse em estabelecer programas de ajudas a essas pessoas e salvá-las das constantes ameaças de morte.

Aos membros do Pontifício Conselho dos Imigrantes e Refugiados recorda a importante tarefa de ir ao encontro do Cristo migrante e refugiado que se encontra nessas

⁴⁴ H. FESQUET, *Diario del concilio*, Barcelona 1967, 1244.

peessoas. Desenvolver um trabalho articulado com outras instituições para responder aos desafios desse fenômeno que segue se expandindo.

“Estimados amigos, não vos esqueçais da carne de Cristo que está na carne dos refugiados: a carne deles é a carne de Cristo. Também vós tendes a tarefa de orientar para novas formas de co-responsabilidade todos os Organismos comprometidos no campo das migrações forçadas. Infelizmente, trata-se de um fenômeno em expansão contínua, e portanto a vossa missão é cada vez mais exigente, para favorecer respostas concretas de proximidade e de acompanhamento das pessoas, tendo em consideração as diversas situações locais”⁴⁵.

Aos jovens, em mensagem de preparação a Jornada Mundial da Juventude, lança um apelo de uma conversão ao mundo dos pobres, de proximidade a eles, para que seja possível identificar nos pobres a presença do Senhor a quem eles desejam amar e servir. Amor e serviço que pede coragem para mudar o estilo de vida, mentalidades e sair em defesa da vida e da dignidade dos migrantes e refugiados.

“Frente as antigas e novas formas de pobreza (o desemprego, a migração, muitas dependências de vários tipos) vencer a tentação da indiferença. Os pobres são uma oportunidade concreta de encontrar o próprio Cristo, de tocar a sua carne sofredora”⁴⁶.

Aos membros da ‘Fundação Banco Alimentar’ destaca o escândalo e o pecado de que a fome continue sendo uma realidade que condena a morte milhares de pessoas no mundo. Enquanto há recursos suficientes que poderiam ser repartidos e atender as necessidades de todos os seres humanos. Um apelo a não fazer dos pobres, migrantes e refugiados apenas um número de estatísticas, um objeto, alguém a quem apenas destinar recursos, mas vê-los em sua condição de ser humanos, irmãos, onde o Senhor se faz presente. Ajudá-los a recuperar a dignidade ameaçada pela violência da fome e da ganância do mundo:

“A situação agravou-se com o aumento dos fluxos migratórios, que trazem à Europa milhares de refugiados, que fogem dos próprios países e carecem de tudo. Diante de um problema tão incomensurável, ressoam as palavras de Jesus: «Tive fome e desteme de comer» (Mt 25, 35). Partilhando a necessidade do pão quotidiano, encontrá-vois diariamente com centenas de pessoas. Não esqueçais que são pessoas, não números, cada um com o seu fardo de dor, que às vezes parece impossível carregar. Tendo isto sempre presente, sabereis olhar para elas nos rostos, nos olhos, apertá-lhes a mão, descobrir nelas a carne de Cristo e ajudá-las a reconquistar a dignidade

⁴⁵ FRANCISCO, *Discurso aos participantes na sessão plenária do Conselho Pontifício dos Imigrantes e Refugiados*, (24.05.2013): AAS 105 (2013), 470.

⁴⁶ *Id.*, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude (Domingo de ramos – 13 de abril de 2014)*, (21.01.2014): AAS 106 (2014), 106.

e a erguer-se. Encorajo-vos a ser irmãos e amigos dos pobres; a fazer com que se sintam importantes aos olhos de Deus”⁴⁷.

Com essa expressão “migrantes e refugiados: *carne de Cristo*”, Francisco entra especificamente no campo da teologia, embora de algum modo nas expressões anteriores de cunho mais sociológicos, fenomenológicos, não deixam de ter elementos que estão conectados com a dimensão teológica.

Ao identificar na pessoa do pobre a presença de Cristo e questionar a realidade social e religiosa do país frente as injustiças presentes, Francisco apresenta uma semelhança muito grande com o santo jesuíta Alberto Hurtado (1901-1952), cujo legado social marcou a sociedade chilena e tem em sua obra ‘*Hogar de Cristo*’ a expressão máxima do compromisso cristão com os pobres e marginalizados que vivem em Chile⁴⁸.

Como Francisco, Alberto Hurtado tinha profundamente enraizado dentro de si a relação entre Cristo e os pobres, a cristologia e a ética. Ao contexto social de sua época, em que surge a Doutrina Social da Igreja, mas também através da sua preocupação que esse pensamento da Igreja chegasse as classes populares, as classes obreiras que se sentiam longe do cuidado eclesial, Alberto Hurtado consegue despertar muitas consciências cristãs adormecidas e com elas faz surgir uma obra que levará a presença da Igreja junto aos mais pobres. Tudo começa em um encontro com um pobre, tremendo de frio numa noite fria e de chuva em Santiago de Chile e o reconhecimento de que esse pobre era Cristo, que vive nas ruas e não tem um lar. Hurtado mesmo quem narra esse encontro com Cristo na pessoa do pobre, que está na raiz do seu legado social:

*“Cristo vaga por nuestras calles en la persona de tantos pobres, enfermos, desalojados de su mísero conventillo. Cristo, acurrucado bajo las puentes, en las personas de tantos niños que no tienen a quién llamar ‘padre’, que carecen hace mucho años del beso de la madre sobre su frente... ¡Cristo no tiene hogar! ¿No queremos dárselo nosotros, los que tenemos la dicha de tener hogar comfortable, comida abundante, medios para educar y asegurar el porvenir de los hijos? ‘Lo que hagan al más pequeño de mis hermanos, me lo hacen a Mí’ ha dicho Jesús”*⁴⁹.

Fica evidente que uma profunda cristologia tende a cultivar no coração das pessoas uma forte sensibilidade e compromisso social com o mundo dos pobres. Não se trata de ser movido por nenhum tipo de ideologias de cunho marxistas, socialistas, ou o que quer que seja, mas sim de ser conduzido pela fé cristológica como já recordamos as

⁴⁷ *Id.*, *Discurso aos participantes no encontro promovido pela "Fundação Banco Alimentar"*, (03.10.2015).

⁴⁸ Atualmente o *Hogar de Cristo* encontra-se presente praticamente em todo o país através de 474 obras, atendendo a mais de 21 mil pessoas necessitadas. Para conhecer melhor a dimensão dessa obra fundada por Alberto Hurtado pode-se obter mais informações através do site: <http://www.hogardecristo.cl/> (consultado 05.02.2016).

⁴⁹ T. MIFSUD, *El sentido social: el legado ético del Padre Hurtado*, Santiago de Chile 2005, 26.

palavras de Bento XVI em Aparecida: “...a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)”⁵⁰. Francisco mesmo explica essa categoria teológica que podemos encontrar na pobreza:

“Este é o problema: a carne de Cristo, tocar a carne de Cristo, assumir este sofrimento pelos pobres. A pobreza, para nós cristãos, não é uma categoria sociológica, filosófica ou cultural. Não! É uma categoria teológica. Diria que esta é talvez a primeira categoria, porque aquele Deus, o Filho de Deus, humilhou-se, fez-se pobre para caminhar conosco ao longo da estrada. E esta é a nossa pobreza: a pobreza da carne de Cristo, a pobreza que nos trouxe o Filho de Deus com a sua Encarnação. A Igreja pobre para os pobres começa pelo dirigir-se à carne de Cristo. Se nos fixarmos na carne de Cristo, começamos a compreender qualquer coisa, a compreender o que é esta pobreza, a pobreza do Senhor”⁵¹.

Essa expressão de Francisco de ‘*tocar a carne de Cristo*’ na pessoa dos pobres, configura-se uma dimensão muito interessante de sua teologia que mereceria um aprofundamento. Mas também, não deixa de evocar uma característica muito típica da religiosidade popular que é o uso dos sentidos na expressão da fé. Ver e tocar os símbolos religiosos, os objetos sagrados como a custódia, o sacrário, os altares, as imagens etc, são elementos que fazem parte do modo como as pessoas mais simples manifestam sua relação com Deus, com o transcendente. No fundo, ele está querendo comunicar que essa expressão da fé deve se fazer presente também na relação com os pobres, com os que sofrem, com as pessoas migrantes e refugiadas, de modo que a fé e o amor devotados a Deus passem pelo ‘toque’ na vida dessas pessoas concretas.

É dar espaço a exortação da primeira carta de São João de que não há amor a Deus que não passe pelo amor concreto aos seres humanos: “*Quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro. Se alguém disse: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar*” (1Jo 4,19-20). A esse Deus que sempre nos ‘*primerea*’⁵², que nos ama primeiro, que toma a iniciativa de vir ao encontro do ser humano, cabe também uma resposta de reconhecimento e agradecimento, retornando a ele esse amor, através de uma entrega e serviço junto aqueles cuja vida e dignidade sofrem violência. Não ficar anestesiados,

⁵⁰ BENTO XVI, “Discurso na sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Episcopal da América Latina e do caribe, no Santuário de Aparecida em 13 de maio de 2007”.

⁵¹ FRANCISCO, *Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (18.05.2013).

⁵² Expressão várias vezes usada por Francisco para ressaltar que Deus sempre se antecipa ao ser humano, como usou pela primeira vez, no discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais em 18.05.2013.

tranquilos, diante do sofrimento dos pobres. Ir a encontro da carne de Cristo, tocá-la. Não permitir que a ingratidão e a indiferença feche o coração diante da realidade de sofrimento dos outros.

Por fim, um chamado de atenção para um gesto concreto muito importante, para que a Igreja se coloque em uma atitude de acolhida aos migrantes e refugiados, nos quais estão presentes a “carne de Cristo”:

“Em particular — isto é importante e digo-o de coração — gostaria de convidar também os Institutos religiosos a ler seriamente e com responsabilidade este sinal dos tempos. O Senhor chama a viver com mais coragem e generosidade o acolhimento nas comunidades, nas casas, nos conventos vazios. Caríssimos religiosos e religiosas, os conventos vazios não servem à Igreja para serem transformados em hotéis e ganhar dinheiro. Os conventos vazios não são vossos, são para a carne de Cristo que são os refugiados. O Senhor chama a viver com mais coragem e generosidade nas comunidades, nas casas, nos conventos vazios. Precisamos de comunidades solidárias que vivam o amor de modo concreto!”⁵³.

Atualmente há expressões concretas dessa acolhida a “carne de Cristo” em programas de Comunidades de Acolhida e de Hospitalidade em que migrantes e refugiados são integrados nas comunidades religiosas em uma estadia temporária, enquanto outras possibilidades são encontradas⁵⁴. Não há números exatos de quantos desses conventos vazios já foram colocados à disposição da acolhida dos refugiados, mas não deixa de ser uma provocação as congregações religiosas para que não entrem na mentalidade da “mundanidade espiritual”, invertendo as lógicas do agir de Deus e do agir do mundo.

2.6 Cultura da indiferença

Globalização e indiferença são dois termos que o Bergoglio já os tinha bastante refletido e aprofundado quando estava à frente da Arquidiocese de Buenos Aires. Que na verdade consiste em costumar-se em ver situações de dor, sofrimento e injustiça e não sentir-se afetado por elas. Um trecho de uma mensagem dele por ocasião do início da quaresma de 2009 descreve essa realidade:

“Hay algunos paisajes a los que nos terminamos acostumbrando de tanto verlos. El gran riesgo del acostumbramiento es la indiferencia: ya nada nos causa asombro, nos

⁵³ FRANCISCO, *Discurso na visita ao “Centro Astalli” de Roma para assistência aos refugiados*, (10.09.2013): AAS 105 (2013), 886.

⁵⁴ A Conferência europeia dos provinciais jesuítas tem colocado em marcha em vários países programas de acolhida aos migrantes e refugiados, que em Espanha são chamadas de “Comunidades de hospitalidade”.

estremece, nos alegra, nos golpea, nos cuestiona. Algo así puede pasarnos con el triste paisaje que asoma cada vez con más fuerza en nuestras calles. Nos acostumbramos a ver hombre y mujeres de toda edad pidiendo o revolviendo la basura, a muchos ancianos durmiendo en las esquinas o en los umbrales de los negocios, a muchos chicos durante el invierno acostados sobre las rejillas de los tragaluces de los subtes para que les suba algo de calor. Con el acostumbramiento viene la indiferencia: no nos interesan sus vidas, sus historias, sus necesidades ni su futuro. Cuántas veces sus miradas reclamadoras nos hicieron bajar las nuestras para poder seguir de largo. Sin embargo es el paisaje que nos rodea y nosotros, queramos verlo o no, formamos parte de él”⁵⁵.

O combate a cultura da indiferença, da insensibilidade frente as necessidades e sofrimentos dos outros é outra ideia central no pensamento de Francisco em relação as migrações. Passa por uma análise e crítica da líquida sociedade contemporânea; de uma cultura do bem-estar, comodamente instaladas nas sociedades mais desenvolvidas; de uma economia que prioriza o dinheiro, o lucro e não o ser humano; da ausência de compromissos estáveis etc. Em que detecta que atualmente a indiferença alcançou uma dimensão global, presente em várias culturas.

Para fazer frente a esse cultura da indiferença é necessário igualmente uma resposta e estratégias globais para superá-la. Cujas saídas apontam por meio da globalização da fraternidade, da solidariedade, da defesa da dignidade humana e dos direitos humanos.

Ao mencionar tantas vezes em suas mensagens a presença dessa cultura da indiferença nas pessoas, mas também em instituições, seu interesse é desmascarar uma espécie de cegueira moral em que está mergulhada a sociedade atual. Facilmente é possível constatar essa cegueira moral, como ele mesmo diz, quando “...hoje encontrar um sem-teto morto de frio não é notícia. Hoje é notícia, talvez, um escândalo. Um escândalo: ah, isso é notícia! Hoje pensar que muitas crianças não terão que comer não é notícia. Isto é grave; sim, grave! Não podemos ficar tranquilos!”⁵⁶.

Frente a essa crise humanitária que diariamente tem sido noticiada pelos meios de comunicação, a resposta de muitas pessoas, instituições, Estados, tem sido a indiferença. Ao acostumar-se com essas notícias, já não incomodam em nada seguir o ritmo normal da vida. Tristemente acostuma-se com rapidez e tranquilidade a realidade tão duras,

⁵⁵ Cf. Homilia de Quarta-feira de Cinzas sobre ‘Ayunar es amar’, em 25 de fevereiro de 2009. http://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2009.htm#AYUNAR_ES_AMAR (consultado 22.02.2016).

⁵⁶ FRANCISCO, *Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (18.05.2013).

sofridas e desumanas, que um ser humano de verdade jamais deveria acostumar-se. Muito pelo contrário, deveria ter sua consciência inquieta, remordida, questionada, perguntando-se pela sua participação e colaboração nessa situação em que se encontram essas pessoas, assim como junto a outros buscar comprometer-se em fazer o que estiver ao seu alcance para socorrer essas pessoas e evitar que situações como essas voltem a suceder.

Foi em sua visita à Lampedusa onde expressou sua mais dura crítica a globalização da indiferença, a perda dos valores mais humanos que é importar-se pela vida do outro, sentir-se responsável pelo irmão: “Perdemos o sentido da responsabilidade fraterna. Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de ‘padecer com’: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!”⁵⁷.

Os gestos de Francisco em sua ida a Lampedusa e recentemente a ilha grega de Lesbos quer ser uma denúncia dessa indiferença e para mostrar ao mundo as consequências desse tipo de atitude em continuar indiferentes à crise que levam essas pessoas a encontrarem-se com a morte. Além de manifestar sua preocupação, proximidade e sensibilidade ao sofrimento dessas pessoas, apela por uma mudança de atitude, mentalidade e políticas públicas concretas que possam dar uma solução a essa situação cruel.

Dentro dessa sociedade cada vez mais insensível ao sofrimento dos outros, essas imagens e informações sobre as tragédias humanas de migrantes e refugiados, quando o muito o que conseguem é uma comoção, tocar de leve no emocional e no sentimentalismo das pessoas, que ao cabo de duas ou três horas já não se lembrarão mais do que viram. Poucas são as que se preocupam em saber porque esse tipo de tragédia sucede, quem são os responsáveis que estão por detrás, o que levou essas pessoas a tomarem essa decisão, etc. Uma comoção que poderá fazer cair algumas lágrimas, desfazer um sorriso, esboçar um rosto sério e preocupado com a situação, mas que não passará de alguns minutos, ou vaga lembrança. Um sentimentalismo desnecessário e de certa forma inútil, pois nada ou muito pouco muda a realidade dos que sofrem.

É preciso passar da comoção a ação, de um sentimentalismo vazio a uma postura de compromisso. Isso implica uma transformação pessoal e participação afetiva-efetiva

⁵⁷ *Id.*, *Homilia em Lampedusa pelas vítimas dos naufrágios*, (08.07.2013): AAS 105 (2013), 653.

na vida concreta dessas pessoas. Portanto, é necessário somar forças, juntar-se a outros, estabelecer parcerias, colocar os dons a serviço dos que mais necessitam, pois só assim é possível transformar a realidade da indiferença.

Nas mensagens que se refere a cultura e globalização da indiferença, Francisco expõe os migrantes e refugiados como vítimas da lógica da indiferença, chama de doença que afeta atualmente o mundo e denuncia a pior indiferença, quando se trata de cristãos e de pastores da Igreja frente a essa realidade:

“Outro problema grave, relacionado com o precedente, que o nosso mundo deve enfrentar, refere-se à migração de massa: já o notável número de homens e de mulheres que são obrigados a procurar um trabalho distante da própria Pátria é motivo de preocupação. Eles tornam-se vítimas de uma certa globalização da indiferença. Isto não pode continuar assim! O tráfico de seres humanos é um flagelo, um crime contra a humanidade inteira”⁵⁸.

“... temos o dever de reconhecer com profunda dor que a crise síria ainda não foi resolvida, aliás continua, enquanto subsiste o risco de nos habituarmos à mesma, de esquecermos as vítimas quotidianas, os sofrimentos indescritíveis, os milhares de refugiados, entre os quais idosos e crianças, que padecem e às vezes morrem de fome e de enfermidades causadas pela própria guerra. Esta indiferença faz mal! Mais uma vez, devemos repetir o nome da doença que nos faz tão mal no mundo de hoje: a globalização da indiferença”⁵⁹.

“Volto espiritualmente ao largo do mar Mediterrâneo para chorar com quantos sofrem e para lançar as flores da oração de sufrágio pelas mulheres, homens e crianças vítimas de um drama que parece não ter fim, e que exige ser tratado não com a lógica da indiferença mas com a lógica da hospitalidade e da partilha, a fim de tutelar e promover a dignidade e a centralidade de cada ser humano”⁶⁰.

“Nos países mais pobres, mas também nas periferias dos países mais ricos encontram-se muitas pessoas cansadas e abatidas, sob o peso insuportável do abandono e da indiferença. A indiferença: como a indiferença humana faz mal aos necessitados! E pior ainda é a indiferença dos cristãos!”⁶¹.

Uma vida indiferente, insensível, impermeável as necessidades e sofrimentos dos outros é limitada, enferma, não desenvolve nem realiza o potencial que o ser humano traz

⁵⁸ *Id.*, *Mensagem por ocasião da 103ª Sessão da Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT)*, (22.05.2014).

⁵⁹ *Id.*, *Discurso as organizações caritativas católicas que atuam na Síria*, (30.05.2014).

⁶⁰ *Id.*, *Mensagem ao arcebispo de Agrigento por ocasião do primeiro aniversário da visita a Lampedusa*, (23.06.2014).

⁶¹ *Id.*, *Ângelus*, (06.07.14); Cf. FRANCISCO, *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da República Dominicana em visita “ad limina apostolorum”*, (28.05.2015).

em si para enriquecer a vida social. A essa sociedade cega moralmente ao drama humano dos migrantes e refugiados, é necessário fazer despertar a consciência coletiva.

Só através de muito esforço as boas notícias, os bons exemplos, são transformados em notícias e transmitidos pelos meios de comunicação. Divulga-los é uma forma de não deixar morrer a possibilidade e o potencial de fazer o bem que todo e cada ser humano possui. Essas pessoas seguem esperando por mais boas notícias e qualquer tipo de ajuda humanitária que se comprometa a superar a indiferença, resgatar e promover a dignidade humana deles.

Manter abertos o coração e a mente é a forma de cuidar para que o ser humano não seja invadido pela indiferença, tornando-se assim insensível aos demais. Assim como cultivar um coração de carne e não de pedra que pulsa junto com o coração de Deus, que é sempre compassivo e misericordioso com seus filhos, como revela o profeta Ezequiel 36,26: “*E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne.*”

Assim como o Deus revelado por Jesus de Nazaré não é um Deus indiferente, imparcial, alheio as situações difíceis e de sofrimento do seu povo, mas pelo contrário, toma partido, escuta seus clamores, desce para ajuda-los, suas atitudes são aquelas a que todos estão chamados a reproduzirem em suas vidas. Pensar não somente com a mente, com a razão, mas deixar que o coração também seja afetado pela realidade. Compreender o ser humano como *affectum-inttelectum*, de modo que a compreensão passe pelos sentimentos, pelas emoções:

“Devemos ter cuidado com um sinal triste da «globalização da indiferença»: habituarmos-nos lentamente ao sofrimento dos outros, como se fosse uma coisa normal (Cf. Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação, 16 de Outubro de 2013), ou, pior ainda, resignarmos-nos perante formas extremas e escandalosas de «descarte» e de exclusão social, como são as novas formas de escravidão, o tráfico de pessoas, o trabalho forçado, a prostituição, o tráfico de órgãos”⁶².

Com esse chamado de atenção passamos a seguinte palavra/expressão ‘*cultura do descarte*’ que está relacionada com essa cultura da indiferença, em que os migrantes, os refugiados, os pobres, são um elemento que já não conta na lógica do consumo e produção

⁶² *Id.*, *Discurso na visita ao Centro das Nações Unidas em Nairobi (U.N.O.N)*, (26.11.2015).

do sistema atual. Por isso, devem ser descartados, não são bem-vindos, não há lugar para eles, pois sua existência denuncia a lógica perversa desse tipo de desenvolvimento.

2.7 Cultura do descarte

O posicionamento mais recente de Francisco sobre essa cultura do descarte se deu na audiência de 4 de maio, cuja catequese foi sobre a parábola da ovelha perdida (Lc 15,3-7), em que afirmou o desconhecimento de Deus sobre esse tipo de cultura: “Deus não conhece a nossa atual cultura do descartável, Deus não tem nada a ver com isto. Deus não descarta pessoa alguma; Deus ama todos, procura todos: um por um! Ele não conhece a expressão «descartar as pessoas», porque Ele é todo amor e toda misericórdia.”⁶³.

No número 49 de *Laudato si* já havia alertado de que o problema dos pobres costumam ser tratados como um ‘apêndice’ ou mesmo são considerados ‘dano colateral’ na lógica de um sistema econômico, sócio e político em que os pobres, os marginalizados não contam. Na lógica divina se dá exatamente o contrário, cada pessoa importa, embora devido a desumanização em que vivem os pobres, e cuja face divina se encontra neles desfigurada, os pobres são os prediletos do Reino anunciado por Jesus nas ‘bem-aventuranças’ (Mt 5,3-12).

A negação mais evidente desse tipo de cultura, Francisco a expressou falando sobre a dignidade que o trabalho oferece ao ser humano, de modo quando lhe falta essa oportunidade, o torna objeto de descarte e vítima das consequências dessa cultura:

“O trabalho não é necessário só para a economia, mas para a pessoa humana, para a sua dignidade, para a sua cidadania e também para a inclusão social. A imigração aumenta a competição, mas os migrantes não devem ser culpabilizados, porque são vítimas das iniquidades, desta economia que descarta e das guerras. Entristece ver o espetáculo destes dias, no qual seres humanos são tratados como mercadoria! Somos chamados a reafirmar o não a uma economia do descartável, não a idolatria do dinheiro, não a corrupção, não a iniquidade que gera violência”⁶⁴.

A cultura do descarte é parte essencial de um modelo econômico que não prioriza o ser humano, sua vida e suas necessidades. Não são apenas os pobres, os migrantes e refugiados que sofrem esse tipo de descarte, mas também as pessoas idosas abandonadas nos asilos e residências, os jovens descartados pela cultura do consumismo, as pessoas deficientes, as mulheres violentadas e dispensadas por seus maridos, as crianças

⁶³ *Id.*, Audiência geral, (04.05.2016).

⁶⁴ *Id.*, Discurso no encontro com o mundo do trabalho, na visita pastoral a Turim, (21.06.2015).

abandonadas. Realidades e histórias que Francisco mencionou como os frutos do descarte em sua visita a Quênia: “Muitos são os rostos, as histórias, as consequências evidentes em milhares de pessoas que a cultura da degradação e do descarte levou a sacrificar aos ídolos do lucro e do consumo”⁶⁵.

O ser humano não pode ser confundido como mercadoria e de tal forma instrumentalizado que sua identidade de pessoa seja violentada por esse tipo de relações. Não se pode mais tolerar tranquilamente ver seres humanos sendo descartado e usados pelo tráfico humano, pelo trabalho escravo, desumanizados na prostituição etc.

Uma simples olhada nas imagens dos migrantes e refugiados diante das fronteiras, vivendo nos gigantescos campos de refugiados, ou mesmo perambulando pelas ruas de uma cidade ou país estranho sem sentir-se integrado socialmente, é suficiente para dar-se conta de que são os descartados hoje, massa sobrando ‘matéria’ manobrada para atender os interesses de outros.

Em sua primeira mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, que em 2014 completou 100 anos da celebração dessas jornadas para conscientizar a Igreja e a sociedade como um todo sobre a realidade do fenômeno migratório, Francisco contrapõe essa ‘cultura do descarte’ com a ‘cultura do encontro’. Promover o encontro, a integração, é o caminho pelo qual se deve combater a nefasta cultura do descartável.

Esboçando como tema “*Migrantes e refugiados: rumo a um mundo melhor*”, a mensagem do papa reflete sobre a importância da integração social dos imigrantes e refugiados na sociedade, para a qual se faz fundamental a superação dos preconceitos, medos, ameaças, que muitas vezes são reforçados pelos meios de comunicação. Não há dúvidas de que dependendo do modo como os meios de comunicação apresentam o que se passa com o fenômeno migratório, condicionará a forma como as pessoas tendem a pensar e agir:

“Ao lado dos migrantes e refugiados, a Igreja se esforça para compreender as causas que estão na origem das migrações, mas também se esforça no trabalho para superar os efeitos negativos e aumentar os impactos positivos nas comunidades de origem, de trânsito e de destino dos fluxos migratórios. Assim como a superação de preconceitos e de pre-compreensões, ao considerar a migração. é preciso que todos mudem a atitude em relação aos migrantes e refugiados; é necessário passar de uma atitude de defesa e de medo, de desinteresse ou de marginalização - que, no final,

⁶⁵ *Id.*, *Discurso na visita ao Centro das Nações Unidas em Nairobi (U.N.O.N)*, (26.11.2015).

corresponde precisamente à “cultura do descartável” – para uma atitude que tem por base a “cultura do encontro”, a única capaz de construir um mundo mais justo e fraterno, um mundo melhor. Os meios de comunicação também são chamados a entrar nesta “conversão de atitudes” e a incentivar esta mudança de comportamento em relação aos imigrantes e refugiados”⁶⁶.

A postura que deve ter a Igreja, de maneira institucional e na ação concreta de cada cristão, deve passar pela desconstrução desses preconceitos e favorecer uma sadia integração social no seio da sociedade entre os de dentro e os que chegam de fora. Não se pode esquecer que o ser humano é por excelência um ser social. Estabelecer contatos com outros está no DNA das pessoas, e quando elas mais necessitam dessa relação de ajuda, não devem ser abandonadas.

2.8 Cultura do encontro

Toda a tradição do Povo de Israel testemunha que Deus possui uma relação radicalmente dialogal com a criação. Que Ele se encontra com suas criaturas, estabelece aliança, comunica seu projeto, usa de paciência e misericórdia para com as respostas limitadas dada por seu povo. Mas jamais desiste dele. Deus e o ser humano se encontram. Relação geradora de identidade e de culturas no âmbito humano:

“De ahí que se pueda afirmar que en el principio, en el origen, Dios, por medio de su palabra, con libertad, y de modo amoroso, se ha revelado, se ha comunicado y ha entrado en relación con el mundo y con la humanidad, con la historia y la naturaleza, quienes dependen de él, es decir, ha llamado a la existencia a todas las criaturas”⁶⁷.

Construir a cultura do encontro passa pelo esforço e aprendizado de sair de si para entrar em relação com a diversidade. Ante um mundo global, diverso, multicultural, qualquer tentativa de homogeneização está fadada ao fracasso. Pois se trata de um tarefa humanamente impossível. Descobrir que a riqueza está na diversidade e não na uniformidade é a base sobre a qual se parte para a destruição dos muros e a construção de pontes que dificultam o encontro. Não significa perder os próprios valores e a identidade cultural, muito pelo contrário, quando se é consciente de sua própria identidade é quando torna-se capaz de entrar em relação com o outro que possui outros valores e está formado por outra identidade.

⁶⁶ *Id.*, *Mensagem para a 100ª Jornada Mundial do imigrante e do refugiado (2014)*, (05.08.2013): AAS 105 (2013), 926.

⁶⁷ E. SANZ GIMÉNEZ-RICO, *Ya en el principio. Fundamentos veterotestamentarios de la moral cristiana*, Madrid 2008, 46.

Frente a alguns problemas de integração em Roma, envolvendo os migrantes e os residentes, realidade que acontece também em muitos outros lugares, o papa chama a atenção para superação desses conflitos pela via do diálogo e promovendo a cultura do encontro:

“Durante estes dias, em Roma, houve tensões bastante fortes entre residentes e imigrantes. Trata-se de episódios que se verificam em várias cidades europeias, especialmente em bairros periféricos marcados por outras dificuldades. A comunidade cristã compromete-se de modo concreto para que não haja desencontro, mas encontro. Cidadãos e imigrantes, juntamente com os representantes das instituições, podem encontrar-se até num salão paroquial para enfrentar esta situação. O importante é não ceder à tentação do conflito, evitando qualquer violência. É possível dialogar, ouvir uns aos outros, fazer programas conjuntos e deste modo superar a suspeita e o preconceito e construir uma convivência cada vez mais segura, pacífica e inclusiva”⁶⁸.

Nenhum tipo de diferença (cultura, sexo, religião, classe social...) deveria romper o canal do respeito e diálogo entre os seres humanos, e dar lugar a atitudes de violência ou qualquer tipo de omissão no convívio humano. Quando analisa-se elementos que unem todos os seres humanos, vê-se que todos tem origem e destino iguais. Habitam a mesma casa comum. São formados da mesma matéria e em todos eles sopram o mesmo espírito. Já seriam elementos suficientes para reconhecer que são todos iguais, que podem ser irmãos e que devem deixar-se conduzir pela relações fraternas-igualitárias, de aceitação mútua da alteridade dos demais, sem jamais esquecer do totalmente Outro, de cuja fonte tudo tem sua origem. O Tu eterno, como descreve Martín Buber, cuja cada relação com o outro nos aponta. Assim como toda vida verdadeira é encontro⁶⁹.

Os conflitos, as guerras, os diversos tipos de violências dão notícias de que não se trata de uma tarefa fácil conviver com as diferenças, abrir mão de interesses, defender os mais frágeis. Elementos que quando são renunciados se configuram em medidas de força, em relações de poder, de dominações, de superioridade, de subjugação, que terminam por impor mais obstáculos do que reforçar as vias de acolhida e integração.

Na cosmovisão de Francisco cada ser humano é importante, deve ter sua dignidade respeitada e defendida, ninguém sobra ou deve ser descartado. Por isso, que a cultura do encontro contrasta com a cultura da exclusão e do descarte, em que não apenas objetos são eliminados, mas também pessoas. Descarta-se seres humanos do início ao fim da vida.

⁶⁸ *Id.*, *Ángelus*, (16.11.2014).

⁶⁹ Cf. M. BUBER, *Yo y tú*, Buenos Aires 1977, 15.

Descarta-se os mais frágeis, doentes, portadores de deficiência, os pobres, todos aqueles que não contam na lógica da denunciada economia que mata.

A convivência humana se enriquece quando aprende a pautar-se pelo diálogo fecundo em todos os âmbitos da vida, pela paciência e tolerância com o diferente, com a renúncia a instrumentalizar e descartar o outro simplesmente pela dificuldade que implique procurar integrar a todos.

Em seu próprio testemunho, Papa Francisco não permite que nenhuma diferença o impeça de viver e promover essa cultura do encontro. Seja indo ao encontro dos que professam outras religiões, seja respeitando aqueles que o criticam por não comungarem do modo como pensa a nova evangelização, seja ajudando países na superação de conflitos, seja buscando integrar a todos na Igreja, seja defendendo o direito que as pessoas tem de não estarem de acordo com todos os valores que ele propõe etc. Seus gestos e suas palavras reforçam a convicção de que o mundo pode ser melhor se todos apostam e se comprometem na construção dessa cultura do encontro.

Num breve balanço desses três anos de pontificado, olhando a partir dessa cultura do encontro que ele deseja ajudar a reforçar e ele mesmo é o primeiro a dar testemunho de viver aberto ao encontro, há algumas pontes dessa cultura do encontro que já foram colocados em marcha por ele na Igreja e no mundo. Ponte que une ou transforma a realidade: do inverno eclesial a primavera; da Igreja como uma fortaleza para uma casa arejada e aberta; de papa a bispo de Roma; do palácio papal a hospedaria Santa Marta; da doutrina ao encontro; da exclusividade a inclusão; da Igreja autoreferenciada as periferias do mundo⁷⁰.

2.9 Globalização da solidariedade

A constante referência a “solidariedade” coloca Francisco em contato direto com o magistério do Papa João Paulo II, que foi praticamente quem introduziu o princípio solidariedade na doutrina social da Igreja e que na encíclica *Sollicitudo rei socialis* explica em detalhes em que consiste essa solidariedade⁷¹.

⁷⁰ Cf. L. BOFF, *Francisco de Roma y Francisco de Asís. ¿Una primavera en la Iglesia?* p. cit., 77-79.

⁷¹ Cf. JUAN PABLO II, *Sollicitudo rei socialis*, 9, 21, 23, 26, 33, 36, 38-40, 45-47; e A. M. CÁCERES, op. cit., 87.

A aposta de Francisco por um mundo melhor consiste em avaliar positivamente o fenômeno da globalização e colocar nessa dinâmica global os valores e convicções cristãs mais profundas, como o amor-caridade e a solidariedade. Essa globalização positiva será a responsável por fazer frente a indiferença globalizada que não é capaz de contribuir positivamente a convivência humana.

Em sua primeira mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude, confiou aos jovens a tarefa de colocar no coração da cultura humana a solidariedade, através dela combater os contra valores presentes na sociedade hodierna e estabelecer uma relação de proximidade com os pobres, real e não teórica:

“(…) para viver esta Bem-aventurança todos necessitamos de conversão em relação aos pobres. Devemos cuidar deles, ser sensíveis às suas carências espirituais e materiais. A vós, jovens, confio de modo particular a tarefa de colocar a solidariedade no centro da cultura humana. Perante antigas e novas formas de pobreza – o desemprego, a emigração, muitas dependências dos mais variados tipos –, temos o dever de permanecer vigilantes e conscientes, vencendo a tentação da indiferença. Pensemos também naqueles que não se sentem amados, não olham com esperança o futuro, renunciam a comprometer-se na vida porque se sentem desanimados, desiludidos, temerosos. Devemos aprender a estar com os pobres. Não nos limitemos a pronunciar belas palavras sobre os pobres! Mas encontremo-los, fixemo-los olhos nos olhos, ouçamo-los”⁷².

Relacionado com as migrações, globalizar a solidariedade significa não ficar passivo frente ao sofrimento enfrentado pelo migrantes e refugiados e responder de forma solidária e articulada com outros. Certa vez um imigrante definiu solidariedade como *“problema de um é problema de todos”*. Para ele era importante que ao estar passando por um momento difícil em sua vida, pudesse sentir que outros estavam com ele, apesar de não terem relação direta com a situação em que ele se encontrava.

Talvez sem saber, esse migrante estava se referindo a uma dimensão afetiva da solidariedade, que consiste exatamente em ser presença, sentir-se incluído no problema do outro como se estivesse ele mesmo a passar pela mesma situação. Quem alguma vez na vida já esteve sozinho enfrentando períodos difíceis, e em determinado momento aparece alguém para manifestar sua solidariedade e fazer-lhe companhia, sabe da importância dessa dimensão da solidariedade. Saber que não se está sozinho, que alguém se importa com sua vida, mesmo não tendo vínculos de parentesco ou amizade,

⁷² FRANCISCO, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude (Domingo de ramos – 13 de abril de 2014)*, (21.01.2014): AAS 106 (2014), 348.

simplesmente por reconhecer nele outro um ser humano como ele. Globalizar a solidariedade responde primeiramente a essa experiência de exclusão e solidão que enfrentam muitos dos migrantes que conseguiram chegar ao destino esperado, mas cuja integração real na vida social ainda está por acontecer.

Em seu discurso ao Parlamento Europeu, papa Francisco constatou a solidão como uma das doenças mais difusas na Europa e que via muito presente no olhar dos migrantes perdidos no meio das cidades, privados de vínculos. Seu chamado a globalizar a solidariedade é responder a essa necessidade de atenção, de companhia, de proximidade para combater a solidão que assola a vida desses migrantes e os destroem por dentro, minando suas forças e esperanças de reconstruir suas vidas. Solidariedade que em várias ocasiões Francisco manifesta pessoalmente e em nome de todos os cristãos⁷³.

A dimensão afetiva da solidariedade se junta a dimensão efetiva, que consiste pois em colocar os dons, os bens, os recursos materiais e a capacidade que uma pessoa tem a serviço do outro necessitado. Não deixa de ser também uma forma de amar, quando Inácio de Loyola nos números 230-231 dos Exercícios Espirituais faz duas considerações sobre em que se funda o amor:

“A primeira é que o amor se deve pôr mais nas obras que nas palavras. A segunda é que o amor consiste na comunicação recíproca, a saber, em dar e comunicar a pessoa que ama à pessoa amada o que tem ou do que tem ou pode; e, vice-versa, a pessoa que é amada à pessoa que ama; de maneira que, se um tem ciência, a dê ao que a não tem, e do mesmo modo quanto a honras ou riquezas; e assim em tudo reciprocamente, um ao outro.”

Enquanto a dimensão afetiva da solidariedade responde a demandas internas das necessidades dos migrantes e refugiados, que são em si mesmas muito importantes mas que não resolvem outras necessidades que também precisam ser atendidas, como são as questões mais materiais e estruturais. A dimensão efetiva vem somar a dimensão anterior e responder de modo mais pleno e satisfatório as necessidades dessas pessoas, tendo-as presente em sua dimensão integral. São duas dimensões importantes e que devem ser consideradas em conjunto na hora de responder a crise humanitária dos migrantes e refugiados pela qual passa o mundo atualmente.

⁷³ *Id.*, Mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 2014), (08.12.2013): AAS 106 (2014), 22 e Homilia em Aman-Palestina, na Peregrinação a Terra Santa no 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras, (24.05.2014): AAS 106 (2014), 465.

“*Senti o dever de vir aqui hoje para rezar, para cumprir um gesto de solidariedade, mas também para despertar as nossas consciências a fim de que não se repita o que aconteceu*”⁷⁴. Esse gesto de solidariedade expressado em Lampedusa, igualmente se repetiu em Ciudad Juárez na fronteira México-EUA e na ilha grega de Lesbos. Gestos de solidariedade chamada de atenção mundial para as consequências da crise do fenômeno migratório.

Esse princípio da solidariedade se aproxima bastante do princípio de subsidiariedade da DSI em que as instituições maiores são chamadas a terem presentes as instituições menores e mais necessitas, apoiando-as, protegendo-as, mas igualmente partilhando os recursos que possuem e atendendo as suas necessidades.

Esse chamamento faz Francisco, aos Estados mais desenvolvidos, com mais recursos, para que não deem as costas aqueles que necessitam de uma ajuda humanitária. Que sejam capazes de responder de maneira rápida e articulada a situações emergenciais que não podem esperar processos burocráticos enquanto está em jogo a vida e a dignidade de muitas pessoas. Um chamado de atenção para que não se permita mais que a dignidade dessas pessoas siga sendo violentada e muitas vidas sejam ceifadas pela inoperância dos Estados implicados em responder prontamente a crise.

Além de ser um princípio que está presente na Doutrina Social da Igreja, a solidariedade foi também um tema aprofundado pelos seus antecessores, como Paulo VI, em *Populorum progressio*, através do dever de solidariedade. Foi um tema constantemente refletido no longo pontificado do Papa João Paulo II, sobretudo na encíclica *Sollicitudo rei socialis* em que a define não como um mero sentimento de compaixão, mas como determinação firme e perseverante de empenhar-se pelo bem comum, saber que todos são responsáveis por todos. Papa Bento XVI cobrou uma renovada solidariedade, como urgente necessidade moral em sua encíclica *Caritas in veritate*. De modo que papa Francisco permanece fiel ao magistério da Igreja também nesse tema, dando a devida importância que tem a solidariedade para a fé cristã e procurando que a mesma faça parte hoje da dinâmica global no mundo contemporâneo.

⁷⁴ *Id.*, *Homilia em Lampedusa pelas vítimas dos naufrágios*, (08.07.2013): AAS 105 (2013), 653.

Frente a inclinação da cultura egoísta de querer eliminar a palavra ‘solidariedade’, Francisco recorda que a solidariedade é uma forma de fazer história e que a mesma tem raízes cristãs:

“Hoje, infelizmente, uma economia especulativa torna-os cada vez mais pobres, privando-os do essencial, como a casa e o trabalho. Isto é inaceitável! Quem vive a solidariedade não aceita esta situação e reage. E muitas pessoas desejam eliminar do dicionário a palavra «solidariedade», porque para uma determinada cultura ela parece um palavrão. Não! A solidariedade é uma palavra cristã! E por este motivo vós sois uma família para os desabrigados, amigos das pessoas portadores de deficiência que — quando são amadas — exprimem uma grande humanidade!”⁷⁵.

Encarnar a solidariedade na vida cristã e permitir a ela tomar dimensões cada vez mais universais é uma forma de viver concretamente o Evangelho atualmente, assim como compartilhar do mesmo valor com aqueles que não são movidos a solidariedade desde uma convicção de fé.

2.10 Cooperação internacional

Papa Francisco parte da compreensão de que ao fenómeno global da mobilidade humana, nenhum país poderá sozinho dar uma solução a essa realidade. Se faz necessário uma leitura do fenómeno em comum, construir conjuntamente estratégias e agir de forma articulada com todos os demais países, implicados diretamente na crise ou não. Sobre esses aspectos consiste os constantes apelos que dirige aos líderes políticos e lideranças em geral, como uma vez mais vez em sua visita a Lesbos, juntamente com o Patriarca de Constantinopla e o arcebispo de toda a Grécia⁷⁶:

“Nós, Papa Francisco, Patriarca Ecuménico Bartolomeu e Arcebispo Hieronymos de Atenas e de toda a Grécia, reunimo-nos na Ilha grega de Lesbos para manifestar a nossa profunda preocupação pela situação trágica de numerosos refugiados, migrantes e requerentes de asilo que têm chegado à Europa fugindo de situações de conflito e, em muitos casos, ameaças diárias à sua sobrevivência. A opinião mundial não pode ignorar a crise humanitária colossal, criada pelo incremento de violência e conflitos armados, a perseguição e deslocamento de minorias religiosas e étnicas e o desenraizamento de famílias dos seus lares, violando a sua dignidade humana, os seus direitos humanos fundamentais e liberdades.

Como líderes das nossas respetivas Igrejas, estamos unidos no nosso desejo de paz e na nossa disponibilidade para promover a resolução de conflitos através do diálogo e da reconciliação. Enquanto reconhecemos os esforços que já se vão fazendo para

⁷⁵ *Id.*, *Discurso em Trastevere na visita à Comunidade de Santo Egídio*, (15.06.2015).

⁷⁶ *Id.*, *Discurso em Lesbos na declaração conjunta de Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecuménico de Constantinopla, de Sua Beatitude Hieronymos, arcebispo de Atenas e de toda a Grécia e Papa Francisco*, (16.04.2016).

fornecer ajuda e assistência aos refugiados, migrantes e requerentes asilo, apelamos a todos os líderes políticos para que usem todos os meios possíveis a fim de garantir que os indivíduos e as comunidades, incluindo os cristãos, permaneçam nos seus países de origem e gozem do direito fundamental de viver em paz e segurança”.

A globalização afetou radicalmente a forma como os governos tinham para estabelecer políticas com outros países e resolverem os problemas que ultrapassavam as fronteiras de seus Estados. Através de uma crítica a um modelo antagônico de governar que já não funciona e consciente da dificuldade de que a Comunidade Internacional seja capaz de estabelecer uma cooperação entre vários países que esteja interessada e guiada pelo bem comum e não pelos interesses privados, na encíclica *Laudato si* ele reafirma a necessidade de uma ‘autoridade política mundial’, já solicitada pelos antecessores João XXIII e Bento XVI.

Uma autoridade política mundial “para governar la economía mundial, para sanear las economías afectadas por la crisis, para prevenir su empeoramiento y mayores desequilibrios consiguientes, para lograr un oportuno desarme integral, la seguridad alimenticia y la paz, para garantizar la salvaguardia del ambiente y regular los flujos migratorios...”⁷⁷. Essas são as competências que faz urgir uma autoridade global. Que tenha condições de tomar as decisões necessárias para o bem de toda a humanidade, indo muito mais além dos interesses nacionais. Uma solicitação que segue vigente, visto que pelo menos na questão da regulação dos fluxos migratórios, com a configuração que existe atualmente, não consegue chegar a um acordo e solução real para a crise.

Em outras mensagens Francisco evoca a importância dessa cooperação internacional através de apelos à Comunidade Internacional para responder aos problemas que afetam aos migrantes e refugiados, recorrendo sobretudo a intervenção da ONU nos países em conflitos no Oriente Médio:

“Pedimos paz, antes de tudo, para a amada Síria e o Iraque, para que cesse o fragor das armas e se restabeleça a boa convivência entre os diferentes grupos que compõem estes amados países. Que a comunidade internacional não permaneça inerte perante a imensa tragédia humanitária no interior destes países e o drama dos numerosos refugiados”⁷⁸.

“Ao renovar o meu apelo urgente à comunidade internacional a fim de que intervenha para pôr fim à tragédia humanitária em curso, encorajo todos os organismos competentes das Nações Unidas, em particular aqueles responsáveis pela

⁷⁷ *Id.*, *Laudato si*, 175.

⁷⁸ *Id.*, *Mensagem ‘Urbi et Orbi’ de Páscoa*, (05.04.2015): AAS 107 (2015), 469.

segurança, paz, direito humanitário e assistência aos refugiados, a continuar os seus esforços em conformidade com o Preâmbulo e os Artigos pertinentes da Carta das Nações Unidas”⁷⁹.

Assim como reconhece que a atual crise migratória tem ultrapassado as condições da Comunidade Internacional para solucioná-la. Milhares de migrantes e refugiados perderam suas vidas no intento de cruzar as fronteiras em várias partes do mundo, ou mesmo ao lançar-se ao Mar Mediterrâneo na esperança de pisar terra firme em território europeu. Um drama humano que eles continuam tendo que enfrentar, visto que os conflitos em seus países de origem não dão sinais de que serão resolvidos e que muito menos está a sua disposição outras vias menos arriscadas:

“Um dos dramas humanitários mais opressivos das últimas décadas é representado pelas terríveis consequências que os conflitos na Síria e no Iraque têm sobre as populações civis, bem como sobre o património cultural. Milhões de pessoas vivem numa preocupante condição de necessidade urgente, e são obrigadas a deixar as suas terras de origem. Hoje, o Líbano, a Jordânia e a Turquia carregam o peso de milhões de refugiados, por eles generosamente acolhidos. Diante deste cenário e de conflitos que se vão propagando e preocupam de maneira inquietante os equilíbrios internos e regionais, a comunidade internacional não parece capaz de encontrar respostas adequadas, enquanto os traficantes de armas continuam a promover os próprios interesses”⁸⁰.

Embora o foco de atenção esteja concentrado na crise que abrange Europa Meridional, a inoperância e impotência em vista de uma solução é uma realidade que igualmente atinge a outras partes do fenômeno migratório.

Papa Francisco em suas mensagens sempre reconhece o trabalho e o enorme esforço de tantas pessoas e instituições que são solidárias e comprometidas com a defesa da vida e da dignidade dos migrantes e refugiados pelo mundo afora. Valoriza o trabalho de organizações fora da Igreja, é consciente do bem que elas desenvolvem em função de humanizar o deslocamento forçado dessas pessoas, garantindo-lhes acolhida, cuidados básicos e esclarecimentos dos seus direitos enquanto migrantes. Embora, com humildade e sinceridade, reconhece que nesse campo em algumas fronteiras, nenhuma instituição faz mais do que a Igreja, como disse em seu discurso no encontro com os bispos do

⁷⁹ *Id.*, *Carta ao Secretário Geral da ONU sobre a situação do norte de Iraque*, (09.08.2014): AAS 106 (2014), 679.

⁸⁰ *Id.*, *Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho “Cor Unum”*, (17.09.2015).

México, animando-os a seguirem comprometidos com a vida, a dignidade e os anseios dos migrantes e refugiados.

Há que considerar que por detrás dessas ideias centrais a respeito das migrações está o seu próprio testemunho. Está seu desejo de construir uma Igreja pobre e para os pobres, atenta aos ‘sinais do tempo’; disposta a combater uma pobreza que gera deslocamentos forçados; que reconhece nos migrantes e refugiados a ‘carne de Cristo’, que numa Igreja como *hospital de campanha* se dispõe a socorrer e sarar os feridos; comprometida em superar uma indiferença que condena milhares de pessoas a morte; que não aceita que nenhum ser humano seja descartado como se fosse mercadoria; empenhada em construir a cultura do encontro, única capaz de fazer com que os seres humanos se respeitem e vivam como irmãos; empreendendo esforços para globalizar a solidariedade, para que o bem comum contemple e alcance a todos; sendo uma instituição servidora da humanidade vinculada a cooperação internacional, garantindo que nenhum ser humano seja um estranho e tenha que viver em condições desumanas. Esse é o modelo de Igreja que seus posicionamentos sobre o fenômeno migratório revela.

Seu mais recente gesto na visita a ilha grega de Lesbos, ao trazer consigo três famílias sírias, mulçumanas, além de ajudar concretamente a essas famílias, quer ser também um sinal de que esse mesmo gesto pode e deve ser seguido por milhares de pessoas e instituições que o admiram como ser humano e como líder espiritual. Pois, agindo assim, os migrantes e refugiados não estariam nos acampamentos superlotados, onde eles seguem esperando uma abertura de fronteiras, acolhida e proteção internacional.

Não restam dúvidas de que na base humana em que se constrói o seu ministério e o exercício do seu pontificado, estão os pilares que lhe dão profundidade espiritual e credibilidade moral. Por isto que tantos se surpreendem com sua forma humana de acolher as pessoas e enfrentar os problemas do mundo.

Um papa que expressa com clareza sua dimensão humana, sabe transitar no mundo político, relaciona-se humildemente com as demais lideranças religiosas, e sabe como chegar ao coração de cada ser humano para que entenda a *Boa nova* de Jesus.

2.11 Balanço do capítulo

Dez palavras-expressões que devem ser consideradas de forma conjunta, interconectadas, dando assim a oportunidade de perceber as várias faces que as migrações revelam, mas ao mesmo tempo não perder a unidade na compreensão do fenômeno e na resposta que a Igreja dá. Cada uma dessas palavras torna-se uma porta de entrada ao pensamento de Francisco que aqui consideramos na perspectiva das migrações, mas que igual caberia outros temas que também se encontrem na base do pensamento dele. Além de que muitas dessas expressões colocam Francisco em contato com várias lideranças, de todos os tipos, empenhadas em salvaguardar a riqueza humana, cujo centro é sua dignidade.

CAPÍTULO 3 – PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS

Jamais saberemos como poderia ter sido se o Concílio convocado por João XXIII tivesse contado com seu espírito e presença do início ao fim. A incerteza de como seria os frutos de um concílio conduzido todo o tempo por alguém que teve a iniciativa e a coragem de sacudir a Igreja de sua distância do mundo moderno, para uma renovação, continuará na especulação do “e se...”, e no desconhecimento. Esse desconhecimento faz parte dessas encruzilhadas da vida em que jamais saberemos do que teriam sido as opções que deixamos para trás ao optar por outras diferentes, ou mesmo as circunstâncias da vida nos levarem por outros caminhos. O que sim sabemos é que o processo iniciado por João XXIII mudou radicalmente a história da Igreja e sua relação com mundo. Se a Igreja não pode contar com sua presença física ao longo de todo o desenrolar do Concílio, seu espírito e sua intuição de que já era tempo de uma renovação eclesial, acompanhou as discussões e a produção dos documentos conciliares. Uma iniciativa que surpreendeu o mundo inteiro, a começar pelos cardeais da cúria que se encontravam reunidos em São Paulo fora dos muros e foram os primeiros a serem comunicados¹.

Leonardo Boff destaca dois lemas principais dessa iniciativa de João XXIII: o *aggiornamento* – colocar em dia, e dimensão *pastoral* do Concílio. Quanto ao *aggiornamento*, destaca o esforço da Igreja em atualizar sua linguagem e sua forma de apresentar-se no mundo. Ao passo que define a dimensão pastoral na preocupação da Igreja de expressar uma relação com as pessoas e com o mundo na ótica da abertura, do diálogo, da acolhida, da fraternidade, em um mútuo intercâmbio e aprendizado². Dois aspectos que desinstalaram a Igreja, a aproximou mais da vida concreta das pessoas, das suas alegrias e tristezas³, assim como provocaram também mudanças na forma de fazer teologia, viver e expressar a fé.

Os princípios teológicos que marcam Francisco estão imbuídos dessa atmosfera deixada pelo Concílio. A essas características se soma sua personalidade de ser um homem de inteligência prática, de sínteses concretas, de ir ao essencial e não absolutizar o relativo. Mas também, como homem de fé, procura revelar o central da revelação divina em Jesus Cristo, assim como o prioritário da identidade e da missão da Igreja, que é a

¹ Cf. S. MADRIGAL, *Memoria del concilio. Diez evocaciones del Vaticano II*, Bilbao 2005, 71-86; *Unas lecciones sobre el Vaticano II y su legado*, Madrid 2012, 30-33.

² Cf. L. BOFF, *Francisco de Roma y Francisco de Asís. ¿Una primavera en la Iglesia?*, op. cit., 98.

³ VATICANO II, *Gaudium et spes*, 1.

evangelização, a continuação do Reino anunciado em e por Jesus, indo ao encontro dos mais pobres, para evangelizar e deixar-se ser evangelizado por eles, tendo os migrantes e refugiados muito o que oferecer nessa relação. Traços de sua personalidade e forma de ser que igualmente contagia a outros, como descreve Boff:

“El papa Francisco, con su modo de ser y de pensar há despertado en todos nosotros la *razón cordial*, sensible y espiritual. Con ella y con la razón intelectual, protegeremos, cuidaremos y amaremos esta única Casa Común que el universo y Dios nos han regalado. Solo así garantizaremos la vida y el futuro para la humanidad y para el cristianismo”⁴.

Com a seguinte análise de alguns dos princípios teológicos de Francisco, buscase manifestar certa coerência entre a expressão divina de sua fé, que Deus é revelado por ele, o modo como essa fé está encarnada em seu estilo de vida e através de seus gestos concretos, e como expressa todos esses elementos por meio do governo universal da Igreja.

“*Entre los pilares del pensamiento teológico y del empeño teológico-pastoral del cardenal Jorge Mario Bergoglio, hoy papa Francisco, hay dos temas: encuentro y unidad*”⁵. A afirmação foi pronunciada nada menos do que pelo rabino Abraham Skorka com quem Bergoglio sempre esteve em contato e discutiam juntos vários temas. Apesar de estarmos de acordo com os dois temas, e como já apresentamos a ‘cultura do encontro’ no capítulo anterior, como uma das palavras-expressões chaves no pensamento de Francisco sobre as migrações, iremos substituí-la pelo princípio ‘diálogo’ que igualmente supõe encontro. Juntamente com os princípios do diálogo e da unidade, acrescentaremos dois outros mais – paz e misericórdia - que também são chaves no pensamento teológico-pastoral de Francisco e que se configuram sua forma de pensar e atuar.

Diálogo, paz, unidade e misericórdia, como os quatro pontos cardeais nos quais Francisco se move desde sua teologia ao fenômeno das migrações. Desde qualquer um deles é possível estabelecer pontes entre o pensamento e a prática de Francisco.

3.1 DIÁLOGO

Pode-se dizer que tem sido o princípio que mais marcou o Concílio Vaticano II. Verdadeiro ponto de inflexão da relação entre a Igreja e o mundo moderno. Paulo VI em

⁴ L. BOFF, *Francisco de Roma y Francisco de Asís. ¿Una primavera en la Iglesia?*, op. cit., 99.

⁵ S. GAETA, *op. cit.*, 79.,

sua primeira encíclica *Ecclesia suam* (1964), quando ainda o Concílio estava em curso, destacou o diálogo como a terceira atitude que a Igreja deveria tomar naquele momento histórico, precedido pelas atitudes de tomada de consciência da própria Igreja e a necessária atitude de renovação⁶. Como um período de intersecção em que os tempos haviam mudados, a sociedade seguia um desenvolvimento cada vez mais distante do caminho marcado pela Igreja, e ela carecia de tomar consciência desse abismo. Depois de um longo período em que a Igreja encontrava-se “tranquila”, instalada, chegou a hora de renovação e mudanças.

Ecclesia suam, a encíclica programática do pontificado de Paulo VI, que orientou a caminhada da Igreja durante e pós-Concílio e que continua a inspirar a Igreja rumo ao diálogo. Comentadores dessa encíclica conseguem detectar a pluralidade de aspectos que ela estabelece a partir do diálogo: com o mundo moderno, com os povos, com os que não professam nenhuma fé, com o *marxismo* enquanto humanismo ateu, com os ortodoxos, com os protestantes, com os judeus, com o campo econômico, social, profissional e técnico, etc⁷.

O pontificado de Francisco recupera o espírito e o amplo campo de diálogo deixado pelo pontificado de Paulo VI e pelo avanço do Concílio. Em sua primeira viagem apostólica ao Brasil, para a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, no encontro com a classe dirigente do país centrou seu discurso sobre a originalidade de uma tradição cultural, a responsabilidade para construir o futuro e o diálogo construtivo para encarar o presente. Apresenta o diálogo como o caminho fecundo pelo qual se evita os dois extremos: a indiferença egoísta e o protesto violento. Para ele há sempre uma opção entre essas duas vias: diálogo, diálogo e diálogo. Assim como indica os campos de diálogo a ser promovido na sociedade: “Um país cresce, quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura econômica e a cultura da família, e a cultura da mídia”⁸.

Em *Evangelii gaudium* Francisco menciona quais são hoje os campos nos quais a Igreja está chamada a dialogar:

⁶ PAULO VI, *Ecclesia suam*, 34.

⁷ Cf. AA.VV, *El diálogo según la mente de Pablo VI. Comentarios a la “Ecclesia suam”*, Madrid 1965.

⁸ FRANCISCO, *Discurso no encontro com a classe dirigente do Brasil*, (27.07.2013).

“La evangelización también implica un camino de diálogo. Para la Iglesia, en este tiempo hay particularmente tres campos de diálogo en los cuales debe estar presente, para cumplir un servicio a favor del pleno desarrollo del ser humano y procurar el bien común: el diálogo con los Estados, con la sociedad –que incluye el diálogo con las culturas y con las ciencias– y con otros creyentes que no forman parte de la Iglesia católica”⁹.

3.1.1 Diálogo com os Estados

Frente a esses três campos de diálogo, a Igreja também entra em contato com o fenômeno migratório. No diálogo com os Estados, com seus líderes, sobretudo nos países que atualmente estão enfrentando o momento mais difícil da crise, papa Francisco tem tratado com insistência sobre a necessidade de mobilizar todos os recursos disponíveis para socorrer essas pessoas e encontrar uma solução ao problema atual. Assume grande importância seus discursos no Parlamento Europeu, ONU e Congresso dos Estados Unidos, assim como os dirigidos aos vários prefeitos das cidades italianas e seu encontro com prefeitos de cidades de vários países, vindos das periferias¹⁰. Um chamado a responsabilidade moral frente ao sofrimento humano dos migrantes e refugiados, que implica tomar atitudes concretas, movidas pela vontade política.

Sua postura frente a responsabilidade dos Estados nesta questão é sempre firme e clara. Em breves palavras comunica o que é necessário dizer, embora muitas vezes não seja o que boa parte desses líderes políticos gostariam de escutar. Igualmente como chefe de Estado, ainda que o Vaticano seja um Estado que não tenha comparação com nenhum dos outros Estados modernos, procura sempre agir em coerência com suas palavras. Acompanha de perto o drama que vivem essas pessoas e toma decisões concretas que tem incidência na vida deles, como foi a instalação de serviços públicos no Vaticano para pessoas que vivem em situação de rua (instalações de banheiros, entregas de sacos de dormir, corte de cabelo e distribuição de comida organizado pelo serviço de *Cáritas*).

Teve relevância também seu apelo para que famílias, paróquias, casas religiosas acolhessem uma família de refugiados¹¹, assim como seu gesto de levar consigo em seu retorno de Lesbos a Roma, os 12 refugiados sírios (mulçumanos) que agora vivem no

⁹ *Id.*, *Evangelii gaudium*, 238.

¹⁰ Cf. *Id.*, *Discurso a prefeitos de várias cidades da Itália*, (06.02.2015) e *Discurso no encontro do com os prefeitos de vários países sobre o tema “Modern slavery and climate change: the commitment of the cities”*, (21.07.2015). Uma amostra da maneira como Francisco se move em sua relação com os Estados, transitando do universal ao particular e vice-versa.

¹¹ *Id.*, *Ângelus*, (06.09.2015).

Vaticano¹². Um gesto que de certa forma não deixa de provocar a inércia de muitos líderes que tendo condições de tomar atitudes semelhantes ou mesmo de maiores proporções continuam passivos ante o sofrimento dessas pessoas.

3.1.2 Diálogo com a sociedade – cultura e ciências

O diálogo em sociedade, com a cultura e as ciências requer uma capacidade de descobrir a beleza do encontro com o outro, de abrir-se ao diferente, de aprendizado, para que a convivência seja possível¹³.

Com a sociedade em geral, tem promovido um despertar da consciência para a defesa dos direitos humanos dessas pessoas e provocado uma reflexão para repensar o atual estilo de vida consumista, de modo que os benefícios da sociedade de bem estar possam igualmente chegar aos migrantes e refugiados, além de favorecer a integração social deles. Assim como defende no seio da sociedade a liberdade religiosa, de maneira que todos tenham garantido o direito de expressar suas crenças, sem sofrerem violências ou perseguições.

Fundamental para que haja uma verdadeira integração entre todos na sociedade, o diálogo, em suas diversas linguagens e formas, se torna imprescindível. Requer um esforço de todos para que ninguém se sinta excluído do convívio social. Mesmo os choques culturais que poderiam ser um obstáculo a uma rica convivência, igualmente podem ser direcionados a enriquecer ainda mais a cultura local onde se encontram os migrantes e refugiados. Para isso é importante superar uma série de mitos, de violências, de preconceitos para com aqueles que possuem uma cultura diferente. Elementos do diálogo cultural que também Papa João Paulo II, desde seu primeiro ano de pontificado manifestava preocupação, articulou no discurso na sede da UNESCO em 1980. No qual destacou a importância e centralidade da cultura moral:

“Não há dúvida que o facto cultural primeiro e fundamental é o homem espiritualmente desenvolvido, isto é, o homem plenamente educado, o homem capaz de se educar a si mesmo e de educar os outros. Não há dúvida também que a dimensão primeira e fundamental da cultura é a sua moralidade: a cultura moral”¹⁴.

¹² *Id.*, Conferência de imprensa no voo de regresso a Roma da visita a ilha de Lesbos, (16.04.2016).

¹³ Cf. F. T. Roselló, *Hacia una cultura del diálogo: El outro como interlocutor válido*, em AA.VV, *La alegría de evangelizar, una llamada al compromiso*, Sevilla 2015, 149-161.

¹⁴ JOÃO PAULO II, *Discurso na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO em Paris*, (02.06.1980).

O diálogo com as ciências vai na linha do reconhecimento da autonomia da realidade produzida na reflexão do Concílio no documento *Gaudium et spes*. Fé e ciência dialogam, não se auto excluem, nem estão sempre em conflito:

“Se por autonomia das realidades terrenas se entende que as coisas criadas e as próprias sociedades têm leis e valores próprios, que o homem irá gradualmente descobrindo, utilizando e organizando, é perfeitamente legítimo exigir tal autonomia. Para além de ser uma exigência dos homens do nosso tempo, trata-se de algo inteiramente de acordo com a vontade do Criador. Por esta razão, a investigação metódica em todos os campos do saber, quando levada a cabo de um modo verdadeiramente científico e segundo as normas morais, nunca será realmente oposta à fé, já que as realidades profanas e as da fé têm origem no mesmo Deus”¹⁵.

Pensamento que afirma em *Evangelii gaudium*: “La Iglesia no pretende detener el admirable progreso de las ciencias. Al contrario, se alegra e incluso disfruta reconociendo el enorme potencial que Dios ha dado a la mente humana”¹⁶. Nesse diálogo com a cultura e as ciências, a teologia só enriquece seu conhecimento sobre Deus e a realidade¹⁷.

Já explicitamos anteriormente a importância que Francisco dá ao tema da cultura, a relação entre ela e o Evangelho, e o quanto está em jogo o projeto da nova evangelização que não pode prescindir do diálogo. Um diálogo equilibrado, fecundo e movido por um horizonte universal comum em que o bem da humanidade jamais pode ser desconsiderado¹⁸.

3.1.3 Diálogo com diferentes profissões de fé

Com aqueles que professam outra fé, religiões diferentes, ou mesmo com os que declaram não pertencer a nenhuma denominação religiosa, o caminho pelo qual se pode vertebrar o diálogo passa pela via ética, do respeito à dignidade humana, o respeito à vida em geral. Com diferentes interpretações morais e compreensões de como as crenças entram na vida – pessoal e social – a busca de uma ética universal em que cada ser humano se sinta implicado e comprometido torna-se um ponto central desse diálogo.

¹⁵ VATICANO II, *Gaudium et spes*, 36.

¹⁶ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 243.

¹⁷ Cf. P. LINARES, *Laudato si y la ciencia*, em E. SANZ GIMÉNEZ-RICO (ed.), *Cuidar de la Tierra, cuidar de los pobres. Laudato si desde la teología y con la ciencia*, Santander 2015, 105-123; AA.VV., *Comentarios sobre Evangelii gaudium, exhortación apostólica del papa Francisco*, Madrid 2015.

¹⁸ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Em busca de uma ética universal: novo olhar sobre a lei natural*, 2008, 1.

Nesse aspecto do diálogo encontra-se uma característica da cultura do encontro, que mencionamos anteriormente, que atualmente é primordial: o diálogo com o diferente. Perguntado sobre como se avança nessa ‘cultura do encontro’, Francisco explica os elementos que a formam essa cultura, assim como centra nela a importância do diálogo. Sem saída de si e sem entrar em diálogo com o outro, com o diferente, com todos, não há como construir a cultura do encontro:

“Una cultura que supone, centralmente, que el otro tiene mucho para darme. Que tengo que ir hacia él con una actitud de apertura y escucha, sin prejuicios, o sea, sin pensar que porque tiene ideas contrarias a las mías, o es ateo, no puede aportarme nada. No es así. Toda persona puede aportarnos algo y toda persona puede recibir algo de nosotros. El prejuicio es como un muro que nos impide encontrarnos. Y los argentinos somos muy prejuiciosos; enseguida, etiquetamos a la gente para, en el fondo, esquivar el diálogo, el encuentro”¹⁹.

Denunciando um traço limitado do jeito argentino de ser, ele na verdade está apontando os elementos que criam obstáculos ao diálogo fecundo e capaz de gerar bons frutos. Essa sua atitude de entrar em diálogo com todos, remete ao ato comunicativo e às mesas de diálogo de Habermas, em que todos os implicados numa questão devem ter assegurado o uso da palavra, devem falar com transparência e evitar a contradição.

Basicamente é o diálogo que o move em sua relação com a cultura. Descobrir os valores do Reino presentes nela e promove-los, assim como fazer chegar a ela os valores evangélicos ausentes. O que lhe permite um maior contato com a realidade, de onde lhe vem muito aprendizado.

Quando ainda era arcebispo em Buenos Aires o diálogo ecumênico, inter-religioso e com os vários seguimentos da sociedade sempre esteve presente em seu horizonte teológico:

“Una de las acciones que forjaron la imagen de compromiso social y político del entonces arzobispo porteño surgió en medio de la profunda crisis que explotó en la Argentina en 2001. Bergoglio fue uno de los promotores de la conformación de la Mesa del Diálogo Argentino que se convirtió en un espacio clave para enfrentar la desintegración social que vivía el país. Coordinada por la Iglesia reunió a distintas confesiones religiosas, políticos, sindicalistas, funcionarios y representantes de instituciones de las más variadas ideologías, y se convirtió en la génesis de consensos

¹⁹ S. RUBIN – F. AMBROGETTI, *op. cit.*, 113.

y políticas de Estado en un contexto de violencia y peligrosa pérdida de autoridad y legitimidad de los políticos y de las instituciones”²⁰.

Além da sua relação de amizade com o rabino Abraham Skorka, com o qual dialogou seriamente sobre vários temas, convém ressaltar atualmente sua proximidade e interesse em dialogar com as demais religiões. Diálogo expressado em gestos, como o encontro em que convocou líderes judeus, muçulmanos, budistas, hindus, anglicanos, ortodoxos para assinarem juntos uma declaração contra a escravidão²¹. Como o histórico encontro em Cuba com o patriarca Kirill, da Igreja Ortodoxa Russa, para assinatura de uma declaração conjunta em busca da unidade, da denúncia da perseguição que vivem atualmente os cristãos, da liberdade religiosa, do valor da família e do respeito à vida, cujo diálogo inter-religioso é indispensável²². Ou mesmo as jornadas de oração pela paz que já nos remete ao próximo princípio teológico.

Embora o essencial desse diálogo com pessoas de outras denominações religiosas expressou numa audiência geral inter-religiosa:

“O diálogo de que temos necessidade não pode deixar de ser aberto e respeitoso, pois só assim se revela fecundo. O respeito recíproco é condição e, ao mesmo tempo, finalidade do diálogo inter-religioso: respeitar o direito dos outros à vida, à integridade física, às liberdades fundamentais, ou seja, de consciência, de pensamento, de expressão e de religião. Caros irmãos e irmãs, quanto ao futuro do diálogo inter-religioso, a primeira coisa que devemos fazer é rezar. E rezar uns pelos outros: somos irmãos!”²³.

No diálogo dentro da Igreja, suscita constantemente o diálogo franco e sincero, como o faz nos encontros com as conferências episcopais de cada país, ainda que seja algumas vezes para corrigi-los como o fez em seu discurso aos bispos mexicanos²⁴. Embora uma expressão significativa da construção desse diálogo fecundo, se deu ultimamente no processo do sínodo dos bispos sobre a família, em seus três grandes momentos: na escuta do pensamento e sentir dos fiéis, no sínodo extraordinário e no ordinário. Um longo tempo de diálogo em várias instâncias até a chegada da exortação

²⁰ J. CÁMARA – S. PFAFFEN, *op. cit.*, 320-321.

²¹ Cf. FRANCISCO, *Discurso na cerimônia com líderes religiosos para a assinatura da declaração conjunta contra a escravidão*, (30.11.2014): AAS 106 (2014), 969. Em seu breve discurso, após a assinatura da declaração comum, Francisco afirma ter sentido a consolação do Espírito nesse diálogo.

²² Cf. *Id.*, Encontro do Papa Francisco com S.S. Kirill, Patriarca de Moscovo e de toda a Rússia, *Declaração conjunta*, (12.02.2016).

²³ *Id.*, *Discurso na audiência geral inter-religiosa por ocasião do cinquentenário da promulgação da declaração conciliar “Nostra aetate”*, (28.10.2015).

²⁴ *Id.*, *Discurso no encontro com os bispos do México*, (13.02.2016).

pós-sinodal *Amoris laetitia*, onde afirma que “El diálogo es una forma privilegiada e indispensable de vivir, expresar y madurar el amor en la vida matrimonial y familiar. Pero supone un largo y esforzado aprendizaje”²⁵. Uma das características notáveis de seu pontificado é que há liberdade. Que se pode expressar os pontos de vistas com tranquilidade, mesmo aqueles que discordam abertamente de aspectos na sua forma de exercer o pontificado. Diálogo que requer liberdade.

Em uma visita aos estudantes e aos professores de um colégio em Tóquio, enfatizou a importância do diálogo para a maturidade e a paz:

“O diálogo é muito importante para a nossa maturidade, pois no confronto com o outro, com as demais culturas, inclusive no confronto sadio com as outras religiões nós crescemos: crescemos e amadurecemos. É este diálogo que faz a paz. Não se pode ter paz sem diálogo. Todas as guerras e lutas, todos os problemas insolúveis, com os quais nos confrontamos existem devido à falta de diálogo. Quando existe um problema, dialogo: isto leva à paz”²⁶.

Como bem disse, não há paz sem diálogo, um princípio que remete necessariamente ao outro, pois é a condição para que haja entendimento, harmonia, concórdia, etc. Ao que afirma também que um líder religioso devem ser sempre um homem de paz, visto o mandamento da paz estar inscrito no profundo das tradições religiosas que um líder representa²⁷.

3.2 PAZ

Através de um diálogo ecumênico e inter-religioso, Francisco é capaz de centrar os esforços em temas e atitudes tão importantes como a caridade e a paz. Ao longo da história, e tristemente ainda em pleno século XXI, assistimos a episódios de guerras e perseguições que provocaram e provocam muitas mortes, motivados e sustentados por uma motivação religiosa. Apesar de que todas as religiões sempre estão em favor da paz. Mas na verdade, cresce, cada vez mais, é a rejeição de qualquer ato violento que possa ter na religião sua justificação. O respeito a liberdade religiosa encontra seu fundamento

²⁵ *Id.*, *Amoris laetitia*, 136.

²⁶ *Id.*, *Discurso aos estudantes e aos professores do colégio Seibu Gakuen Bunri Junior high school of Saitama – Tóquio*, (21.08.2013).

²⁷ *Id.*, *Discurso no encontro internacional para a paz organizado pela Comunidade de Santo Egidio*, (30.09.2013).

no respeito à dignidade humana e a convivência pacífica, sem atentados contra a vida do outro, deve ser um sinal inequívoco de qualquer religião²⁸.

A autêntica mensagem de Jesus é uma mensagem de paz e de total respeito à vida do outro. Ao comentar na homilia matutina esse trecho do evangelho de Lucas, fazendo memória do centenário da II Guerra Mundial no ano passado, as bombas de Hiroshima e Nagasaki, reconhece que o mundo ainda não entendeu o caminho da paz. Descreve o momento atual como uma guerra mundial em pedaços, em que os conflitos estão por várias partes e não se assume a gravidade do momento²⁹.

De alguma forma a preocupação de Francisco pela paz a podemos relacionar com pelo menos a três encíclicas de seus antecessores: *Pacem in terris* de João XXIII (a importância do direito à propriedade privada, seu incentivo ao desarmamento, a necessidade de que a Comunidade Internacional, a ONU através do Conselho de Segurança tenha controle sobre os conflitos, além da oração e da responsabilidade de todos na tarefa de construir a paz)³⁰, *Populorum progressio* de Paulo VI (a importância da vinculação da paz com a justiça, a necessidade lutar contra a fome, a preocupação com os pobres, com os países em desenvolvimento, o combate ao racismo, a oração e a construção de homens de ‘boa vontade’, construtores de paz)³¹ e *Caritas in veritate* de Bento XVI (a vinculação da paz com o amor e a justiça, a importância do desenvolvimento humano, a proteção dos recursos naturais, a fraternidade)³². São elementos que Francisco recupera como a expressão mais profunda do desejo divino e humano de construir a paz superando os problemas humanos que incidem diretamente no fenômeno migratório.

A paz, como princípio teológico sempre esteve presente na vida de Francisco e ainda mais agora com a escolha do nome de pontífice que carrega, que o torna símbolo e mensageiro da paz e da misericórdia. Do mesmo modo, a mensagem que a Igreja deseja comunicar ao mundo desde suas origens aos dias atuais, é uma mensagem de paz:

“La Iglesia proclama «el evangelio de la paz» (Ef 6,15) y está abierta a la colaboración con todas las autoridades nacionales e internacionales para cuidar este

²⁸ Cf. VATICANO II, *Dignitatis humanae*, 12.

²⁹ Cf. FRANCISCO, *Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da Casa Santa Marta*, (19.11.2015) e *Conferencia de imprensa no voo de regresso da Coreia a Roma*, (18.08.2014).

³⁰ Cf. JUAN XXIII, *Pacem in terris*, 1, 21, 110, 113, 115-117, 134, 142, 163-172.

³¹ Cf. PABLO VI, *Populorum progressio*, 5, 21, 34, 45, 55, 63, 73, 75-77, 80, 83, 84, 87.

³² Cf. BENEDICTO XVI, *Caritas in veritate*, 1, 7, 12, 15-16, 21, 27, 33, 51, 54-55, 57, 67, 71-72, 79.

bien universal tan grande. Al anunciar a Jesucristo, que es la paz en persona (cf. Ef 2,14), la nueva evangelización anima a todo bautizado a ser instrumento de pacificación y testimonio creíble de una vida reconciliada”³³.

Evidente está que a paz é um valor desejado por todos, um bem que beneficia a toda a humanidade, que há outros caminhos para serem trilhados na resolução dos conflitos e das guerras, cujo confronto armado e violento sempre é possível evitar. O que faz levantar a pergunta é: E por que seguem sucedendo as guerras, se no fundo todos os homens querem a paz? Não há outra explicação se não, o fato de que o ser humano prefere seguir priorizando e idolatrando o dinheiro, o poder, os interesses pessoais e particulares, ignorando continuamente os caminhos que constroem a paz, de modo que seu desejo mais profundo pela paz não é capaz de tornar-se gestos concretos de paz:

“(…) a paz é um bem que supera qualquer barreira, porque é um bem de toda a humanidade. Repito em alta voz: não é a cultura do confronto, a cultura do conflito, aquela que constrói a convivência nos povos e entre os povos, mas sim esta: a cultura do encontro, a cultura do diálogo: este é o único caminho para a paz”³⁴.

Nas mensagens para o Dia Mundial da Paz³⁵ durante esses três anos de seu pontificado, em que faz uma análise da realidade, da ausência de paz no mundo e aponta alguns caminhos para construir a cultura da paz, em todas elas estão presentes sua preocupação com a crise migratória. Sinal da relação direta que há entre a ausência de paz no mundo e o fluxo migratório.

Nessas mensagens, Francisco desenvolve um pensamento de que o caminho para a paz tem seu fundamento na fraternidade, além de ser também uma dimensão constitutiva do ser humano, que no seu desejo mais profundo deseja um mundo em paz. Mas quando falta a abertura a Deus e a fraternidade, o ser humano já não reconhece o direito que todos tem de acesso ao destino universal dos bens. Cresce o egoísmo, a ganância, a preocupação apenas com os seus interesses, de modo que muitos sobram e já não conseguem sua parte nos bens universais³⁶.

³³ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 239.

³⁴ *Id.*, *Ángelus*, (01.09.2013).

³⁵ Cf. *Id.*, *Mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz – Fraternidade, fundamento e caminho para a paz*, (08.12.2013): AAS 106 (2014), 22; *Mensagem para a celebração do XLVIII Dia Mundial da Paz – Já não escravos, mas irmãos*, (08.12.2014): AAS 107 (2015), 66 e *Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz – Vence a indiferença e conquista a paz*, (08.12.2015).

³⁶Cf. *Id.*, *Laudato si*, 157-158.

Frente as guerras, um dos maiores obstáculos para um mundo em paz e também uma das causas dos deslocamentos forçados, a Igreja busca promover a cultura da paz. Sai em defesa das pessoas e combate todo tipo de violência que tente destruir a dignidade humana:

“Mientras en el mundo, especialmente en algunos países, reaparecen diversas formas de guerras y enfrentamientos, los cristianos insistimos en nuestra propuesta de reconocer al otro, de sanar las heridas, de construir puentes, de estrechar lazos y de ayudarnos «mutuamente a llevar las cargas» (Ga 6,2)”³⁷.

Sem fazer a inversão da lógica do confronto, do conflito, dos muros e fronteiras, para a lógica do encontro, do diálogo, da fraternidade, não é possível romper o círculo das guerras que continuarão forçando e obrigando milhares de pessoas a deixarem suas casas para irem em busca de um lugar seguro, em paz, para viver com os seus. Unido a pobreza são as causas que mais sofrimentos acarretam ao ser humano. Sem mencionar a destruição da história familiar, a perda de pessoas queridas e do patrimônio construído etc. Basta escutar alguns depoimentos de pessoas que passaram por essa experiência para dar-se conta do difícil que é ter vida ‘normal’ depois de tudo isso.

Teve e continua tendo grande relevância seu gesto de convocar uma oração pela paz no Oriente Médio e no mundo, nos jardins do Vaticano, em que convocou o presidente de Israel Shimon Peres, o líder palestino Mahmud Abbas, e o patriarca ortodoxo Bartolomeu I. Líderes políticos e religiosos de uma das regiões do mundo em constantes conflitos, cuja fronteira continua sangrando diariamente. Um encontro para pedir pela paz, para que todos os seres humanos se respeitem e se reconheçam como irmãos, filhos do mesmo Pai e que da paz nunca se deve desistir:

“Para fazer a paz é preciso coragem, muita mais do que para fazer a guerra. É preciso coragem para dizer sim ao encontro e não à briga; sim ao diálogo e não à violência; sim às negociações e não às hostilidades; sim ao respeito dos pactos e não às provocações; sim à sinceridade e não à duplicidade. Para tudo isto, é preciso coragem, grande força de ânimo”³⁸.

O mundo segue necessitando de homens e mulheres, líderes políticos e religiosos, que saiam em defesa da paz universal e comprometam o ensinamento que transmitem as pessoas que estão ao seu entorno, assim como todas elas, na construção de pontes que manifestem o desejo de viver em paz. Esforço que Francisco procura fazer na liderança

³⁷ *Id.*, *Evangelii gaudium*, 67.

³⁸ *Id.*, *Discurso na invocação pela paz*, (08.06.2014): AAS 106 (2014), 538.

dos cristãos católicos, embora seu carisma e sua credibilidade sempre ultrapassam essas fronteiras do ‘mundo católico’, assim como ver com bons olhos e coração agradecido o esforço de todos pela paz:

“A meu ver, hoje o mundo vive sequioso de paz. Existem guerras, migrantes que fogem, esta vaga migratória que deriva das guerras, para escapar da morte, para procurar a vida... Hoje emocionei-me muito porque veio saudar-me diante da Casa de Santa Marta uma das duas famílias que vivem na paróquia de Santa Ana, no Vaticano; foram acolhidas ali, sírios, refugiados... Via-se no seu rosto a dor por isto! Aquela palavra: ‘paz’... Agradeço-vos tudo o que fizerdes no vosso trabalho para construir pontes: pequenas pontes, pequenas, mas uma pequena ponte e mais uma e outra ainda fazem a grande ponte da paz”³⁹.

Uma das consequências concretas dessa construção de pequenas e grandes pontes, da construção da cultura do diálogo e da paz, é terminar por se convencer que habitamos todos uma mesma casa comum, que tudo está conectado, que há um cosmos e não um caos, onde constatamos a unidade, princípio que em seguida descreveremos.

3.3 UNIDADE

Mais do que descrever a busca da unidade entre os cristãos e no diálogo inter-religioso, ou mesmo o atual processo de globalização, bastante enfatizado nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, em que o termo ganhou força, ou até mesmo a interdependência, conceito que usaram os papas João XXIII e Paulo VI em suas encíclicas sociais⁴⁰, a referência a unidade como princípio teológico presente no pontificado de Francisco, quer apontar para a noção de que os cosmos e os seres humanos estão integrados em uma mesma realidade.

Para que seja visível essa unidade se faz necessário superar aquelas realidades que atentam contra ela, como os conflitos e as guerras, ou mesmo o desrespeito a convivência pacífica entre todas as religiões. Unidade que também integra muitos outros elementos que lhe dão base, como se referiu em uma visita a um centro de refugiados em África,

³⁹ *Id.*, *Saudação aos jornalistas durante o voo Roma-Havana para a Visita Apostólica a Cuba, aos Estados Unidos e a sede da ONU*, (19.09.2015).

⁴⁰ Cf. A. M. CÁCERES, *Iglesia e globalización. La herencia de Juan Pablo II y la novedad de Benedicto XVI*, Santander 2012, 9. Papa João XXIII na encíclica *Pacem in terris*; Paulo VI em *Populorum progressio*; João Paulo II em *Laborem Exercens*, *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus annus*; e Bento XVI reflete a mesma realidade de globalização para a qual usa a expressão ‘interdependência planetária’ em *Caritas in veritate*, 33.

descrevendo alguns desses elementos que não podem faltar nessa compreensão da unidade:

“Digo-vos que li aquilo que as crianças tinham escrito [nos cartazes]: «paz», «perdão», «unidade», muitas coisas... «amor». Nós temos o dever de trabalhar e rezar a fim de fazer tudo pela paz. No entanto, a paz sem amor, sem amizade, sem tolerância e sem perdão não é possível. Cada um de nós deve fazer algo. Tanto a vós como a todos os centro-africanos, desejo a paz, uma paz imensa entre vós! Que vós possais viver em paz, independentemente da etnia, da cultura, da religião ou da condição social. Que todos vós vivais em paz, todos, porque somos todos irmãos! Gostaria que todos juntos disséssemos: «Somos todos irmãos!»⁴¹.

Na encíclica *Laudato si* está expressado em detalhes essa concepção de unidade através do paradigma da ‘ecologia integral’. Uma chamada de atenção para reconhecer que a criação não é algo que está fora do ser humano e disponível ao seu uso desmedido, senão que ele próprio faz parte da criação. Que a relação do ser humano com a criação tem consequências diretas com sua vida: “No hay ecologia sin una adecuada antropología”⁴².

Identificando a raiz humana da crise ecológica no paradigma tecnocrático dominante e seu poder globalizante⁴³, no capítulo quarto da encíclica ele descreve em que consiste essa ‘ecologia integral’ e como se deve superar uma relação dicotômica com a criação e convencer-se de que tudo está conectado:

“Dado que todo está íntimamente relacionado, y que los problemas actuales requieren una mirada que tenga en cuenta todos los factores de la crisis mundial, propongo que nos detengamos ahora a pensar en los distintos aspectos de una ecología integral, que incorpore claramente las dimensiones humanas y sociales”⁴⁴.

Partindo de uma análise da ecologia ambiental, econômica, social, cultural, presente na vida diária através de pequenos gestos, chega a contemplar o princípio do bem comum e a justiça entre as gerações, para apresentar a necessidade de passar de uma lógica individualista, egoísta, a uma lógica de dimensão verdadeiramente humana, social e comunitária. Sua preocupação é com todos, visto que os impactos ecológicos afetam a todos. Embora dedica uma atenção especial aos mais pobres, visto que são os que mais

⁴¹ FRANCISCO, *Discurso em Bangui-República Centro-Africana na visita ao campo de refugiados de Saint Sauver*, (29.11.2015).

⁴² Cf. *Id.*, *Laudato si*, 116, 118.

⁴³ Cf. *Ibid.*, 52, 101, 106, 108, 111, 113, 144.

⁴⁴ *Ibid.*, 137, Cf. *Ibid.*, 10-11, 62, 124, 156, 159, 225, 230.

sofrem com os efeitos negativos da crise ecológica, dentre esses mais pobres o sofrimento dos migrantes que são forçados a migrarem devido a degradação ambiental⁴⁵.

Essa sua preocupação pelos mais pobres e marginalizados insere-se dentro da compreensão de uma nova teologia da criação, que vai sendo desenvolvida ao longo da encíclica e não deixa de manter viva a opção preferencial assumida na Conferência de Medellín e tantas vezes repetida nos documentos do magistério latino-americano. Uma opção que se pode constatar em seu pontificado como um fio condutor:

“Desde que el cardenal Cláudio Hummes, arzobispo emérito de la diócesis de San Pablo, le dijo al cardenal Bergoglio, justo en el momento de su elección como Papa, que no se olvidase de los pobres, parece una constante en el pontificado de Francisco una clara, decidida y transversal opción por los marginados del planeta. Clara, porque ya desde su primero encuentro con los periodistas en el aula ‘Pablo VI’ manifestó su deseo de tener una Iglesia pobre y para los pobres. Decidida, porque han sido múltiples sus gestos de cercanía pastoral e incluso litúrgica – no siempre bien comprendidos – en cárceles, centros de acogida, hospitales, barrios deprimidos, Lampedusa, etc. Y transversal, porque no hay alocución, homilía o documento de Francisco en los que, de una u otra manera, no aparezca la proximidad y la preferencia que el amor y la misericordia de Dios tiene para con lo perdido, lo desechado, lo fracturado y frustrado de este mundo, tanto en la sociedad en general, como en el interior de la Iglesia”⁴⁶.

A esses membros da família humana que se encontram mais frágeis, excluídos, marginalizados, violentados em sua dignidade, são os que Francisco dedica seus gestos mais expressivos de ternura e misericórdia. Vai às periferias ao encontro deles e leva consigo a atenção do mundo inteiro, que o segue atentamente e não se cansa de surpreender com a iniciativa de seus gestos.

3.4 MISERICÓRDIA⁴⁷

Trata-se do princípio teológico mais central do pontificado de Francisco, o mais desenvolvido pelas bibliografias recentes sobre ele. Apesar de ser um dos temas bíblicos que perpassa a Escritura do início ao fim, Francisco coloca ênfase na misericórdia divina revelada em Jesus de Nazaré, o rosto da misericórdia do Pai⁴⁸, cuja expressão inicia a Bula

⁴⁵ Cf. *Ibid.*, 25.

⁴⁶ P. CASTELAO, “La ‘cuestión ecológica’ y la teología de la creación”, em E. SANZ GIMÉNEZ-RICO (ed), op. cit., Santander 2015, 68.

⁴⁷ Todos os papas mais recentes procuraram também dar ênfase sobre a misericórdia. Algumas referências: João XXIII em *Gaudete mater Ecclesia*, 16; Paulo VI na *Alocução durante a sessão de encerramento do Concílio Vaticano II*, 8-17; João Paulo II em *Dives in misericórdia*, 3 e 8; e Bento XVI em *Deus caritas est*, 9-10.

⁴⁸ Cf. FRANCISCO, *Bula de proclamação do jubilar extraordinário da misericórdia*, (11.04.2015): AAS 107 (2015), 399. Francisco repete 149 vezes a palavra ‘misericórdia’ na bula.

de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia que teve início no dia 8 de dezembro de 2015, dentro do marco das comemorações dos cinquenta anos do encerramento do Concílio Vaticano II.

Em seu segundo encontro com o povo de Deus, quando dirigiu sua primeira oração do *Ângelus* na Praça de São Pedro, fez um comentário sobre o livro do cardeal Kasper sobre a misericórdia que lhe fez muito bem e afirmou: "...misericórdia: esta palavra muda tudo, muda o mundo. Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo. Precisamos de compreender bem esta misericórdia de Deus, este Pai misericordioso que tem tanta paciência..."⁴⁹. Desde aí, a misericórdia será a palavra chave do seu pontificado, embora já fizesse parte do seu brasão episcopal, e culmina dois anos depois com a convocação de um jubileu extraordinário dedicado a misericórdia. Uma oportunidade para ajudar toda a Igreja a recuperar essa dimensão essencial de Deus que Jesus revelou durante toda sua vida terrena e que para Francisco está no centro do Evangelho.

O cardeal Walter Kasper começa seu livro "*La misericordia - Clave del Evangelio y de la vida cristiana*"⁵⁰ refletindo sobre a misericórdia como um tema atual que foi esquecido. Refletir sobre a misericórdia é referir-se a algo central na vida de Jesus e não sobre qualquer aspecto sobre ele, visto que toda a sua vida foi um deixar-se conduzir pelo princípio da misericórdia. O que Francisco está realizando em seu pontificado é exatamente tirar a misericórdia desse esquecimento e trazê-la para o centro do agir hoje da Igreja, de cada cristão e de todas as comunidades cristãs, sendo uma referência para o mundo. Revelar a sociedade contemporânea a melhor face de Deus e da Igreja, continuadora da missão de Jesus, a misericórdia em pessoa.

Este ano jubilar extraordinário da misericórdia coincide na liturgia com o Ano C em que acompanhamos a leitura do evangelho de Lucas, considerado por muitos estudiosos como o evangelista da misericórdia. Lucas enfatiza nos seus relatos vários temas que ganham um destaque especial: caminho, salvação universal, pobres, mulheres, crianças, oração, Espírito Santo, serviço e entre eles a misericórdia. "...Para Lucas el amor es siempre algo práctico y concreto. Además recalca que el amor no conoce fronteras sociales, ni político-raciales, y se atreve a hacer caso omiso de prejuicios y convenciones"⁵¹. Amor, compaixão, misericórdia, são termos que vão sendo entrelaçados

⁴⁹ *Id.*, *Ângelus*, (17.03.2013).

⁵⁰ Cf. W. KASPER, *La misericordia. Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Santander 2012.

⁵¹ W. SCHRAGE, *Ética del Nuevo Testamento*, Salamanca 1987, 197.

ao longo dos evangelhos e querem, muitas vezes, fazer referência a uma mesma realidade: os atributos de Deus que nos revela Jesus no modo de viver entre nós. Embora a misericórdia não seja a única atitude que Jesus exercita, podemos dizer que é justamente ela que está como princípio de suas ações, dando origem e configurando toda a sua vida e missão⁵². Ser humano para Jesus é agir com misericórdia, o que configura uma visão de Deus e do homem. O Deus que Jesus revela é defensor dos pequenos e misericordioso para com todos, de modo especial pelos mais pobres:

“Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo atual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos povos ricos. Neste Jubileu, a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo”⁵³.

Misericórdia é o segundo nome do amor⁵⁴, e a essa misericórdia há que dar-lhe forma concreta, gestos que expressem seu sentido mais profundo. Por isso que assume um grande valor os gestos simbólicos de misericórdia que Francisco realiza de forma espontânea, visitando enfermos, presídios, comendo com funcionários, acariciando crianças e idosos etc, dimensão prática da misericórdia, superando certo romanticismo sobre ela. São as obras de misericórdia, corporais e espirituais que pretende recuperar na prática cristã dos fiéis. Pedido que realizou também aos Estados, em sua mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano, para que repensem as legislações sobre as migrações, movam a vontade política para dar hospitalidades a essas pessoas, assim como facilitem a integração deles dentro dos Estados em que governam⁵⁵.

⁵² J. SOBRINO, *El principio misericordia: bajar de la cruz a los pueblos crucificados*, Santander 1992, 37.

⁵³ FRANCISCO, *Bula de proclamação do jubilar extraordinário da misericórdia*, (11.04.2015): AAS 107 (2015), 399.

⁵⁴ *Id.*, *Ángelus*, (06.09.2015).

⁵⁵ *Id.*, *Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz* (2016), (08.12.2015).

3.4.1 Misericórdia em Lucas

Nas referências bíblicas sobre a misericórdia, papa Francisco insiste basicamente em duas passagens do Novo Testamento: Mt 25, 31-46 (sobre o juízo final, perícopo de onde derivam substancialmente as obras de misericórdia corporais, centrais no pensamento de Francisco⁵⁶) e Lc 10, 29-37 (sobre a parábola do bom samaritano, modelo da ação misericordiosa divina e humana).

Convém observar que no grego não há um termo único para se referir à misericórdia⁵⁷. Para compreender o que Lucas deseja registrar em cada momento do seu Evangelho quando usa os termos "misericórdia e compaixão", é fundamental buscar explicitar o sentido dessas palavras a partir do contexto em que elas ocorrem. Para expressar o campo semântico de "compaixão e misericórdia" há o registro de quatro termos: a) *Splagchnízomai*; b) *Oiktirmon*; c) *Éleos*; d) *Hilaskesthai*. Para não sair demasiado do tema que nos ocupa, explicitaremos apenas o primeiro termo, '*Splanchnizesthai*', que traduz o modo misericordioso como atuou o samaritano, parábola que Francisco menciona constantemente⁵⁸.

"*Splanchnizesthai*" quer dizer ter compaixão e revela a realidade física-humana do mover as entranhas (ventre, vísceras, coração) ao estar diante da dor, do sofrimento do outro. Nesse contexto, ser compassivo, ter compaixão, é ter entranhas de misericórdia; é sofrer com, sentir com, estar afetado pela dor do outro e mover-se a alguma ação⁵⁹.

Encontramos esse termo três vezes em Lucas e revestido de suas características específicas:

1- Na perícopo da Ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17): "*O Senhor, ao vê-la, ficou comovido... Depois aproximando-se tocou o esquife... e disse: Jovem, eu te ordeno, levanta-te!... E Jesus o entregou a sua mãe*".

2 - Na perícopo do Bom Samaritano (Lc 10,29-37): "*Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão... Aproximou-se, cuidou de*

⁵⁶ Cf. A. TORNIELLI, *Las obras de misericórdia*, Barcelona 2016, 17.

⁵⁷ Cf. G. MOREIRA, *Compaixão-Misericórdia: uma espiritualidade que humaniza*, São Paulo 1996, 42-50.

⁵⁸ W. KASPER, *El desafío de la misericordia*, Santander 2015, 15.

⁵⁹ Cf. A. TORNIELLI, *El nombre de Dios es misericordia*, Barcelona 2016, 101-104.

suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados".

3 - Na perícopa do Filho pródigo (Lc 15,11-32): *"Estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se ao pescoço, cobrindo-o de beijos".*

São relatos nos quais podemos observar que o sentimento de compaixão-misericórdia nasce do ver, ouvir, tocar e sentir a dor do outro. Uma ação que não fica presa a simples análises da realidade, e provoca uma atitude concreta, gerando uma reação cheia de compaixão. É perceptível nesses relatos apresentados o percurso realizado da comoção a ação misericordiosa. Movimento onde reside o esforço de Francisco frente ao fenômeno migratório. Não basta a comoção. É necessário dar passos concretos para encarnar a misericórdia na realidade concretas dessas pessoas. Os migrantes e refugiados interpelam a resposta do Evangelho da misericórdia, foi o tema da jornada Mundial dos Migrantes e Refugiados desse ano e a compreensão da missão da Igreja para Francisco consiste em ser esse sinal de misericórdia para as pessoas e para o mundo: "La Iglesia no está en el mundo para condenar, sino para permitir el encuentro con esse amor viseral que es la misericórdia de Dios"⁶⁰.

Assim como foi o sofrimento visto, escutado, tocado, sentido e interiorizado nas entranhas de Jesus que o moveu a agir com compaixão, misericórdia, tornando-se solidário com aqueles que sofrem, hoje e sempre os cristãos devem seguir os mesmos passos. A dor do outro deve gerar uma reação que conduza à ação.

Como evangelista e papa da misericórdia podemos dizer que Lucas e Francisco, respectivamente, desejam mostrar aos seus leitores e seguidores o caráter ilimitado da misericórdia de Deus. Uma bondade divina que supera todo e qualquer raciocínio humano, pois vai além de sua compreensão, extrapola as categorias humanas de compreender sua bondade. De forma que é em Jesus que essa bondade, compaixão-misericórdia, vai tomando corpo na história. É Ele quem revela o verdadeiro "*rosto de Deus*", assim como a sua ternura para com aqueles que mais padeciam na sociedade de

⁶⁰ *Ibid.*, 66. Em sintonia com as palavras de João XXIII no discurso de abertura do Concílio: "En nuestro tiempo, sin embargo, la Esposa de Cristo prefiere usar la medicina de la misericordia más que la severidad. Desea ir al encuentro de las necesidades actuales, mostrando la validez de su doctrina, más que renovando condenas"- *Gaudet mater Ecclesia*, 16.

seu tempo. O sofrimento dos pobres, dos fracos, dos doentes e todos aqueles privados de dignidade não lhe era indiferente.

A narrativa do bom samaritano se articula definitivamente em torno da antítese fundamental nada/tudo, muito próprio de Lucas. Ao contrário do sacerdote e do levita que nada fazem, o samaritano testemunha a plenitude e a perfeição do amor e do serviço ao próximo⁶¹. Há também na narrativa uma inversão do saber para o fazer em torno da pergunta: "Quem é meu próximo?" levantada pelo legista. Enquanto o legista está preocupado em saber quem seja o próximo, numa perspectiva mais abstrata e sem engajamento, Jesus repropõe a questão, após contada a história, para perguntá-lo: "Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" Seguido de uma exortação: "Vai, e também tu, faz o mesmo." Um deslocamento do saber quem seja o próximo para fazer-se próximo, a fim de mostrar que o amor e o serviço ao outro é uma questão de engajamento, que apela às disposições de abertura e à responsabilidade de cada um.

O próximo, então, é qualquer pessoa que se aproxima dos demais com amor operativo e generoso sem levar em conta as barreiras religiosas, culturais e sociais⁶². Podemos dizer que na pessoa do samaritano Lucas deseja mostrar o modo como Deus ama, ou seja, que seu amor é universal e não depende das condições do sujeito. Em outras palavras, o samaritano não ama Deus no próximo, ele ama o próximo como Deus⁶³. A esse nível de amor ao outros, sobretudo aqueles que mais sofrem, é o horizonte para o qual Francisco está direcionando a Igreja e apontando para o mundo o caminho por onde construir um mundo melhor.

⁶¹ M. GOURGES, *op. cit.*, 26.

⁶² R. FABRIS – B. MAGGIONI, *Os Evangelhos, t. II*, São Paulo 1995, 126.

⁶³ M. GOURGES, *op. cit.*, 30.

3.5 Balanço do capítulo

Ultimamente a *Teología del Pueblo* tem sido bastante aprofundada e apresentada ao mundo, sobretudo pelo teólogo Scannone, ultimamente convocado a conferências em todas as partes, para explicar particularmente a teologia que está presente em Francisco. Dentro do marco da teologia produzida na América Latina, cuja a Teologia da Libertação tem se tornado sua expressão máxima, Scannone reiteradamente situa a teologia popular como herdeira de uma das correntes da teologia da libertação, mas que em Argentina assumiu características próprias. Mais do que considerar apenas essa referência à *Teología del Pueblo*, preferimos selecionar alguns princípios que revelasse o panorama teológico que está por detrás do pensamento de Francisco, mas ao mesmo tempo é possível encontra-los em suas mensagens, em seus gestos e sua forma de atuar. Através do diálogo, da paz, da unidade e da misericórdia, como os princípios teológicos centrais no pensamento de Francisco, podemos perceber como eles fazem dele um homem que transita do universal ao particular, do teórico ao prático, com muita facilidade.

CONCLUSÃO

Passados esses três primeiros anos do seu pontificado, Papa Francisco segue conduzindo o governo universal da Igreja dando unidade a esses três capítulos que desenvolvemos ao longo dessa tesina.

Primeiramente em sua própria experiência do fenômeno migratório como filho de uma família de imigrantes e cuja construção cultural está marcada por essa experiência. Experiência essa que o torna sensível e solidário com as pessoas que são forçadas a se deslocarem de seus países, pois de certa maneira tem experimentado algumas consequências desse processo.

Apesar de parte de sua família não ter sido motivada diretamente a migrar devido à pobreza ou guerras (o que não deixa de ter elementos indiretos, por causa da instabilidade financeira e de segurança nacional e mundial, visto que emigraram em 1929, e tiveram que acompanhar desde Argentina o desenrolar da II Guerra Mundial, a preocupação com os familiares que seguiram na Itália, a reunificação do país etc.), tem consciência de que as pessoas que são obrigadas a migrarem por situações muito mais difíceis e complexas, são vítimas de processos violentos e desumanizadores, como ele mesmo menciona na exortação *Amoris laetitia*: “Otra cosa es la migración forzada de las familias como consecuencia de situaciones de guerra, persecuciones, pobreza, injusticia, marcada por las vicisitudes de un viaje que a menudo pone en riesgo la vida, traumatiza a las personas y desestabiliza a las familias”¹.

Ter tocado, ainda que indiretamente esse mundo das migrações, por meio das suas consequências, contribuiu para reconhecer uma série de valores que na vida das pessoas que emigram são fundamentais, entre eles, a dignidade de ter um trabalho de onde as pessoas vão assegurando as necessidades mais básicas de sua família, como a alimentação, o vestuário, o cuidado com a higiene, a saúde e a educação, que foi defendido por Francisco em seu encontro com os movimentos sociais na Bolívia, como o direito aos três “t”: terra, teto e trabalho:

“A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: os famosos três “T”: terra, teto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados..

¹ FRANCISCO, *Amoris laetitia*, 46.

Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador excluído, do indígena oprimido, da família sem teto, do imigrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho num tiroteio porque o bairro foi tomado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha porque foi sujeita à escravidão; quando recordamos estes «rostos e estes nomes» estremeçam-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e comovemo-nos, todos nos comovemos.... Porque «vimos e ouvimos», não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne”²;

O que nos dá os elementos para titulá-lo de “O Papa migrante”, como foi chamado também pelo diretor de migrações da Conferência Episcopal dos EUA³. Com esse título e com o lugar que agora ocupa, ele tem sido e continuará sendo um sinal de esperança para os migrantes e refugiados. Uma luz no horizonte para uma migração humanizada e sem violência a dignidade humana. Sonho que manifestou em seu discurso ao receber o Prêmio Magno: “Sonho uma Europa, onde ser migrante não seja delito, mas apelo a um maior compromisso com a dignidade de todos os seres humanos”⁴.

Um segundo aspecto está em que sua preocupação com a atual crise migratória e de refugiados se configura como um tema transversal do seu pontificado. Está presente na maioria dos seus discursos, mensagens, entrevistas e refletido mundialmente sobretudo nos gestos simbólicos (e porque não midiáticos) de sua aproximação física e moral aos lugares onde a crise tem revelado a face mais aguda do atual sofrimento humano e vergonhosamente a face mais desumana da falta de solidariedade institucional e da pouca vontade política, sobretudo dos Estados, para dar uma resposta à altura desse fenômeno.

Praticamente em todas suas viagens apostólicas fora da Itália tem tratado do fenômeno migratório em alguma ocasião. Tem aproveitado sabiamente as conferências de imprensa concedidas nos voos de ida ou regresso, em que jornalistas de várias partes do mundo trabalham dando cobertura e transmitindo integralmente os momentos mais importantes, deixando a todos que o seguem suficientemente informados. Todos os dias é possível saber algo que aconteceu ou está por acontecer na agenda do pontífice. Há que reconhecer, até mesmo os melhores analistas de semiótica, que Francisco faz um bom da

² *Id.*, *Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra-Bolívia*, (09.07.2015).

³ J. K. APPLEBY, “The migrant Pope”, em *America The National Catholic Review*, 6-13 de julho de 2015. Cf. <http://americamagazine.org/issue/migrant-pope> (consultado 18.05.2016). J. Kevin é o diretor de políticas migratórias e assuntos públicos da Conferência Episcopal dos EUA.

⁴ FRANCISCO, *Discurso na entrega do prêmio Carlos Magno*, (06.05.2016).

sua imagem, do uso dessas oportunidades para aproximar mais e melhor as pessoas do mistério de Deus, fazendo da Igreja um signo e instrumento para tal.

Em dez palavras-expressões buscamos recolher seu pensamento, pronunciamentos e gestos em torno do fenômeno migratório e a crise dos refugiados. Poderiam haver sido menos, ou também poderiam haver sido mais, o importante é que através dessas expressões estão aglutinadas as realidades que vão aparecendo por detrás de suas palavras, como chaves de leitura que nos abrem a compreensão do fenômeno como um todo.

Terceiro aspecto trabalhado, tem sido sua própria experiência de Deus, através dos quatro princípios teológicos mais centrais que guiam sua vida e estão encarnados em suas atitudes. Eles estabelecem pontos de contatos com a vida concreta dos migrantes e refugiados. Uma verdadeira articulação entre a espiritualidade dos “olhos fechados” e dos “olhos abertos” como bem explicou Benjamin González Buelta em uma conferência no Rio de Janeiro:

“O “místico de olhos fechados” vive com uma inusitada profundidade e consciência, a viagem sem fim do encontro com Deus que cada um de nós inicia desde o primeiro dia de nossa existência. Sair de suas mãos, e entrar no espaço e tempo de nosso mundo, não foi uma despedida, mas sim o começo de um encontro que já não tem limites. Fecham-se os olhos para viver a intimidade povoada pelo mistério inesgotável de Deus.

Por outro lado, o “místico de olhos abertos” abre bem os olhos para perceber toda a realidade, porque sabe que a última dimensão de todo o real está habitada por Deus. relaciona-se com o mundo, dando-se conta dos sinais de Deus que enchem todo o criado com sua ação incessante, com sua fascinante criatividade sem fim. A paixão de sua vida é olhar e não se cansa de contemplar a vida porque busca nela o rosto de Deus.

Todos temos algo das duas místicas. Os Exercícios de Santo Inácio são uma grande escola de mística de olhos abertos porque vão conduzindo do encontro com Deus na intimidade, (mística de olhos fechados), à contemplação de Deus em todas as coisas, (mística de olhos abertos)”⁵.

Francisco consegue harmonizar bem o pêndulo dessas duas místicas. Os dois anos em que esteve vivendo em Córdoba, sem muitas responsabilidades, depois que deixou as classes de Teologia Pastoral⁶, certamente foram cruciais para aprofundar a mística dos

⁵ Conferência pronunciada no Colégio Santo Inácio, Rio de Janeiro, dia 2 de maio de 2005, para o lançamento da tradução em português do seu livro: Salmos para sentir e saborear as coisas internamente. Uma ajuda para a experiência dos Exercícios Espirituais. Texto traduzido pela Dra. Maria Clara Bingemer e publicado pelo Mosteiro da Santa Cruz, em Juiz de Fora (Brasil), em dezembro de 2004.

⁶ Apresentamos como anexo o programa do curso de Teologia Pastoral que Bergoglio ministrava.

olhos fechados, que atualmente vem dando seus frutos através do seu olhar amplo e profundo sobre o mundo e a humanidade, descobrindo neles os sinais do Reino e do anti-Reino presentes.

Certamente podemos ver realizada em sua experiência mística e na espiritualidade que transmite, a ‘profecia’ de Karl Rahner referindo-se aos cristãos do futuro: “El Cristiano del futuro, o será un místico, es decir, una persona que ha experimentado algo, o no será cristiano. Porque la espiritualidad del futuro no se apoyará ya en una convicción unánime ni en un ambiente religioso generalizado, sino en la experiencia y la decisión personales”⁷. Um desafio que preocupa a Igreja, pensar nas novas formas de transmitir a fé numa sociedade cada vez mais secularizada, em que já não se pode mais pressupor a fé como anteriormente. Pensar e colocar em prática um plano de evangelização tendo presente as culturas atuais, sem jamais renunciar o anúncio da Boa Nova que Jesus Cristo traz e transforma o mundo.

Depois de um caminho recorrido ao longo do nosso trabalho nos permitimos aproximar Francisco, e a conjuntura atual, de alguns personagens que também marcaram a história da Igreja em contextos diferentes. Fazemos esse exercício, mesmo sabendo que as comparações são sempre injustas.

Uma primeira aproximação queremos fazer com o melhor dos personagens da patrística, através da pregação moral vinculada a realidade social de sua época. Grandes teólogos como São Basílio, São Gregório de Nisa, Santo Ambrósio e São João Crisóstomo. Teólogos e pastores que mantiveram unidos palavra, sacramento e o exercício da caridade na transmissão da fé. Histórias e testemunhos de vida cristã que nos permitem sentir a frescura do Evangelho, e a proximidade com o mundo dos pobres, dos sofredores, que ocupava a fé cristã no tempo em que viveram. Mas também o aproximamos do melhor do humanismo do século XVI produzido pela Escola de Salamanca em defesa da dignidade de índios e negros, cuja melhor expressão encontramos no sermão denúncia de Fr. Antón de Montesinos O.P.:

“Decid: ¿Con qué derecho y con qué justicia tenéis en tan cruel y horrible servidumbre a estos indios? ¿Con qué autoridad habéis hecho tan detestables guerras a estas gentes, que estaban en sus tierras mansas y pacíficas donde tan infinitas de ellas, con muerte y estragos nunca oídos habéis consumido? ¿Cómo los tenéis tan oprimos y fatigados, sin darles de comer ni curarlos en sus enfermedades en que, de

⁷ K. RAHNER, “Espiritualidad antigua y actual” en *Escritos de teología* VII, Madrid 1967, 25.

los excesivos trabajos que les dais, incurren y se os mueren y, por mejor decir, los matáis por sacar y adquirir oro cada día? ¿Éstos no son hombres? ¿No tienen ánimas racionales? ¿No estáis obligados a amarlos como a vosotros mismos? ¿Esto no entendéis? ¿Esto no sentís? ¿Cómo estáis en tanta profundidad de sueño tan letárgico dormidos?''⁸.

Sobretudo ante a inércia da União Europeia frente à crise migratória para reconhecer o direito à vida e o respeito à dignidade de milhares de migrantes e refugiados que chegam as fronteiras europeias, mas também ante certa insensibilidade e comodismo que facilmente encontramos dentro da Igreja, as palavras e os gesto de Francisco renovam as mesmas denúncias de cinco séculos atrás e apela por direitos que teoricamente está assegurado, mas que na prática seguem sendo desrespeitados. Estamos convencido de que passará a história também por sua defesa da dignidade dos migrantes e refugiados do século XXI.

A segunda aproximação o coloca ao lado do papa Leão XIII, no contexto mundial da revolução industrial e do sofrimento da classe obreira, cada vez mais empobrecida, mais distante da proximidade da Igreja, condenados a viverem em condições desumanas. Francisco vive na era da revolução tecnológica, dos avanços científicos, do grande poder da técnica que segue tentando se sobrepor a ética e relegando a fé aos espaços privados e sem expressões na vida pública. Enfermidades, desemprego, fome, desigualdade social continuam desafiando a era tecnológica a que centre suas potencialidades a serviço do ser humano, do bem comum. Os mais pobres, as nações menos desenvolvidas, são os que mais sofrem e são afetados com as más consequências desse tipo de desenvolvimento social, político e econômico. Em *Evangelii gaudium* e *Laudato si* Francisco recupera e fortalece a dimensão social da evangelização, assim como denuncia sobretudo a raiz humana dessa crise ecológica que nunca está separada de uma crise antropológica e social.

A terceira aproximação, de maneira diferente das anteriores, o relaciona a dois papas simultaneamente, embora em dimensões distintas: João XXIII e Paulo VI. Os une o contexto de surgimento do Concílio Vaticano II, seu cambio de paradigma na relação Igreja-Mundo. Em sua personalidade aberta, próxima, humana, dialogante, o acerca ao carismático João XXIII⁹, em características semelhantes e em seu empenho na defesa dos

⁸ Fr. Antón de Montesinos, *Sermón con motivo del cuarto domingo del adviento*, 21 de diciembre de 1511.

⁹ Cf. J. M. VIDAL – J. BASTANTE, *Francisco. El nuevo Juan XXIII. Jorge Mario Bergoglio, el primer pontífice americano para una nueva primavera de la Iglesia*, Bilbao 2013, 123-134.

direitos humanos, no apelo a uma liderança política mundial e na construção da paz. Ao passo que sua preocupação central com a dimensão evangelizadora, missionária da Igreja, dialogante com o mundo moderno e a cultura, o aproxima do carisma ecumênico e inter-religioso de Paulo VI, que atualmente está se convertendo em uma dimensão fundamental, tendo presente a diversidade religiosa dos migrantes e refugiados.

Por fim, a Igreja pobre e para os pobres que deseja reforçar com seu pontificado, estruturada através do princípio misericórdia como dimensão central da sua identidade e missão, em saída de si nos moldes do *bom samaritano*, sem fronteiras de qualquer tipo, tem início no seu próprio testemunho e espera chegar a todos aqueles que conseguem captar o Espírito que o move nesse momento da história da Igreja e do mundo. De modo que a Igreja, por estar unida ao Espírito, se tornará cada vez mais sacramento do diálogo, da unidade, da paz e da misericórdia de Deus no mundo, quanto mais ela puder estabelecer uma comunhão entre *kerigma* e *práxis*. Quanto mais ela puder exercitar o discernimento e deixar-se guiar pelo Espírito de Deus, indo ao encontro de todos os seres humanos, sendo instrumento de cura e salvação, no corpo e no espírito:

“Al acoger al marginado que tiene el cuerpo herido, y al acoger al pecador con el alma herida, se juega nuestra credibilidad como cristianos. Recordemos siempre las palabras de san Juan de la Cruz: “En la noche de la vida, seremos juzgados en función del amor”¹⁰.

Perspectiva pessoal

A elaboração da tesina foi para mim uma experiência de descoberta de muitos aspectos da vida de Bergoglio-Francisco que não temos acesso apenas pelos meios de comunicação. Acercar-me a suas biografias, sua história familiar, tomar conhecimentos de detalhes muito particulares da família, foi como conhecer a família de um amigo que ainda não tinha visitado e daí receber uma série de elementos que explicam o modo de ser e o comportamento desse amigo. Cada um revela em si muito de sua família e não se reduz apenas a herança genética, traz consigo sobretudo a herança cultural.

Outro elemento que me chamou muito a atenção foi sua capacidade de liderança, o caminho percorrido como jesuíta, os cargos e serviços que chegou a ocupar, as incompreensões vividas, revelam um líder forjado ao calor de muitas experiências. Algumas mais fáceis de serem enfrentadas, outras nem tanto. Não há dúvidas de que sua

¹⁰ A. TORNIELLI, *Las obras de misericordia*, Barcelona 2016, 108.

experiência de Deus, a descoberta da vocação, juntamente a riqueza familiar, foram os aspectos que solidificaram uma base humana e espiritual capaz de enfrentar as intempéries próprias da vida. Sempre mantendo seu estilo pessoal, despojado, centrado na dinâmica de serviço aos outros, de modo especial aos mais pobres, aos sofredores, aos que vivem nas periferias geográficas e existenciais do mundo.

Descobrir os personagens (familiares, filósofos, sociólogos, teólogos) que influenciaram em seu pensamento e em sua teologia, como sua avó Rosa; os que iniciaram a *teologia del Pueblo* (Lucio Gera, Rafael Tello, Juan Carlos Scannone) e seu apreço pela cultura e expressão da fé por meio da devoção popular; seu interesse em aprofundar a teologia de Romano Guardini (projeto de tese de doutorado que não sabemos bem porque não concluiu), sua amizade com o rabino Abhram Skorka; sua análise cultural muito similar ao do sociólogo-filósofo Zigmunt Bauman, embora com mais esperança; são algumas das novidades que fui descobrindo ao longo das leituras. A este mundo da cultura, Francisco aposta por uma transmissão da fé muito mais na linha de uma transmissão narrativa e testemunhal.

Relacionado com as migrações, tem se tornado uma referência moral, espiritual e política na atual crise humanitária. Tem atraído a atenção do mundo para o sofrimento que seguem enfrentando os migrantes e refugiados. Aos quais ele se sente próximo, solidário e comprometido em buscar saídas para essa crise. Seu gesto de ir a Lampedusa, a Ciudad Juárez e a Lesbos tem grande significado não apenas para os que acolheram sua visita, mas também por mostrar que esse deve ser o caminho a ser seguido por toda a Igreja. Essa é a Igreja em saída as periferias que está tentando explicitar a todos, ainda que siga encontrando dificuldades e resistências, paradoxalmente dentro da própria Igreja, enquanto muitos dos que não pertencem a ela, admiram seus gestos. Essa é a Igreja pobre e para os pobres que deseja reforçar, apontando onde se encontra para ele o centro da crise que vivemos atualmente:

“Atenção! A crise atual não é apenas económica; não é uma crise cultural. É uma crise do homem: o que está em crise é o homem! E o que pode ser destruído é o homem! Mas o homem é a imagem de Deus! Por isso, é uma crise profunda! Neste tempo de crise, não podemos preocupar-nos só com nós mesmos, fecharmo-nos na solidão, no desânimo, numa sensação de impotência face aos problemas. (...) se os investimentos em bancos caem um pouco, é uma tragédia! Que havemos de fazer? Mas, se as pessoas morrem de fome, se não têm que comer, se não têm saúde, isso

não importa! Esta é a nossa crise de hoje! E o testemunho de uma Igreja pobre para os pobres vai contra essa mentalidade”¹¹.

Por fim, como jesuíta, sinto-me muito feliz em coincidir nesse momento da história da Igreja e de mundo, em que temos no pontificado um companheiro latino-americano, vindo do fim do mundo, que resgata o essencial e o mais original do anúncio de Jesus, alguém que mantém vivo a espiritualidade e o carisma inicial de Inácio e os primeiros companheiros.

Construir uma Igreja samaritana e misericordiosa

Penso que o exemplo de Francisco convida e implica a todos os batizados a seguirem seus passos e juntos construir uma Igreja toda ela ministerial, samaritana e misericordiosa. Recuperar a cultura da misericórdia, cujos gestos de amor e serviço Jesus apresenta no exemplo do bom samaritano, que no fundo consiste em amar a cada pessoa como o próprio Deus ama. Ser capaz de libertar-se de preconceitos, barreiras culturais, sociais e religiosas para acolher o outro em sua diferença. Reconhecer nele a dignidade de ser humano, de ser filho de Deus. Agir com misericórdia diante de uma sociedade fortemente marcada por uma antimisericórdia, para que a força da fé cristã se expresse cada vez mais seus gestos de solidariedade e misericórdia junto aos caídos pelo caminho da nossa história, que nesse momento tem rosto bem concreto, são rostos de milhares de migrantes e refugiados. Muito deles crianças, que cresceram marcados pela consequência da ganância e da indiferença humana.

Trata-se de ver na ação do bom samaritano um modelo moral da ação profética. Uma Igreja estruturada através dos passos dados por ele, seguramente terá como característica principal a construção de uma cultura da misericórdia. Assim como aconteceu com o personagem da narrativa, Jesus convida-nos a sermos próximo de cada ser humano que necessite de nossa ajuda, a quem poderemos ser o próximo no caminho, para agir com entranhas de misericórdia.

Da mesma forma como aconteceu com o samaritano, o primeiro passo que Francisco nos ensina para que possamos construir essa Igreja mais samaritana, mais misericordiosa, está na capacidade de olhar. Trata-se de um olhar a realidade, as pessoas,

¹¹ FRANCISCO, *Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (18.05.2013).

nosso mundo, de uma forma mais ampla. Um olhar que vai além da imediatez do aparente, que entrando pelos nossos sentidos seja capaz de afetar nossa sensibilidade.

Urge tirar da invisibilidade muitos desses caídos pelo caminho, muitas vítimas da cultura do descarte, como atualmente estamos acompanhando na crise do fenômeno migratório. Como o samaritano não se contentou em apenas ver a realidade do caído no caminho, mas se aproximou dele e lhe dedicou cuidados, uma Igreja samaritana, misericordiosa não pode passar insensível diante de uma realidade pela qual foi afetada com o seu olhar, captou o invisível das situações de sofrimento, as quais devem mover suas entranhas de misericórdia. Há que muitas vezes abrir mão do seu percurso para dedicar-se completamente àqueles que clamam por sua voz, presença e ação misericordiosa. O lugar da Igreja misericordiosa é no outro, no que está ferido e caído a beira do caminho ou do sistema, como um lugar teológico. Não se trata de apenas acalmar a consciência praticando algumas "obras de misericórdia", mas sim em expressar com seu testemunho o princípio mais genuíno da misericórdia que deve estar sempre vivo, latente, em suas estruturas de evangelização. Esse é o segundo passo que nos ensina Francisco na construção dessa Igreja mais samaritana, misericordiosa: agir com misericórdia diante de um olhar que captou o que estava invisível, negando a dignidade de filhos de Deus a um ser humano. Fazer o que está ao seu alcance, não negar sua proximidade, estender a mão, oferecer as estruturas que dispõe para que elas possam estar a serviço da vida, do resgate da dignidade do ser humano. Trata-se de um agir que deve sempre ser mediado por um discernimento prudente em que busca a melhor forma de atuar, combatendo assim suas causas e não apenas os efeitos.

Há muito o que fazer para construir a cultura da misericórdia e transformar essas estruturas injustas, desumanas, do nosso mundo. Para fazer desse mundo um mundo de irmãos, em que as desigualdades não sejam tão abissais e condenem a uma significativa parcela da humanidade a viver de forma desumana, é preciso deixar que o amor-compaixão-misericórdia ensinado e vivido por Jesus, como nos apresenta o evangelista Lucas, seja o princípio condutor de nossa vida. "Para Lucas es más importante el aspecto ético-social que el ético-individual. Por eso inculca continuamente, antes que nada, la obligación de la caridad y la ilimitada disposición al sacrificio en beneficio de los pobres, de los desposeídos y de los desheredados"¹². Francisco segue enfatizando a dimensão

¹² W. SCHRAGE, *op. cit.*, 195.

social da evangelização, pois sabe que dela depende muitas pessoas que necessitam contar com sua presença e apoio.

Evangelizar hoje é ajudar a construir essa cultura da misericórdia que Francisco tanto insiste. Fazer-se próximo de quantos encontrarmos ao longo do caminho de nossa história e lutar por políticas públicas (locais, nacionais e internacionais) que eliminem as fontes causadoras de tanta dor e sofrimento. Sarar esse mundo que o nosso próprio egoísmo feriu. Só assim construímos o Reino.

Concluimos com este questionamento que nos faz o cardeal Walter Kasper: "De hecho, si no somos capaces de anunciar de forma nueva el mensaje de la misericordia divina a las personas que padecen aflicción corporal y espiritual, deberíamos callar sobre Dios"¹³. Por fim, voltamos ao coração de papa Francisco, que neste gesto de visitar os migrantes e refugiados em Lesbos, um dos pontos culminantes da crise humanitária, fez ecoar uma oração em memória das vítimas das migrações¹⁴:

“Deus de misericórdia, pedimo-Vos por todos os homens, mulheres e crianças, que morreram depois de ter deixado as suas terras à procura duma vida melhor.

Embora muitos dos seus túmulos não tenham nome, cada um é conhecido, amado e querido por Vós.
Que nunca sejam esquecidos por nós, mas possamos honrar o seu sacrifício mais com as obras do que com as palavras.

Confiamo-Vos todos aqueles que realizaram esta viagem, suportando medos, incertezas e humilhações, para chegar a um lugar seguro e esperançoso.

Como Vós não abandonastes o vosso Filho quando foi levado para um lugar seguro por Maria e José, assim agora mantende-Vos perto destes vossos filhos e filhas através da nossa ternura e proteção.

Fazei que, cuidando deles, possamos promover um mundo onde ninguém seja forçado a deixar a sua casa e onde todos possam viver em liberdade, dignidade e paz.

Deus de misericórdia e Pai de todos, acordai-nos do sono da indiferença, abri os nossos olhos às suas tribulações e libertai-nos da insensibilidade, fruto do bem-estar mundano e do confinamento em nós mesmos.

¹³ W. KASPER, *La misericordia. Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, op. cit., 15.

¹⁴ FRANCISCO, *Discurso na memória das vítimas das migrações*, (16.04.2016).

Dai inspiração a todos nós, nações, comunidades e indivíduos,
para reconhecer que, quantos atingem as nossas costas, são nossos irmãos e irmãs.

Ajudai-nos a partilhar com eles as bênçãos que recebemos das vossas mãos
e a reconhecer que juntos, como uma única família humana,
somos todos migrantes, viajantes de esperança rumo a Vós,
que sois a nossa verdadeira casa, onde todas as lágrimas serão enxugadas,
onde estaremos na paz, seguros no vosso abraço.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA de Jerusalém, Paulinas, São Paulo 1986.

Documentos conciliares

AA.VV, CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituciones. Decretos. Declaraciones*, BAC, Madrid 1996.

Documentos do magistério papal¹

BENTO XVI, *Caritas in veritate*, San Pablo, Madrid 2009.

FRANCISCO, *Lumen fidei*, Paulinas, Madrid 2013.

_____, *Evangelii gaudium*, Paulinas, Madrid 2013.

_____, *Laudato si*, Palavra, Madrid 2015.

_____, *Amoris laetitia*, Mensajero, Santander, 2016.

_____, *Misericordiae vultus*, Paulinas, Madrid 2015.

JUAN XXIII, *Pacem in terris*, Apostolado de la Prensa, Madrid 1963.

JUAN PABLO II, *Dives in misericórdia*, Paulinas, Madrid 1980.

_____, *Laborem Exercens*, PPC, Madrid 1981.

_____, *Sollicitudo Rei Socialis*, Paulinas, 1988.

_____, *Centesimus annus*, Paulinas, Madrid 1991.

_____, *Pastores dabo vobis*, Paulinas, Madrid 1992.

_____, *Ecclesia in America*, 1999.

LEÓN XIII, *Rerum novarum*, Ibérica, Madrid 1931.

PABLO VI, *Ecclesia suam*, 1964.

_____, *Populorum progressio*, Apostolado de la Prensa, Madrid 1967.

_____, *Motu Próprio Pastoralis Migratorum Cura*, Secretariado de la Comisión Episcopal Española de Migraciones, 1970.

_____, *Evangelii nuntiandi*, PPC, 1989.

PIO XII, *Constituição Apostólica Exsul Familia*, 1952.

¹ Todos os documentos de papas e magistério que se encontram sem editora foram tomados da publicação Editrice Vaticana em <www.vatican.va> (Consultado 01.04.2016).

Documento do magistério episcopal e das conferências

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Em busca de uma ética universal: novo olhar sobre a lei natural*, 2008. Em

COMPENDIO DE LA DOCTRINA SOCIAL DE LA IGLESIA, BAC, Madrid 2009.

CONFERENCIA EPISCOPAL ARGENTINA, *Hacia un bicentenario en justicia y solidaridad*, 2010. Em

http://vaticaninsider.lastampa.it/fileadmin/user_upload/File_Versione_originale/Hacia_un_Bicentenario_en_Justicia_y_Solidaridad.pdf

CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Iglesia, servidora de los pobres*, EDICE, Madrid 2015.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINOAMERICANA E DO CARIBE, *Rio de Janeiro*, 1955.

_____, *Medellín*, Nova Terra, Barcelona 1969.

_____, *Puebla*, BAC, Madrid 1979.

_____, *Santo Domingo*, Paulinas, Madrid 1992.

_____, *Aparecida*, Aparecida, São Paulo 2007.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E ITINERANTES, *Erga migrantes caritas Christi*, 2004. Em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20040514_erga-migrantes-caritas-christi_po.html

SEGUNDA ASSEMBLEIA GERAL DOS BISPOS, *A justiça no mundo*, 1971. Em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_giustizia_po.html

Biografias e obras sobre Bergoglio-Francisco

BOFF, L., *Francisco de Roma y Francisco de Asís. ¿Una primavera en la Iglesia?*, Trotta, Madrid 2013.

_____, *La fe en la periferia del mundo. El caminar de la Iglesia con los oprimidos*, Sal Terrae, Santander 1980.

CÁMARA, J. – PFAFFEN, S., *Darlo todo, darse todo. Retrato biográfico del Papa Francisco*, San Pablo, Madrid 2015.

FAZIO, M., *El Papa Francisco. Claves de su pensamiento*, Rialp, Madrid 2013.

GAETA, S., *Papa Francisco. Su vida y sus desafíos*, San Pablo, Madrid 2013.

HIDALGO, A., *Francisco, papa. 100 días. Todo lo que ha dicho*, Ciudad Nueva, Madrid 2013.

- LOWNEY, C., *Francisco, líder y papa*, Sal Terrae, Santander 2014.
- PIQUÉ, E., *Francisco. Vida y revolución*, La Esfera de los libros, Madrid 2014.
- RUBIN, S. – AMBROGETTI, F., *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj*, Vergara, Barcelona 2013.
- SPADARO, A., *El sueño del papa Francisco. El rostro futuro de la Iglesia*, Claretianos, Madrid 2013.
- TORNIELLI, A., *Las florecillas del Papa Francisco*, Mensajero, Santander 2014.
- _____, *El nombre de Dios es misericordia*, Planeta, Barcelona 2016.
- VALENTE, G., *Francisco. Un papa del fin del mundo. Entrevistas y textos inéditos de Jorge Mario Bergoglio*, Marova, Madrid 2013.
- VIDAL, J. M. – BASTANTE, J., *Francisco. El nuevo Juan XXIII. Jorge Mario Bergoglio, el primer pontífice americano para una nueva primavera de la Iglesia*, Desclée de Brouwer, Bilbao 2013.

Obras suas

- BERGOGLIO, J. M., *Meditaciones para religiosos*, Mensajero, Santander 2014.
- _____, *En Él solo la esperanza*, BAC, Madrid 2013.
- _____, *Salgan a buscar corazones*, Claretianas, Madrid 2013.
- _____, *Mente abierta, corazón creyente*, Claretianas, Madrid 2013.
- BERGOGLIO, J. M. – SKORKA, A., *Sobre el cielo y la tierra. Opiniones del papa Francisco sobre la familia, la fe y la misión de la Iglesia en el siglo XXI*, Planeta, Barcelona 2013.

Otros libros

- AA.VV., *Comentarios sobre Evangelii gaudium, exhortación apostólica del papa Francisco*, Ideas, Madrid 2015.
- AA.VV., *El diálogo según la mente de Pablo VI. Comentarios a la “Ecclesia suam”*, BAC, Madrid 1965.
- AA.VV., *Evangelización de la cultura e inculturación del Evangelio*, Guadalupe, Buenos Aires 1988.
- AA.VV., *La alegría de evangelizar, una llamada al compromiso*, Instituto Superior de Ciencias Religiosas San Isidro y San Leandro, Sevilla 2015.
- ARRIOLA, R. R., *El círculo. Apuntes de una migración*, Rosa Luxemburg Stiftung, México 2013.

- BAUMAN, Z., *Modernidad líquida*, FCE, Buenos Aires 2003.
- _____, *La sociedad individualizada*, Cátedra, Madrid 2001.
- _____, *Amor líquido: Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*, Fondo de Cultura Económica, Madrid 2005.
- _____, *Mundo consumo*, Paidós, Barcelona 2010.
- _____, *Ceguera moral: La pérdida de sensibilidad en la modernidad líquida*, Paidós, Barcelona 2015.
- BUBER, M., *Yo y tú*, Nueva Visión, Buenos Aires 1977.
- CÁCERES, A. M., *Iglesia y globalización. La herencia de Juan Pablo II y la novedad de Benedicto XVI*, Mensajero, Santander 2012.
- CARACTERÍSTICAS DEL APOSTOLADO SOCIAL DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS, ROMA 1998.
- CONGREGACIÓN GENERAL 32ª DA COMPANHIA DE JESUS, Razón y Fe, Madrid 1975.
- CONSTITUCIONES DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS, Sal Terrae, Santander 1996
- DEPARTAMENTO DE PENSAMIENTO SOCIAL CRISTIANO, *Una nueva voz para nuestra época* (Populorum Progressio 47), U. P. Comillas, Madrid 32006.
- ELLACURIA, I. - SOBRINO J. (eds.), *Misterium liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*, 2 vols., Trotta, Madrid 1990.
- FABRIS, R. – MAGGIONI, B., *Os Evangelhos*, t II, Loyola, São Paulo 1995.
- FESQUET, H., *Diario del concilio*, Nova Terra, Barcelona 1967.
- GONZÁLEZ BUELTA, B., *Orar en un mundo roto. Tiempo de transfiguración*, Sal Terrae, Santander 2002.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL, L., *Los signos de los tiempos. El Reino de Dios está entre nosotros*, Sal Terrae, Santander 1987.
- _____, *En defensa de los humillados y oprimidos: los derechos humanos ante la fé cristiana*, Sal Terrae, Santander 2005.
- GONZÁLEZ FAUS, J. I., *Carne de Dios. Significado salvador de la Encarnación en la teología de san Ireneo*, Herder, Barcelona 1969.
- GUARDINI, R., *La esencia del cristianismo*. Guadarrama, Madrid 1959.
- _____, *Una ética para nuestro tiempo*. Cristiandad, Madrid 1974.
- GUTIÉRREZ, G., *Hablar de Dios desde el sufrimiento: Una reflexión sobre el libro de Job*, Sígueme, Salamanca 62006.

- _____, *En busca de los pobres de Jesucristo*, Sígueme, Salamanca 1993.
- _____, *Evangelización y opción por los pobres*, Paulinas, Buenos Aires 1987.
- HÄRING, B., *É possível mudar*, Santuário, São Paulo 1993.
- IGNACIO DE LOYOLA, *Obras completas*, BAC, MADRID 1991.
- _____, *Ejercicios Espirituales*, Mensajero, Santander 1991.
- KASPER, W., *La misericordia. Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Sal Terrae, Santander 2012.
- _____, *El desafío de la misericordia*, Sal Terrae, Santander 2015.
- _____, *El papa Francisco. Revolución de la ternura y el amor. Raíces teológicas y perspectivas pastorales*, Sal Terrae, Santander 2015.
- LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulario de teología bíblica*, Herder, Barcelona 1965.
- MADRIGAL, S., *Memoria del concilio. Diez evocaciones del Vaticano II*, Desclée De Brouwer, Bilbao 2005.
- _____, *Unas lecciones sobre el Vaticano II y su legado*, San Pablo, Madrid 2012.
- MARTÍNEZ, J. L., *Ciudadanía, migraciones y religión*, San Pablo, Madrid 2007.
- _____, *Moral social y espiritualidad. Una co(i)spiración necesaria*, Sal Terrae, Santander 2011.
- MIFSUD, T., *El sentido social: el legado ético del Padre Hurtado*, Ignacianas, Santiago de Chile 2005.
- MOREIRA, G., *Compaixão-Misericórdia: uma espiritualidade que humaniza*, Loyola, São Paulo 1996.
- O'MALLEY, J. W., *Los primeiros jesuitas*, Sal Terrae, Santander 1993.
- RAHNER, K., "Espiritualidad antigua y actual" en *Escritos de teología VII*, Cristiandad, Madrid 1967.
- SANZ. GIMÉNEZ-RICO, E. (ed.), *Cuidar de la Tierra, cuidar de los pobres. Laudato si, desde la teología de la ciencia*, Sal Terrae, Santander 2015.
- _____, *Ya en el principio. Fundamentos veterotestamentarios de la moral cristiana*, San Pablo, Madrid 2008.
- SCANNONE, J. C., *Evangelización, cultura y teología*. Guadalupe, Buenos Aires 1990.
- SCHRAGE, W., *Ética del Nuevo Testamento*, Sígueme, Salamanca 1987.

SERVICIO JESUITA A REFUGIADOS, *El Dios de los refugiados. Hacia una espiritualidad compartida*, Mensajero, Santander 2006.

SOBRINO, J., *El principio misericordia: bajar de la cruz a los pueblos crucificados*, Sal Terrae, Santander 1992.

Revistas

CÁCERES, A. M., “J. M. Bergoglio: Claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice”, *Moralia Revista de ciencias morales* 36 (2013).

_____, “Cardenal Jorge Mario Bergoglio. Aproximación a su moral social”, *Moralia Revista de ciencias morales* 32 (2009).

_____, “El papa Francisco, viento sin ruido”, *Razón y Fe*, 2013, t. 267, nº 1374.

SCANNONE, J. C., “El papa Francisco y la teología del pueblo”, *Civiltà Cattolica* 165 (2014).

SPADARO, A., “Entrevista al papa Francisco”, *Civiltà cattolica* 164 (2013).

Declarações

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.

Mensagens e discursos de Bergoglio - Francisco

BERGOGLIO, J. M., *Homilia de Quarta-feira de Cinzas sobre ‘Ayunar es amar’, na catedral de Buenos Aires*, (25.02.2009).

FRANCISCO, *Mensagem no twitter*, (11.05.2016).

_____, *Discurso à plenária do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Refugiados*, (24.05.2013): AAS 105 (2013), 470.

_____, *Ângelus*, (17.03.2013).

_____, *Discurso em Assis no encontro com os jovens da região de Úmbria*, (04.10.2013): AAS 105 (2013), 921.

_____, *Discurso na cerimônia de boas-vindas na Casa Branca em Washington-Estados Unidos*, (23.09.2015).

_____, *Discurso no Congresso dos EUA*, (24.09.2015).

_____, *Bênção apostólica Urbi et Orbe, primeira saudação do Papa Francisco*, (13.03.2013): AAS 105 (2013), 363.

_____, *Homilia na Santa Missa crismal*, (28.03.2013).

_____, *Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal*, (22.12.2014): AAS 107 (2015), 44.

- _____, *Homilia na Basílica São João de Latrão, capela papal, para a tomada de posse da cátedra do bispo de Roma*, (07.04.2013): AAS 105 (2013), 423.
- _____, *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Doutrina da Fé*, (29.01.2016).
- _____, *Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da Domus Sanctae Marthae*, (23.10.2015).
- _____, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do refugiado (2014)*, (05.08.2013): AAS 105 (2013), 926.
- _____, *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita "ad limina apostolorum"*, (12.11.2015).
- _____, *Discurso aos membros do "Jesuit Refugee Service"*, (14.11.2015).
- _____, *Discurso ao parlamento europeu em Estrasburgo*, (25.11.2014): AAS 106 (2014), 995.
- _____, *Discurso as organizações caritativas católicas que atuam na Síria*, (30.05.2014)
- _____, *Discurso aos participantes na plenária do Pontifício Conselho Justiça e Paz*, (02.10.2014): AAS 106 (2014), 782.
- _____, *Discurso no encontro com os bispos dos Estados Unidos*, (23.09.2015).
- _____, *Discurso aos participantes no encontro promovido pela "Fundação Banco Alimentar"*, (03.10.2015).
- _____, *Mensagem para a 100ª Jornada Mundial do imigrante e do refugiado*, (05.08.2013): AAS 105 (2013), 926.
- _____, *Discurso aos novos embaixadores junto a Santa Sé por ocasião da apresentação das credenciais*, (12.12.2013).
- _____, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude (Domingo de ramos – 13 de abril de 2014)*, (21.01.2014): AAS 106 (2014), 348.
- _____, *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé*, (11.01.2016).
- _____, *Discurso em uma visita ao bairro pobre de Kangemi, em Nairobi – Quênia*, (27.11.2015).
- _____, *Homilia na visita a Paróquia romana dos santos Isabel e Zacarias, Solenidade da Santíssima Trindade*, (26.05.2013).
- _____, *Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (18.05.2013).
- _____, *Homilia na missa de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, (19.05.2013): AAS 105 (2013), 450.

- _____, *Mensagem ao cardeal Kurt Koch por ocasião da 10ª Assembleia Geral do Conselho Ecuménico das Igrejas*, (04.10.2013).
- _____, *Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra – Bolívia*, (09.07.2014).
- _____, *Discurso ao episcopado brasileiro em Rio de Janeiro*, (27.07.2013): AAS 105 (2013), 685.
- _____, *Discurso na visita ao “Centro Astalli” de Roma para assistência aos refugiados*, (10.09.2013): AAS 105 (2013), 886.
- _____, *Homilia em Lampedusa pelas vítimas dos naufrágios*, (08.07.2013): AAS 105 (2013), 653.
- _____, *Mensagem por ocasião da 103ª Sessão da Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT)*, (22.05.2014).
- _____, *Discurso as organizações caritativas católicas que atuam na Síria*, (30.05.2014).
- _____, *Mensagem ao arcebispo de Agrigento por ocasião do primeiro aniversário da visita a Lampedusa*, (23.06.2014).
- _____, *Ângelus*, (06.07.14).
- _____, *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da República Dominicana em visita “ad limina apostolorum”*, (28.05.2015).
- _____, *Discurso na visita ao Centro das Nações Unidas em Nairobi (U.N.O.N)*, (26.11.2015).
- _____, *Audiência geral*, (04.05.2016).
- _____, *Discurso no encontro com o mundo do trabalho, na visita pastoral a Turim*, (21.06.2015).
- _____, *Mensagem para a 100ª Jornada Mundial do imigrante e do refugiado (2014)*, (05.08.2013): AAS 105 (2013), 926.
- _____, *Ângelus*, (16.11.2014).
- _____, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude (Domingo de Ramos – 13 de abril de 2014)*, (21.01.2014): AAS 106 (2014), 348.
- _____, *Mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 2014)*, (08.12.2013): AAS 106 (2014), 22.
- _____, *Homilia em Aman-Palestina, na Peregrinação a Terra Santa no 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras*, (24.05.2014): AAS 106 (2014), 465.

- _____, *Homilia em Lampedusa pelas vítimas dos naufrágios*, (08.07.2013): AAS 105 (2013), 653.
- _____, *Discurso em Trastevere na visita à Comunidade de Santo Egidio*, (15.06.2015).
- _____, *Mensagem 'Urbi et Orbi' de Páscoa*, (05.04.2015): AAS 107 (2015), 469.
- _____, *Carta ao Secretário Geral da ONU sobre a situação do norte de Iraque*, (09.08.2014): AAS 106 (2014), 679.
- _____, *Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho "Cor Unum"*, (17.09.2015).
- _____, *Discurso no encontro com a classe dirigente do Brasil*, (27.07.2013).
- _____, *Discurso a prefeitos de várias cidades da Itália*, (06.02.2015).
- _____, *Discurso no encontro do com os prefeitos de vários países sobre o tema "Modern slavery and climate change: the commitment of the cities"*, (21.07.2015).
- _____, *Conferência de prensa no voo de regresso a Roma da visita a ilha de Lesbos*, (16.04.2016).
- _____, *Discurso na cerimônia com líderes religiosos para a assinatura da declaração conjunta contra a escravidão*, (30.11.2014): AAS 106 (2014), 969.
- _____, *Encontro do Papa Francisco com S.S. Kirill, Patriarca de Moscovo e de toda a Rússia, Declaração conjunta*, (12.02.2016).
- _____, *Discurso na audiência geral inter-religiosa por ocasião do cinquentenário da promulgação da declaração conciliar "Nostra aetate"*, (28.10.2015).
- _____, *Discurso no encontro com os bispos do México*, (13.02.2016).
- _____, *Discurso aos estudantes e aos professores do colégio Seibu Gakuen Bunri Junior high school de Saitama – Tóquio*, (21.08.2013).
- _____, *Discurso no encontro internacional para a paz organizado pela Comunidade de Santo Egidio*, (30.09.2013).
- _____, *Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da Casa Santa Marta*, (19.11.2015).
- _____, *Conferência de imprensa no voo de regresso da Coreia a Roma*, (18.08.2014).
- _____, *Ângelus*, (01.09.2013).
- _____, *Mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz – Fraternidade, fundamento e caminho para a paz*, (08.12.2013): AAS 106 (2014), 22;
- _____, *Mensagem para a celebração do XLVIII Dia Mundial da Paz – Já não escravos, mas irmãos*, (08.12.2014): AAS 107 (2015), 66 e

- _____, *Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz – Vence a indiferença e conquista a paz*, (08.12.2015).
- _____, *Discurso na invocação pela paz*, (08.06.2014): AAS 106 (2014), 538.
- _____, *Saudação aos jornalistas durante o voo Roma-Havana para a Visita Apostólica a Cuba, aos Estados Unidos e a sede da ONU*, (19.09.2015).
- _____, *Discurso em Bangui-República Centro-Africana na visita ao campo de refugiados de Saint Sauver*, (29.11.2015).
- _____, *Bula de proclamação do jubilar extraordinário da misericórdia*, (11.04.2015): AAS 107 (2015), 399.
- _____, *Ângelus*, (06.09.2015).
- _____, *Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz* (2016), (08.12.2015).
- _____, *Discurso na entrega do prêmio Carlos Magno*, (06.05.2016).
- _____, *Discurso na memória das vítimas das migrações*, (16.04.2016).
- _____, *Discurso em Lesbos na declaração conjunta de Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecumênico de Constantinopla, de Sua Beatitude Hieronymos, arcebispo de Atenas e de toda a Grécia e Papa Francisco*, (16.04.2016).
- _____, *Carta ao cardeal Marc Quellet, presidente da Pontifícia Comissão para América a Latina*, (19.03.2016).

Outros discursos

- BENTO XVI, *Discurso aos participantes em um congresso da Fundação Romano Guardini de Berlim*, (29.10.2010)
- _____, *Discurso na sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Episcopal da América Latina e do caribe, no Santuário de Aparecida*, (13.05.2007).
- _____, *Alocação durante a audiência concedida aos membros da Congregação Geral 35ª da Companhia de Jesus*, (21.02.2008).
- GONZÁLEZ BUELTA, B., em Conferência no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, (02.05.2005).
- JOÃO PAULO II, *Discurso na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO em Paris*, (02.06.1980).
- MONTESINOS, A., *Sermón con motivo del cuarto domingo del adviento*, (21.12.1511).

Links da internet

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20040514_erga-migrantes-caritas-christi_po.html (consultado 04.04.2016).

http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19520801_exsul-familia.html (consultado 04.04.2016).

<http://www.clerus.org/clerus/dati/2004-05/15-15/01081952> (consultado 04.04.2016).

http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19690815_pastoralis-migratorum-cura.html (consultado 04.04.2016).

<http://www.movilidadhumana.com/pastoralis-migratorum-cura-cuidado-pastoral-a-migrantes/> (consultado 04.04.2016).

<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estadisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/> (consultado 06.04.2016).

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536012-papa-francisco-o-sinodo-e-a-heranca-do-vaticano-ii-artigo-de-massimo-faggioli> (consultado 10.02.2016);

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/542430-francisco-o-primeiro-papa-totalmente-pos-concilio-entrevista-especial-com-massimo-faggioli> (consultado 10.02.2016)

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/550867-qo-papa-francisco-fala-muito-pouco-do-vaticano-ii-mas-o-aplica-constantemente-q-entrevista-com-massimo-faggioli> (consultado 10.02.2016).

<http://www.lanacion.com.ar/1584505-la-filosofia-de-francisco> (consultado 03.05.2016).

<http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+MOTION+P8-RC-2015-0136+0+DOC+XML+V0//PT> (consultado 05.05.2016).

<https://es.zenit.org/articles/discurso-decisivo-del-cardenal-bergoglio-sobre-la-dulce-y-confortadora-alegria-de-evangelizar/> (consultado 25.02.2016).

<http://www.hogardecristo.cl/> (consultado 05.02.2016).

http://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2009.htm#AYUNAR_ES_AMAR (consultado 22.02.2016).

<http://americamagazine.org/issue/migrant-pope> (consultado 18.05.2016).

UNIVERSIDAD DEL SALVADOR

Facultad de Teología

SAN MIGUEL

Argentina

T E O L O G I A P A S T O R A L

Profesor: Lic. Jorge Mario Bergoglio, S.J.

P A S T O R A L D E L A C U L T U R A

Profesor: Lic. César Sánchez-Aizcorbe, S.J.

A ñ o : 1982

Curso: 6º (Sexto)

1. EXPOSICION DE LOS TEMAS A TRATAR.

TEMA 1º: LUGAR TEOLOGICO DE UNA PASTORAL DE LA CULTURA.

1. El significado y los alcances de la teología pastoral.
2. Sentido e interpretaciones de la cultura:
 - La trayectoria semántica del concepto de cultura;
 - El marco interdisciplinario de la reflexión contemporánea sobre la cultura;
 - Relaciones entre religión y cultura;
 - Aportes y enseñanzas del Magisterio de la Iglesia sobre el significado de la cultura, en el contexto de una teología de la cultura.
3. Pastoral social y pastoral de la cultura: determinación teológico-sistemática.

TEMA 2º: ANALISIS SOCIO-DINAMICO DE LA CULTURA CONTEMPORANEA Y DE SUS REPERCUSIONES TEOLOGICO-PASTORALES.

1. Breve apreciación sobre los marcos de referencia actuales respecto de una ciencia de la cultura.
2. La política cultural:
 - su significado y trascendencia.
 - La cultura de masas.
 - La cultura popular.
3. Intervenciones del Magisterio de la Iglesia sobre la política cultural.

TEMA 3º: REFLEXION TEOLOGICO-PASTORAL CON VISTAS AL PLANTEO Y A LA EJECUCION DE UNA PASTORAL DE LA CULTURA EN AMERICA LATINA.

1. Los condicionamientos de hecho:

- el espacio cultural y su estructura;
- la dinámica histórica;
- una práctica interdisciplinaria;
- las proyecciones acerca del futuro de la cultura en América Latina y en el mundo.

2. El planteo y el proyecto propuestos por el Documento de Puebla:

- análisis de las orientaciones pastorales propuestas por los Obispos latinoamericanos;
- la pastoral de la cultura popular en el presente y en el futuro de América Latina.

3. El proyecto de pastoral de la cultura enunciado por Puebla y su relación con las orientaciones impartidas por S.S. Juan Pablo II entre 1979 y 1982.

- Estudio de las orientaciones formuladas recientemente por S.S. Juan Pablo II con respecto a la cultura.
- La inserción de la pastoral de la cultura programada en Puebla dentro de los lineamientos pontificios.

2. BIBLIOGRAFIA.

TEMA 1º:

TEXTOS SELECTOS:

1. CLEMENTE DE ALEJANDRIA: "Stromata", Libro 1º, Capítulos 1, 2, 4, 5, 6, 7 y 9. Edición recomendada: "Les Stromates", Stromate I - Introduction de Claude MONDESERT, s.j. (Paris, Editions du Cerf, 1951; "Sources Chrétiennes", nº 30).
2. SAN AGUSTIN: "Sobre la Doctrina Cristiana", Libro I; en "Obras de San Agustín" - en edición bilingüe -, volumen XV (Madrid, B.A.C., 1969 - 2ª ed. -).
3. S. THOMAE AQUINATIS: "Summa Theologiae" - cum textu ex recensione leonina - (Torino-Roma, Marietti, 1948), Ia. IIae., q. 109, art. 2; IIa. IIae., q. 23, art. 7.
4. Pedro de RIBADENEYRA, S.J.: "Tratado de la Religión y Virtudes que debe tener el Príncipe Cristiano para gobernar y conservar sus Estados", Libro Segundo, Capítulos primero y segundo. Entre otras ediciones, puede emplearse la publicada en Buenos Aires (Ed. Sopena, 1942).

5. Francisco SUAREZ, S.J.: "De Legibus", Libro III, Capítulo XI (edición recomendada: la publicada en el "Corpus Hispanorum de Pace" - Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Francisco de Vitoria, 1971/1977 -, bajo la dirección de Luciano PEREÑA; en la citada edición, cf.: Tomo V, págs. 143-158.
6. Francisco SUAREZ, S.J.: "Tractatus de Gratia Dei", Liber Primus, Praeludium et Capita I, II et III; en la edición de las "Opera Omnia", a Carolo BERTON reconocita (Paris, L. Vivès, 1857), Tomo 7º, págs. 355-374.
7. S.S. LEON XIII: "Carta Encíclica Inscrutabili Dei", del 21-IV-1878. Consúltese en la serie "Doctrina Pontificia, II: Documentos Políticos" (Madrid, Bibl. de Autores Cristianos, 1958), págs. 41-58 - texto bilingüe -.
8. S.S. PIO XI: "Encíclica Divini Illius Magistri", del 31-XII-1929. Versión española en la "Colección Completa de Encíclicas Pontificias, 1830-1950", preparada por las Facultades de Filosofía y Teología de San Miguel (Buenos Aires, Guadalupe, 1952), págs. 1185-1208.
9. S.S. PABLO VI: "Carta Encíclica Ecclesiam suam", del 6-VIII-1964. Consúltese la edición publicada por el INSTITUTO SOCIAL LEON XIII: "El Diálogo según la mente de Pablo VI" (Madrid, Bibl. de Autores Cristianos, 1965).
10. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II: "Constitución Dogmática sobre la Iglesia, Lumen Gentium", del 21-XI-1964; Capítulo II. Se recomienda la edición bilingüe de los Documentos Conciliares publicada en Madrid por la Bibl. de Autores Cristianos. Esta advertencia valdrá para los demás textos que se citen del Concilio Vaticano II.
11. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II: "Constitución Pastoral sobre la Iglesia en el Mundo Actual, Gaudium et Spes", del 7-XII-1965; Parte 1ª, Capítulo 4º y Parte 2ª, Capítulo 2º.
12. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II: "Declaración sobre la libertad religiosa, Dignitatis Humanae, números 1-8.
13. S.S. PABLO VI: "Exhortación Apostólica Evangelii Nuntiandi", del 8-XII-1975.
14. IIIª CONFERENCIA GENERAL DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO: "La Evangelización en el presente y en el futuro de América Latina" - Documento de Puebla, 23-III-1979 - (Buenos Aires, Conferencia Episcopal Argentina, 1979), Segunda Parte, Capítulo II, Sección 2ª, nº 385-443.
15. S.S. JUAN PABLO II: "Inspiración cristiana de la cultura", discurso a los jóvenes pronunciado en Polonia, el 3-VI-1979. Se recomienda la edición publicada bajo el título "Peregrinación Apostólica a Polonia" (Madrid, Bibl. de Autores, Cristianos, 1979).



UNIVERSIDAD DEL SALVADOR

FACULTAD DE TEOLOGIA

SAN MIGUEL - P. B. A.

REPUBLICA ARGENTINA

TEOLOGIA PASTORAL

Profesor: Lic. Jorge M. Bergoglio, S.I.

Curso: 6° Año

Año: 1984

1. Introducción a la Teología Pastoral. Su lugar en el conjunto de la Teología. La Teología Pastoral como ciencia.
2. El "hecho pastoral" en la Revelación. Antiguo Testamento - Nuevo Testamento.
3. Teología de las actitudes pastorales en la Revelación. Las Actitudes pastorales: fenomenología, dimensión psicológica y sociológica. Reflexión teológica sobre las actitudes pastorales.
4. La dimensión doctrinal como armonización de tensiones en el hecho pastoral. Tensión entre lo personal y lo comunitario; entre lo particular y lo universal; entre el contenido de la evangelización y la cultura de los pueblos; etc.
5. La "Cura Pastoralis" en la época pastrística. Estudio y exégesis del "De Pastoribus" de San Agustín y de la "Regula Pastoralis".
6. La "Cura Pastoralis" en las subsiguientes épocas de la Iglesia. Determinación de problemas y de enfoques. El Concilio de Trento y sus consecuencias pastorales.
7. Los conflictos del S. XIX y su incidencia en los problemas pastorales actuales. Estudio de "El Complejo anti-romano" de Hans Urs von Balthasar.
8. El Concilio Vaticano I y el Vaticano II. Enfoques pastorales. Estudio y exégesis comparativa de ambos en lo que respecta a problemas pastorales.
9. La Evangelii Nontiandi. Exégesis.
10. El hecho pastoral en América Latina. Determinación de los hitos históricos hasta nuestros tiempos. Estudio del enfoque pastoral de los documentos principales hasta Puebla.
11. El problema de la mediación intelectual en la explicitación de la Teología Pastoral-Presupuestos hermenéuticos. Los "Preambula fidei" en su incidencia con la Teología Pastoral.

**PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO
SOBRE AS MIGRAÇÕES – março2013/maio2016**

DIA MÊS ANO	MENSAGENS
17 de março 2013	<p>Vaticano. Ângelus.</p> <p>...misericórdia: esta palavra muda tudo, muda o mundo. Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo.</p> <p>Renovo o meu abraço aos fiéis de Roma e estendo-o a todos vós que viestes de várias partes da Itália e do mundo, bem como a quantos estão unidos conosco através dos meios de comunicação. Escolhi o nome do Padroeiro da Itália, São Francisco de Assis, e isto reforça a minha ligação espiritual com esta terra, onde – como sabeis – tem origem a minha família. Mas Jesus chamou-nos para fazermos parte de uma nova família: a sua Igreja; estamos nesta família de Deus, caminhando juntos pela senda do Evangelho.</p>
31 de março 2013	<p>Vaticano. Mensagem “Urbi et Orbi” - Páscoa.</p> <p>Quantos desertos tem o ser humano de atravessar ainda hoje! Sobretudo o deserto que existe dentro dele, quando falta o amor de Deus e ao próximo, quando falta a consciência de ser guardião de tudo o que o Criador nos deu e continua a dar. Mas a misericórdia de Deus pode fazer florir mesmo a terra mais árida, pode devolver a vida aos ossos ressequidos (cf. Ez 37, 1-14).</p> <p>Paz para o Oriente Médio, especialmente entre israelitas e palestinos, que sentem dificuldade em encontrar a estrada da concórdia, a fim de que retomem, com coragem e disponibilidade, as negociações para pôr termo a um conflito que já dura há demasiado tempo. Paz no Iraque, para que cesse definitivamente toda a violência, e sobretudo para a amada Síria, para a sua população vítima do conflito e para os numerosos refugiados, que esperam ajuda e conforto. Já foi derramado tanto sangue. Quantos sofrimentos deverão ainda atravessar antes de se conseguir encontrar uma solução política para a crise?</p>
24 de maio 2013	<p>Vaticano – Discurso. Aos participantes na sessão plenária do Conselho Pontifício dos Imigrantes e Refugiados.</p> <p>O vosso Encontro tem como tema: «A solicitude pastoral da Igreja no contexto das migrações forçadas», em coincidência com a publicação do Documento do Dicastério, intitulado: Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força. O Documento chama a atenção para milhões de refugiados, deslocados e apátridas, evocando também o flagelo do tráfico de seres humanos, que diz respeito sempre com mais</p>

	<p>frequência às crianças, envolvidas nas piores formas de exploração e recrutadas até para conflitos armados.</p> <p>E, aqui, eu gostaria de evocar também a atenção que cada Pastor e Comunidade cristã devem prestar ao caminho de fé dos cristãos refugiados e erradicados com a força das respectivas realidades, assim como dos cristãos emigrantes. Eles exigem um cuidado pastoral especial, que respeite as suas tradições e que os acompanhe numa integração harmoniosa nas realidades eclesiais em que se encontram. As nossas Comunidades cristãs sejam verdadeiramente lugares de acolhimento, de escuta e de comunhão!</p> <p>Estimados amigos, não vos esqueçais da carne de Cristo que está na carne dos refugiados: a carne deles é a carne de Cristo. Também vós tendes a tarefa de orientar para novas formas de corresponsabilidade todos os Organismos comprometidos no campo das migrações forçadas. Infelizmente, trata-se de um fenómeno em expansão contínua, e portanto a vossa missão é cada vez mais exigente, para favorecer respostas concretas de proximidade e de acompanhamento das pessoas, tendo em consideração as diversas situações locais.</p>
<p>8 de julho 2013</p>	<p>Lampedusa-Itália – Homilia. Missa pelas vítimas dos naufrágios.</p> <p>Emigrantes mortos no mar; barcos que em vez de ser uma rota de esperança, foram uma rota de morte.</p> <p>Desejo saudar os queridos emigrantes muçulmanos que hoje, à noite, começam o jejum do Ramadão, desejando-lhes abundantes frutos espirituais. A Igreja está ao vosso lado na busca de uma vida mais digna para vós e vossas famílias. A vós digo: oshìà!</p> <p>Senti o dever de vir aqui hoje para rezar, para cumprir um gesto de solidariedade, mas também para despertar as nossas consciências a fim de que não se repita o que aconteceu. “Adão, onde estás?” e “onde está o teu irmão?” são as duas perguntas que Deus coloca no início da história da humanidade e dirige também a todos os homens do nosso tempo, incluindo nós próprios. Mas eu queria que nos puséssemos uma terceira pergunta: “Quem de nós chorou por este fato e por fatos como este?” Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou por estas pessoas que vinham no barco? Pelas mães jovens que traziam os seus filhos? Por estes homens cujo desejo era conseguir qualquer coisa para sustentar as próprias famílias? Perdemos o sentido da responsabilidade fraterna. Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de “padecer com”: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!</p>

<p>27 de julho 2013</p>	<p>Rio de Janeiro-Brasil - Visita Apostólica por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Discurso no encontro com o episcopado brasileiro.</p> <p>Há um último ponto sobre o qual gostaria de deter-me e que considero relevante para o caminho atual e futuro não só da Igreja no Brasil, mas também de toda a estrutura social: a Amazônia. Desde o início que a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e lá continua presente e determinante no futuro daquela área. Penso no acolhimento que a Igreja na Amazônia oferece hoje aos imigrantes haitianos depois do terrível terremoto que devastou o seu país.</p>
<p>5 de agosto 2013</p>	<p>Vaticano. Mensagem para a 100ª Jornada Mundial do imigrante e do refugiado.</p> <p>“Migrantes e refugiados: rumo a um mundo melhor”. Ao lado dos migrantes e refugiados, a Igreja se esforça para compreender as causas que estão na origem das migrações, mas também se esforça no trabalho para superar os efeitos negativos e aumentar os impactos positivos nas comunidades de origem, de trânsito e de destino dos fluxos migratórios. Assim como a superação de preconceitos e de pre-compreensões, ao considerar a migração, é preciso que todos mudem a atitude em relação aos migrantes e refugiados; é necessário passar de uma atitude de defesa e de medo, de desinteresse ou de marginalização - que, no final, corresponde precisamente à “cultura do descartável” – para uma atitude que tem por base a “cultura do encontro”, a única capaz de construir um mundo mais justo e fraterno, um mundo melhor. Os meios de comunicação também são chamados a entrar nesta “conversão de atitudes” e a incentivar esta mudança de comportamento em relação aos imigrantes e refugiados.</p>
<p>10 de setembro 2013</p>	<p>Roma – Visita ao “Centro Astalli” para refugiados.</p> <p>Roma! Depois de Lampedusa e dos outros lugares de chegada, para muitas pessoas a nossa cidade é a segunda etapa.</p> <p>Santo Inácio de Loyola quis que houvesse um espaço para receber os pobres nos locais onde tinha a sua residência em Roma, e o Padre Arrupe, em 1981, fundou o Serviço jesuíta aos Refugiados, e quis que a sede romana fosse nesses locais, no coração da Cidade. E penso na despedida espiritual do Padre Arrupe na Tailândia, precisamente num centro para refugiados.</p> <p>Servir, acompanhar, defender: três palavras que são o programa de trabalho para os Jesuítas e para os seus colaboradores.</p>

	<p>Para toda a Igreja é importante que o acolhimento do pobre e a promoção da justiça não sejam confiados apenas a «peritos», mas sejam uma atenção de toda a pastoral, da formação dos futuros sacerdotes e religiosos, do compromisso ordinário de todas as paróquias, dos movimentos e das agregações eclesiais. Em particular — isto é importante e digo-o de coração — gostaria de convidar também os Institutos religiosos a ler seriamente e com responsabilidade este sinal dos tempos. O Senhor chama a viver com mais coragem e generosidade o acolhimento nas comunidades, nas casas, nos conventos vazios. Caríssimos religiosos e religiosas, os conventos vazios não servem à Igreja para serem transformados em hotéis e ganhar dinheiro. Os conventos vazios não são vossos, são para a carne de Cristo que são os refugiados. O Senhor chama a viver com mais coragem e generosidade nas comunidades, nas casas, nos conventos vazios. Certamente não é uma coisa simples, são necessários critério, responsabilidade e também coragem. Fazemos tanto, talvez sejamos chamados a fazer mais, acolhendo e partilhando com decisão o que a Providência nos doou para servir. Superar a tentação da mundanidade espiritual para estar próximos das pessoas simples e sobretudo dos últimos. Precisamos de comunidades solidárias que vivam o amor de modo concreto!</p>
<p>4 de outubro 2013</p>	<p>Assis – Discurso. Encontro com os jovens da região da Úmbria.</p> <p>Pensemos nos nossos pais, nos nossos avós ou bisavós: eles casaram em condições muito mais pobres do que as nossas, alguns em tempos de guerra, ou do pós-guerra; outros emigraram, como os meus pais. Onde encontravam a força? Encontravam-na na certeza de que o Senhor estava com eles, que a família é abençoada por Deus mediante o Sacramento do matrimónio, e que é abençoada a missão de ter filhos e de os educar. Com estas certezas eles superaram até as provações mais árduas. Eram certezas simples, mas verdadeiras; formavam colunas que sustentavam o seu amor. A sua vida não foi fácil; havia problemas, muitos problemas! Mas estas certezas simples ajudavam-nos a ir em frente. E assim conseguiram formar uma bonita família, dar vida e criar os próprios filhos.</p>
<p>4 de outubro 2013</p>	<p>Vaticano – Mensagem ao cardeal Kurt Koch por ocasião da 10ª Assembleia Geral do Conselho Ecuménico das Igrejas.</p> <p><i>“Deus da Vida, conduzi-nos rumo à justiça e à paz”.</i></p> <p>O mundo globalizado no qual vivemos exige de nós um testemunho comum da dignidade conferida por Deus a cada ser humano. Em fidelidade ao Evangelho e em resposta às necessidades urgentes do presente, somos chamados a ir ao encontro daqueles que se encontram nas periferias existenciais das nossas sociedades e a manifestar uma solidariedade especial para com os nossos irmãos e irmãs mais</p>

	<p>vulneráveis: os pobres, os portadores de deficiência, os nascituros, os enfermos, os migrantes, os refugiados, os idosos e os jovens desempregados.</p>
<p>14 de novembro 2013</p>	<p>Roma – Discurso. Visita ao presidente da República Italiana Sr. Giorgio Napolitano.</p> <p>As primeiras visitas pastorais que pude realizar na Itália permanecem gravadas na minha mente. Antes de tudo em Lampedusa, onde encontrei de perto o sofrimento daqueles que, por causa das guerras ou da miséria, se encaminham para a emigração em condições muitas vezes desesperadas; e onde vi o louvável testemunho de solidariedade de muitas pessoas que se prodigalizam no serviço de hospitalidade.</p>
<p>24 de novembro 2013</p>	<p>Vaticano. Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i></p> <p>Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor numa Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais. (nº 210) Nós, cristãos, deveríamos acolher com afeto e respeito os imigrantes do Islão que chegam aos nossos países, tal como esperamos e pedimos para ser acolhidos e respeitados nos países de tradição islâmica. Rogo, imploro humildemente a esses países que assegurem liberdade aos cristãos para poderem celebrar o seu culto e viver a sua fé, tendo em conta a liberdade que os crentes do Islão gozam nos países ocidentais. (nº 253)</p>
<p>28 de novembro 2013</p>	<p>Vaticano. Discurso. Plenária do Pontifício Conselho para o diálogo Inter-Religioso.</p> <p>A Igreja católica está consciente do valor que reveste a promoção da amizade e do respeito entre homens e mulheres de diversas tradições religiosas. Compreendemos cada vez mais a importância, quer porque o mundo — de certa forma — se tornou «menor», quer porque o fenómeno das migrações aumenta os contactos entre pessoas e comunidades de diferentes tradições, culturas e religiões. Esta realidade interpela a nossa consciência de cristãos, constitui um desafio para a compreensão da fé e para a vida concreta das Igrejas locais, das paróquias e de numerosos cristãos.</p>

<p>30 de novembro 2013</p>	<p>Vaticano. Discurso. Encontro com os peregrinos da comunidade Grego-Mequita.</p> <p>Repito também a vós: não nos resignemos a pensar num Médio Oriente sem cristãos. Todavia, muitos dos vossos irmãos e irmãs emigraram, e hoje está aqui presente uma numerosa representação das comunidades na diáspora. Encorajo-as a manter firmes as raízes humanas e espirituais da tradição melquita, conservando em toda a parte a identidade greco-católica, porque a Igreja inteira tem necessidade do património do Oriente cristão, do qual também vós sois herdeiros.</p>
<p>8 de dezembro 2013</p>	<p>Vaticano. Mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz (1 de janeiro).</p> <p><i>“Fraternidade, fundamento e caminho para a paz”.</i></p> <p>Há muitos conflitos que se consomem na indiferença geral. A todos aqueles que vivem em terras onde as armas impõem terror e destruição, asseguro a minha solidariedade pessoal e a de toda a Igreja. Esta última tem por missão levar o amor de Cristo também às vítimas indefesas das guerras esquecidas, através da oração pela paz, do serviço aos feridos, aos famintos, aos refugiados, aos deslocados e a quantos vivem no terror. De igual modo a Igreja levanta a sua voz para fazer chegar aos responsáveis o grito de dor desta humanidade atribulada e fazer cessar, juntamente com as hostilidades, todo o abuso e violação dos direitos fundamentais do homem.</p> <p>Penso no drama dilacerante da droga com a qual se lucra desafiando leis morais e civis, na devastação dos recursos naturais e na poluição em curso, na tragédia da exploração do trabalho; penso nos tráficos ilícitos de dinheiro como também na especulação financeira que, muitas vezes, assume caracteres predadores e nocivos para inteiros sistemas económicos e sociais, lançando na pobreza milhões de homens e mulheres; penso na prostituição que diariamente ceifa vítimas inocentes, sobretudo entre os mais jovens, roubando-lhes o futuro; penso no abomino do tráfico de seres humanos, nos crimes e abusos contra menores, na escravidão que ainda espalha o seu horror em muitas partes do mundo, na tragédia frequentemente ignorada dos emigrantes sobre quem se especula indignamente na ilegalidade.</p>
<p>11 de dezembro 2013</p>	<p>Vaticano. Audiência geral. Mensagem a América para a festa de Nossa Senhora de Guadalupe.</p> <p>Este abraço de Maria indicou a senda que sempre caracterizou a América: é uma terra onde podem conviver povos diversos, uma terra capaz de respeitar a vida humana em todas as suas fases, desde o ventre materno até à velhice, capaz de acolher os emigrantes, os povos, os</p>

	<p>pobres e os marginalizados de todas as épocas. A América é uma terra generosa.</p>
<p>12 de dezembro 2013</p>	<p>Vaticano. Discurso. Novos embaixadores junto a Santa Sé por ocasião da apresentação das credenciais.</p> <p>O tráfico das pessoas é um crime contra a humanidade. Devemos unir as forças para libertar as vítimas e deter este crime, cada vez mais agressivo, que ameaça não só as pessoas individualmente e os valores basilares da sociedade mas também a segurança e a justiça internacionais e ainda a economia, o tecido familiar e a própria convivência social.</p> <p>Mas, para se conseguir vencer nesta frente, requer-se uma assunção comum de responsabilidade e uma vontade política mais decidida. Responsabilidade por quantos caíram vítimas do tráfico a fim de tutelar os seus direitos, garantir a incolumidade deles e seus familiares, impedir que os corruptos e os criminosos fujam à justiça e tenham a última palavra sobre as pessoas. Uma intervenção legislativa adequada nos países de origem, trânsito e chegada, visando também facilitar a emigração regular, pode reduzir o problema.</p>
<p>25 de dezembro 2013</p>	<p>Vaticano. Mensagem Urbi et Orbi</p> <p>Reza pela paz nos países em guerras: Síria, República Centro-Africana, Sudão do Sul, Nigéria, Israel, Palestina, Iraque, República Democrática do Congo... e que os imigrantes em busca de um vida digna encontrem acolhida e ajuda, de maneira que não aconteçam mais tragédias como a de Lampedusa.</p>
<p>29 de dezembro 2013</p>	<p>Vaticano. Ângelus</p> <p>Em terras distantes, mesmo quando encontram trabalho, nem sempre os prófugos e os imigrantes encontram acolhimento verdadeiro, respeito, apreço dos valores dos quais são portadores. As suas expectativas legítimas entram em conflito com situações complexas e dificuldades que às vezes parecem insuperáveis. Portanto, enquanto olhamos para a sagrada Família de Nazaré no momento em que foi obrigada a tornar-se prófuga, pensemos no drama daqueles migrantes e refugiados que são vítimas da rejeição e da exploração, que são vítimas do tráfico de pessoas e do trabalho escravo. Pensemos também nos outros «exilados»: eu chamar-los-ia «exilados escondidos», os que existem dentro das próprias famílias: os idosos, por exemplo, que muitas vezes são tratados como presenças incómodas. Penso que um sinal para saber como está uma família é observar como são tratados crianças e idosos.</p>
<p>31 de dezembro 2013</p>	<p>Vaticano, Homilia. Celebração das primeiras vésperas da Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus e recitação do Te Deum.</p>

	<p>O que aconteceu este ano? O que está a acontecer e o que acontecerá? Como é a qualidade da vida nesta Cidade? Depende de todos nós! Como é a qualidade da nossa «cidadania»? Este ano contribuímos, nas nossas possibilidades, para a tornar vivível, organizada, acolhedora? Com efeito, o rosto de uma cidade é como um mosaico cujas peças são todos os que nela habitam. Certamente, quem está investido de autoridade tem maiores responsabilidades, mas cada um de nós é co-responsável, no bem e no mal.</p> <p>Roma é uma cidade com uma beleza única. O seu património espiritual e cultural é extraordinário. Contudo, também em Roma há tantas pessoas marcadas por misérias materiais e morais, pessoas pobres, infelizes, sofredoras, que interpelam a consciência de cada cidadão. Talvez em Roma se sinta mais forte este contraste entre o ambiente majestoso e cheio de beleza artística e o mal-estar social de quem tem mais dificuldades.</p> <p>Roma é uma cidade cheia de turistas, mas também cheia de refugiados. Roma está cheia de pessoas que trabalham, mas também de pessoas que não encontram trabalho ou desempenham funções mal pagas e por vezes indignas; e todos têm o direito de ser tratados com a mesma atitude de acolhimento e de igualdade, porque cada um é portador de dignidade humana.</p>
<p>13 de janeiro 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Membros do corpo diplomático acreditado junto a Santa Sé.</p> <p>Não pode deixar-nos insensíveis o drama das multidões forçadas a fugir da carestia ou das violências e abusos, particularmente no Corno da África e na região dos Grandes Lagos. Muitos deles vivem como deslocados ou refugiados em campos onde já não são consideradas pessoas mas cifras anónimas. Outros, com a esperança duma vida melhor, empreendem viagens de fortuna, que não raro terminam tragicamente. Refiro-me de modo particular aos numerosos emigrantes que, da América Latina, se dirigem para os Estados Unidos, mas sobretudo a quantos, da África ou do Médio Oriente, buscam refúgio na Europa.</p>
<p>19 de janeiro 2014</p>	<p>Vaticano. Ángelus</p> <p>Hoje celebra-se o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados, sobre o tema « Migrantes e Refugiados: rumo a um mundo melhor», que desenvolvi na Mensagem publicada já há tempos. Dirijo uma saudação especial aos representantes de várias comunidades étnicas aqui congregadas, de modo particular as comunidades católicas de Roma. Caros amigos, vós estais próximos do coração da Igreja, porque a Igreja é um povo a caminho rumo ao Reino de Deus, que Jesus Cristo trouxe para o meio de nós. Não perca a esperança de um mundo melhor! Faça</p>

	<p>votos a fim de que vivais em paz nos países que vos acolhem, conservando os valores das vossas culturas de origem. Gostaria de agradecer àqueles que trabalham com os migrantes para os acolher e acompanhar nos seus momentos difíceis, para os defender de quantos o beato Scalabrini definia «mercadores de carne humana», que querem escravizar os migrantes! De maneira particular, gostaria de agradecer à Congregação dos Missionários de São Carlos, os sacerdotes e as religiosas Scalabrinianos, que fazem um grande bem à Igreja, tornando-se migrantes com os migrantes.</p> <p>Neste momento pensemos nos numerosos migrantes e refugiados, nos seus sofrimentos e na sua vida, muitas vezes desempregados, sem documentos, com tantos sofrimentos; e todos juntos podemos dirigir uma oração pelos migrantes e refugiados que vivem situações mais graves e difíceis: Ave Maria...</p>
<p>21 de janeiro 2014</p>	<p>Vaticano. Mensagem para a XXIX Jornada mundial da juventude (Domingo de ramos – 13 de abril de 2014)</p> <p><i>“Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu”.</i> (Mt 5,3) (...) para viver esta Bem-aventurança todos necessitamos de conversão em relação aos pobres. Devemos cuidar deles, ser sensíveis às suas carências espirituais e materiais. A vós, jovens, confio de modo particular a tarefa de colocar a solidariedade no centro da cultura humana. Perante antigas e novas formas de pobreza – o desemprego, a emigração, muitas dependências dos mais variados tipos –, temos o dever de permanecer vigilantes e conscientes, vencendo a tentação da indiferença. Pensemos também naqueles que não se sentem amados, não olham com esperança o futuro, renunciam a comprometer-se na vida porque se sentem desanimados, desiludidos, temerosos. Devemos aprender a estar com os pobres. Não nos limitemos a pronunciar belas palavras sobre os pobres! Mas encontremo-los, fixemo-los olhos nos olhos, ouçamo-los. Para nós, os pobres são uma oportunidade concreta de encontrar o próprio Cristo, de tocar a sua carne sofredora.</p>
<p>20 de abril 2014</p>	<p>Vaticano. Mensagem “Urbi et Orbi” - Páscoa</p> <p>Reza pelos afetados pela epidemia do Ebola e para confortar os que deixaram suas terras para imigrar a lugares onde possam esperar um futuro melhor, viver a vida com dignidade e, não poucas vezes, professar livremente sua fé.</p>
<p>25 de abril 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos bispos da Conferência Episcopal do Botswana, África do Sul e Suazilândia em visita «ad limina apostolorum»</p> <p>Prestei atenção também à preocupação que expressastes em relação à diminuição da moral cristã, mas também à crescente tentação de colusão com a desonestidade. Trata-se de uma questão que enfrentastes</p>

	<p>profeticamente na vossa declaração pastoral sobre o problema da corrupção. Como sublinhastes, «a corrupção é um furto feito aos pobres... fere aqueles que são mais vulneráveis... prejudica a comunidade inteira... aniquila a nossa confiança». A comunidade cristã é chamada a ser coerente com o seu testemunho das virtudes da honestidade e da integridade, a fim de podermos estar diante do Senhor e do nosso próximo com as mãos limpas e o coração puro (cf. Sl 24, 4), como fermento do Evangelho na vida da sociedade. Tendo presente este imperativo moral, sei que continuareis a enfrentar esta e outras graves solicitações sociais, como o flagelo dos refugiados e dos migrantes. Possam estes homens e mulheres ser sempre recebidos pelas nossas comunidades católicas, encontrando nelas corações e lares abertos, enquanto procuram começar uma nova vida.</p>
<p>15 de maio 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Novos embaixadores da Suíça, Libéria, Etiópia, Sudão, Jamaica, África do Sul e Índia junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais.</p> <p>Olhando para os desafios que neste nosso tempo é urgente enfrentar para construir um mundo mais pacífico, gostaria de sublinhar dois: o comércio das armas e as migrações forçadas.</p> <p>Trata-se de um fenómeno muito complexo, e é necessário reconhecer que estão a ser realizados esforços notáveis da parte das Organizações internacionais, dos Estados, das forças sociais, assim como das comunidades religiosas e do voluntariado, para procurar responder de forma civil e organizada aos aspectos mais críticos, às emergências, às situações de maior necessidade. Mas, também a este propósito, damos conta de que não podemos limitar-nos a resolver as emergências. O fenómeno já se manifestou em toda a sua amplitude e com o seu carácter, por assim dizer, epocal. Chegou a hora de o enfrentar com um olhar político sério e responsável, que envolva todos os níveis: global, continental, de macro-região, de relações entre as Nações, até ao nível nacional e local.</p> <p>O fenómeno das migrações forçadas está estreitamente ligado aos conflitos e às guerras, e portanto também ao problema da proliferação das armas, sobre o qual falei antes. São feridas de um mundo que é o nosso mundo, no qual Deus nos colocou para viver hoje e nos chama a ser responsáveis dos nossos irmãos e irmãs, para que nenhum ser humano seja violado na sua dignidade.</p>
<p>19 de maio 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Bispos do México por ocasião da visita «ad limina apostolorum».</p> <p>Deixastes-me preocupações sérias em relação às vossas Igrejas: algumas sofrem muito devido aos problemas que o Cardeal Robles mencionou.</p>

	<p>São problemas sérios. No entanto, vejo que a vossa Igreja está consolidada sobre fundamentos muito sólidos. E em vós é muito forte o vínculo com a Mãe do Senhor... E isto é muito importante! É muito importante! Maria não vos deixará sozinhos diante de tantos problemas, tão dolorosos... Alguns dos seus filhos atravessam a fronteira, todos os problemas das migrações, os que não chegam ao outro lado... Filhos que morrem, assassinados por mãos de sicários recrutados... Todos problemas sérios! E também a droga, que hoje é uma situação que vos faz sofrer gravemente.</p>
19 de maio 2014	<p>Vaticano – Discurso. Inauguração da 66ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana.</p> <p>Finalmente, a tábua de salvação que se deve lançar é o abraço acolhedor aos migrantes: eles fogem da intolerância, da perseguição e da falta de futuro. Que ninguém dirija o próprio olhar para o outro lado. A caridade, que é testemunho da generosidade de muitas pessoas, é o nosso modo de viver e de interpretar a vida: em virtude deste dinamismo, o Evangelho continuará a difundir-se por atração.</p>
22 de maio 2014	<p>Vaticano. Mensagem por ocasião da 103ª Sessão da Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT)</p> <p>O desemprego continua a ampliar tragicamente as fronteiras da pobreza. Outro problema grave, relacionado com o precedente, que o nosso mundo deve enfrentar, refere-se à migração de massa: já o notável número de homens e de mulheres que são obrigados a procurar um trabalho distante da própria Pátria é motivo de preocupação. Eles tornam-se vítimas de uma certa globalização da indiferença. Isto não pode continuar assim! O tráfico de seres humanos é um flagelo, um crime contra a humanidade inteira. Chegou o momento de unir as forças e de trabalhar juntos para libertar as vítimas de tais tráficos e para erradicar este crime, que atinge todos nós. Chegou também o momento de fortalecer as formas existentes de cooperação e de traçar caminhos novos para aumentar a solidariedade. e um esforço coordenado para encorajar os governos a facilitar as transferências dos migrantes, para o benefício de todos, eliminando deste modo o tráfico de seres humanos e as perigosas condições de viagem.</p>
24 de maio 2014	<p>Aman-Palestina – Homilia. Peregrinação Terra Santa. 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras.</p> <p>As diferentes intervenções do Espírito Santo fazem parte de uma acção harmónica, de um único projecto divino de amor. Com efeito, a missão do Espírito Santo é gerar harmonia – Ele mesmo é harmonia – e realizar</p>

	<p>a paz nos vários contextos e entre os diferentes sujeitos. A diferença de pessoas e a divergência de pensamento não devem provocar rejeição nem criar obstáculo, porque a variedade é sempre enriquecedora. Por isso hoje, com coração ardente, invoquemos o Espírito Santo, pedindo-Lhe que prepare o caminho da paz e da unidade.</p> <p>Neste espírito, vos abraço a todos: o Patriarca, os irmãos Bispos, os sacerdotes, as pessoas consagradas, os fiéis leigos, a multidão de crianças que hoje fazem a Primeira Comunhão e os seus familiares. Com todo o meu coração saúdo também os numerosos refugiados cristãos; e não só eu, mas todos nós saudamos, com todo o nosso coração, os numerosos refugiados cristãos que vieram da Palestina, da Síria e do Iraque: levai às vossas famílias e comunidades a minha saudação e a minha solidariedade.</p>
<p>25 de maio 2014</p>	<p>Belém-Palestina. Homilia. Peregrinação Terra Santa. 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras.</p> <p>Que graça grande celebrar a Eucaristia junto do lugar onde nasceu Jesus! Agradeço a Deus e agradeço a vós que me acolhestes nesta minha peregrinação: o Presidente Mahmoud Abbas e demais autoridades; o Patriarca Fouad Twal, os outros Bispos e os Ordinários da Terra Santa, os sacerdotes, os dedicados Franciscanos, as pessoas consagradas e quantos trabalham por manter viva a fé, a esperança e a caridade nestes territórios; as delegações de fiéis vindas de Gaza, da Galileia, os imigrantes da Ásia e da África. Obrigado pela vossa recepção!</p> <p>Também hoje as crianças são um sinal. Sinal de esperança, sinal de vida, mas também sinal de «diagnóstico» para compreender o estado de saúde duma família, duma sociedade, do mundo inteiro. Quando as crianças são acolhidas, amadas, protegidas, tuteladas, a família é sadia, a sociedade melhora, o mundo é mais humano. Pensemos na obra que realiza o Instituto Effathá Paulo VI a favor das crianças surdas-mudas palestinas: é um sinal concreto da bondade de Deus. É um sinal concreto de que a sociedade melhora.</p>
<p>30 de maio 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Organizações caritativas que católicas que atuam na Síria.</p> <p>Há um ano reunimo-nos para confirmar o compromisso da parte da Igreja nesta crise e para, juntos, lançar um apelo a favor da paz na Síria. Agora encontramos-nos de novo, para traçar um balanço do trabalho até hoje levado a cabo e para renovar a vontade de prosseguir este caminho, com uma colaboração ainda mais estreita. No entanto, temos o dever de reconhecer com profunda dor que a crise síria ainda não foi resolvida, aliás continua, enquanto subsiste o risco de nos habituarmos à mesma, de esquecermos as vítimas quotidianas, os sofrimentos indescritíveis, os</p>

	<p>milhares de refugiados, entre os quais idosos e crianças, que padecem e às vezes morrem de fome e de enfermidades causadas pela própria guerra. Esta indiferença faz mal! Mais uma vez, devemos repetir o nome da doença que nos faz tão mal no mundo de hoje: a globalização da indiferença.</p>
<p>5 de junho 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. À sua santidade Aram I, católicos da Igreja Apostólica Armênia da Cilícia.</p> <p>Vossa Santidade representa uma parte do mundo cristão profundamente marcada por uma história de provações e de sofrimentos, aceites intrepidamente por amor a Deus. A Igreja Apostólica Armênia foi obrigada a tornar-se um povo em peregrinação, experimentando de forma totalmente singular o facto de se ter posto a caminho rumo ao Reino de Deus. A história de emigração, perseguição e martírio de um número tão elevado de fiéis deixou feridas profundas nos corações de todos os Arménios. Devemos vê-las e venerá-las como feridas do Corpo do próprio Cristo: precisamente por isso, elas constituem também uma causa de esperança inabalável e de confiança na misericórdia providente do Pai.</p>
<p>14 de junho 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Às Misericórdias da Itália e aos grupos «Fratres» no 30º aniversário da audiência com o Papa João Paulo II.</p> <p>As «Misericórdias», antiga expressão do laicato católico e bem arraigadas no território italiano, estão comprometidas no testemunho do Evangelho da caridade entre os enfermos, os idosos, os portadores de deficiência, os menores, os imigrantes e os pobres. Todo o vosso serviço adquire sentido e forma a partir desta palavra: «misericórdia», palavra latina cujo significado etimológico é «miseris cor dare», «dar o coração aos miseráveis», a quantos estão em necessidade, àqueles que sofrem.</p> <p>Mais uma vez, obrigado a todos vós por aquilo que levais a cabo. Muito obrigado! Que as «Misericórdias» e os grupos «Fratres» continuem a ser lugares de acolhimento e de gratuidade, no sinal do amor autenticamente misericordioso por cada pessoa. Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos proteja! Obrigado!</p>
<p>15 de junho 2014</p>	<p>Trastevere. Discurso. Visita à Comunidade de Santo Egídio.</p> <p>Hoje, infelizmente, uma economia especulativa torna-os cada vez mais pobres, privando-os do essencial, como a casa e o trabalho. Isto é inaceitável! Quem vive a solidariedade não aceita esta situação e reage. E muitas pessoas desejam eliminar do dicionário a palavra «solidariedade», porque para uma determinada cultura ela parece um</p>

	<p>palavrão. Não! A solidariedade é uma palavra cristã! E por este motivo vós sois uma família para os desabrigados, amigos das pessoas portadores de deficiência que — quando são amadas — exprimem uma grande humanidade! Além disso, vejo aqui também muitos «novos europeus», imigrantes que chegaram empreendendo viagens dolorosas e arriscadas. A Comunidade acolhe-os com solicitude, demonstrando que o estrangeiro é nosso irmão, que deve ser conhecido e ajudado. E isto rejuvenesce-nos.</p>
<p>23 de junho 2014</p>	<p>Vaticano. Mensagem ao arcebispo de Agrigento por ocasião do primeiro aniversário da visita a Lampedusa</p> <p>O problema da imigração está a agravar-se e, infelizmente, sucederam-se outras tragédias num ritmo premente. O nosso coração sente dificuldade em aceitar a morte desses nossos irmãos e irmãs, que enfrentam viagens extenuantes para fugir de dramas, pobreza, guerras, conflitos, com frequência ligados a políticas internacionais. Volto espiritualmente ao largo do mar Mediterrâneo para chorar com quantos sofrem e para lançar as flores da oração de sufrágio pelas mulheres, homens e crianças vítimas de um drama que parece não ter fim, e que exige ser tratado não com a lógica da indiferença mas com a lógica da hospitalidade e da partilha, a fim de tutelar e promover a dignidade e a centralidade de cada ser humano.</p>
<p>26 de junho 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Participantes da Assembleia da reunião das obras de ajuda para as Igrejas Orientais (R.O.A.C.O)</p> <p>Com efeito a Sagrada Família de Nazaré, «que viveu... a aflição da perseguição, da emigração e da dura labuta diária», ensina-nos «a ter confiança no Pai, a imitar Cristo e a deixar-nos guiar pelo Espírito Santo» (cf. <i>ibid</i>, n. 59). A Santa Mãe de Deus acompanhe cada uma das famílias para que — graças a elas — a Igreja, com a alegria e a força do Evangelho, seja sempre uma Mãe fecunda e solícita na edificação da família universal de Deus.</p>
<p>6 de julho 2014</p>	<p>Vaticano. Ângelus.</p> <p>Nos países mais pobres, mas também nas periferias dos países mais ricos encontram-se muitas pessoas cansadas e abatidas, sob o peso insuportável do abandono e da indiferença. A indiferença: como a indiferença humana faz mal aos necessitados! E pior ainda é a indiferença dos cristãos! Às margens da sociedade há muitos homens e mulheres provados pela indigência, mas inclusive pela insatisfação da vida e da frustração. Numerosas pessoas são obrigadas a emigrar da sua Pátria, pondo em perigo a própria vida. Um número muito maior delas suportam todos os dias o fardo de um sistema económico que explora o</p>

	<p>homem e impõe um «jugo» insuportável, que os poucos privilegiados não querem carregar.</p>
<p>26 de julho 2014</p>	<p>Caserta-Itália . Visita Apostólica. Homilia.</p> <p>Que é o reino dos céus? Está presente na própria pessoa de Jesus. É a alegria de cada um de nós quando descobrimos a proximidade e a presença de Jesus na nossa vida. Uma presença que transforma a existência, abrindo-nos às exigências dos irmãos; uma presença que convida a acolher qualquer outra presença, também a do estrangeiro e do imigrante. É uma presença acolhedora, é uma presença jubilosa, uma presença fecunda: assim é o reino de Deus dentro de nós.</p>
<p>9 de agosto 2014</p>	<p>Vaticano. Carta. Secretário Geral da ONU sobre a situação do norte de Iraque.</p> <p>Ao renovar o meu apelo urgente à comunidade internacional a fim de que intervenha para pôr fim à tragédia humanitária em curso, encorajo todos os organismos competentes das Nações Unidas, em particular aqueles responsáveis pela segurança, paz, direito humanitário e assistência aos refugiados, a continuar os seus esforços em conformidade com o Preâmbulo e os Artigos pertinentes da Carta das Nações Unidas.</p>
<p>14 de agosto 2014</p>	<p>Seul. Discurso. Discurso no encontro com os bispos coreanos.</p> <p>Ser guardiões da esperança implica também garantir que o testemunho profético da Igreja na Coreia continue a expressar-se na sua solicitude pelos pobres e nos seus programas de solidariedade especialmente a favor dos refugiados e migrantes e daqueles que vivem à margem da sociedade. Esta solicitude deveria manifestar-se não somente através de iniciativas concretas de caridade – que são necessárias –, mas também no trabalho constante de promoção a nível social, ocupacional e educativo.</p>
<p>3 de setembro 2014</p>	<p>Vaticano. Mensagem para a Jornada Mundial do imigrante e do refugiado</p> <p>Igreja sem fronteiras, mãe de todos. À globalização do fenómeno migratório é preciso responder com a globalização da caridade e da cooperação, a fim de se humanizar as condições dos migrantes. À solidariedade para com os migrantes e os refugiados há que unir a coragem e a criatividade necessárias para desenvolver, a nível mundial, uma ordem económico-financeira mais justa e equitativa, juntamente com um maior empenho a favor da paz, condição indispensável de todo o verdadeiro progresso.</p>

	<p>Queridos migrantes e refugiados! Vós ocupais um lugar especial no coração da Igreja e sois uma ajuda para alargar as dimensões do seu coração a fim de manifestar a sua maternidade para com a família humana inteira. Não percais a vossa confiança e a vossa esperança!</p>
<p>21 de setembro 2014</p>	<p>Tirana-Albânia. Discurso no encontro com as autoridades.</p> <p>Muitos, especialmente no início, motivados pela busca de trabalho e de melhores condições de vida, tomaram o caminho da emigração e contribuem, à sua maneira, para o progresso da sociedade albanesa, enquanto outros redescobriram as razões para permanecer na pátria e construí-la a partir de dentro. As fadigas e os sacrifícios de todos cooperaram para a melhoria das condições gerais.</p>
<p>2 de outubro 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Participantes na plenária do Pontifício Conselho Justiça e Paz .</p> <p>O princípio da Caritas in veritate é de extrema atualidade. Com efeito, um amor repleto de verdade constitui a base sobre a qual construir a paz que hoje é particularmente desejada e necessária para o bem de todos. Permite superar fanatismos perigosos, conflitos pela posse de recursos, migrações de dimensões bíblicas, os persistentes flagelos da fome e da pobreza, o tráfico de pessoas, injustiças e desigualdades sociais e económicas, desequilíbrios no acesso ao bem comum. Caros irmãos e irmãs, a Igreja está sempre a caminho, em busca de novas veredas para o anúncio do Evangelho, inclusive no campo social.</p>
<p>26 de outubro 2014</p>	<p>Vaticano. Ângelus.</p> <p>Ontem em São Paulo, no Brasil, foi proclamada Beata Madre Assunta Marchetti, nascida na Itália, co-Fundadora das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu — Scalabrinianas. Ela foi uma religiosa exemplar no serviço aos órfãos dos emigrantes italianos; e via Jesus presente nos pobres, nos órfãos, nos enfermos e nos migrantes. Demos graças a Deus por esta mulher, modelo de missionariedade incansável e de dedicação intrépida no serviço de caridade. Esta é uma exortação e acima de tudo uma confirmação daquilo que já dissemos antes, em relação à busca do rosto de Deus no irmão e na irmã necessitados.</p>
<p>28 de outubro 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares.</p> <p>Solidariedade é uma palavra que nem sempre agrada; diria que algumas vezes a transformámos num palavrão, não se pode dizer; mas uma palavra é muito mais do que alguns gestos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridades da vida de</p>

	<p>todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destruidores do império do dinheiro: as deslocamentos forçadas, as emigrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas aquelas realidades que muitos de vós suportam e que todos estamos chamados a transformar. A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem.</p>
<p>14 de novembro 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Participantes no Congresso Mundial dos Contabilistas e Tesoureiros.</p> <p>O atual contexto socioeconómico levanta urgentemente a questão do trabalho. A questão do trabalho: trata-se de um ponto-chave! A partir da vossa perspectiva profissional, compreendeis bem a realidade dramática de tantas pessoas que têm um emprego precário, ou que o perderam; de tantas famílias que pagam as consequências disto; de tantos jovens em busca de um emprego e de um trabalho digno. São numerosos aqueles aos quais, de modo especial imigrantes obrigados a trabalhar «clandestinamente», faltam as garantias jurídicas e económicas mais elementares.</p>
<p>16 de novembro 2014</p>	<p>Vaticano. Ángelus</p> <p>Durante estes dias, em Roma, houve tensões bastante fortes entre residentes e imigrantes. Trata-se de episódios que se verificam em várias cidades europeias, especialmente em bairros periféricos marcados por outras dificuldades. Convido as instituições de todos os níveis a assumir como prioridade aquela que já representa uma emergência social e que, se não for enfrentada quanto antes e de modo adequado, corre o risco de degenerar cada vez mais. A comunidade cristã compromete-se de modo concreto para que não haja desencontro, mas encontro. Cidadãos e imigrantes, juntamente com os representantes das instituições, podem encontrar-se até num salão paroquial para enfrentar esta situação. O importante é não ceder à tentação do conflito, evitando qualquer violência. É possível dialogar, ouvir uns aos outros, fazer programas conjuntos e deste modo superar a suspeita e o preconceito e construir uma convivência cada vez mais segura, pacífica e inclusiva.</p>
<p>21 de novembro 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Participantes no VII Congresso Mundial para a Pastoral dos Migrantes.</p> <p>Infelizmente, os migrantes vivem com frequência situações de decepção, de desconforto, de solidão e — acrescentaria — de marginalização. Com efeito, o trabalhador migrante encontra-se</p>

	<p>dividido entre o desenraizamento e a integração. É também aqui que a Igreja procura ser um lugar de esperança: elabora programas de formação e de sensibilização; levanta a voz em defesa dos direitos dos migrantes; oferece assistência também material, sem exclusões, a fim de que todos sejam tratados como filhos de Deus. No encontro com os migrantes, é importante seguir uma perspectiva integral, capaz de valorizar as suas potencialidades, em vez de ver neles somente um problema para enfrentar e resolver. O direito genuíno ao desenvolvimento diz respeito a cada homem e a todos os homens, numa visão integral. Isto requer que se estabeleçam para todos, níveis mínimos de participação na vida da comunidade humana. E isto é necessário que se verifique principalmente no seio da comunidade cristã, onde ninguém é estrangeiro e, por conseguinte, onde todos merecem hospitalidade e sustento.</p>
<p>25 de novembro 2014</p>	<p>Estrasburgo. Discurso ao Parlamento Europeu.</p> <p>Uma das doenças que, hoje, vejo mais difusa na Europa é a solidão, típica de quem está privado de vínculos. Vemo-la particularmente nos idosos, muitas vezes abandonados à sua sorte, bem como nos jovens privados de pontos de referência e de oportunidades para o futuro; vemo-la nos numerosos pobres que povoam as nossas cidades; vemo-la no olhar perdido dos imigrantes que vieram para cá à procura de um futuro melhor. É necessário enfrentar juntos a questão migratória. Não se pode tolerar que o Mar Mediterrâneo se torne um grande cemitério! Nos barcos que chegam diariamente às costas europeias, há homens e mulheres que precisam de acolhimento e ajuda. A falta de um apoio mútuo no seio da União Europeia arrisca-se a incentivar soluções particularistas para o problema, que não têm em conta a dignidade humana dos migrantes, promovendo o trabalho servil e contínuas tensões sociais. A Europa será capaz de enfrentar as problemáticas relacionadas com a imigração, se souber propor com clareza a sua identidade cultural e implementar legislações adequadas capazes de tutelar os direitos dos cidadãos europeus e, ao mesmo tempo, garantir o acolhimento dos imigrantes; se souber adoptar políticas justas, corajosas e concretas que ajudem os seus países de origem no desenvolvimento sociopolítico e na superação dos conflitos internos – a principal causa deste fenómeno – em vez das políticas interesseiras que aumentam e nutrem tais conflitos. É necessário agir sobre as causas e não apenas sobre os efeitos.</p>
<p>25 de novembro 2014</p>	<p>Estrasburgo. Discurso ao Conselho da Europa.</p> <p>São numerosos os desafios do mundo contemporâneo que necessitam de estudo e de um empenhamento comum, a começar pelo acolhimento dos</p>

	<p>imigrantes, que precisam primariamente do essencial para viver, mas sobretudo que lhes seja reconhecida a sua dignidade de pessoas.</p>
<p>27 de novembro 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades.</p> <p>Deus continua a falar-nos também hoje, como sempre fez, através dos pobres, do «resto». Em geral, as grandes cidades de hoje são habitadas por numerosos migrantes e pobres, provenientes das áreas rurais, ou até de outros Continentes, com outras culturas. Inclusive Roma... O Vice-Bispo de Roma pode dizê-lo, não pode? Há numerosos indigentes em toda a parte... Eles são peregrinos da vida, em busca de «salvação», que muitas vezes têm a força de ir em frente e de lutar, graças a um sentido último que recebem de uma simples e profunda experiência de fé em Deus. O desafio é duplice: ser hospitaleiro em relação aos pobres e aos migrantes — em geral, a cidade não o é, pois rejeita-os! — e valorizar a sua fé. Muito provavelmente, esta fé vive misturada com elementos do pensamento mágico e imanentista, mas temos o dever de a procurar, reconhecer, interpretar e, certamente, também evangelizar. Contudo, não tenho dúvidas de que na fé destes homens e destas mulheres existe uma enorme potencialidade para a evangelização das áreas urbanas.</p>
<p>30 de novembro 2014</p>	<p>Istambul-Turquia. Discurso aos jovens refugiados assistidos pelos salesianos</p> <p>Desejei intensamente encontrar-me convosco. Aliás a minha vontade era encontrar ainda outros refugiados, mas não foi possível fazer diversamente. Vós vindes da Turquia, da Síria, do Iraque, de vários países do Médio Oriente e da África. Estais aqui em representação de centenas de vossos coetâneos, muitos deles refugiados e deslocados, diariamente assistidos pelos Salesianos. Quero manifestar-vos a minha participação no vosso sofrimento e espero que esta minha visita, com a graça do Senhor, possa dar-vos um pouco de consolação na vossa difícil situação. Esta é o triste resultado de conflitos exacerbados e da guerra, que é sempre um mal e nunca constitui a solução dos problemas, antes pelo contrário cria outros.</p> <p>Os refugiados, como vós, frequentemente encontram-se privados, às vezes por longo tempo, de bens primários: uma habitação digna, a assistência sanitária, a educação, o trabalho. Tiveram de abandonar não apenas coisas materiais, mas sobretudo a liberdade, a proximidade dos familiares, o seu ambiente de vida e as tradições culturais. As condições degradantes, em que muitos refugiados têm de viver, são intoleráveis! Por isso, é preciso fazer todo o esforço para remover as causas desta realidade.</p>

	<p>Numerosas organizações estão fazendo muito pelos refugiados; congratulo-me, em particular, pela obra eficaz de tantas realidades católicas, que oferecem uma ajuda generosa a muitas pessoas necessitadas, sem qualquer discriminação. Às autoridades turcas, desejo expressar vivo reconhecimento pelo grande esforço feito na assistência aos deslocados, especialmente aos refugiados sírios e iraquianos, e pelo real empenho com que procuram satisfazer as suas exigências. Espero que não falte o necessário apoio também da comunidade internacional.</p>
<p>4 de dezembro 2014</p>	<p>Vaticano. Discurso. Federação dos Organismos Cristãos de Serviço Internacional Voluntário (FOCSIV)</p> <p>Penso nos marginalizados e nos refugiados, os quais procuram deixar atrás de si condições de vida e perigos de todos os géneros. É necessária a colaboração de todos, instituições, ONGs e comunidades eclesiais, para promover percursos de convivência harmoniosa entre pessoas e culturas diversas. Os movimentos migratórios solicitam modalidades de acolhimento adequadas que não deixem os migrantes à mercê do mar e de bandos de traficantes sem escrúpulos. Ao mesmo tempo, é necessária uma colaboração efetiva entre os Estados, para regular e gerir eficazmente estes fenómenos.</p>
<p>8 de dezembro 2014</p>	<p>Vaticano. Mensagem para a celebração do XLVIII Dia mundial da Paz (1 de janeiro)</p> <p><i>“Já não escravos, mas irmãos”.</i></p> <p>Penso também nas condições de vida de muitos migrantes que, ao longo do seu trajeto dramático, padecem a fome, são privados da liberdade, despojados dos seus bens ou abusados física e sexualmente. Penso em tantos deles que, chegados ao destino depois duma viagem duríssima e dominada pelo medo e a insegurança, ficam detidos em condições às vezes desumanas. Sim! Penso no «trabalho escravo».</p> <p>Quando se observa o fenómeno do comércio de pessoas, do tráfico ilegal de migrantes e de outras faces conhecidas e desconhecidas da escravidão, fica-se frequentemente com a impressão de que o mesmo tem lugar no meio da indiferença geral.</p> <p>Os Estados deveriam vigiar para que as respectivas legislações nacionais sobre as migrações, o trabalho, as adopções, a transferência das empresas e a comercialização de produtos feitos por meio da exploração do trabalho sejam efetivamente respeitadoras da dignidade da pessoa. São necessárias leis justas, centradas na pessoa humana, que defendam os seus direitos fundamentais e, se violados, os recuperem reabilitando quem é vítima e assegurando a sua incolumidade, como são necessários também mecanismos eficazes de controle da correta aplicação de tais normas, que não deixem espaço à corrupção e à impunidade.</p>

	<p>As organizações intergovernamentais são chamadas, no respeito pelo princípio da subsidiariedade, a implementar iniciativas coordenadas para combater as redes transnacionais do crime organizado que gerem o mercado de pessoas humanas e o tráfico ilegal dos migrantes. Torna-se necessária uma cooperação a vários níveis, que englobe as instituições nacionais e internacionais, bem como as organizações da sociedade civil e do mundo empresarial.</p>
<p>25 de dezembro 2014</p>	<p>Vaticano. Mensagem “Urbi et Orbi”</p> <p>Reza pela paz em Síria e Iraque, que o Natal lhes dê esperança, assim como aos inúmeros desalojados, deslocados, refugiados, crianças, adultos e idosos da região e do mundo inteiro. Uma atenção especial as crianças vítimas do comércio ilícito e do tráfico humano, abusadas, assassinadas, transformadas em soldados, privadas do amor generoso dos seus pais e sepultadas no egoísmo de uma cultura que não ama a vida.</p>
<p>28 de dezembro 2014</p>	<p>Vaticano. Angelus</p> <p>Esta luz que vem da Sagrada Família encoraja-nos a oferecer calor humano naquelas situações familiares em que, por vários motivos, faltam a paz, a harmonia e o perdão. Não falte a nossa solidariedade concreta às famílias que vivem situações mais difíceis por causa de doenças, desemprego, discriminações, necessidade de emigrar... E refletamos um momento aqui e em silêncio oremos por todas as famílias em dificuldade, quer por doença, falta de trabalho, discriminação, necessidade de emigrar, dificuldade de se entender e também por desunião. Em silêncio, rezemos por todas essas famílias.</p>
<p>12 de janeiro 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Membros do Corpo Diplomático acreditado junto a Santa Sé.</p> <p>Consequência frequente das situações de conflito acima descritas é a fuga de milhares de pessoas da sua terra natal. Por vezes não é de um futuro melhor que vão à procura, mas simplesmente de um futuro, porque permanecer na própria pátria pode significar uma morte certa. Quantas pessoas perdem a vida em viagens desumanas, sujeitas aos vexames de verdadeiros e próprios algozes gananciosos de dinheiro! Há ainda outro dado alarmante: muitos migrantes, especialmente nas Américas, são crianças sozinhas, presa ainda mais fácil dos perigos, que necessitam de maior cuidado, solicitude e proteção.</p> <p>Mas, ao lado dos migrantes, deslocados e refugiados, há muitos outros «exilados ocultos» (Ângelus, 29 de Dezembro de 2013), que vivem dentro das nossas casas e famílias. Penso sobretudo nos idosos e nos deficientes, bem como nos jovens.</p>

<p>16 de janeiro 2015</p>	<p>Filipinas. Discurso no encontro com as famílias</p> <p>Hoje os pesos que gravam sobre a vida da família são muitos. Aqui, nas Filipinas, inumeráveis famílias sofrem ainda as consequências das catástrofes naturais. A situação económica provocou a fragmentação das famílias com a emigração e a busca de um emprego, para além dos problemas financeiros que atormentam muitos lares domésticos. Enquanto muitas pessoas vivem em pobreza extrema, outras caem nas malhas do materialismo e de estilos de vida que abolem a vida familiar e as exigências mais fundamentais da moral cristã.</p>
<p>19 de janeiro 2015</p>	<p>Voo de Manila a Roma. Conferência de imprensa.</p> <p>Entrar nos Estados Unidos pela fronteira do México seria interessante, como sinal de fraternidade e ajuda aos emigrantes, mas o senhor sabe que ir ao México sem visitar Nossa Senhora seria um drama e poder-se-ia desencadear uma guerra! E também porque haveria necessidade de mais três dias. Enfim, ainda não está tudo definido.</p>
<p>6 de fevereiro 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Prefeitos de várias cidades da Itália.</p> <p>Durante estes anos, caracterizados pela incidência particular do movimento migratório, vinculada ao aumento de conflitos violentos no mundo, com as suas trágicas consequências sobre as pessoas e também sobre as economias de muitos países, as competências dos prefeitos em matéria de imigração revestem uma delicadeza especial. Elas exigem que se encontre na gestão quotidiana das situações, muitas vezes de emergência, a aplicação correta das normas para garantir, em fidelidade ao ditado da lei e às outras disposições em vigor, o respeito escrupuloso pelos direitos fundamentais de cada pessoa humana.</p>
<p>11 de fevereiro 2015</p>	<p>Vaticano. Audiência geral. Saudações</p> <p>Acompanho com preocupação as notícias que chegam de Lampedusa, onde entre os imigrantes se contam outros mortos por causa do frio durante a travessia do Mediterrâneo. Desejo garantir a minha prece pelas vítimas e animar novamente à solidariedade, a fim de que a ninguém falte o socorro necessário.</p>
<p>2 de março 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Bispos da Conferência Episcopal Regional do Norte da África (C.E.R.N.A) em visita “ad limina apostolorum”.</p> <p>Igreja do encontro e do diálogo, desejais pôr-vos também ao serviço de todos, sem distinção. Com meios muitas vezes humildes, manifestais a caridade de Cristo e da Igreja no meio dos pobres, dos enfermos, das</p>

	<p>peças idosas, das mulheres em necessidade e dos presos. Agradeço profundamente o papel que desempenhais, indo ao encontro dos numerosos imigrantes originários da África, que nos vossos países procuram um lugar de passagem ou de hospitalidade. Reconhecendo a sua dignidade humana e trabalhando para despertar as consciências face a tantos dramas humanos, manifestais o amor de Deus por cada um deles.</p>
<p>16 de março 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Bispos da Conferência Episcopal da Bósnia e Herzegovina em visita “ad limina apostolorum”.</p> <p>A imigração é justamente uma das realidades sociais que mais vos preocupam. Ela evoca a dificuldade do regresso de tantos concidadãos vossos, a escassez de fontes de trabalho, a instabilidade das famílias, a dilaceração afetiva e social de comunidades inteiras, a precariedade concreta das diversas paróquias, as memórias ainda vivas do conflito, quer a nível pessoal quer comunitário, com as feridas dos ânimos ainda dolentes.</p>
<p>21 de março 2015</p>	<p>Nápoles. Discurso. Visita Pastoral a Pompeia e Nápoles. Encontro com a população de Scampia e com diversas categorias sociais.</p> <p>Gostaria de responder à irmã que falou em nome dos migrantes e dos desabrigados. Ela pediu uma palavra que garanta que os migrantes são filhos de Deus e que são cidadãos. Mas é necessário chegar a este ponto? Os migrantes são seres humanos de segunda classe? Devemos fazer sentir aos nossos irmãos e irmãs migrantes que são cidadãos, que são como nós, filhos de Deus, que são migrantes como nós, porque todos nós somos migrantes rumo a outra pátria, e talvez todos chegaremos lá. E ninguém se perca pelo caminho! Todos somos migrantes, filhos de Deus que nos põe todos a caminho. Não podemos dizer: «Mas os migrantes são assim... Nós somos...». Não! Todos somos migrantes, todos estamos a caminho. E esta palavra que todos somos migrantes não está escrita num livro, está escrita na nossa carne, no nosso caminho de vida, que nos garante que em Jesus todos somos filhos de Deus, filhos amados, filhos desejados, filhos salvos. Pensemos nisto: todos somos migrantes a caminho da vida, nenhum de nós tem um domicílio fixo nesta terra, todos temos que ir.</p>
<p>5 de abril 2015</p>	<p>Vaticano. Mensagem “Urbi et Orbi” - Páscoa</p> <p>Pedimos paz, antes de tudo, para a amada Síria e o Iraque, para que cesse o fragor das armas e se restabeleça a boa convivência entre os diferentes grupos que compõem estes amados países. Que a comunidade internacional não permaneça inerte perante a imensa tragédia</p>

	<p>humanitária no interior destes países e o drama dos numerosos refugiados.</p> <p>Aos marginalizados, aos encarcerados, aos pobres e aos migrantes que tantas vezes são rejeitados, maltratados e descartados; aos doentes e atribulados; às crianças, especialmente as vítimas de violência; a quantos estão hoje de luto; a todos os homens e mulheres de boa vontade chegue a voz consoladora e curativa do Senhor Jesus: «A paz esteja convosco!» (Lc 24, 36). «Não temais! Ressuscitei e estou convosco para sempre!» (cf. Missal Romano, Antífona de Entrada no dia de Páscoa).</p>
10 de abril 2015	<p>Vaticano. Mensagem ao presidente do Panamá por ocasião do VII Encontro das Américas.</p> <p>O grande desafio do nosso mundo é a globalização da solidariedade e da fraternidade, em vez da globalização da discriminação e da indiferença e, enquanto não se alcançar uma distribuição equitativa das riquezas, não se resolverão os males da nossa sociedades (cf. EG 202). Gostaria de chamar a atenção também para o problema da imigração. A imensa disparidade das oportunidades entre alguns países e outros faz com que muitas pessoas se vejam obrigadas a abandonar a sua terra, a própria família, tornando-se presa fácil do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, sem quaisquer direitos, nem acesso à justiça...</p>
18 de abril 2015	<p>Vaticano. Discurso. Ao Presidente da República Italiana Sergio Mattarella.</p> <p>Por fim, desejo expressar a minha gratidão pelo compromisso que a Itália está a realizar para acolher os numerosos migrantes que, com o risco da própria vida, pedem acolhimento. É evidente que as proporções do fenómeno exigem um empenhamento muito mais amplo. Não nos devemos cansar de solicitar um compromisso mais extenso a nível europeu e internacional.</p>
18 de abril 2015	<p>Vaticano. Discurso. Aos membros da Associação Católica Internacional ao Serviço da Juventude Feminina (ACISJF).</p> <p>Exprimo a minha gratidão pelo vosso generoso compromisso ao serviço das jovens que vivem em situações de precariedade e de sofrimento. O aumento significativo do seu número e as várias formas de pobreza que as atingem interpelam-nos e devem suscitar uma nova criatividade, para lhes oferecer o apoio material e espiritual de que necessitam. Sim, é uma verdadeira felicidade servir os outros, como Jesus. Mediante as atividades permanentes de acolhimento — quanta necessidade de acolhimento têm estas jovens, quanta necessidade de acolhimento! — e também através de uma reflexão para enfrentar os novos desafios gerados pelo mundo de hoje, como por exemplo o fenómeno</p>

	<p>migratório, a vossa ação quer estar ao serviço da vida e da dignidade da pessoa, testemunhando que «a verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo... do serviço» (Exort. ap. Evangelii Gaudium 88).</p>
<p>19 de abril 2015</p>	<p>Vaticano. Regina Coeli.</p> <p>Nestas horas estão a chegar notícias relativas a uma nova tragédia nas águas do Mediterrâneo. Uma barca cheia de migrantes virou na noite passada a cerca de 60 milhas da costa líbia e teme-se que haja centenas de vítimas. Expresso a minha mais sentida dor face a tal tragédia e garanto pelos mortos e suas famílias a minha recordação e oração. Dirijo um urgente apelo para que a comunidade internacional aja com decisão e rapidez, a fim de evitar que semelhantes tragédias voltem a repetir-se. São homens e mulheres como nós, nossos irmãos que procuram uma vida melhor, famintos, perseguidos, feridos, explorados, vítimas de guerras; procuram uma vida melhor. Procuravam a felicidade... Convido-vos a rezar primeiro em silêncio e depois todos juntos por estes irmãos e irmãs. Ave Maria...</p>
<p>21 de abril 2015</p>	<p>Vaticano. Meditações matutinas</p> <p>«Hoje a Igreja é Igreja de mártires». E entre eles estão «os nossos irmãos degolados numa praia da Líbia; aquele rapazinho queimado vivo pelos companheiros porque era cristão; os migrantes que foram lançados no alto mar porque eram cristãos; os etíopes, assassinados porque eram cristãos». Evocando a história do protomártir santo Estêvão, o Papa Francisco, na missa celebrada na manhã de terça-feira 21 de Abril na capela da Casa de Santa Marta, recordou os muitos mártires de hoje: inclusive aqueles dos quais não sabemos os nomes, que sofrem nas prisões ou são caluniados e perseguidos «por tantos sinédrions modernos» ou ainda, vivem cada dia «a fidelidade na própria família».</p>
<p>30 de abril 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Comunidades de Vida Cristã (CVX) - Liga Missionária de Estudantes da Itália.</p> <p>O vosso estilo de fraternidade, que vos compromete também em programas de hospitalidade aos migrantes na Sicília, vos torne generosos na educação dos jovens, tanto no interior da vossa Associação como no âmbito das escolas.</p>
<p>4 de maio 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. À Sra. Antje Jackelén, Arcebispa de Uppsala da Igreja Evangélica Luterana da Suécia.</p> <p>Gostaria de agradecer mais duas coisas. Antes de tudo, à Igreja Luterana sueca, pelo acolhimento de tantos migrantes da América do Sul na</p>

	<p>época das ditaduras. Acolhimento fraterno que fez crescer as famílias. E em segundo lugar, desejo agradecer a delicadeza que a Senhora, querida irmã, teve ao nomear o meu grande amigo, o pastor Anders Root: com ele partilhamos a cátedra de teologia espiritual e ajudou-me tanto na vida espiritual.</p>
<p>7 de maio 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. À Comissão Conjunta da Conferência das Igrejas Europeias (CEC) e Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE).</p> <p>Hoje as Igrejas e as Comunidades eclesiais na Europa devem enfrentar desafios novos e determinantes, aos quais darão respostas eficazes se falarem em unísono. Penso, por exemplo, no desafio representado por legislações que, em nome de um princípio de tolerância mal interpretado, acabam por impedir que os cristãos manifestem livremente e ponham em prática de modo pacífico e legítimo as suas convicções religiosas. Além disso, diante da atitude com a qual a Europa parece enfrentar a dramática e muitas vezes trágica migração de milhares de pessoas em fuga de guerras, perseguições e miséria, as Igrejas e as Comunidades eclesiais na Europa têm o dever de colaborar para promover a solidariedade e o acolhimento. Os cristãos da Europa são chamados a interceder com a oração e a agir concretamente para promover o diálogo e a paz nos conflitos atuais.</p>
<p>10 de maio 2015</p>	<p>Vaticano. Regina Coeli</p> <p>É precisamente o amor de Cristo, que o Espírito Santo derrama nos nossos corações, que realiza todos os dias prodígios na Igreja e no mundo. São tantos pequenos e grandes gestos que obedecem ao mandamento do Senhor: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (cf. Jo 15, 12). Gestos pequenos, de todos os dias, gestos de proximidade a um idoso, a um doente, a uma pessoa sozinha e em dificuldade, sem casa, sem trabalho, imigrada, rejeitada... Graças à força desta Palavra de Cristo, cada um de nós pode estar próximo do irmão e da irmã que encontra. Gestos de proximidade. Nestes gestos manifesta-se o amor que Cristo nos ensinou.</p>
<p>19 de maio 2015</p>	<p>Vaticano. Meditação matutina.</p> <p>O Papa Francisco recordou os sofrimentos dos rohingyas de Myanmar, abandonados em alto-mar e rejeitados, e dos refugiados cristãos e yazidís «expulsos das próprias casas» no Iraque: tragédias que acontecem hoje sob o olhar de todos. Celebrando a missa, o Pontífice repropôs uma reflexão sobre o sentido último de cada despedida, grande ou pequena, com a palavra «adeus» que exprime sempre um acto de se</p>

	<p>confiar ao Pai. E não deixou de mencionar a dor e a apreensão de todas as mães que vêm partir o próprio filho para a frente da guerra.</p>
<p>21 de maio 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos familiares das vítimas ou de quantos morreram ao serviço da polícia italiana de Estado.</p> <p>Além disso, durante estes anos o trabalho da Polícia tem oferecido uma contribuição decisiva para gerir o impacto com a afluência de refugiados que chegam à Itália à procura de abrigo contra guerras e perseguições. Estais na «linha de vanguarda», tanto na hospitalidade inicial aos migrantes como na obra de oposição aos traficantes sem escrúpulos.</p>
<p>23 de maio 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos dirigentes e aos associados, com seus familiares, das Associações Cristãs de Trabalhadores italianos no 70º aniversário de fundação.</p> <p>Gostaria de mencionar brevemente ainda três aspectos — é um pouco longo este discurso, desculpai. O primeiro: a vossa presença fora da Itália. Tendo começado no seguimento da emigração italiana, até além-mar, ela é um valor muito atual. Hoje muitos jovens deslocam-se para procurar um trabalho em sintonia com a sua formação ou para viver uma experiência profissional diversa: encorajo-vos a acolhê-los, a apoiá-los no seu percurso, a oferecer a vossa ajuda para a sua inserção. Nos seus olhos podeis encontrar um reflexo do olhar dos vossos pais ou dos vossos avós que foram trabalhar para longe. Sede para eles um bom ponto de referência.</p>
<p>24 de maio 2015</p>	<p>ROMA – Encíclica <i>Laudato Si</i></p> <p>(...) as mudanças climáticas dão origem a migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se; e isto, por sua vez, afeta os recursos produtivos dos mais pobres, que são forçados também a emigrar com grande incerteza quanto ao futuro da sua vida e dos seus filhos. É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. Infelizmente, verifica-se uma indiferença geral perante estas tragédias, que estão acontecendo agora mesmo em diferentes partes do mundo. A falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil. (nº25)</p> <p>Embora não disponhamos de provas definitivas acerca do dano que poderiam causar os cereais transgênicos aos seres humanos e apesar de, nalgumas regiões, a sua utilização ter produzido um crescimento</p>

	<p>económico que contribuiu para resolver determinados problemas, há dificuldades importantes que não devem ser minimizadas. Em muitos lugares, na sequência da introdução destas culturas, constata-se uma concentração de terras produtivas nas mãos de poucos, devido ao «progressivo desaparecimento de pequenos produtores, que, em consequência da perda das terras cultivadas, se viram obrigados a retirar-se da produção direta». Os mais frágeis deles tornam-se trabalhadores precários, e muitos assalariados agrícolas acabam por emigrar para miseráveis aglomerados das cidades. (nº134)</p> <p>Com afirmou Bento XVI, na linha desenvolvida até agora pela doutrina social da Igreja, «para o governo da economia mundial, para sanar as economias atingidas pela crise de modo a prevenir o agravamento da mesma e consequentes maiores desequilíbrios, para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz, para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar os fluxos migratórios urge a presença de uma verdadeira Autoridade política mundial, delineada já pelo meu predecessor, [São] João XXIII». Nesta perspectiva, a diplomacia adquire uma importância inédita, chamada a promover estratégias internacionais para prevenir os problemas mais graves que acabam por afetar a todos. (nº175)</p>
<p>28 de maio 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos Bispos da Conferência Episcopal da República Dominicana em visita "ad limina apostolorum".</p> <p>A atenção pastoral e caritativa aos imigrantes, sobretudo a quantos provêm do vizinho Haiti, que procuram melhores condições de vida, não admite a indiferença dos pastores da Igreja. É necessário continuar a colaborar com as autoridades civis para encontrar soluções concretas para os problemas de quantos estão desprovidos dos documentos ou são privados dos seus direitos fundamentais. É inadmissível não promover iniciativas de fraternidade e de paz entre as duas nações que dão forma a esta bonita Ilha do Caribe. É importante saber integrar os imigrantes na sociedade e acolhê-los na comunidade eclesial. Agradeço-vos porque estais próximos deles e de todos os que sofrem, como gesto da solicitude amorosa pelo irmão que se sente sozinho e abandonado, com o qual Cristo se identificou.</p>
<p>6 de junho 2015</p>	<p>Sarajevo-Bósnia-Herzegóvina. Homilia.</p> <p>Nas leituras bíblicas que ouvimos, ressoou várias vezes a palavra «paz». Palavra profética por excelência! Paz é o sonho de Deus, é o projeto de Deus para a humanidade, para a história, com toda a criação. E é um projeto que encontra sempre oposição por parte do homem e por parte do maligno. Também no nosso tempo, a aspiração pela paz e o compromisso de a construir colidem com o facto dos numerosos</p>

	<p>conflitos armados existentes no mundo. É uma espécie de terceira guerra mundial travada «aos pedaços»; e, no contexto da comunicação global, sente-se um clima de guerra.</p> <p>Há quem queira deliberadamente criar e fomentar este clima, de modo particular aqueles que procuram o conflito entre culturas e civilizações diferentes e também quantos, para vender armas, especulam sobre as guerras. Mas a guerra significa crianças, mulheres e idosos nos campos de refugiados; significa deslocamentos forçados; significa casas, estradas, fábricas destruídas; significa sobretudo tantas vidas destroçadas. Bem o sabeis vós, que experimentastes isto mesmo precisamente aqui: quanto sofrimento, quanta destruição, quanta tribulação! Hoje, amados irmãos e irmãs, desta cidade ergue-se mais uma vez o grito do povo de Deus e de todos os homens e mulheres de boa vontade: Nunca mais a guerra!</p>
<p>8 de junho 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos bispos da Conferência Episcopal de Porto Rico em visita "ad limina apostolorum".</p> <p>Entre as iniciativas que é necessário fortalecer cada vez mais está a pastoral familiar, perante os graves problemas sociais que a afligem: a difícil situação económica, a emigração, a violência doméstica, o desemprego, o narcotráfico e a corrupção. São realidades que geram preocupação.</p>
<p>11 de junho 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos Bispos das Conferências Episcopais da Letónia e Estónia em visita "ad limina apostolorum".</p> <p>Infelizmente, a crise económica e social que se abateu também sobre os vossos países favoreceu a emigração, de tal forma que muitas vezes nas vossas comunidades vivem numerosas famílias monoparentais, necessitadas de uma atenção pastoral deveras especial. De resto, a ausência do pai ou da mãe em inúmeras famílias comporta para o outro cônjuge um cansaço mais acentuado, em todos os sentidos, em vista da educação dos próprios filhos. Para estas famílias são verdadeiramente inestimáveis a vossa atenção e a caridade pastoral dos vossos presbíteros, além da proximidade concreta das comunidades.</p>
<p>12 de junho 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos participantes no Seminário Mundial dos Capelães Católicos da Aviação Civil.</p> <p>O aeroporto é um lugar de encontro de numerosas pessoas que viajam por motivos de trabalho, de turismo ou outras necessidades; por ele passam migrantes e refugiados, crianças e idosos, pessoas que têm necessidade de cuidados e atenções particulares.</p>

	<p>A capelania aeroportuária está chamada a ser um lugar de unidade na diversidade para todas as categorias de pessoas. Os aeroportos parecem-se com cidades nas cidades, onde múltiplas realidades se entrelaçam e se sobrepõem.</p>
<p>15 de junho 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Aos participantes na Assembleia da 88ª Reunião das Obras de Ajuda às Igrejas Orientais (ROACO).</p> <p>Vós podeis ajudar estas antiquíssimas comunidades cristãs a sentir-se participantes na missão evangelizadora e a oferecer, principalmente aos jovens, um horizonte de esperança e de crescimento. Sem isto, não será possível impedir o fluxo migratório que vê tantos filhos e filhas daquela região pôr-se a caminho para chegar às costas do Mediterrâneo, arriscando a própria vida.</p>
<p>17 de junho 2015</p>	<p>Vaticano. Audiência geral</p> <p>No próximo sábado celebrar-se-á o Dia Mundial do Refugiado, promovido pela ONU. Oremos pelos numerosos irmãos e irmãs que buscam refúgio longe da própria terra, que procuram uma casa onde poder viver sem receio, para que sejam sempre respeitados na sua dignidade. Encorajo a obra de quantos lhes oferecem assistência e desejo que a comunidade internacional aja de maneira concorde e eficaz para prevenir as causas das migrações forçadas. Convido-vos todos a pedir perdão pelas pessoas e instituições que fecham a porta a esta gente em busca de uma família e de amparo.</p>
<p>21 de junho 2015</p>	<p>Turim. Visita Pastoral. Discurso no encontro com o mundo do trabalho.</p> <p>O trabalho não é necessário só para a economia, mas para a pessoa humana, para a sua dignidade, para a sua cidadania e também para a inclusão social. A imigração aumenta a competição, mas os migrantes não devem ser culpabilizados, porque são vítimas das iniquidades, desta economia que descarta e das guerras. Entristece ver o espetáculo destes dias, no qual seres humanos são tratados como mercadoria! Somos chamados a reafirmar o não a uma economia do descartável, não a idolatria do dinheiro, não a corrupção, não a iniquidade que gera violência.</p>
<p>21 de junho 2015</p>	<p>Turim – Visita Pastoral. Discurso no encontro com os jovens.</p> <p>Como posso fazer, como posso viver uma vida que não destrua, que não seja uma vida de destruição, uma vida que não descarte as pessoas? Como posso viver uma vida que não me desiluda?</p>

	<p>Se te associares a um projeto de construção, de ajuda — pensemos nas crianças de rua, nos migrantes, em tantos que vivem em necessidade, e não para lhes dar de comer só um, dois dias, mas para os promover com a educação, com a unidade na alegria dos Oratórios e tantas coisas. Que devo fazer por isto? Não se aposentar demasiado cedo: agir. Agir . E digo o seguinte: ir contracorrente. Ir contracorrente. Para vós, jovens, que viveis esta situação económica, também cultural, hedonista, consumista com os valores de «bolhas de sabão», com estes valores não se vai a lado algum. Fazer coisas construtivas, mesmo se são pequenas, mas que nos unam aos nossos ideais: é este o melhor antídoto contra a desconfiança da vida, contra esta cultura que te oferece apenas o prazer: estar bem, ter dinheiro e não pensar em outras coisas.</p>
<p>22 de junho 2015</p>	<p>Turim. Discurso. Visita ao Templo Valdense de Turim.</p> <p>Outro âmbito no qual podemos trabalhar cada vez mais unidos é o serviço à humanidade que sofre, aos pobres, aos doentes, aos migrantes. Agradeço-lhe pelo que disse sobre os migrantes. Da obra libertadora da graça em cada um de nós deriva a exigência de testemunhar o rosto misericordioso de Deus que cuida de todos e, em particular, de quem se encontra em estado de necessidade. A escolha dos pobres, dos últimos, de quantos estão excluídos da sociedade, aproxima-nos do próprio coração de Deus, que se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9) e, por conseguinte, aproxima-nos mais uns dos outros.</p>
<p>7 de julho 2015</p>	<p>Quito-Ecuador. Discurso. Encontro com a Sociedade Civil.</p> <p>O Equador, como muitos povos latino-americanos, passa hoje por profundas mudanças sociais e culturais, novos desafios que requerem a participação de todos os atores sociais. A emigração, a concentração urbana, o consumismo, a crise da família, a falta de trabalho, as bolsas de pobreza produzem incerteza e tensões que constituem uma ameaça para a convivência social. As normas e as leis, bem como os projetos da comunidade civil, devem procurar a inclusão, abrir espaços de diálogo, espaços de encontro e, assim, deixar como uma triste recordação qualquer tipo de repressão, de controle excessivo e a perda de liberdade.</p>
<p>8 de julho 2015</p>	<p>La Paz – Bolívia. Discurso. Encontro com as autoridades civis.</p> <p>Uma nação, que procura o bem comum, não pode fechar-se em si mesma; as redes de relações abonam a sociedade. Assim se demonstra o problema da emigração nos nossos dias. Hoje é indispensável o desenvolvimento da diplomacia com os países vizinhos, que evite os conflitos entre povos irmãos e contribua para um diálogo franco e aberto</p>

	<p>dos problemas. E estou a pensar agora sobre a questão do mar: o diálogo é indispensável. Construir pontes, em vez de erguer muros. Todos os temas, por mais espinhosos que sejam, têm soluções compartilháveis, têm soluções razoáveis, equitativas e duradouras. E, em todo o caso, nunca devem ser motivo de agressividade, rancor ou inimizade, que agravam mais a situação e tornam mais difícil a sua solução.</p>
<p>9 de julho 2015</p>	<p>Santa Cruz de la Sierra. Bolívia. Discurso. II Encontro Mundial dos Movimentos Populares.</p> <p>Vós, a partir dos movimentos populares, assumis as tarefas comuns motivados pelo amor fraterno, que se rebela contra a injustiça social. Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador excluído, do indígena oprimido, da família sem teto, do imigrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho num tiroteio porque o bairro foi tomado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha porque foi sujeita à escravidão; quando recordamos estes «rostos e estes nomes» estremecem-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e comovemo-nos, todos nos comovemos.... Porque «vimos e ouvimos», não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne.</p> <p>O colonialismo, novo e velho, que reduz os países pobres a meros fornecedores de matérias-primas e mão de obra barata, gera violência, miséria, emigrações forçadas e todos os males que vêm juntos... precisamente porque, ao pôr a periferia em função do centro, nega-lhes o direito a um desenvolvimento integral. E isto, irmãos, é desigualdade, e a desigualdade gera violência que nenhum recurso policial, militar ou dos serviços secretos será capaz de deter.</p>
<p>10 de julho 2015</p>	<p>Assunção – Discurso. Encontro com as autoridades e o Corpo Diplomático.</p> <p>Que esse esforço de todos os agentes sociais não cesse até que deixe de haver crianças sem acesso à educação, famílias sem teto, operários sem trabalho digno, camponeses sem terras para cultivar e pessoas obrigadas a emigrar para um futuro incerto; deixe de haver vítimas da violência, da corrupção ou do narcotráfico. Um desenvolvimento económico que não tem em conta os mais fracos e desfavorecidos não é verdadeiro desenvolvimento. A medida do modelo económico deve ser a dignidade integral da pessoa, especialmente da pessoa mais vulnerável e indefesa.</p>
<p>11 de julho 2015</p>	<p>Assunção-Paraguay . Homilia.</p> <p>Seguindo a profecia de Simeão, far-nos-á bem rever brevemente três momentos difíceis na vida de Maria.</p>

	<p>1. Primeiro: o nascimento de Jesus. Não havia lugar para eles. Não tinham uma casa, uma morada para receber o seu filho. Não havia lugar, onde pudesse dar à luz. Nem família por perto, estavam sozinhos. O único lugar disponível era um curral de animais. E, na sua memória, ecoavam certamente as palavras do Anjo: Alegra-Te, Maria, o Senhor está contigo. E poderia ter-Se perguntado: Onde está Ele agora?</p> <p>2. Segundo momento: a fuga para o Egito. Tiveram de partir, exilar-Se. Em Belém, não só não havia lugar nem família, mas até mesmo as suas vidas corriam perigo. Tiveram que sair, partindo para uma terra estrangeira. Foram emigrantes perseguidos pela cobiça e a ganância do Rei Herodes. E lá ela também poderia ter-se perguntado: Onde está aquilo que o Anjo Me disse?</p> <p>3. Terceiro momento: a morte na cruz. Não deve haver uma situação mais difícil para uma mãe do que acompanhar a morte do seu filho. São momentos lancinantes. Lá, ao pé da cruz, vemos Maria, como qualquer mãe, firme, sem abandonar, mas acompanhando seu filho até ao momento extremo da morte e morte de cruz. E lá também poderia ter-se perguntado: Onde está aquilo que o Anjo Me disse? Em seguida, a vemos contendo e sustentando os discípulos.</p>
<p>21 de julho 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Encontro com prefeitos de vários países.</p> <p>Porque um dos aspectos que mais se notam, quando não se cuida do meio ambiente, da criação, é o crescimento incomensurável das cidades. Trata-se de um fenómeno mundial. É como se as cabeças, as grandes cidades, se desenvolvessem, mas sempre com bolsas de pobreza e de miséria cada vez maiores, onde as pessoas padecem os efeitos da degradação ambiental. E neste sentido, envolve o fenómeno migratório. A tecnocracia leva a destruir o trabalho e cria desemprego. Os fenómenos de desemprego são muito grandes, e por isso as pessoas são obrigadas a emigrar, procurando novos horizontes. O número crescente de desempregados é alarmante!</p> <p>O que acontece quando todos estes fenómenos de tecnicização excessiva, sem preocupação pelo meio ambiente, além dos fenómenos naturais, incidem sobre a migração? O desemprego e depois o tráfico de pessoas. É cada vez mais frequente o trabalho ilegal, o trabalho sem contrato, o trabalho «arranjado debaixo da mesa». Como aumentou! O trabalho ilegal é muito difundido, e isto significa que as pessoas não ganham o suficiente para viver. Isto pode provocar atitudes criminosas e tudo o que acontece nas grandes cidades em função das migrações causadas pela tecnicização excessiva.</p>
<p>30 de agosto 2015</p>	<p>Vaticano. Ángelus</p> <p>Infelizmente, inclusive nos dias passados numerosos migrantes perderam a vida nas suas viagens terríveis. Por todos estes irmãos e irmãs, rezo e convido a rezar. De modo particular, uno-me ao Cardeal</p>

	<p>Schönborn — que hoje está aqui presente — e a toda a Igreja na Áustria, em oração pelas setenta e uma vítimas, entre as quais quatro crianças, que foram encontradas num camião na rodovia entre Budapeste e Viena. Confiemos cada uma delas à misericórdia de Deus; e peçamos-lhe que nos ajude a cooperar com eficácia para impedir estes crimes, que ofendem toda a família humana. Oremos em silêncio por todos os migrantes que sofrem e por quantos perderam a vida.</p>
<p>6 de setembro 2015</p>	<p>Vaticano. Ángelus</p> <p>Face à tragédia de dezenas de milhares de refugiados que fogem da morte devido à guerra ou à fome, e estão a caminho rumo a uma esperança de vida, o Evangelho chama-nos, pede-nos que estejamos «próximos», dos mais pequeninos e abandonados. A dar-lhes uma esperança concreta. Não dizer apenas: «Coragem, paciência!...». A esperança cristã é combativa, com a tenacidade de quem caminha rumo a uma meta segura.</p> <p>Portanto, ao aproximar-se o Jubileu da Misericórdia, dirijo um apelo às paróquias, às comunidades religiosas, aos mosteiros e aos santuários de toda a Europa a expressar o aspecto concreto do Evangelho e a acolher uma família de refugiados. Um gesto concreto em preparação para o Ano Santo da Misericórdia.</p> <p>Cada paróquia, cada comunidade religiosa, cada mosteiro, cada santuário da Europa hospede uma família, começando pela minha diocese de Roma.</p> <p>Dirijo-me aos meus irmãos Bispos da Europa, verdadeiros pastores, para que nas suas dioceses apoiem este meu apelo, recordando que Misericórdia é o segundo nome do Amor: «Tudo o que fizerdes a um só destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). Também as duas paróquias do Vaticano acolherão nestes dias duas famílias de refugiados.</p>
<p>10 de setembro 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos bispos ordenados durante o ano.</p> <p>Bispos testemunhas do Ressuscitado.</p> <p>Portanto, sois testemunhas do Ressuscitado.</p> <p>Como poderíamos enfrentar o presente deplorável, se esmorecesse em nós o sentido de pertença à comunidade do Ressuscitado? Como poderíamos oferecer ao mundo aquilo que temos de mais inestimável? Seríamos capazes de recordar a nobreza do destino humano, se definhasse em nós a coragem de subordinar a nossa vida ao amor que nunca morre?</p> <p>Penso nos desafios dramáticos, como a globalização que aproxima aquilo que está distante mas, por outro lado, separa quantos estão próximos; penso no fenómeno histórico das migrações, que transtorna os nossos dias; penso no ambiente natural, jardim que Deus ofereceu como habitação ao ser humano e às outras criaturas, e que continua a ser</p>

	<p>ameaçado pela exploração míope e muitas vezes predatória; penso na dignidade e no futuro do trabalho do homem, dos quais estão desprovidos gerações inteiras, reduzidas a estatísticas; penso na desertificação dos relacionamentos, na desresponsabilização difundida, no desinteresse pelo porvir, no fechamento crescente e assustador; na perda de tantos jovens e na solidão de numerosas pessoas idosas. Estou convicto de que cada um de vós poderia completar este catálogo de problemáticas.</p>
<p>12 de setembro 2015</p>	<p>Vaticano. Mensagem para o Dia mundial do migrante e do refugiado.</p> <p>Os migrantes e os refugiados interpelam-nos. A resposta do Evangelho da misericórdia. Hoje, mais do que no passado, o Evangelho da misericórdia sacode as consciências, impede que nos habituemos ao sofrimento do outro e indica caminhos de resposta que se radicam nas virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade, concretizando-se nas obras de misericórdia espiritual e corporal.</p> <p>Na base desta constatação, quis que o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2016 fosse dedicado ao tema: «Os emigrantes e refugiados interpelam-nos. A resposta do Evangelho da misericórdia».</p> <p>Os fluxos migratórios constituem já uma realidade estrutural, e a primeira questão que se impõe refere-se à superação da fase de emergência para dar espaço a programas que tenham em conta as causas das migrações, das mudanças que se produzem e das consequências que imprimem novos rostos às sociedades e aos povos. Ver os migrantes como pessoas que desde o respeito pela sua dignidade podem contribuir para o bem estar e o progresso de todos.</p>
<p>17 de setembro 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos participantes no Simpósio Internacional sobre a Pastoral da Estrada promovido pelo Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes.</p> <p>Dirijo a todos vós a minha cordial saudação, no final do Simpósio Internacional sobre a Pastoral da Estrada, organizado pelo Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes.</p> <p>As realidades, por vezes muito tristes, que encontrais são causadas pela indiferença, pobreza, violência familiar e social, e pelo tráfico das pessoas humanas. Além disso, não falta o sofrimento devido às separações conjugais e ao nascimento de crianças fora do matrimónio, destinadas com frequência a uma vida «vadia». As crianças e as mulheres que vivem na rua não são números, não são «pacotes» para trocar; são seres humanos com um nome e um rosto, com uma identidade doada por Deus a cada uma delas. São filhos de Deus como nós, iguais a nós, com os nossos mesmos direitos.</p>

<p>17 de setembro 2015</p>	<p>Vaticano. Discurso. Aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho “Cor Unum”.</p> <p>Estou-vos deveras grato pela vossa participação neste encontro de partilha entre organismos caritativos e Igrejas locais. Reconheço a assistência que prestais às vítimas da crise na Síria, no Iraque e nos países limítrofes, assim como o alívio que a vossa presença e a vossa obra inspiram em quantos sofrem.</p> <p>Um dos dramas humanitários mais opressivos das últimas décadas é representado pelas terríveis consequências que os conflitos na Síria e no Iraque têm sobre as populações civis, bem como sobre o património cultural. Milhões de pessoas vivem numa preocupante condição de necessidade urgente, e são obrigadas a deixar as suas terras de origem. Hoje, o Líbano, a Jordânia e a Turquia carregam o peso de milhões de refugiados, por eles generosamente acolhidos. Diante deste cenário e de conflitos que se vão propagando e preocupam de maneira inquietante os equilíbrios internos e regionais, a comunidade internacional não parece capaz de encontrar respostas adequadas, enquanto os traficantes de armas continuam a promover os próprios interesses.</p> <p>As vítimas do conflito são numerosas: penso e rezo por todas elas. No entanto, não posso deixar de mencionar o grave prejuízo para as comunidades cristãs na Síria e no Iraque, onde muitos irmãos e irmãs são assediados por causa da sua fé, expulsos das próprias terras, mantidos no cativeiro ou até assassinados. Durante séculos, as comunidades cristãs e muçulmanas conviveram naquelas terras, tendo como base o respeito recíproco. Hoje em dia, a própria legitimidade da presença dos cristãos e de outras minorias religiosas é negada em nome de um «fundamentalismo violento que reivindica uma origem religiosa» (Bento XVI, Exort. Apost. Pós-sinodal Ecclesia in Medio Oriente,29).</p>
<p>19 de setembro 2015</p>	<p>Saudação aos jornalistas durante o voo Roma-Havana para a Visita Apostólica a Cuba, aos Estados Unidos e a sede da ONU.</p> <p>A meu ver, hoje o mundo vive sequioso de paz. Existem guerras, migrantes que fogem, esta vaga migratória que deriva das guerras, para escapar da morte, para procurar a vida... Hoje emocionei-me muito porque veio saudar-me diante da Casa de Santa Marta uma das duas famílias que vivem na paróquia de Santa Ana, no Vaticano; foram acolhidas ali, sírios, refugiados... Via-se no seu rosto a dor por isto! Aquela palavra: “paz”... Agradeço-vos tudo o que fizerdes no vosso trabalho para construir pontes: pequenas pontes, pequenas, mas uma pequena ponte e mais uma e outra ainda fazem a grande ponte da paz.</p>

<p>23 de setembro 2015</p>	<p>Washington – Casa Branca. Discurso na cerimônia de boas-vindas.</p> <p>Senhor Presidente. Obrigado pela saudação de boas-vindas que me dirigiu em nome de todos os americanos. Como filho duma família de emigrantes, sinto-me feliz por ser hóspede nesta nação, que foi construída em grande parte por famílias semelhantes. Olho com alegria para estes dias de encontro e diálogo, em que espero perscrutar e compartilhar muitos dos sonhos e esperanças do povo americano.</p>
<p>23 de setembro 2015</p>	<p>Washington. Discurso no encontro com os bispos dos Estados Unidos da América.</p> <p>Sigo atentamente o esforço enorme feito para a recepção e integração dos imigrantes, que continuam a olhar para a América com a visão dos peregrinos que chegaram à procura dos seus promissores recursos de liberdade e prosperidade.</p> <p>A vítima inocente do aborto, as crianças que morrem de fome ou debaixo das bombas, os imigrantes que acabam afogados em busca dum amanhã, as pessoas idosas ou os doentes que olhamos sem interesse, as vítimas do terrorismo, das guerras, da violência e do narcotráfico, o meio ambiente devastado por uma relação predatória do homem com a natureza... em tudo isto está sempre em jogo o dom de Deus, do qual somos administradores nobres mas não patrões. Por conseguinte, não é lícito iludir ou silenciar.</p> <p>Duas recomendações. A primeira tem a ver com a paternidade espiritual. Sede pastores próximos das pessoas e servidores. A segunda diz respeito aos imigrantes. Mesmo agora nenhuma instituição americana faz mais pelos imigrantes do que as vossas comunidades cristãs. Neste momento, tendes esta longa vaga de imigração latina que investe muitas das vossas dioceses. Não só como Bispo de Roma, mas também como pastor vindo do Sul, sinto a necessidade de vos agradecer e encorajar. Talvez não vos seja fácil ler a sua alma; talvez vos sintais desafiados pela sua diversidade. Sabei, no entanto, que também possuem recursos para partilhar. Por isso, acolhei-os sem medo. Ofereci-lhes o calor do amor de Cristo e decifrareis o mistério do seu coração. Estou certo de que, mais uma vez, estas pessoas enriquecerão a América e a sua Igreja.</p>
<p>24 de setembro 2015</p>	<p>Washington. Discurso na visita ao Congresso dos Estados Unidos da América.</p> <p>Nos últimos séculos, milhões de pessoas chegaram a esta terra perseguindo o sonho de construírem um futuro em liberdade. Nós, pessoas deste continente, não temos medo dos estrangeiros, porque outrora muitos de nós éramos estrangeiros. Digo-vos isto como filho de</p>

	<p>imigrantes, sabendo que também muitos de vós sois descendentes de imigrantes.</p> <p>O nosso mundo está a enfrentar uma crise de refugiados de tais proporções que não se via desde os tempos da II Guerra Mundial. Esta realidade coloca-nos diante de grandes desafios e decisões difíceis.</p>
<p>24 de setembro 2015</p>	<p>Nova Iorque. Homilia nas vésperas com o clero e religiosos.</p> <p>O repouso é uma necessidade, como o são os momentos de tempo livre e de restauração pessoal, mas devemos aprender a descansar de forma que aprofunde o nosso desejo de servir de modo generoso. A proximidade aos pobres, refugiados, imigrantes, doentes, explorados, idosos que sofrem a solidão, encarcerados e muitos outros pobres de Deus ensinar-nos-á outro tipo de repouso, mais cristão e generoso.</p>
<p>25 de setembro 2015</p>	<p>Harlem- Nova Iorque –Discurso na visita ao Colégio Nossa Senhora Rainha dos Anjos e encontro com crianças e famílias de imigrantes.</p> <p>Uma das características bonitas desta escola e deste trabalho é alguns alunos, alguns de vós, v</p> <p>irem doutros lugares, e muitos de outros países. E isso é bom. Embora eu saiba que nem sempre seja fácil ter de deslocar-se e encontrar uma nova casa, encontrar novos vizinhos e amigos; não é fácil, mas é preciso começar. Ao princípio pode ser um pouco cansativo. Muitas vezes acontece ter de aprender uma nova língua, adaptar-se a uma nova cultura, um novo clima. Quantas coisas é preciso aprender!</p>
<p>26 de setembro 2015</p>	<p>Filadélfia –Homilia na missa com os bispos, o clero, os religiosos e religiosas da Pensilvânia.</p> <p>Nesta manhã, aprendi algo mais da história desta bela catedral. Ela fala-nos de gerações e gerações de católicos comprometidos, saindo para as periferias a fim de construir comunidades de culto, de educação, de caridade e de serviço à sociedade inteira. Vemo-la também nos esforços de todos aqueles sacerdotes, religiosos e leigos que, com dedicação, ao longo de dois séculos, trabalharam pelas necessidades espirituais dos pobres, dos imigrantes, dos doentes e dos encarcerados. Vemo-la também nas inúmeras escolas onde consagrados e consagradas ensinaram as crianças a ler e a escrever, a amar a Deus e ao próximo, e a contribuir como bons cidadãos para a vida da sociedade americana. Tudo isto é a herança verdadeira que recebestes e que sois chamados a enriquecer e transmitir.</p>

<p>26 de setembro 2015</p>	<p>Filadélfia –Discurso no encontro em prol da liberdade religiosa com a comunidade hispânica e outros imigrantes.</p> <p>Aproveito esta oportunidade para agradecer a todos aqueles que procuraram, qualquer que seja a sua religião, servir a Deus, o Deus da paz, construindo cidades animadas pelo amor fraterno, cuidando do próximo em necessidade, defendendo a dignidade do dom divino, do dom divino da vida em todas as suas fases, defendendo a causa dos pobres e dos imigrantes.</p> <p>No nosso meio, temos hoje membros da grande população hispânica dos Estados Unidos, bem como representantes de imigrantes recentes aqui chegados. Obrigado por abrirem as portas. Muitos de vós são emigrantes – saúdo-vos com grande afeto – e muitos de vós emigraram para este país, pagando pessoalmente um alto preço, mas com a esperança de construir uma nova vida. Não desanimeis com as dificuldades que tendes de enfrentar, sejam eles quais forem. Peço para não vos esquecerdes que, tal como aqueles que vieram antes de vós, trazeis muitos talentos a esta nação. Por favor, não vos envergonheis das vossas tradições. Não esqueçais as lições que aprendestes dos vossos antepassados e que podem enriquecer a vida deste país americano. Repito: não vos envergonheis daquilo que faz parte de vós, o sangue da vossa vida.</p>
<p>27 de setembro 2015</p>	<p>Conferência de imprensa no voo de regresso de Filadélfia a Roma.</p> <p><i>Santo Padre, queria fazer-lhe uma pergunta sobre a crise migratória na Europa: muitos países estão a construir novas barreiras de arame farpado. Que diz deste processo?</i> (Thomas Jansen, da CIC - Agência católica alemã.)</p> <p>O muro não é uma solução. Neste momento, a Europa vê-se em dificuldade, é verdade. Devemos ser inteligentes, compreender por que vem toda aquela onda migratória, e não é fácil encontrar soluções. Mas, com o diálogo entre os países, devem encontrá-la. Os muros, nunca são solução; pelo contrário, as pontes sim, sempre, sempre.</p>
<p>27 de setembro 2015</p>	<p>Filadelfia-EUA - Saudação ao Comité Organizador, aos voluntários e aos benfeitores no aeroporto.</p> <p>Agradeço ao Senhor por ter contemplado a fé da Igreja bem radicada neste País, como se manifestou nos nossos momentos de oração em conjunto e se mostrou em muitas obras de caridade. Jesus diz nas Escrituras: «Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). As atenções que tivestes para comigo e a vossa recepção são sinal do vosso amor e fidelidade a Jesus. E é-o também a solicitude pelos pobres, os doentes e os sem-abrigo, os imigrantes, a vossa defesa da vida em todas</p>

	<p>as suas fases, bem como a preocupação com a vida familiar. Em tudo isto, reconheceis que Jesus está no meio de vós e que, cuidar um do outro, é solicitude pelo próprio Jesus.</p>
<p>3 de outubro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Aos participantes no encontro promovido pela "Fundação Banco Alimentar".</p> <p>Atualmente, a fome assumiu as dimensões de um verdadeiro «escândalo» que ameaça a vida e a dignidade de muitas pessoas — homens, mulheres, crianças e idosos. Todos os dias devemos confrontar-nos com esta injustiça, permito-me dizer mais, com este pecado; num mundo rico de recursos alimentares, graças também aos enormes progressos tecnológicos, são demasiados os que não têm o necessário para sobreviver; e não só nos países pobres, mas cada vez mais também nas sociedades ricas e desenvolvidas. A situação agravou-se com o aumento dos fluxos migratórios, que trazem à Europa milhares de refugiados, que fogem dos próprios países e carecem de tudo. Diante de um problema tão incomensurável, ressoam as palavras de Jesus: «Tive fome e destes-me de comer» (Mt 25, 35).</p> <p>Partilhando a necessidade do pão quotidiano, encontrais-vos diariamente com centenas de pessoas. Não esqueçais que são pessoas, não números, cada um com o seu fardo de dor, que às vezes parece impossível carregar. Tendo isto sempre presente, sabereis olhar para elas nos rostos, nos olhos, apertar-lhes a mão, descobrir nelas a carne de Cristo e ajudá-las a reconquistar a dignidade e a erguer-se. Encorajo-vos a ser irmãos e amigos dos pobres; a fazer com que se sintam importantes aos olhos de Deus. As dificuldades que certamente encontrais não vos desencorajem, mas vos induzam a apoiar-vos uns aos outros, competindo na caridade eficaz.</p>
<p>4 de outubro 2015</p>	<p>Vaticano – Homilia. Santa missa de abertura da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.</p> <p>Como lemos na primeira Leitura, Adão vivia no Paraíso, impunha os nomes às outras criaturas, exercendo um domínio que demonstra a sua indiscutível e incomparável superioridade, e contudo sentia-se só, porque «não encontrou auxiliar semelhante a ele» (Gn 2, 20) e sentia a solidão.</p> <p>A solidão, o drama que ainda hoje aflige muitos homens e mulheres. Penso nos idosos abandonados até pelos seus entes queridos e pelos próprios filhos; nos viúvos e nas viúvas; em tantos homens e mulheres, deixados pela sua esposa e pelo seu marido; em muitas pessoas que se sentem realmente sozinhas, não compreendidas nem escutadas; nos migrantes e prófugos que escapam de guerras e perseguições; e em tantos jovens vítimas da cultura do consumismo, do «usa e joga fora» e da cultura do descarte.</p>

	<p>Hoje vive-se o paradoxo dum mundo globalizado onde vemos tantas habitações de luxo e arranha-céus, mas o calor da casa e da família é cada vez menor; muitos projetos ambiciosos, mas pouco tempo para viver aquilo que foi realizado; muitos meios sofisticados de diversão, mas há um vazio cada vez mais profundo no coração; tantos prazeres, mas pouco amor; tanta liberdade, mas pouca autonomia... Aumenta cada vez mais o número das pessoas que se sentem sozinhas, e também daquelas que se fecham no egoísmo, na melancolia, na violência destrutiva e na escravidão do prazer e do deus-dinheiro.</p>
<p>25 de outubro 2015</p>	<p>Vaticano. Ângelus</p> <p>Confesso-vos que confrontei esta profecia do povo a caminho também com as imagens dos refugiados em marcha pelas estradas da Europa, uma realidade dramática dos nossos dias. Também a eles Deus diz: «Virão com choro, e com súplicas os levarei». Também estas famílias mais sofredoras, desenraizadas das suas terras, estiveram presentes conosco no Sínodo, na nossa oração e nos nossos trabalhos, através da voz de alguns dos seus Pastores presentes na Assembleia. Estas pessoas em busca de dignidade, estas famílias à procura de paz permanecem ainda conosco, a Igreja não as abandona, porque pertencem ao povo que Deus quer libertar da escravidão e guiar à liberdade.</p> <p>Por conseguinte, nesta Palavra de Deus, reflete-se quer a experiência sinodal que vivemos, quer o drama dos refugiados a caminho pelas estradas da Europa. O Senhor, por intercessão da Virgem Maria, nos ajude também a concretizá-la no estilo da comunhão fraterna.</p>
<p>26 de outubro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Aos participantes da peregrinação do povo cigano.</p> <p>Recebo-vos e saúdo-vos cordialmente a todos. Estou grato ao Cardeal Antonio Maria Vegliò pelas suas palavras e por ter organizado este evento, em colaboração com a Fundação «Migrantes» da Conferência Episcopal italiana, com o Departamento «Migrantes» da Diocese de Roma e a Comunidade de Santo Egídio.</p> <p>Conheço os transtornos do vosso povo. Visitando algumas paróquias romanas, nas periferias da cidade, tive a oportunidade de sentir as vossas problemáticas e inquietações, e constatei que elas interpelam não somente a Igreja, mas também as autoridades locais. Pude ver as condições precárias em que muitos de vós vivem, devidas à negligência e à falta de trabalho e dos necessários meios de subsistência. Isto está em contraste com o direito de cada pessoa a uma vida digna, a um trabalho decente, à educação e à assistência médica. A ordem moral e social impõe que cada ser humano possa gozar dos direitos fundamentais, cumprindo os deveres que lhe são próprios. Sobre esta base é possível construir uma convivência pacífica, na qual as diferentes culturas e</p>

	<p>tradições conservam os respectivos valores, em atitude não de fechamento nem de oposição, mas de diálogo e de integração. Já não queremos assistir a tragédias familiares, nas quais as crianças morrem de frio ou no meio das chamas, chegando a tornar-se objetos nas mãos de pessoas depravadas; nas quais jovens e mulheres se acham implicados no tráfico de droga ou de seres humanos. E isto porque muitas vezes nós caímos na indiferença e na incapacidade de aceitar costumes e estilos de vida diversos dos nossos.</p>
<p>28 de outubro 2015</p>	<p>Vaticano. Audiência geral Inter-religiosa</p> <p>O diálogo assente no respeito confiante pode produzir sementes de bem que, por sua vez, se tornam rebentos de amizade e de colaboração em muitos campos, e sobretudo no serviço aos pobres, aos mais pequeninos e aos idosos, na hospitalidade aos migrantes, na atenção a quantos vivem excluídos. Podemos caminhar juntos, cuidando uns dos outros e da criação. Todos os crentes de todas as religiões.</p>
<p>6 de novembro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Aos participante no Congresso do Movimento pela Vida.</p> <p>Em particular, há necessidade de trabalhar, a diversos níveis e com perseverança, na promoção e na defesa da família, primeiro recurso da sociedade, sobretudo no que diz respeito ao dom dos filhos e à afirmação da dignidade da mulher. A este propósito, gostaria de sublinhar que na vossa atividade, sempre acolhestes todos prescindindo da religião e da nacionalidade. O número relevante de mulheres, especialmente imigradas, que se dirigem aos vossos centros demonstra que quando se oferece um apoio concreto, a mulher, não obstante problemas e condicionamentos, é capaz de fazer triunfar dentro de si o sentido do amor, da vida e da maternidade.</p>
<p>12 de novembro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita "ad limina apostolorum".</p> <p>Desejo encorajar-vos no trabalho pastoral que levais a cabo, não obstante as dificuldades do momento atual, caracterizado por rápidas transformações e muitos âmbitos da vida humana e pelo grande desafio da globalização. Nele encontram-se, às vezes, ameaças para as nações com menor densidade demográfica, mas ao mesmo tempo também elementos que podem oferecer novas oportunidades. Uma ocasião, que se tornou um sinal dos tempos, é o fenómeno das migrações, que deve ser entendido e enfrentado com sensibilidade e sentido de justiça. A Igreja está chamada a proclamar e testemunhar o acolhimento do</p>

	<p>migrante em espírito de caridade e de respeito pela dignidade da pessoa humana, no contexto de uma necessária observância da legalidade.</p>
<p>14 de novembro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Aos membros do “Jesuit Refugee Service”.</p> <p>Dou-vos as boas-vindas por ocasião do 35º aniversário de fundação do Jesuit Refugee Service, querido pelo padre Pedro Arrupe, na época Superior-Geral da Companhia de Jesus. A impressão e a angústia por ele sentidas face às condições dos <i>boat people</i> do Vietname do Sul, expostos aos ataques dos piratas e às tempestades no Mar Chinês Meridional, induziram-no a tomar esta iniciativa.</p> <p>O fenómeno das migrações forçadas hoje aumentou dramaticamente. Multidões de refugiados partem de diversos países do Médio Oriente, da África e da Ásia, procurando refúgio na Europa. O Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas avaliou que existem, em todo o mundo, quase 60 milhões de refugiados, o número mais elevado depois da segunda Guerra Mundial. Por detrás destas estatísticas há pessoas, cada uma com um nome, um rosto, uma história, e a sua inalienável dignidade de filhos de Deus.</p> <p>Vós trabalhais atualmente em dez regiões diversas, com projetos em 45 países, acompanhando refugiados e populações nas migrações internas. Um bom grupo de Jesuítas e de religiosas trabalham juntamente com tantos colaboradores leigos e com muitíssimos refugiados. Com o tempo, permanestes sempre fiéis ao ideal do padre Arrupe e aos três pontos fundamentais da vossa missão: acompanhar, servir, defender os direitos dos refugiados.</p>
<p>15 de novembro 2015</p>	<p>Roma-Itália. Discurso. Visita a Igreja Evangélica e Luterana de Roma.</p> <p>Esta é também a vocação e a missão ecuménica de católicos e luteranos e de todos os cristãos: um compromisso comum no serviço de caridade, sobretudo em relação aos mais pequeninos e pobres, torna credível a nossa pertença a Cristo. De outra maneira, ela é prejudicada pelas divisões e pelos conflitos entre as Igrejas e entre os crentes. Podemos assumir juntos a alegria e a fadiga da diaconia da caridade numa maior cooperação ecuménica. Podemos fazê-lo com as crianças e com os idosos mais desfavorecidos, com os refugiados, e com todos os que precisam de cuidados e de apoio.</p>
<p>26 de novembro 2015</p>	<p>Quênia –Discurso na visita ao Centro das Nações Unidas em Nairobi (U.N.O.N)</p> <p>Muitos são os rostos, as histórias, as consequências evidentes em milhares de pessoas que a cultura da degradação e do descarte levou a sacrificar aos ídolos do lucro e do consumo. Devemos ter cuidado com</p>

	<p>um sinal triste da «globalização da indiferença»: habituarmo-nos lentamente ao sofrimento dos outros, como se fosse uma coisa normal (cf. Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação, 16 de Outubro de 2013), ou, pior ainda, resignarmo-nos perante formas extremas e escandalosas de «descarte» e de exclusão social, como são as novas formas de escravidão, o tráfico de pessoas, o trabalho forçado, a prostituição, o tráfico de órgãos. «É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa» (Laudato si', 25). São muitas vidas, muitas histórias, muitos sonhos que naufragam nos nossos dias. Não podemos ficar indiferentes perante isto. Não temos o direito.</p>
<p>27 de novembro 2015</p>	<p>Entebe-Uganda –Discurso no encontro com as autoridades e o Corpo Diplomático</p> <p>Aqui na África Oriental, o Uganda demonstrou um empenhamento excepcional na recepção dos refugiados, permitindo-lhes reconstruir as suas vidas em segurança e experimentar a dignidade que provém de ganhar a própria subsistência com um trabalho honesto. O nosso mundo, imerso em guerras, violência e várias formas de injustiça, é testemunha dum movimento migratório de povos sem precedentes. O modo como enfrentamos este fenómeno é um teste da nossa humanidade, do nosso respeito pela dignidade humana e, acima de tudo, da nossa solidariedade para com os irmãos e irmãs necessitados.</p>
<p>27 de novembro 2015</p>	<p>Nairobi-Quênia. Discurso. Visita ao bairro pobre de Kangemi.</p> <p>Queria começar por reivindicar estes valores que vós praticais, valores que não aparecem cotados na Bolsa, valores que não são objeto de especulação nem têm preço de mercado. Congratulo-me convosco, acompanho-vos e quero que saibais que o Senhor nunca Se esquece de vós. O caminho de Jesus começou na periferia, vai dos pobres e com os pobres para todos.</p> <p>Reconhecer estas manifestações de vida boa que crescem diariamente entre vós não significa, de forma alguma, ignorar a terrível injustiça da marginalização urbana. São as feridas provocadas pelas minorias que concentram o poder, a riqueza e esbanjam egoisticamente enquanto a crescente maioria deve refugiar-se em periferias abandonadas, contaminadas, descartadas.</p>
<p>29 de novembro 2015</p>	<p>Bangui-República Centro-Africana. Discurso. Visita ao campo de refugiados de Saint Sauver.</p>

	<p>Saúdo todos vós que estai aqui!</p> <p>Digo-vos que li aquilo que as crianças tinham escrito [nos cartazes]: «paz», «perdão», «unidade», muitas coisas... «amor». Nós temos o dever de trabalhar e rezar a fim de fazer tudo pela paz. No entanto, a paz sem amor, sem amizade, sem tolerância e sem perdão não é possível. Cada um de nós deve fazer algo. Tanto a vós como a todos os centro-africanos, desejo a paz, uma paz imensa entre vós! Que vós possais viver em paz, independentemente da etnia, da cultura, da religião ou da condição social. Que todos vós vivais em paz, todos, porque somos todos irmãos! Gostaria que todos juntos disséssemos: «Somos todos irmãos!». [O povo repete: «Somos todos irmãos!»]. Mais uma vez: [«Somos todos irmãos!»]. Por isso, porque somos todos irmãos, nós queremos a paz.</p> <p>Agora conceder-vos-ei a Bênção do Senhor. Que o Senhor vos abençoe: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E rezai por mim! Orai por mim, ouvistes? [«Sim!»].</p>
<p>6 de dezembro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Ao acender as luzes da árvore de Natal de Assis.</p> <p>Olhando para o barco... [o presépio foi instalado num barco] Jesus está sempre ao nosso lado, até nos momentos difíceis. Quantos irmãos e irmãs afogaram no mar! Agora estão com o Senhor. Mas Ele veio para nos dar esperança e devemos recebê-la. Veio para nos dizer que Ele é mais forte que a morte, maior do que toda a maldade. Veio para nos dizer que é misericordioso, todo-misericordioso; e neste Natal convidou-vos a abrir o coração à misericórdia, ao perdão. Mas não é fácil perdoar estes massacres. Não é fácil!</p> <p>Gostaria de agradecer aos membros da Guarda costeira: são mulheres e homens bondosos! Agradeço-vos de coração, pois fostes instrumento da esperança que Jesus nos dá. Entre nós, fostes semeadores de esperança, da esperança de Jesus. Obrigado, Antônio, bem como a todos os teus companheiros e a quantos esta terra italiana recebeu tão generosamente: o sul da Itália foi um exemplo de solidariedade para o mundo inteiro! A todos desejo que, contemplando este Presépio, possam dizer a Jesus: «Também eu dei uma mão para que Tu fosses um sinal de esperança!».</p> <p>E a todos os refugiados digo uma palavra, a do profeta: Levantai a cabeça, o Senhor está próximo. E com Ele a força, a salvação, a esperança. Talvez com o coração dorido, mas de cabeça erguida na esperança do Senhor.</p> <p>Todos vós refugiados, e todos vós da Guarda costeira: abraço-vos e desejo-vos um Santo Natal, cheio de esperança e de carícias do Senhor!</p>
<p>8 de dezembro</p>	<p>Vaticano – Mensagem. Dia Mundial da Paz.</p>

<p>2015</p>	<p>A paz, fruto duma cultura de solidariedade, misericórdia e compaixão. Há muitas organizações não-governamentais e grupos sócio caritativos, dentro da Igreja e fora dela, cujos membros, por ocasião de epidemias, calamidades ou conflitos armados, enfrentam fadigas e perigos para cuidar dos feridos e doentes e para sepultar os mortos. Ao lado deles, quero mencionar as pessoas e as associações que socorrem os emigrantes que atravessam desertos e sulcam mares à procura de melhores condições de vida. Estas ações são obras de misericórdia corporal e espiritual, sobre as quais seremos julgados no fim da nossa vida.</p> <p>Quantas famílias abrem os seus corações e as suas casas a quem está necessitado, como os refugiados e os emigrantes! Quero agradecer de modo particular a todas as pessoas, famílias, paróquias, comunidades religiosas, mosteiros e santuários que responderam prontamente ao meu apelo a acolher uma família de refugiados. [28]</p> <p>Também os Estados são chamados a cumprir gestos concretos, actos corajosos a bem das pessoas mais frágeis da sociedade, como os reclusos, os migrantes, os desempregados e os doentes.</p> <p>Quanto aos migrantes, quero dirigir um convite a repensar as legislações sobre as migrações, de modo que sejam animadas pela vontade de dar hospitalidade, no respeito pelos recíprocos deveres e responsabilidades, e possam facilitar a integração dos migrantes. Nesta perspectiva, dever-se-ia prestar especial atenção às condições para conceder a residência aos migrantes, lembrando-se de que a clandestinidade traz consigo o risco de os arrastar para a criminalidade.</p>
<p>17 de dezembro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Aos jovens da Ação Católica Italiana.</p> <p>Soube que este ano o lema do vosso caminho formativo é «Viajando rumo a Ti». Muito bonito! É verdade: estamos todos em viagem rumo ao Senhor, mas muitos não pensam nisso! Ao contrário, vós quereis viver plenamente esta «viagem». Mas o que quer dizer «viajar rumo ao Senhor»? Significa percorrer o caminho do bem, não do mal; o caminho do perdão não da vingança; o caminho da paz, não da guerra; o caminho da solidariedade, não do egoísmo.</p> <p>A este propósito, é muito boa a iniciativa de caridade que fareis, com a ajuda de Deus, em prol dos migrantes, na diocese de Agrigento. O Senhor abençoe este projeto, que apoiará aquela comunidade empenhada de forma exemplar no acolhimento de muitos irmãos e irmãs que chegam cheios de esperança mas também com numerosas feridas e necessidades, em busca de paz e de pão. Ontem, na audiência foi-me apresentada pelos pais uma criança negra, uma criança que tem cerca de cinco meses, e disseram-me: «Nasceu numa embarcação ao largo da Sicília»... Tantas, tantas... Tantas crianças conseguem chegar, outras</p>

	<p>não. E tudo o que fizerdes por essa gente é bom, obrigado pelo que fazeis. Vós podeis dar uma contribuição especial para esta iniciativa, com o vosso entusiasmo e a vossa oração, e aconselho-vos que a acompanheis com alguma renúncia, para compartilhar o necessário com outros jovens que estão desprovidos.</p>
<p>17 de dezembro 2015</p>	<p>Vaticano – Discurso. Por ocasião da apresentação das cartas credenciais dos embaixadores da Guiné, Letónia, Índia e Bahrein.</p> <p>Infelizmente, o ano que está prestes a findar foi marcado por um multiplicar-se de conflitos violentos, tanto bélicos como terroristas. Por outro lado, esta situação provoca cada vez mais nas consciências mais maduras uma reação não violenta, mas espiritual e moral. É isto que nós queremos e devemos alimentar com os meios à nossa disposição e segundo as nossas responsabilidades.</p> <p>«Também os Estados são chamados a cumprir gestos concretos, atos corajosos a bem das pessoas mais frágeis da sociedade, como os reclusos, os migrantes, os desempregados e os doentes» (Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2016, 8). Além disso, neste Ano jubilar, desejo formular «um apelo premente aos líderes dos Estados para que realizem gestos concretos a favor dos nossos irmãos e irmãs que sofrem pela falta de trabalho, terra e teto» (ibidem). No plano internacional, formulo votos sinceros para que cada Nação se comprometa a renovar as relações com as outras, cooperando concretamente para fazer crescer a fraternidade inclusive na grande família dos povos (cf. ibid.).</p>
<p>27 de dezembro 2015</p>	<p>Vaticano. Ángelus</p> <p>Dirijo neste momento o meu pensamento aos numerosos migrantes cubanos que se encontram em dificuldade na América Central, muitos dos quais são vítimas do tráfico de seres humanos. Convido os países da Região a renovar com generosidade todos os esforços necessários para encontrar uma solução tempestiva a este drama humanitário.</p>
<p>31 de dezembro 2015</p>	<p>Vaticano – Homilia. Primeiras vésperas da Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus e Te Deum de agradecimento pelo ano que passou.</p> <p>E, contudo, hoje os nossos olhos têm necessidade de focalizar de modo particular os sinais que Deus nos concedeu, para sentir concretamente a força do seu amor misericordioso. Não podemos esquecer que muitos dias foram marcados pela violência, pela morte, por sofrimentos indizíveis de tantos inocentes, de refugiados obrigados a deixar a sua pátria, de homens, mulheres e crianças sem habitação estável, alimento e sustento. Contudo, quantos gestos grandiosos de bondade, amor e solidariedade encheram os dias deste ano, mesmo se não se tornaram</p>

	<p>notícias através dos telejornais. As coisas boas não são notícia. Estes sinais de amor não podem e não devem ser obscurecidos pela prepotência do mal. O bem vence sempre, mesmo se nalguns momentos pode parecer mais frágil e escondido.</p>
<p>11 de janeiro 2016</p>	<p>Vaticano – Discurso. Ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé.</p> <p>Queridos Embaixadores!</p> <p>Um espírito individualista é terreno fértil para medrar aquele sentido de indiferença para com o próximo, que leva a tratá-lo como mero objeto de comércio, que impele a ignorar a humanidade dos outros e acaba por tornar as pessoas medrosas e cínicas. Porventura não são estes os sentimentos que muitas vezes nos assaltam à vista dos pobres, dos marginalizados, dos últimos da sociedade? E são tantos os últimos na nossa sociedade! Dentre eles, penso sobretudo nos migrantes, com o peso de dificuldades e tribulações que enfrentam diariamente à procura, por vezes desesperada, dum lugar onde viver em paz e com dignidade. Por isso, hoje, queria deter-me a refletir convosco sobre a grave emergência migratória que temos estado a enfrentar, para discernir as suas causas, perspectivar soluções, vencer o medo que inevitavelmente acompanha um fenómeno assim grande e impressionante, que, durante o ano de 2015, interessou sobretudo a Europa, mas também várias regiões da Ásia e o Norte e Centro da América.</p> <p>Desde há muito tempo que se poderia ter enfrentado grande parte das causas das migrações; e, deste modo, teria sido possível prevenir tantas desgraças ou, pelo menos, mitigar as suas consequências mais atrozes. Além disso, devemos estar cientes da necessidade que há, em tema de migração, de estabelecer projetos de médio e longo prazo que ultrapassem a resposta de emergência; deveriam ajudar realmente à integração dos migrantes nos países de acolhimento e, ao mesmo tempo, favorecer o desenvolvimento dos países de origem com políticas solidárias, mas sem condicionar as ajudas a estratégias e práticas ideologicamente alheias ou contrárias às culturas dos povos a que se destinam.</p> <p>Ao mesmo tempo, sinto a necessidade de exprimir gratidão por todas as iniciativas tomadas para favorecer uma recepção digna das pessoas, nomeadamente o Fundo Migrantes e Refugiados do Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa, e também pelo empenhamento dos países que demonstraram uma generosa atitude de partilha.</p>
<p>17 de janeiro 2016</p>	<p>Vaticano. Ângelus</p> <p>Celebra-se hoje o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado que, no contexto do Ano Santo da Misericórdia, é celebrado também como</p>

	<p>Jubileu dos Migrantes. Por conseguinte, estou feliz por saudar com grande afeto as comunidades étnicas aqui presentes, todos vós, provenientes de várias regiões da Itália, sobretudo do Lácio. Queridos migrantes e refugiados, cada um de vós traz consigo uma história, uma cultura, valores preciosos; e infelizmente muitas vezes também experiências de miséria, de opressão, de medo. A vossa presença nesta Praça é sinal de esperança em Deus. Não vos deixeis roubar a esperança e a alegria de viver, que brotam da experiência da misericórdia divina, graças também às pessoas que vos acolhem e ajudam. A passagem pela Porta Santa e a Missa que daqui a pouco vivereis, vos enchem o coração de paz. Nesta missa, gostaria de agradecer — e agradecei também vós comigo — aos encarcerados da prisão de Opera, pelo dom das hóstias confeccionadas por eles e que serão utilizadas nesta celebração. Daqui, saudemo-los todos juntos com um aplauso...</p>
<p>13 de fevereiro 2016</p>	<p>México. Discurso no encontro com os bispos do México.</p> <p>Permiti-me uma última palavra para expressar o apreço do Papa por tudo o que tendes feito para enfrentar o desafio deste nosso tempo que são as migrações. Hoje, são milhões os filhos da Igreja que vivem na diáspora ou em trânsito peregrinando para o norte à procura de novas oportunidades. Muitos deles deixam para trás as suas raízes para se aventurar, mesmo na clandestinidade que envolve todo o tipo de riscos, em busca da «luz verde» que olham como a sua esperança. Muitas famílias se dividem; e nem sempre a integração na alegada «terra prometida» é tão fácil como se pensa.</p> <p>Irmãos, que os vossos corações sejam capazes de os seguir e alcançar além das fronteiras. Reforçai a comunhão com os vossos irmãos do episcopado estadunidense, para que a presença materna da Igreja mantenha viva as raízes da sua fé – a fé deste povo –, as razões da sua esperança e a força da sua caridade. Para que não aconteça aos migrantes que, pendurando as suas cítaras, emudeçam as suas alegrias, esquecendo-se de Jerusalém e transformando-se em «exilados de si mesmos» (Salmo 136). Juntos, testemunhai que a Igreja é guardiã duma visão unitária do homem e não pode aceitar que seja reduzido a um mero «recurso humano».</p>
<p>17 de fevereiro 2016</p>	<p>Ciudad Juárez-México. Homília. Missa na área de exposições da cidade fronteiriça entre México e EUA.</p> <p>Aqui em Ciudad Juarez, como noutras áreas fronteiriças, concentram-se milhares de migrantes da América Central e doutros países, sem esquecer tantos mexicanos que procuram também passar para «o outro lado». Uma passagem, um caminho carregado de injustiças terríveis: escravizados, sequestrados, objetos de extorsão, muitos irmãos nossos acabam vítimas do tráfico humano.</p>

Não podemos negar a crise humanitária que, nos últimos anos, levou à migração de milhares de pessoas, quer por via ferroviária ou rodoviária quer mesmo a pé atravessando centenas de quilómetros de montanhas, desertos, caminhos inóspitos. Hoje, esta tragédia humana que é a **migração** forçada, tornou-se um fenómeno global. Esta crise que se pode medir em números, queremos medi-la por nomes, por histórias, por famílias. São irmãos e irmãs que partem, forçados pela pobreza e a violência, pelo narcotráfico e o crime organizado. No meio de tantas lacunas legais, estende-se uma rede que apanha e destrói sempre os mais pobres. À pobreza que já sofrem, vem juntar-se o sofrimento de todas estas formas de violência. Uma injustiça que se radicaliza ainda mais contra os jovens: como «carne de canhão», eles veem-se perseguidos e ameaçados quando tentam sair da espiral de violência e do inferno das drogas. E que dizer de tantas mulheres a quem arrebataram injustamente a vida?

Hoje, como sucedeu no tempo de Jonas, também apostamos na conversão; há sinais que se tornam luz no caminho e anúncio de salvação. Conheço o trabalho de muitas organizações da sociedade civil em favor dos direitos dos **migrantes**. Estou a par também do trabalho generoso de muitas irmãs religiosas, de religiosos e sacerdotes, de leigos votados ao acompanhamento e à defesa da vida. Prestam ajuda na vanguarda, muitas vezes arriscando a própria vida. Com a sua vida, são profetas de misericórdia, são o coração compreensivo e os pés da Igreja que acompanha, que abre os seus braços e apoia.

**17 de
fevereiro
2016**

Conferência de imprensa no voo de regresso a Roma.

(Phil Pulella, «Reuters»)

Boa noite, Santidade! Hoje falou de forma muito eloquente sobre os problemas dos **imigrantes**. Entretanto, do outro lado da fronteira, está em marcha uma campanha eleitoral bastante dura; numa entrevista recente um dos candidatos à Casa Branca, o republicano Donald Trump, afirmou que o Papa é um homem político, chegando a dizer que talvez seja um peão, um instrumento do governo mexicano para a política de **imigração**. Declarou que, se for eleito, quer construir 2.500 km de muro ao longo da fronteira; quer deportar 11 milhões de **imigrantes** ilegais, separando assim as famílias, etc. Então, queria perguntar-lhe, antes de mais nada, que pensa destas acusações contra si e, se um católico norte-americano, pode votar em tal pessoa.

(Papa Francisco)

Bem, graças a Deus, que disse que sou político, porque Aristóteles define a pessoa humana como «animal politicum». Pelo menos sou uma pessoa humana! Quanto a ser um peão, bem, talvez seja melhor nem comentar... deixo isso ao vosso juízo, ao juízo das pessoas. E, depois, uma pessoa que só pensa em fazer muros, onde quer que seja, e não em

	<p>fazer pontes, não é cristã. Isto não está no Evangelho. Quanto àquilo que me perguntava sobre o conselho que daria de votar ou não votar: não me intrometo. Digo apenas: se diz estas coisas, este homem não é cristão. É preciso ver se ele disse estas coisas; por isso lhe dou o benefício da dúvida.</p>
<p>17 de março 2016</p>	<p>Vaticano. Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Harvard World Model United Nations</p> <p>Nestes dias aprendestes muito uns com os outros e recordar-vos-eis reciprocamente que, por detrás de cada dificuldade que o mundo enfrenta há homens e mulheres, crianças e idosos, pessoas como vós. Há famílias e indivíduos que vivem a lutar todos os dias, que procuram cuidar dos próprios filhos e providenciar para eles não só o futuro mas também as necessidades elementares do hoje. Assim, muitos que são atingidos pelos problemas mais graves do mundo atual, pela violência e intolerância, tornaram-se refugiados, tragicamente obrigados a abandonar as suas casas, expropriados da sua terra e da liberdade. Espero também que esta vossa experiência vos tenha levado a ver o compromisso da Igreja Católica em servir as necessidades dos pobres e dos refugiados, apoiar as famílias e as comunidades e proteger a inalienável dignidade e os direitos de cada membro da família humana. Nós cristãos acreditamos que Jesus nos chama para servir os nossos irmãos e irmãs, a cuidar dos outros, independentemente da sua proveniência e das circunstâncias. Todavia, não é somente um distintivo dos cristãos mas uma chamada universal radicada na nossa comum humanidade, algo que possuímos como indivíduos, que temos dentro como pessoas humanas!</p>
<p>16 de abril 2016</p>	<p>Vaticano. Palavras durante o voo a Lesbos</p> <p>Antes de mais nada, bom dia! Desejo-vos um bom dia. Agradeço a vossa companhia. É uma viagem um pouco diversa das outras. Nas viagens apostólicas, vamos fazer muitas coisas: ver as pessoas, falar... e há também a alegria do encontro. Esta é uma viagem marcada pela tristeza: isto é importante. É uma viagem triste. Vamos encontrar a maior catástrofe humanitária depois da II Guerra Mundial. Vamos encontrar – e vê-lo-emos – tantas pessoas que sofrem, não sabem para onde ir, tiveram de fugir. E iremos também a um cemitério – o mar –, vistas as inúmeras pessoas que nele afogaram. Digo isto não para vos amargurar, nem por amargura, mas para que também o vosso trabalho de hoje possa transmitir, nos vossos meios de comunicação, o estado de espírito com que faço esta viagem.</p>
<p>16 de abril 2016</p>	<p>Lesbos. Discurso no encontro com as autoridades e a população na memória das vítimas das migrações</p> <p>Desde que Lesbos se tornou uma meta para tantos migrantes à procura de paz e dignidade, senti o desejo de vir aqui. Agradeço a Deus que me</p>

	<p>concedeu fazê-lo hoje. E agradeço ao Senhor Presidente Paulopoulos por me ter convidado, juntamente com o Patriarca Bartolomeu e o Arcebispo Hieronymos.</p> <p>Quero expressar a minha admiração ao povo grego, que, apesar das graves dificuldades que enfrenta, soube manter abertos os corações e as portas. Muitas pessoas simples puseram à disposição o pouco que tinham, partilhando-o com quem estava privado de tudo. Deus recompensará esta generosidade, tal como a doutras nações vizinhas que, desde os primeiros momentos, receberam com grande disponibilidade inúmeros migrantes forçados.</p> <p>As preocupações das instituições e da população, aqui na Grécia como noutros países da Europa, são compreensíveis e legítimas. Mas nunca devemos esquecer que, antes de ser números, os migrantes são pessoas, são rostos, nomes, casos. A Europa é a pátria dos direitos humanos, e toda a pessoa que ponha pé em terra europeia deverá poder experimentá-lo; assim tornar-se-á mais consciente de dever, por sua vez, respeitá-los e defendê-los. Infelizmente alguns, incluindo muitas crianças, nem sequer conseguiram chegar: perderam a vida no mar, vítimas de viagens desumanas e sujeitos às tiranias de ignóbeis algozes.</p> <p>Quero hoje, perante uma situação tão dramática, lançar de novo um veemente apelo à responsabilidade e à solidariedade. Muitos refugiados, que se encontram nesta ilha e em várias partes da Grécia, estão a viver em condições críticas, num clima de ansiedade, medo e por vezes de desespero, devido às limitações materiais e à incerteza do futuro.</p>
<p>16 de abril 2016</p>	<p>Lesbos. Discurso na visita aos refugiados</p> <p>Desejei vir estar convosco hoje. Quero dizer-vos que não estais sozinhos. Ao longo destes meses e semanas, sofrestes inúmeras tribulações na vossa busca duma vida melhor. Muitos de vós sentiram-se obrigados a escapar de situações de conflito e perseguição, sobretudo por amor dos vossos filhos, dos vossos pequeninos. Suportastes grandes sacrifícios por amor das vossas famílias. Experimentastes a amargura de ter deixado para trás tudo o que vos era querido e – o que é talvez mais difícil – sem saber o que o futuro vos reservava. Há ainda muitos outros, como vós, que se encontram à espera, em campos de refúgio ou na cidade, ansiando construir uma nova vida neste continente.</p> <p>Vim aqui com os meus irmãos, o Patriarca Bartolomeu e o Arcebispo Hieronymos, apenas para estar convosco e ouvir os vossos dramas. Viemos a fim de chamar a atenção do mundo para esta grave crise humanitária e implorar a sua resolução. Como pessoas de fé, desejamos unir as nossas vozes para falar abertamente em vosso nome. Esperamos que o mundo preste atenção a estas situações de trágica e</p>

	verdadeiramente desesperada necessidade e resposta de modo digno da nossa humanidade comum.
16 de abril 2016	<p>Lesbos. Declaração conjunta de Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecuménico de Constantinopla, De Sua Beatitude Hieronymos, arcebispo de Atenas e de toda a Grécia e Papa Francisco</p> <p>Nós, Papa Francisco, Patriarca Ecuménico Bartolomeu e Arcebispo Hieronymos de Atenas e de toda a Grécia, reunimo-nos na Ilha grega de Lesbos para manifestar a nossa profunda preocupação pela situação trágica de numerosos refugiados, migrantes e requerentes asilo que têm chegado à Europa fugindo de situações de conflito e, em muitos casos, ameaças diárias à sua sobrevivência. A opinião mundial não pode ignorar a crise humanitária colossal, criada pelo incremento de violência e conflitos armados, a perseguição e deslocamento de minorias religiosas e étnicas e o desenraizamento de famílias dos seus lares, violando a sua dignidade humana, os seus direitos humanos fundamentais e liberdades.</p> <p>Como líderes das nossas respetivas Igrejas, estamos unidos no nosso desejo de paz e na nossa disponibilidade para promover a resolução de conflitos através do diálogo e da reconciliação. Enquanto reconhecemos os esforços que já se vão fazendo para fornecer ajuda e assistência aos refugiados, migrantes e requerentes asilo, apelamos a todos os líderes políticos para que usem todos os meios possíveis a fim de garantir que os indivíduos e as comunidades, incluindo os cristãos, permaneçam nos seus países de origem e gozem do direito fundamental de viver em paz e segurança.</p> <p>Juntos, solenemente, imploramos o fim da guerra e da violência no Médio Oriente, uma paz justa e duradoura e o regresso honroso daqueles que foram forçados a abandonar as suas casas. Pedimos às comunidades religiosas que aumentem os seus esforços para receber, assistir e proteger os refugiados de todas as crenças, e que os serviços religiosos e civis de assistência se empenhem por coordenar os seus esforços.</p> <p>Reafirmamos a nossa convicção de que «a reconciliação [entre os cristãos] envolve a promoção da justiça social dentro e entre todos os povos (...). Juntos, faremos a nossa parte para oferecer aos migrantes, refugiados e requerentes asilo uma recepção humana na Europa» (<i>Charta œcumenica</i>, 2001). O nosso objetivo, ao defender os direitos humanos fundamentais dos refugiados, requerentes asilo e migrantes e de tantas pessoas marginalizadas nas nossas sociedades, é cumprir a missão de serviço das Igrejas ao mundo.</p>
16 de abril 2016	<p>Lesbos. Conferência de imprensa no voo de regresso a Roma (Ines San Martin, de Crux)</p>

Santo Padre, espero não o maçar se lhe faço duas perguntas sobre dois argumentos distintos. A primeira diz respeito especificamente à viagem: esta viagem aparece depois do acordo entre a União Europeia e a Turquia, na tentativa de resolver o problema dos **refugiados** na Grécia. Parece-lhe que este plano possa funcionar ou não passa de uma moessa política para ganhar tempo e ver o que acontece?

(Papa Francisco)

Em primeiro lugar, não há qualquer especulação política, até porque estes acordos entre a Turquia e a Grécia, eu não os conhecia bem. Vi nos jornais... Mas isto [refere-se à iniciativa de acolher um grupo de **refugiados**] é uma realidade puramente humano. É um facto humanitário. Foi uma inspiração que veio propriamente a um meu colaborador, há uma semana, e que eu aceitei logo de imediato, porque vi que era o Espírito que falava. E tudo se fez dentro das regras: vêm com os documentos; os três governos – o Estado da Cidade do Vaticano, o governo italiano e o governo grego – todos inspecionaram tudo, viram tudo e deram o visto. Serão acolhidos pelo Vaticano: será o Vaticano, com a colaboração da Comunidade de Santo Egídio, a procurar um emprego para eles, se houver, ou o sustento... São hóspedes do Vaticano, vindo juntar-se às duas famílias sírias já recebidas nas duas paróquias do Vaticano.

(Elena Pinardi, da European Broadcasting Union)

Santo Padre, fala-se de reforços nas fronteiras de vários países europeus, de controles, até mesmo de posicionamento de batalhões ao longo das fronteiras da Europa. É o fim de Schengen, é o fim do sonho europeu?

(Papa Francisco)

Não sei. Compreendo os governos, e mesmo os povos, que têm um pouco de medo. Compreendo isto, e devemos fazer, com grande responsabilidade, o acolhimento. Um aspeto de tal responsabilidade é este: Como nos podemos integrar, estas pessoas e nós. Eu sempre disse que construir muros não é solução: vimos cair um, no século passado. Não resolve nada. Devemos fazer pontes.

O medo tem toda a minha compreensão; mas, depois do que vi – e mudo de assunto, mas quero dizê-lo hoje – e que vistes vós próprios naquele campo de refugiados... vem-nos vontade de chorar! As crianças...

Trouxe comigo para vos fazer ver: as crianças ofereceram-me muitos desenhos. [o Papa mostra vários desenhos um a seguir ao outro e comenta-os] Um: Que querem as crianças? Paz, porque sofrem.

(Francisco Romero, de Rome Reports)

Santidade, gostaria simplesmente de retomar a sua afirmação de que esta crise dos **refugiados** é a pior crise depois da II Guerra Mundial. E faço-o para lhe perguntar: Que pensa da crise dos **imigrantes** que chegam à América, aos Estados Unidos, vindos do México, da América Latina?

(Papa Francisco)

	<p>É o mesmo! É o mesmo, embora lá cheguem fugindo mais da fome. É o mesmo problema. Em Ciudad Juárez, celebrei a Missa a cem metros – talvez menos – da rede divisória. Do outro lado, estavam uns cinquenta bispos dos Estados Unidos e um estádio com cinquenta mil pessoas que seguiam a Missa no ecrã gigante; do lado de cá, no México, tínhamos aquele campo cheio de gente... Mas é o mesmo! Chegam ao México partindo da América Central. O senhor lembra-se que, há dois meses, houve um conflito com a Nicarágua, porque não queria que os refugiados a atravessassem: foi resolvido. Levavam-nos de avião para o outro país, sem passar pela Nicarágua. É um problema mundial! Lá falei disto aos bispos mexicanos; pedi-lhes que cuidassem dos refugiados.</p>
<p>21 de abril 2016</p>	<p>Vaticano. Discurso aos participantes no Congresso da Cáritas das dioceses italianas</p> <p>Desejo encorajar-vos também a prosseguir o compromisso e a proximidade em relação às pessoas imigradas. O fenómeno das migrações, que hoje apresenta aspetos críticos que devem ser geridos com políticas orgânicas e clarividentes, permanece sempre uma riqueza e um recurso, sob diversos pontos de vista. Por conseguinte, é precioso o vosso trabalho que, ao lado da abordagem solidária, tende a privilegiar escolhas que favoreçam cada vez mais a integração entre populações estrangeiras e cidadãos italianos, oferecendo aos agentes de base instrumentos culturais e profissionais adequados à complexidade do fenómeno e às suas peculiaridades.</p>
<p>06 de maio 2016</p>	<p>Vaticano. Discurso na entrega do prêmio Carlos Magno</p> <p>Se há uma palavra que devemos repetir, sem nunca nos cansarmos, é esta: diálogo. Somos convidados a promover uma cultura do diálogo, procurando por todos os meios abrir instâncias para o tornar possível e permitir-nos reconstruir o tecido social. A cultura do diálogo implica uma autêntica aprendizagem, uma ascese que nos ajude a reconhecer o outro como um interlocutor válido, que nos permita ver o forasteiro, o migrante, a pessoa que pertence a outra cultura como sujeito a ser ouvido, considerado e apreciado.</p> <p>Sonho uma Europa, onde ser migrante não seja delito, mas apelo a um maior compromisso com a dignidade de todos os seres humanos.</p>
<p>12 de maio 2016</p>	<p>Vaticano. Diálogo com as participantes na plenária da União Internacional das Superiores-Gerais</p> <p>Na reforma da Constituição apostólica <i>Pastor bonus</i>, a propósito dos Dicastérios, quando não há a jurisdição que vem da ordenação — ou seja, a jurisdição pastoral — não se vê escrito que pode ser uma mulher, não sei se chefe de dicastério, não me recordo, mas... Por exemplo para os migrantes: no dicastério para os migrantes poderia ser uma mulher.</p>

	<p>E quando há necessidade — agora que os migrantes entram num dicastério — da jurisdição, é o Prefeito quem dá esta autorização. A salvação é gratuita. Deus convidou-nos gratuitamente; a salvação é como um «desperdício de gratuidade». Não há salvação a pagamento, não há sacramentos a pagamento. Está claro? Eu conheço, na minha vida vi corrupção neste aspeto. Recordo um caso, logo a seguir à minha nomeação episcopal, ocupava-me da zona mais pobre de Buenos Aires: está dividida em quatro vicariatos. Ali havia tantos migrantes dos países americanos, e acontecia que quando se vinham casar os párocos diziam: «Esta gente não tem a certidão de batismo». E quando a requeriam no próprio país diziam-lhe: «Sim, mas primeiro envia 100 dólares — recordo um caso — e depois envio».</p> <p>Todas as consagradas devem viver misticamente, porque o vosso é um casamento; a vossa é uma vocação de maternidade, é uma vocação de estar no lugar da Mãe Igreja e da Mãe Maria. Mas quantos vos dizem isto, pensam que ser místico significa ser uma múmia, sempre assim, a rezar... Não, não. Deve-se rezar e trabalhar segundo o próprio carisma; e quando o carisma te leva adiante com os refugiados, com os pobres, tu deves fazê-lo, e chamar-te-ão «comunista»: não é o pior que te vão dizer. Mas deves fazê-lo. Porque o carisma te leva a isto.</p>
<p>13 de maio 2016</p>	<p>Vaticano. Aos participantes na conferência internacional da Fundação Centesimus Annus Pro Pontifice</p> <p>A crise dos refugiados, cujas proporções crescem todos os dias, é uma daquelas às quais me sinto particularmente próximo. Na minha recente visita a Lesbos, fui testemunha de angustiantes experiências de sofrimento humano, especialmente de famílias e crianças. Foi minha intenção, juntamente com os meus irmãos ortodoxos o Patriarca Bartolomeu e o arcebispo Jerónimo, oferecer ao mundo uma maior consciência destes «cenários de trágica e deveras desesperada necessidade», e «dar-vos resposta de modo digno da nossa comum humanidade» (Visita ao Campo de Refugiados de Moria, 16 de abril de 2016). Além do aspeto imediato e prático de fornecer ajuda material a estes nossos irmãos e irmãs, a comunidade internacional está chamada a encontrar respostas políticas, sociais e económicas a longo prazo para problemáticas que superam os confins nacionais e continentais e envolvem a família humana inteira.</p>

